



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Confinados crônicos: representações sociais e necrobiopolíticas do HIV à Covid-19

Autor: Sávio Barros

Brasília, 2024

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Confinados crônicos: representações sociais e necrobiopolíticas do HIV à Covid-19

Autor: Sávio Barros

Tese apresentada ao Departamento de Sociologia da
Universidade de Brasília como parte dos requisitos
para obtenção do título de Doutor

Linha de pesquisa: Trabalho, desigualdade e
diferenças

Brasília, dezembro de 2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SS725c	Sousa, Sávio Barros Confinados crônicos: representações sociais e necrobiopolíticas do HIV à Covid-19 / Sávio Barros Sousa; orientador Tania Mara Campos de Almeida . Brasília, 2024. 220 p. Tese(Doutorado em Sociologia) Universidade de Brasília, 2024. 1. sociologia digital. 2. redes sociais . 3. covid-19. 4. representações sociais . 5. biopolítica. I. Campos de Almeida , Tania Mara, orient. II. Título.
--------	---

SÁVIO BARROS SOUSA

Confinados crônicos: representações sociais e necrobiopolíticas do HIV à Covid-19

Aprovado em 20 de dezembro de 2024

BANCA EXAMIDORA

Profa. Dra. Tânia Mara Campos de Almeida
Instituição: Universidade de Brasília
Presidente

Prof. Dr. Carlos Benedito Martins
Instituição: Universidade de Brasília
Membro

Prof. Dr. Marcela Corrêa Martins Amaral
Instituição: Universidade Federal de Goiás
Membro

Profa. Dra. Daliana Cristina de Lima Antonio
Instituição: Universidade Estadual de Montes Claros
Membro

Prof. Dr. Eduardo Dimitrov
Instituição: Universidade de Brasília
Suplente

Para Cida, João e Lourdes

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de pesquisa só foi possível com o apoio financeiro de bolsas de doutorado CNPq e CAPES e, no último ano de doutorado, recebi uma bolsa de estudos internacional para um período de investigação na École Normale Supérieure Paris-Saclay, na França, pelo Programa CAPES-Cofecub. Oportunidade ímpar de vivenciar e pesquisar em outro contexto e país, bem como aprofundar meu conhecimento sobre o idioma e estreitar laços de trabalho e pesquisa.

Agradeço minha brilhante orientadora, Prof.^a Dra. Tania Mara Campos de Almeida, cuja segurança, conhecimento e paciência com este projeto foram fundamentais para sua finalização. Jamais terei como agradecer sua imensa generosidade, leitura e trocas. Desculpe a bagunça.

Minha gratidão ao Prof. Dr. Carlos Benedito Martins e Prof. Dr. Eduardo Dimitrov. Uma honra ter frequentado este programa com grandes professores e pesquisadores, por quem tenho imensa admiração e lembranças carinhosas de apoio e incentivo.

Igualmente, meus agradecimentos à Prof.^a Dra. Marcela Corrêa Martins Amaral, Prof.^a Dra. Daliana Cristina de Lima Antonio, que aceitaram ler este trabalho e participar do momento da defesa.

Estendo esse agradecimento ao corpo técnico e funcional do PPGSOL, sem seu trabalho o nosso jamais seria possível. Sempre dispostos a ajudar e resolver nossas demandas.

Todos os dias sinto saudades do PPGSOL. O coronavírus me roubou a chance de conviver com tudo que o doutorado prometia.

Meus sinceros agradecimentos aos colegas e companheiros que fiz no doutorado e em toda minha trajetória na Universidade de Brasília. Grandes, admiráveis e corajosas mentes.

Obrigado ao meu maravilhoso marido, Kauan Amora, ainda meu maior incentivador e amoroso leitor. E um obrigado ao meu filho de quatro patas Alfredo, meu companheiro de escrita em tardes quentes.

Um agradecimento especial aos meus familiares e amigos. Sempre me perguntando quando terminaria, momentos em que sempre tiveram mais fé em mim que eu mesmo.

*“O bom mestre me disse: "Filho, vem
ver almas sobre as quais venceu a ira;
e que por certo tenhas tu também
que embaixo d'água há gente que suspira
e fazem borbulhar a água por cima,
como te diz teu olho aonde gira.
No limo, dizem: 'Nossa triste estima
Parou no doce ar que o sol alegra,
trazendo dentro a acidiosa lima:
tristes estamos nesta poça negra'.
este hino gorgoleja pela goela,
pois em sua fala o verbo não se integra”.*

Inferno: comédia - Canto VII

RESUMO

O presente trabalho aborda o período da pandemia de covid-19 a partir dos discursos online produzidos pelos perfis ligados ao bolsonarismo entre os anos 2020 e o começo de 2022. Durante o período, a covid-19 se configurou enquanto fato social incontornável influenciando, para além da saúde, inúmeros campos da vida social: trabalho, lazer, política, a economia etc. Os dados foram analisados utilizando as análises multidimensionais de textos possibilitadas pelo programa IRaMuTeQ. Dentre as análises construídas foi possível observar os temas (análise lexicográfica), bem como suas contextualizações (análise representacional), abordados por Bolsonaro e demais membros de governo ao longo do período pesquisado. Além disso, a proposta de abordagem metodológica para a construção e análise de dados é conduzida pela perspectiva da Teoria das Representações Sociais. A TRS auxilia no suporte de ferramentas teóricas, que explicitam os mecanismos de circulação das representações sociais sobre a covid-19 no período. O foco é a argumentação de que, enquanto política comunicacional e de saúde voltada para a gestão da covid-19, o governo de Jair Bolsonaro buscou, de forma ativa, consciente e adequada aos meios de comunicação contemporâneos, produzir uma endemização forçada da pandemia de covid-19. O objetivo das políticas de extrema direita, adotadas no Brasil, foi a normalização forçada do estado de emergência pandêmico através do uso de estratégias de comunicação e da fabricação semiótica de legitimidade para os sujeitos responsáveis por sua gestão. É a partir desse trabalho de gestão do medo, do desespero, do pânico moral e, em última instância, da morte que se configura a aproximação proposta aqui entre o hiv/aids e a covid-19.

Palavras-chave: pandemia de covi-19; internet; redes sociais; representações sociais; biopolítica; necrobiopolítica

ABSTRACT

This study examines the period of the covid-19 pandemic through online discourses produced by profiles linked to Bolsonaro between 2020 and early 2022. During this period, covid-19 became an inescapable social fact influencing, beyond health, numerous areas of social life: work, leisure, politics, the economy, etc. The data were analyzed using multidimensional text analysis enabled by the IRaMuTeQ program. Among the constructed analyses, it was possible to observe the themes (lexicographic analysis), as well as their contextualization (representational analysis), addressed by Bolsonaro and other government members throughout the period studied. Furthermore, the proposed methodological approach for data construction and analysis is guided by the perspective of the Social Representations Theory. SRT helps support theoretical tools, such as the processes of objectification and anchoring, which make explicit the mechanisms of circulation of social representations about covid-19 during the period. The focus is on the argument that, as a communication and health policy aimed at managing covid-19, the Jair Bolsonaro government actively, consciously, and adequately for contemporary means of communication, sought to produce a forced endemism of the covid-19 pandemic. The goal of the far-right policies adopted in Brazil was the forced normalization of the pandemic state of emergency by communication strategies and the semiotic fabrication of legitimacy for those responsible for its management. It is from this work of managing fear, despair, moral panic, and ultimately, death that the approximation proposed here between hiv/aids and covid-19 is configured.

Key words: covid-19 pandemic; internet; social media; social representations; biopolitics; necrobiopolitics

RESUMÉ

La présente étude aborde la période de la pandémie de covid-19 à partir des discours en ligne produits par les profils liés au bolsonarisme entre 2020 et début 2022. Pendant cette période, la covid-19 s'est imposée comme un fait social incontournable, influençant, au-delà de la santé, de nombreux domaines de la vie sociale : travail, loisirs, politique, économie, etc. Les données ont été analysées à l'aide d'analyses textuelles multidimensionnelles rendues possibles par le logiciel IRaMuTeQ. Parmi les analyses construites, il a été possible d'observer les thèmes (analyse lexicographique), ainsi que leurs contextualisations (analyse représentationnelle), abordés par Bolsonaro et d'autres membres du gouvernement au cours de la période étudiée. De plus, la proposition d'approche méthodologique pour la construction et l'analyse des données est guidée par la perspective de la Théorie des Représentations Sociales. La TRS aide à soutenir des outils théoriques tels que les processus d'objectivation et d'ancrage, qui explicitent les mécanismes de circulation des représentations sociales sur la covid-19 pendant cette période. L'accent est mis sur l'argument selon lequel, en tant que politique de communication et de santé visant à gérer la covid-19, le gouvernement de Jair Bolsonaro a cherché, de manière active, consciente et adaptée aux moyens de communication contemporains, à produire une endémisation forcée de la pandémie de covid-19. L'objectif des politiques d'extrême droite, adoptées au Brésil, était la normalisation forcée de l'état d'urgence pandémique par le biais de stratégies de communication et de la fabrication sémiotique de légitimité pour les acteurs responsables de sa gestion. C'est à partir de ce travail de gestion de la peur, du désespoir, de la panique morale et, en dernier ressort, de la mort que se configure l'approche proposée ici entre le vih/sida et la covid-19.

Mots-clés : pandémie de covid-19 ; internet ; réseaux sociaux ; représentations sociales ; biopolitique ; necrobiopolitique

Lista de Siglas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNAD TIC – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Tecnologia de Informação e Comunicação

GM – Gabinete do Ministro

MS – Ministério da Saúde

ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo

DIAP – Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar

Lista de figuras

Figura 1 – Gráfico. Casos novos por semana epidemiológica de notificação

Figura 2 – Gráfico. Óbitos por semana epidemiológica de notificação

Figura 3 – Printscreen de tela inicial do Twitter/X em computador

Figura 4 – Printscreen de tela inicial do Twitter/X em smartfone

Figura 5 – Printscreen de tela inicial do Youtube em computador

Figura 6 – Printscreen de tela inicial do Youtube em smartfone

Figura 7 – Diagrama de Reinert, lives fevereiro a junho de 2020 (2020.1)

Figura 8 – Análise Fatorial de Correspondência, lives fevereiro a junho de 2020 (2020.1)

Figura 9 – Diagrama de Reinert, lives julho a dezembro 2020 (2020.2)

Figura 10 – Análise Fatorial de Correspondência, lives julho a dezembro de 2020 (2020.2)

Figura 11 – Diagrama de Reinert, lives janeiro a junho 2021 (2021.1)

Figura 12 – Análise Fatorial de Correspondência, lives janeiro a junho 2021 (2021.1)

Figura 13 – Diagrama de Reinert, lives julho a dezembro 2021 (2021.2)

Figura 14 - Análise Fatorial de Correspondência, lives julho a dezembro de 2021 (2021.2)

Figura 15 – Imagem, Bolsonaro com criança e Jesus, @lucyborn, Twitter/X

Lista de tabelas

Tabela 1 – Casos acumulados, óbitos acumulados e taxa de mortalidade por 100 mil habitantes

Tabela 2 – Primeiro tweet da página @jairbolsonaro sobre a pandemia de covid-19

Tabela 3 – Tweets da página @jairbolsonaro. Prestação de contas. Primeiro tweet produzindo uma oposição com o governo venezuelano

Tabela 4 – Número de interações nos tweets do perfil @jairbolsonaro - março de 2020 até março de 2022 (400 tweets)

Tabela 5 – Twittes selecionados da página @jairbolsonaro, primeiro semestre de 2020

Tabela 6 – Twittes selecionados da página @jairbolsonaro, segundo semestre de 2020

Tabela 7 – Twittes selecionados da página @jairbolsonaro, primeiro semestre de 2021

Tabela 8 – Twittes selecionados da página @jair Bolsonaro, segundo semestre de 2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 A DOENÇA PANDÊMICA COMO QUESTÃO SOCIAL.....	20
1.1 A condição de pesquisador em transformação	20
1.2 covid-19: uma introdução	22
1.3 Da atenção de usuário à atenção de campo	27
1.4 Começando pelas doenças e suas metáforas: refletindo sobre a linguagem e seus usos	30
1.5 Para além da metáfora: discurso e poder	33
1.6 Contribuições contemporâneas sobre poder e discurso	38
1.7 “O vírus chegou!”: março a julho de 2020	40
2 REDES SOCIAIS E UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLOÓGICA HETERODOXA.....	45
2.1 O acesso à internet no Brasil	45
2.2 Sobre as redes sociais	46
2.3 Como se alimentam as redes?	47
2.4 Teoria das Representações Sociais	49
2.5 TRS e os novos objetos de conhecimento	53
2.6 TRS e ideologia	56
2.7 Twitter/X.....	60
2.8 Descrição dos dados obtidos no Twitter/X	63
2.9 Youtube.....	73
2.10 Dados do Youtube: as <i>lives</i> de quinta.....	76
3 INTERNET COMO APARATO SOCIOTÉCNICO DE MEDIAÇÃO.....	87
3.1 Representações sociais e mediações de crises	87
3.2 Um conto social das tecnologias de mediação	87
3.3 Mídia e propaganda	90
3.4 O que queremos dizer quando falamos Internet?	93
3.5 Reflexões sobre a história da internet.....	94
3.6 Infraestrutura.....	97
3.7 Lógica de funcionamento	100
3.8 Sistema de produção algorítmico	104
3.9 Do apito da fábrica ao apito de cachorro: trabalho e produtividade semiótica do bolsonarismo	108
4 HIV/AIDS COMO PARADIGMA: A CONFLUÊNCIA ENTRE MÍDIAS DIGITAIS E NECROBIOPOLÍTICA.....	116
4.1 Reconstruindo a imagem da doença	116

4.2 Sobre a doença e o adoecer.....	119
4.3 Uma necrobiopolítica da aids sob o bolsonarismo	122
4.4 O hiv/aids e sua episteme	124
4.5 Representações sociais da aids e enredamentos discursivos	127
4.6 A aids biomédica	128
4.7 A aids social.....	129
4.8 O erotismo condicionado à aids.....	131
4.9 Uma epistemologia da aids?	132
4.10 Do hiv/aids ao covid-19: discursividade e regimes de visibilidade.....	135
5 REPRESENTAÇÕES TRÁGICAS DA COVID-19 SOB O BOLSONARISMO.....	165
5.1 Antes um preâmbulo	165
5.2 Antecedentes do bolsonarismo	165
5.3 A covid-19 recepcionada pelo bolsonarismo	171
5.4 A condição invertida da governança: a investigação da CPI da pandemia	183
5.5 A primeira estratégia: imunidade de rebanho	186
5.6 A segunda estratégia: o remédio milagroso	190
5.7 O aprofundamento de hierarquias sociais	192
5.8 Endemias globalizadas: a covid-19 como paradigma da normalidade.....	194
5.9 Confinados crônicos	196
CONCLUINDO SOBRE OS FRAGMENTOS DO ESPELHO	199
Fragmento 1 – o dado e o tomado	202
Fragmento 2 – negacionismo, doença infantil do negativo	204
Fragmento 3 – o não-computável	206
REFERÊNCIAS	209

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o período da emergência sanitária da covid-19 no Brasil sob a perspectiva das ciências sociais, compreendendo o fenômeno pandêmico enquanto fato social incontornável de nosso tempo. Optei por investigar a relação discursiva representacional da pandemia de covid-19 no interior de um continuum histórico, social e biopolítica que inclui as políticas públicas e discursos oficiais e não oficiais sobre outras doenças pandêmicas e endêmicas, em especial a pandemia de hiv/aids.

Recorro à história, pesquisas e discursos sobre o hiv/aids, bem como seu impacto sobre as relações sociais, uma vez que esta é a primeira pandemia global que se articula com o desenvolvimento e a transformação digital e informática. A sobreposição discursiva entre o campo da informática e a epidemiologia do hiv/aids não é nova. Em um plano lexical, palavras como vírus, *worm*, vacina, contaminação etc. São palavras utilizadas nos dois contextos, emergem no debate público ao mesmo tempo e acabam por se confundir.

Outro elemento relevante que é possível identificar na história da epidemia de hiv/aids é seu uso instrumental como pânico moral. O pânico moral não pode ser desvinculado dos meios comunicação e técnicos de sua propagação. Nos 1980, o pânico moral sobre o hiv/aids foi propagado pela televisão, no entanto isso não se constituiu enquanto fenômeno localizado. Durante os anos 1990, a ampliação do uso da internet se articula com a transformação do hiv/aids de aguda para crônica. Uma redução da velocidade de ampliação da pandemia em sua transformação em uma epidemia crônica e estável no interior de populações determinadas.

O contexto de emergência da covid-19 no Brasil se apresenta ainda em um momento histórico e político determinante para a forma como a pandemia foi tratada no Brasil. Em 2018, a vitória de Jair Bolsonaro para a presidência da república, trouxe ao centro do poder político nacional novos e antigos grupos sociais que estavam, até aquele momento, representados na política nacional, mas fora da condução do volume majoritário das políticas públicas executivas.

A pesquisa se debruça sobre o ambiente das redes sociais e, em específico, no Twitter/X e Youtube¹. A tese se estrutura sobre questionamentos acerca da utilização das referidas redes sociais como componentes da estratégia comunicacional do Governo Federal, concentrado nas

¹ Opto por grafar Twitter/X por dois motivos: o primeiro é que a rede social ainda se chama va Twitter quando esta pesquisa iniciou; o segundo é que a há uma incorporação no léxico corrente de palavras derivadas do “aportuguesamento” desta rede social (twitter, twitte e variações).

figuras do então Presidente da República Jair Bolsonaro, de seus aliados mais próximos e páginas oficiais do governo no período que compreende o início da pandemia de covid-19, março de 2020, até o momento em que as medidas de contenção social arrefeceram, março de 2022. Ao mesmo tempo, este trabalho traça um paralelo entre a forma como a crise sanitária atual da covid-19 se consolida em termos comunicacionais e discursivos e a identificação de um enquadramento do pânico moral nas crises que surge com a emergência do hiv/aids ainda nos anos 1980.

O Capítulo 1 deste trabalho inicia com uma discussão sobre minha condição cambiante de pesquisador, levando em consideração tanto mudanças de cunho objetivo, a possibilidade de cumprimento da pesquisa como havia sido inicialmente planejada, como também as repercussões destas mudanças externas em minha própria condição subjetiva de pesquisador. Em um momento de amadurecimento e dúvida, me agarrei a conhecidos interesses teóricos para iniciar essa empreitada analítica, reflexiva e foi nos trabalhos de Michael Foucault, Susan Sontag, Paul B. Preciado dentre outras e outros que tive condições de posicionar as questões discutidas aqui.

Em sequência, o Capítulo 2 apresenta duas formas de aproximação do tema que formam um encontro que optei por chamar de heterodoxo. Em um primeiro momento abordo o ambiente da pesquisa, as redes sociais e, principalmente, nossa relação singular com estas ferramentas. Em seguida, discorro sobre a forma de construção dos dados extraídos das redes sociais em que escolhi estabelecer a pesquisa. Twitter/X e Youtube. Do Twitter/X foram coletados tuites da página @jairbolsonaro entre o começo de 2020 até o final de 2021, cobrindo os principais fatos e acontecimentos destes dois anos de pandemia. No mesmo sentido, do Youtube foram analisadas as *lives* de quinta-feira do então presidente Jair Bolsonaro. Como será aprofundado, há, na estratégia comunicacional do bolsonarismo, a criação de um ecossistema para a manutenção de sua presença online.

Os dados foram analisados utilizando as análises multidimensionais de textos possibilitadas pelo programa IRaMuTeQ. Dentre as análises construídas foi possível observar os temas (análise lexicográfica), bem como suas contextualizações (análise representacional), abordados por Bolsonaro e demais membros de governo ao longo do período pesquisado. Além disso, a proposta de abordagem metodológica para a construção e análise de dados é conduzida pela perspectiva da Teoria da Representações Sociais. Como demonstro ao longo da escrita, existem temas, métodos e convergências entre esse conjunto de produções teóricas e minhas inspirações no capítulo anterior. Doença, vacinas, economia, política e morte, são temas

recorrentes tratados tanto em termos discursivos quanto representacionais e ambas as perspectivas podem se complementar na construção do objeto tratado aqui.

A partir do Capítulo 3 me volto efetivamente para a construção do meu objeto de análise e uma descrição detalhada do ambiente de pesquisa. Proponho narrar uma história social da Internet a partir de uma história das tecnologias de mídia e dos valores que construíram a Internet como a conhecemos e utilizamos hoje. A partir dessa regressão histórica, codifico três elementos que orientam três níveis de análise que perpassam todo o trabalho: estrutural, lógico-funcional e sistêmico-produtivo. Aprofundo o argumento de que tudo que há na Internet, tanto enquanto elemento material, discursivo ou representacional, existe em função destes três níveis analíticos. A pesquisa expõe e joga luz sobre estas três camadas com especial relevância para o último uma vez que a atividade online das redes sociais, seu ciclo produtivo, se perfaz enquanto um processo de retroalimentação contínuo.

Nesse sentido, o segundo tema de aproximação se relaciona com o ambiente sociotécnico sobre o qual essa pesquisa se debruça. Se é verdade que há uma circulação de discursos e ações que envolvem as políticas de saúde e a moral social, esse ambiente tem, da mesma maneira, sua historicidade e comporta formas determinadas e determinantes de suas estruturas e discursos circulantes que irão influenciar os conteúdos e as formas de linguagem que os compõem. Os meios de comunicação em geral, e a Internet como principal campo investigado neste trabalho, têm sofrido transformações ao longo dos últimos 40 anos e a velocidade destas transformações obriga adaptações e novos horizontes de pesquisa e investigação.

Dando continuidade, o Capítulo 4 aborda as pesquisas sobre o hiv/aids, que também tem uma história de quase 40 anos, caminhando boa parte desse período lado a lado com as transformações sociotécnicas dos meios de comunicação de radiodifusão e virtuais. Suas representações sociais se disseminaram em um período de transição dos meios de comunicação, do centralismo da televisão para a fragmentação da internet nos anos 1990 e começo dos anos 2000. Saíamos da passividade dos sofás em frente às telas dos televisores no final dos anos 1980 e começávamos nossa caminhada rumo ao desconhecido da informática e seus algoritmos. Individualizamos o processo de adquirir informações, nossos divertimentos, saímos das salas de estar e nos entocamos para dentro dos quartos, “salinhas do computador”, laptops, tablets e smartphones em uma progressão da individualização e atomização da cultura do consumo.

O mesmo capítulo enfoca ainda a transformação sócio-histórica das representações sociais sobre doenças e estados de saúde com especial atenção às representações do hiv/aids. A

pandemia de hiv/aids, e sua consequente transformação em endemia, foram trabalhadas a partir de grande esforço coletivo que visava o controle da doença viral. Mesma doença que pegou de surpresa as modernas e desenvolvidas sociedades capitalistas do pós-Guerra Fria em plena ascensão da tecnologia e do capitalismo financeiro. Entretanto, é fundamental salientar o que apontou Herbet Daniel (DANIEL; PARKER, 1991) sobre a aids, pensamento que tem se disseminado ao longo dos mais de 30 anos de pesquisas sobre o hiv/aids e suas transformações. A pandemia compreendida como fenômeno clínico, biomédico e que se expressa no corpo pelos sintomas é apenas uma face do problema, que vem acompanhada de questões morais, sociais, econômicas, comunicacionais e políticas. A questão sociopolítica da pandemia é o quebra-cabeça sobre o qual se debruça grande parte das pesquisas em ciências sociais que analisaram a pandemia de hiv/aids.

Enquanto fenômeno de massa, as pandemias agenciam formas do discurso, pensamentos e ações sobre a realidade que congregam uma diversidade de atores sociais e grupos, faixas do espectro político, denominações religiosas, movimentos sociais, indivíduos e instituições como os mercados, empresas farmacêuticas, governos e órgãos de saúde nacionais e internacionais. Todos esses agentes, instituições e aglomerados se suplementam ou conflitam dentro de uma arena sociotécnica e comunicacional e tem por objetivo impor representações sobre os sujeitos vivendo com hiv ou estados avançados de aids.

O Capítulo 5 aborda a covid-19 recepcionada pelo bolsonarismo. O capítulo inicia narrando fatos da história brasileira recente até a ascensão do bolsonarismo. O objetivo é colocar em contextos os elementos ideológicos que animam o bolsonarismo, a fabricação de seus antagonismos, adversários políticos e inimigos. Retomando a ferramentas proposta pela Teoria das Representações Sociais, em especial os conceitos de ancoragem e objetivação, este capítulo investiga as condições e pressupostos do bolsonarismo quando da entrada da covid-19 em nosso campo de significação social e simbólico. Se antes as pandemias e epidemias do sudeste asiáticos pareciam objetos distantes do nosso universo simbólico, a covid-19 implode essas fronteiras e, nas palavras recentes de Paul Preciado (2023), Wuhan está em toda parte.

Por fim, se considerarmos que Wuhan está em toda parte e estamos, desde a emergência do hiv/aids, progressivamente sendo submetidos, e nos submetendo, a uma realidade desigual, espetacular, equilibrada no continuum real/virtual e cada vez mais vigiada, nosso prognóstico é sombrio. O capítulo busca refletir todo o acúmulo dos capítulos anteriores e argumentar quanto a fabricação de políticas de vida e morte no interior do bolsonarismo. O uso do conceito de necrobiopolítica é uma forma de aproximar essas reflexões da produção teórica que

tematizou, e tematiza, o Estado e suas instituições como organizadores das políticas de controle e gestão de populações.

O foco é a argumentação de que, enquanto política comunicacional e de saúde voltada para a gestão da covid-19, o governo de Jair Bolsonaro buscou, de forma ativa, consciente e adequada aos meios de comunicação contemporâneos, produzir uma endemização forçada da pandemia de covid-19. O objetivo das políticas de extrema direita, adotadas no Brasil, foi a normalização forçada do estado de emergência pandêmico através do uso de estratégias de comunicação e da fabricação semiótica de legitimidade para os sujeitos responsáveis por sua gestão. É a partir desse trabalho de gestão do medo, do desespero, do pânico moral e, em última instância, da morte que se configura a aproximação proposta aqui entre o hiv/aids e a covid-19. A endemização, a sustentação de um estado “aceitável” de incidência de uma doença sobre uma população, é o elemento comum à gestão da saúde em termos contemporâneos. A cura, o cuidado e a solidariedade dão lugar à convivência vigiada com a doença e gestão de populações.

1 A DOENÇA PANDÊMICA COMO QUESTÃO SOCIAL

1.1 A condição de pesquisador em transformação

Penso a primeira parte deste argumento como uma elisão entre aquilo que vinha construindo enquanto projeto de pesquisa até o momento em que a covid-19² aparece como uma questão incontornável em meu projeto de tese. Entendo que discutir esse histórico tem uma dupla função. A primeira, de fundo mais psicológica, é entender em meu próprio processo de reflexão e escrita o impacto da covid-19, como sua incontornável presença friccionou aquilo que eu vinha construindo enquanto horizonte de pesquisa sobre o hiv/aids. O segundo, de alicerce mais prático, o fenômeno da covid-19, naquele momento, me pareceu oferecer um rico campo de possibilidades de pesquisa online uma vez que é a primeira pandemia de escala global vivenciada na era da internet e da conexão ultrarrápida também em países periféricos, em desenvolvimento e pobres.

É a primeira pandemia em que a depuração dos fatos, as histórias, os boatos, as notícias falsas etc. circulam quase impunemente e sem qualquer forma de regulação eficaz em uma escala nunca experimentada pela humanidade. A quase total anomia, ausência de normatização eficaz, produz fenômenos da liberdade virtual irrestrita que não seriam possíveis em outros contextos históricos, sociais e políticos. Como será demonstrado mais à frente, até mesmo instituições brasileiras que gozam de prestígio e credibilidade da população foram dúbias, confusas e contraditórias durante o período que ficou conhecido como o auge da pandemia de covid-19, que foi de março de 2020 a 22 de maio de 2022 quando o Governo Federal anuncia o fim do estado de emergência da pandemia de covid-19 com a publicação da Portaria GM/MS nº 913.

É um fato, todos tentavam, e alguns ainda se prestam a tentar, compreender o que foi feito de nós durante a pandemia de covid-19 e as pistas se espalham na força de uma tosse e num soluçar de perda. Minha tentativa aqui foi de reunir e organizar teoricamente algumas destas pistas coletadas durante aquele período. Uma reflexão do existencialismo sartreano que se inscreve na passagem do tempo e dos fatos do mundo é a de que existir, estar no mundo, viver no mundo, vem antes da formação daquilo que é a essência do humano (SARTRE, 2014).

² Opto, esteticamente, por grafar os nomes de doenças em letras minúsculas como forma de provocar estranhamento e novas sensações no ambiente compartilhado que este trabalho cria. É uma metáfora estética e ética que desnatura nossas noções sobre estas doenças, desconfigura sua aura biomédica, e visa reinseri-las diferente do habitual em nossas redes de significação.

Os fatos do mundo e da realidade nos compõem, formam nossa matéria e nossa memória, enquanto indivíduos e enquanto coletivo. Sua força é tão grande e tão avassaladora que se tornam parte da nossa *essentia*, ou seja, compõe aquilo que em nós parece ser imutável.

A máscara exotérica do existencialismo, quando tirada, revela dois rostos bem menos poéticos, mas não menos quiméricos. De um lado da cabeça, a face da linguagem, nossa capacidade de aprendizado e simbolização do mundo como ferramenta legada pelo social para a compreensão da complexidade e construção insaciável da realidade. A outra face, a da materialidade crua das condições em que o *ser* se forma. Nesse sentido, a pandemia de covid-19 é uma dentre as milhares de condições intrincadas e sobrepostas que sustentam o *ser*. A doença é traduzível em termos de saudável/doente, público/privado, verdade/mentira e demais dicotomias definidoras, enquanto as demais desigualdades sociais e políticas traduzíveis em termos de raça, classe, gênero, idade, nacionalidade, capacidade e sexualidade podem se apresentar de forma intraduzível dentro do esquema organizacional dessas dicotomias. Não somos (não sou) alguém onde cada uma dessas condições clama e me exige, somos (sou) tudo que podemos ao mesmo tempo e de maneira sobreposta, complexa e emergente.

Nesse sentido, eu não poderia pensar a covid-19, sua socialização, seus símbolos e discursos correlatos fora daquilo que vinha construindo enquanto pesquisador. Sou um pesquisador de gênero e sexualidade, é meu caminho e são os ganchos que finquei sobre essa terra nublada que se desprende do continente das coisas comuns e a qual damos o nome de conhecimento. Desta feita, é evidente que, a partir do gênero e da sexualidade, muitos outros caminhos se desdobraram, porém não posso jogar minha bússola na água e esperar que apenas o vento me leve ao cais. No passado, as reflexões nos campos de gênero e sexualidade me guiaram até a construção do objeto hiv/aids e é a partir dele que pretendo seguir.

Me observei, durante a minha própria vivência na pandemia, saindo da condição de pesquisador sobre o tema do hiv/aids e adentrando novas problemáticas e questões sobre a covid-19 que deixaram de ser apenas interrogações de pesquisa e se tornaram parte do meu cotidiano. Não há mais diferença entre minha casa e meu local de trabalho, não há mais pessoas para ver ou para entrevistar, lugares para ir, coisas para fazer fora de casa, não há novos e velhos conhecidos do circuito do ativismo sobre hiv/aids. Só há eu, minha mesa, meu computador, meu colega de quarto e tudo que tenho absorvido sobre a covid-19 pelas redes sociais e pela televisão durante esse período.

Não sou uma pessoa vivendo com hiv/aids e, por mais que faça o esforço de compreender o impacto desta pandemia sobre as pessoas que viveram seu momento mais agudo

ou as que ainda convivem com o vírus, minha interrogação sobre essa doença é uma curiosidade distante tanto no tempo quanto no espaço. Mas jamais havia tido uma consciência tão perfurante sobre esse fato quanto agora. Vivenciar a covid-19 é ser a testemunha silenciosa dos fatos históricos, das políticas fracassadas e da ética da solidariedade. Até agora não tive covid-19, mas é como se ela estivesse em mim, ao meu redor como uma presença fantasmagórica iminente. No império do dígito tudo é informação em excesso e informação em excesso jamais é processada da forma correta. A falta de processamento leva ao pânico. Fico pensando nas pessoas que acompanhavam as notícias, nos anos 1980 e 1990, sobre o hiv/aids. Será que também sentiam essa mesma presença fantasmagórica? Não sou mais o mesmo, me tornei outro e ainda estou me conhecendo.

Antes de apresentar as aproximações entre hiv/aids e covid-19 pretendo apresentar os pressupostos dessa doença, informações epidemiológicas, o exercício de mudança de atenção sobre o campo e seguir com as reflexões que me levaram às perguntas guia desse trabalho.

1.2 covid-19: uma introdução

Antes de adentrarmos na construção da pandemia da covid-19 enquanto objeto de interesse para as ciências sociais, insta salientar suas características enquanto objeto de interesse para nossa constituição biológica mais imediata, ou seja, como doença e como fato biológico. A covid-19 afeta de forma mais aguda o sistema respiratório humano e teve seu primeiro alerta emitido na cidade de Wuhan, na China em 2022. A doença é provocada por um vírus que consiste em um material genético envolto em uma capa lipídica com espículas (pequenas protuberâncias que o vírus utiliza para se fixar nas células nas quais acopla para dar início à infecção) (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, n.d.). As características morfológicas do vírus são responsáveis pelo batismo da sua classificação como um vírus de “coroa”, portanto, um coronavírus.

Os coronavírus não são desconhecidos pela comunidade científica. Existem muitos outros coronavírus documentados e dois deles foram responsáveis pelas pandemias de SARS, no sudeste da Ásia em 2003, e MARS, no oriente médio em 2012 (REIS *et al.*, 2020). A possibilidade alta de infecções agressivas pelos coronavírus em aves e mamíferos faz com que esse tipo de patógeno já tenha prioridade em pesquisas ao redor do mundo há algum tempo.

As projeções sobre a possibilidade de uma pandemia por coronavírus eram tão conhecidas que foi utilizada uma versão fictícia em um projeto de estudo em simulação

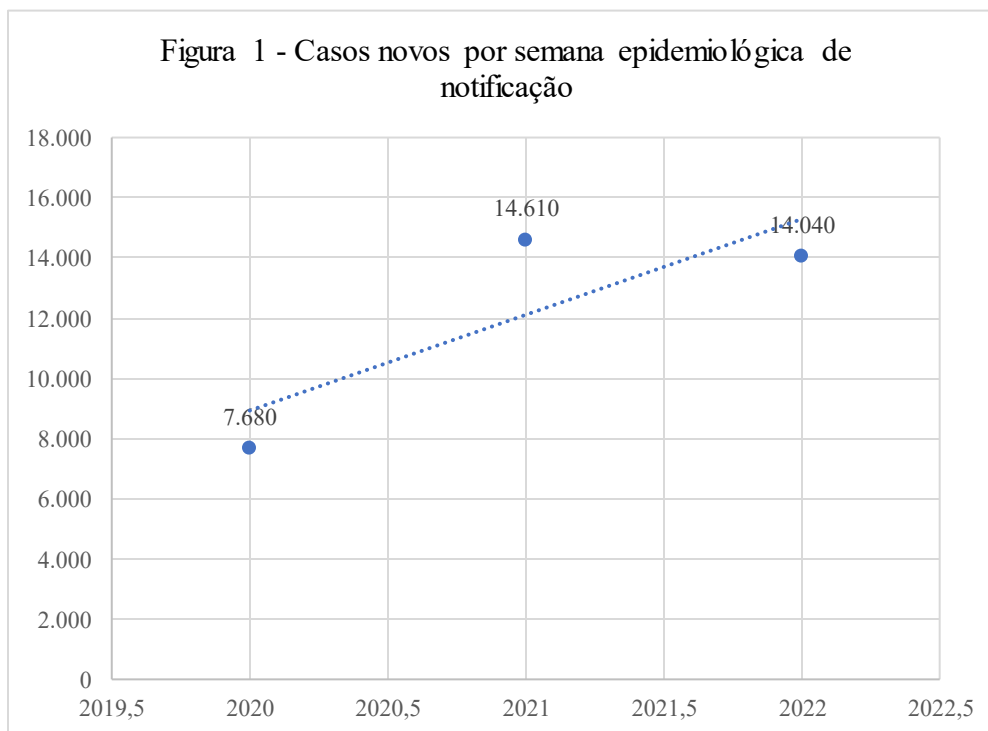
planejado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre pandemias no ano de 2019. O modelo de caso foi utilizado para que os sanitaristas, técnicos em políticas públicas e outros profissionais pudessem aplicar os protocolos de atuação em uma possível pandemia global. Nesse exercício fictício, o Brasil foi escolhido como *locus* de emergência da doença e as justificativas para a escolha foram notáveis: nossa riqueza natural e variabilidade tanto de patógenos quanto de animais reservatórios; nossa convivência com doenças tropicais virais periódicas (como a dengue e a influenza); e nosso sistema de saúde pública integrado (REIS *et al.*, 2020). Estas três justificativas do exercício feito na OMS exploravam características dos coronavírus extraídas das experiências anteriores de enfrentamento da doença.

A existência e características deste tipo de vírus já eram bem conhecidas dos pesquisadores e cientistas das áreas biomédicas, mas a evolução específica da doença ainda deveria ser observada no caso concreto. Mesmo com um histórico de parentesco com outros vírus e doenças, conclusões que podem ser tiradas a partir da classificação do vírus, a progressão da doença e sua incidência de contágio na população eram desconhecidas até a escalada da doença em nível global.

O primeiro alerta emitido pela Organização Mundial de Saúde, em 30 de janeiro de 2020, classifica o novo coronavírus como ESPII – a classificação mais alta de alerta que um patógeno pode receber – segundo os termos do Regulamento Sanitário Internacional, “um evento extraordinário que pode constituir um risco de saúde pública para outros países devido a disseminação internacional de doenças; e potencialmente requer uma resposta internacional coordenada e imediata” (ANVISA, 2009, p. 15). Só em 11 de março do mesmo ano a OMS declarou a nova doença como pandemia.

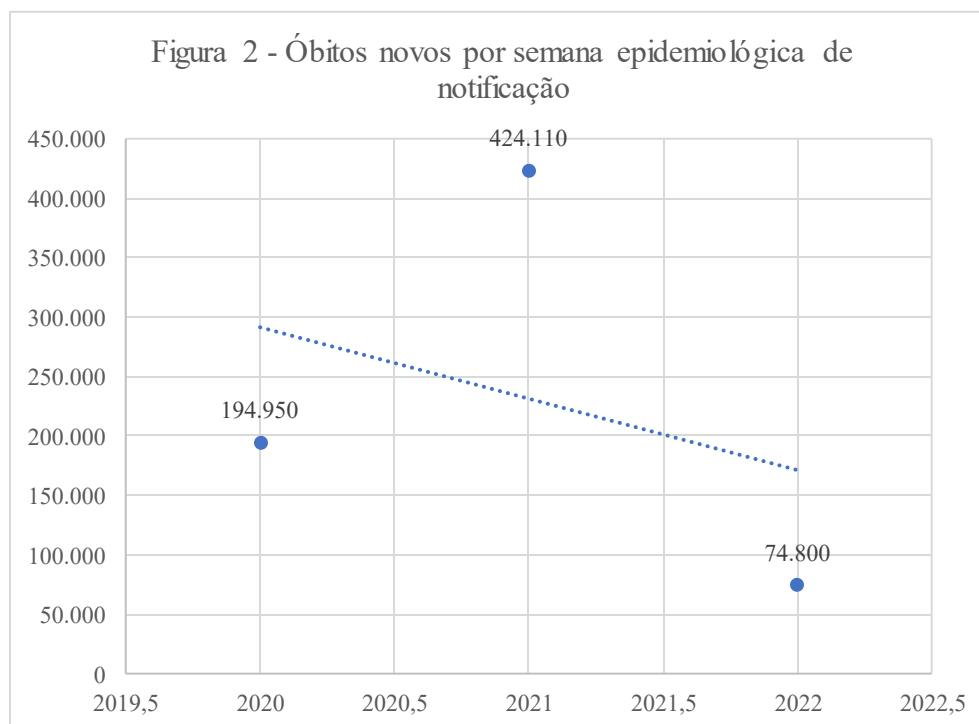
No Brasil, os dados oficiais selecionados a partir do site do Ministério da Saúde – doravante “MS” – refletem a realidade numérica da pandemia (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023). A Figura 1 descreve as notificações de novos casos de covid-19 entre os anos de 2020 e 2022 e uma tendência de crescimento³. Essa tendência de aumento de notificações pode ser explicada pela maior exposição de contágio, progressão da doença na população, mas, também, pelo refinamento técnico e tecnológico para identificação e mensuração de novos casos.

³ Os números estão na grandeza de milhão, foram grafados uma grandeza menor (mil) para não distorcer a imagem do gráfico.



Fonte: MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023

A Figura 2 mostra uma tendência de decrescimento na notificação de óbitos analisados. O Brasil chegou ao pico de 424.110 mortes notificadas apenas no ano de 2021, que pode ser descrito com segurança como o auge da pandemia de covid-19 no Brasil. Em alguns dias de julho daquele ano chegaram a ser notificadas mais de 4.000 óbitos diários (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023). A queda de notificação de mortes se acentua a partir do segundo semestre de 2021, que coincide com o início das campanhas de vacinação.



Fonte: MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023

Ao mesmo tempo em que os números anuais da doença apontavam para uma melhora da situação epidêmica (principalmente com a queda de óbitos), outros dados davam conta da desigualdade regional da qual é possível destacar algumas questões importantes (Tabela 1): diferenças regionais, óbitos relativos ao número de habitantes e associação destes dados com os níveis de investimento público em saúde. Há uma ampla literatura que aborda as desigualdades regionais no Brasil a partir de diversos ângulos: econômicos, sociais, políticos, estruturais e apontam que os municípios com menor IDH se concentram nas regiões Norte e Nordeste do país (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

Tabela 1 - Casos acumulados, óbitos acumulados e taxa de mortalidade por 100 mil habitantes			
Região	Casos acumulados	Óbitos acumulados	Taxa de mortalidade (100 mil hab)
Totais	36.331.281	693.853	330,17
Sudeste	14.407.277	333.330	377,19
Nordeste	7.206.999	133.829	234,49
Sul	7.712.937	109.809	366,32
Centro-oeste	4.164.493	65.522	402,05
Norte	2.893.575	51.363	278,68

Inversamente, os dados da tabela, atualizados até dezembro de 2022, são suficientes para a reflexão inicial proposta aqui. É possível observar uma variação na taxa de mortalidade por habitante onde a taxa nacional está na faixa de 330,17 óbitos por 100 mil habitantes, sendo que as regiões Sudeste, Sul e Centro-oeste tem taxas acima da média nacional (com especial atenção ao Centro-Oeste). Essa variação foi discutida em publicações e trabalhos da área da epidemiologia que apontaram a ausência de medidas não farmacológicas (equipamentos de proteção individual, distanciamento social etc.) como responsáveis pelo aumento do contágio e, conseqüentemente, do número de casos (REIS *et al.*, 2020).

Foram feitas amplas e inúmeras críticas à atuação do governo federal na condução da emergência sanitária da covid-19, e pretendo me debruçar sobre algumas dessas críticas no momento oportuno, mas aqui é necessário dar a dimensão escalar real do problema da covid-19 tanto sob a forma numérica, preferida pelos meios de comunicação como forma de síntese do problema, mas também como forma de abarcar pressuposto que escapam ao escopo desse trabalho. Não tenho como contrariar informações oficiais dessa natureza e o quadro apontado naquele momento era alarmante.

Com uma taxa de mortalidade tão alta, testemunhamos uma sequência de atitudes questionáveis e erros do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro com a anuência de médicos, juristas, militares e outros especialistas: a demissão de dois ministros da saúde; ataques às medidas não farmacológicas de proteção contra a doença; a associação dessas medidas à esquerda, ao globalismo e a oposição; a defesa do uso de medicações ineficazes tanto como prevenção quanto como tratamento para covid-19; sua participação em encontros com centenas de apoiadores; discursos que opunham liberdade e economia à saúde; o episódio que ficou conhecido como “a crise de Manaus”; resistência para aquisição de vacinas e, depois, denúncias de corrupção em sua aquisição etc.

Entendo que os dados epidemiológicos não são suficientes para fundamentar a discussão proposta aqui e é preciso debruçar-se qualitativamente sobre os discursos que produzem o objeto sociológico covid-19. As preocupações ao redor da pandemia se revelaram ponto focal da produção de tensões sociais, políticas e econômicas durante o governo de Jair Bolsonaro e um dos ambientes em que essa tensão pode ser observada são as redes sociais. Houve uma comunicação sanitária governamental, oficial e baseada, ainda que no início de forma truncada, em evidências científicas e há a comunicação sanitária do bolsonarismo.

1.3 Da atenção de usuário à atenção de campo

Contudo, o impacto de uma pandemia não pode ser medido apenas pela epidemiologia. O desafio imposto aqui é descrever a covid-19 não apenas como uma doença em escala global, mas próximo daquilo que Marcel Mauss (2003) descreve como um fato social total. Um fato cuja magnitude engloba uma diversidade de campos da vida: a economia, a política, as instituições, a religião, a moral e o cotidiano mais mundano são dragados para dentro de uma torrente de acontecimentos e tudo passa a ser observado, vivido e constituído pela totalidade vigente, neste caso, de uma pandemia global, com seus marcadores e especificidades, nacionais e suas interseccionalidades de ordem racial, de classe, gênero, idade etc.

Não é difícil encontrar efeitos da pandemia ainda hoje na vida social, a problemática é entendê-la, ao se estabelecer como fato incontornável, sua materialização para a sociologia enquanto objeto de estudo e compreensão, ou de outra forma, como se dão as relações e os fatos sociais lidos a partir da lente da pandemia, ou ainda, como o contexto da pandemia é manipulado, traduzido e utilizado pelos agentes em atuação na sociedade. Não pretendo construir um quebra-cabeça completo e inesgotável, mas contribuir para produzir uma imagem possível de partes da sociedade brasileira à luz da pandemia de covid-19. O que se rememora quando se fala em covid-19? Ou, mais precisamente, qual a imagem que demarca os temas da pandemia? Essa imagem é diversa para cada indivíduo e para como esse sujeito se ancora social e politicamente no evento aqui discutido, logo, pela variedade de possibilidades e perspectivas possíveis, meu objetivo é construir uma compreensão comum, compartilhada e figurativamente vivenciada que sirva ao propósito de ser objeto de apreensão para as ciências sociais.

Neste mesmo sentido, pretendo abordar o efeito produtivo dessa imagem a partir da influência dos estudos em ciências sociais sobre o hiv/aids e estabelecer uma premissa importante deste trabalho: a doença como fato social total reproduz desigualdades preexistentes na sociedade, às aprofunda e as estratégias de cuidado se complexificam. Aprofunda porque o efeito deletério da pandemia nas relações sociais, na economia e instituições serão mais sentidos por aqueles grupos historicamente excluídos, marginalizados e discriminados. Os grupos com maior necessidade de políticas públicas, com trabalhos precários, com a saúde mais fragilizada ou com mais responsabilidades sobre a reprodução da vida social como as mulheres, pessoas negras e trabalhadores, sofrem mais e terão menos possibilidades de recuperar um estado de segurança e saúde anterior à pandemia.

As consequências da pandemia sobre esses grupos são maiores não por uma característica específica da doença, mas por escolhas de políticas públicas, alocação de recursos e pelo descaso com os mecanismos de cuidado na pandemia. Neste mesmo caminho entendem os estudos e pesquisas sobre grupos específicos que se deram no período da pandemia (GUERRA; SILVA, 2023; RANZANI *et al.*, 2023; SOUZA; FARIAS, 2022; VERONEZE, 2022). Todos os trabalhos se debruçam sobre a situação de grupos determinados e suas experiências durante a pandemia de covid-19: violência contra a pessoa idosa, violência contra a mulher, contra travestis e transexuais e evasão no ensino superior de estudantes indígenas e quilombolas. Todos esses grupos têm enfrentado questões antigas e problemas já conhecidos, mas agora reenquadrados pelo contexto pandêmico.

Por fim, a premissa da complexidade serve à fundamentação da teoria e da metodologia adotadas neste trabalho. Se antes algum auxílio ou ajuda eram possíveis a partir de redes de solidariedade constituídas entre indivíduos e grupos, essa não é mais a realidade em uma situação de grave calamidade pública que tem, como um de seus efeitos, a desestruturação de laços sociais constituídos pela presença física e em espaços comuns. As pessoas foram impedidas de sair de casa por determinações legais e sanitárias para evitar a disseminação do vírus. Não que estas redes tenham de alguma forma desaparecido neste período, há indícios de que continuaram existindo (EMMENDOERFER, 2021; FRANÇA FILHO; LEAL, 2020; GARRAFA; PYRRHO, 2021; GUIMARÃES *et al.*, 2022), mas a importância das ações governamentais ganha relevo como vetor de organização da sociedade na produção dos cuidados com a pandemia, construção de políticas públicas voltadas ao bem-estar e proteção da vida. Dessa forma, a compressão sobre o problema se desloca de uma perspectiva micro, referente às relações de interação pessoais e entre grupos, e caminha para uma dimensão estrutural e institucional do fenômeno.

Sou da primeira geração a ter computador residencial desde a infância, porém, pensando no passado e refletindo sobre como utilizo a internet hoje, é curioso pensar que parecem dois momentos absolutamente descontínuos. Há uma continuidade que só é reflexível quando nos debruçamos seriamente sobre a história da internet, dos provedores, da plataforma e das outras transformações sociotécnicas pelas quais essa ferramenta passou ao longo do tempo. O que nomeio aqui como “atenção de usuário” nada mais é do que a atitude não-reflexiva daquele que utiliza as ferramentas disponibilizadas pela internet. É possível utilizar a internet todos os dias, inclusive para fins de pesquisa acadêmica, sem jamais parar para refletir sobre seu funcionamento, estrutura, demandas, referência a determinados processos de subjetivação ou

qualquer outro questionamento metateórico ou quanto à utilização de suas ferramentas. Desta feita, este é o primeiro desafio epistemológico e metodológico que se apresenta aqui: como refletir sobre a internet sendo, antes de tudo, seu usuário?

Antes de tomar a decisão de transferir meu campo de pesquisa para as redes sociais eu já às utilizava, já vivenciava e tinha alguma intimidade com suas ferramentas e utilidades. Todavia, essa intimidade com as redes sociais que escolhi como campo (Twitter/X e Youtube) tomaram o caminho de diversos problemas que tenho tentado contornar ao longo de todo este trabalho. Quando comecei a frequentar essas duas redes não mais como mero usuário, mas como pesquisador, entendi que teria um caminho muito mais complicado do que imaginei a princípio. O usuário e o pesquisador, como em uma mimese virtual do ambiente analógico na pandemia, deveriam caminhar juntos, pois agora o mesmo espaço de informação, diversão, distração e entretenimento se tornou o espaço do trabalho e da reflexão.

Exercitar a atenção em campo de pesquisa foi bastante complexo. Ao mesmo tempo que atitudes do governo de Jair Bolsonaro me tiravam a paz de espírito, e me impulsionavam a consumir informações e reagir da maneira como estava habituado, era necessário pinçar as informações e ações do governo de seus contextos imediatos e realocá-las em contexto de reflexão acadêmica. Devo a coleta de dados e análises, em larga medida, ao diálogo com autores e autoras que serão abordados em momento posterior, foi preciso que eu desenvolvesse uma forma própria de trabalho para produzir o tipo de reflexão que proponho aqui.

Essa incursão no campo de pesquisa tem alguma influência das etnografias digitais (BATISTA; SOUZA, 2020; SANTOS; MARTINS, 2022) e netnografias (KOZINETZ, 2014), contudo, não era meu objetivo construir um trabalho etnográfico completo e denso. Estranho produzir um relato denso de minha experiência coletando e selecionando dados observados nas duas redes sociais escolhidas, uma vez que não interagi diretamente com ninguém. Ensaiei produzir um “caderno de campo” sobre minhas observações, mas, rapidamente, essa ideia se mostrou monótona e repetitiva. Não há o que relatar enquanto forma clássica de descrição etnográfica, pois uma das características que discuto ao longo desse trabalho é a repetição e circularidade, apresentação e metabolismo dos temas nas redes sociais. O que tenho anotado comigo são reflexões que maturam essa observação mais detida que emergiu da “atenção de usuário”, suplantando-a como “atenção de pesquisador”.

Nesse sentido, assumindo a “atenção de pesquisador”, comecei a exercitar uma forma de observação mais atenta no ambiente virtual em maio de 2020 quando tomei a decisão de mudar o ambiente da pesquisa, devido à impossibilidade de realizar trabalho de campo em

contato direto e presencial com pessoas vivendo com hiv. Antes disso já acompanhava os desdobramentos da pandemia, tanto pelo Twitter/X quanto pelo Youtube, as plataformas que mais utilizo para buscar informações. No Twitter/X recebia informações de perfis variados: perfis jornalísticos, comunicadores e divulgadores científicos e perfis oficiais (perfis ministeriais e de secretárias de saúde do Distrito Federal, do estado do Pará e da prefeitura de Belém). Agreguei a isso os perfis do então presidente Jair Bolsonaro e de algumas figuras que circularam ao redor do presidente nesse período: seus três filhos, os três ministros da saúde que tivemos nesse período e outros perfis mais distantes.

No Youtube, acompanhei canais jornalísticos, canais de repercussão (esses importantes para acompanhar os debates da Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI – da Pandemia ao vivo na Câmara dos Deputados, no período de junho a outubro de 2021), de divulgadores científicos, além de um ecossistema de canais que se formou ao redor da crítica, com vieses de esquerda, ao governo de Jair Bolsonaro. Além disso, após a qualificação do meu projeto de tese, em 2021, comecei a acompanhar o canal do próprio ex-presidente onde eram postados vídeos com modelo de “prestação de contas” e orientações para suas bases em *lives* todas as quintas-feiras.

A vista disso, a incursão sobre o campo se deu, inicialmente, sobre a camada da comunicação e da linguagem. A emergência dos discursos em sua estrutura codificada em texto, imagem e fala situou as orientações iniciais dessa pesquisa e centralizou o questionamento que abre este capítulo a partir do diálogo com autoras e autores que primeiro despertaram minha atenção. A linguagem, o discurso codificado e seu compartilhamento é o meio pelo qual as redes sociais mediam a realidade para o usuário e, antes de tudo, é preciso se voltar para as características próprias do meio.

1.4 Começando pelas doenças e suas metáforas: refletindo sobre a linguagem e seus usos

A principal inquietação que move esse trabalho é uma estranha, e talvez nebulosa, comparação entre nossa experiência coletiva com pandemias e como, de formas ainda a serem discutidas aqui, novas pandemias reciclam em nível individual, social e institucional, velhas fórmulas de interpretação, afecção e ação. Susan Sontag (2007) publicou um ensaio sobre essas questões que tem inquietado meu pensamento e minha escrita ao longo desse tempo. Ela não gosta, sem rodeios, do uso metafórico das doenças, logo, denuncia o uso de doenças, inclusive

doenças graves como câncer, como descritos (e descritores) a partir de aparatos de linguagem que mascaram a realidade.

Só alguém que soube na própria carne a dor de ser vista sob o prisma de uma doença, Sontag era paciente de câncer, e o reducionismo de suas potencialidades como ser humano para construir um pensamento tão contrário ao senso comum. Usar as doenças como metáforas, e usar metáforas para explicar doenças, é um ato de mascaramento da realidade disfarçada de eufemística condescendência. Não são todas as doenças que servem este tipo de matéria prima, mas aquelas que movem forças morais, éticas, políticas, estéticas e eróticas dos seres humanos. Dentre os exemplos discutidos por ela, a hanseníase, a tuberculose, a sífilis, o câncer e o hiv/aids foram, em algum momento da história, condicionados à força pelo discurso público e pelo senso comum em objetos de interesse.

Aqui é necessário fazer a primeira separação inspirada no pensamento de Sontag (2007). Há metáforas que emergem a partir de doenças e há metáforas que se impõe sobre doenças. No primeiro sentido, por exemplo, a hanseníase (lepra) como castigo e signo de impureza no texto bíblico ou a tuberculose como a imagem do romantismo campestre após a primeira revolução industrial. A interpretação social sobre essas doenças se amalgama à experiência vivenciada pelo doente que desponta como possibilidade explicativa causal entre aquilo que ocorre no corpo e comportamentos desaprovados pelo *ethos* moral e religioso hegemônico. Diversos autores mostram que são a culpa e o castigo a marca lógica que organiza as interpretações sobre a doença (GOFFMAN, 1961; LAPLANTINE, 1989; SONTAG, 2007).

Em outro sentido, quando a metáfora se impõe sobre a doença, significa que ela já existia no pano de fundo social. Sua presença pode ser depreendida a partir de outros aspectos da cultura e, quando a doença entra em perspectiva, é absorvida no interior de uma rede de significados que simbolizam e constroem aquilo como novo. Sontag (2007) cita as doenças venéreas (infecções sexualmente transmissíveis), em especial a sífilis, que detinham, até o começo do Século XX, o nome da nação rival na qual se espalhava (na Inglaterra era o *mal Francês*, em Portugal era o *mal Espanhol*, etc.) ou o próprio câncer que é objeto de um discurso de guerra e combate (“luta contra o câncer”, “guerra contra o câncer”) que é decorrente da realidade do pós-segunda guerra mundial.

Como é possível observar, essa separação é questionável quando uma doença como o hiv/aids emerge para o saber público. Ambas as formas de discurso podem ser observadas na experiência com o hiv/aids: ao mesmo tempo em que instituições e movimentos sociais falavam (e falam) em “combate a aids” ou “luta contra a aids” é pôr e a partir dela que velhos pânicos

morais são reciclados e a aids inscrita em uma lógica de causa e efeito como resultado de certos comportamentos de sujeitos específicos.

O conceito de pânico moral foi utilizado pela primeira vez no estudo pioneiro de Stanley Cohen (2004) para designar o efeito de reação desproporcional provocado em grupamentos sociais. Em sua pesquisa, o autor mostra como essa desproporcionalidade se torna mais comum na segunda metade do século XX, com a popularização dos meios de comunicação de massa. Entretanto, é preciso acompanhar a transformação e contemporização do conceito. Para David Garland (2019), refazendo uma historicidade conceitual, argumenta como o pânico moral perdeu sua força explicativa com a popularização de seu uso no ambiente da política e dos meios de comunicação de massa. Ele mostra como a reação desproporcional em temas morais pode ocultar, fazer submergir, tanto em sentido subjetivo e psicológico quanto em sentido sociológico, temas de relevância e preocupação material (teoria e sociologia do risco) como temas mais profundos da consciência coletiva (a negação e o trauma social). A conclusão parcial é que o pânico moral é uma forma de ocultamento, velamento de condições e problemas materiais e objetivos.

Nessa perspectiva, não são apenas doenças que se inscrevem nessa lógica produtora de pânico moral. Por exemplo, não há metáforas sobre diabetes ou pressão alta, mas o signo da obesidade (mesmo não acompanhado destas doenças ou sintomas) move afecções morais e estéticas disseminadas na sociedade que se impõem sobre os corpos com mandamentos de constrição, crítica e controle. Desse modo, por exemplo, fórmulas de linguagem tornam o corpo obeso um corpo público que deve ser contido, controlado, visado e, se possível, eliminado.

Algo semelhante ocorre com os pacientes de aids ou aqueles identificados com os signos da doença (homossexuais, transexuais e travestis, profissionais do sexo, usuários de drogas injetáveis). A linguagem amarra a condição material das doenças a um tipo ideal de sujeitos, classificando e hierarquizando moralmente determinadas características aprovadas e desaprovadas pelo corpo social. Nos anos 1980 eram os homossexuais, profissionais do sexo, hemofílicos e usuários de drogas os definidos como “aidéticos”, moralmente requisitados como totens da má consciência pública sobre a doença.

Neste caso, é necessário cruzar o véu da linguagem (falada ou escrita) e compreendê-la em uma acepção mais ampla que está na dimensão dos discursos nos termos de Michael Foucault (2008, 1999). A metáfora é uma das formas possíveis do discurso e, é possível afirmar, Sontag (2007) viu nas metáforas condicionantes da produção de sentido sobre as doenças enquanto componentes da realidade, mas há outras formas sociais de condicionamento para a

simbolização da realidade. A resiliência das metáforas, ou dos valores, ideias e mentalidades que elas expressam, não se dá por outro motivo que não pela associação entre discurso e poder.

1.5 Para além da metáfora: discurso e poder

Compreendo, junto com as provocações de Michel Foucault (1993, 1999, 2008), que o lugar das ciências humanas é a problematização enquanto exercício de reflexão sobre aquilo que é, aparentemente, oferecido como dado da realidade. Há uma verdade objetiva, mas há ainda que se discutir quais discursos, opiniões e processos autorreferenciados produzem a compreensão de objetividade em dado tempo histórico. Há uma doença contagiosa, o que produz sua caracterização enquanto pandemia no discurso corrente na sociedade? Além disso o que mais essa caracterização carrega para além do controle do saber biomédico, que é também conhecimento social, histórico e economicamente elaborado?

A obra foucaultiana é vasta e, para a argumentação que proponho aqui, optei por acompanhar a produção de quatro de seus cursos que dão conta da emergência da biopolítica e os pressupostos trabalhados pelo autor: a genealogia dos anormais no discurso psiquiátrico, a dupla face do racismo e a conexão guerra-política-governo⁴. Organizei os cursos em ordem cronológica porque apresentam uma progressão no pensamento que os subsidia e que culminam em uma reflexão sobre como as formas de governar estão ligadas à historicidade das relações sociais e de limites de saber-poder insuspeitos. Os desdobramentos da obra de Foucault também são vastos e me concentro no biopoder como desdobramento do controle e da vigilância que se entranha nas relações entre Estado e sociedade.

O último seminário de Foucault no Collège de France aborda a história do pensamento psiquiátrico e a formulação de suas zonas de domínio (FOUCAULT, 2010). Nesse curso, o autor construiu uma genealogia da figura do anormal como portador do mal que ameaça a vida (biológica e social), que, portanto, deveria ser objeto de controle do saber médico-psiquiátrico. A busca pela causalidade biológica dos comportamentos desviantes ou criminosos em oposição a interpretação mística do senso comum e da igreja. Mostra como o saber psiquiátrico caminha de uma interpretação que alocava o comportamento desviante como excesso e externalidade à natureza do sujeito, e o recoloca dentro de um quadro que pode ser explicado pela própria

⁴ Os quatro cursos que discuto aqui em sequência são: *Os Anormais 1974-1975* (FOUCAULT, 2010), *Em defesa da sociedade 1975-1976* (FOUCAULT, 1999), *Nascimento da biopolítica 1978-1979* (FOUCAULT, 2008b) e *Do governo dos vivos 1979-1980* (FOUCAULT, 2009). Os cursos começaram em 1971 abordando história do discurso, psiquiatria, cristianismo e o campo jurídico. Depois de 1977 Foucault seguiu discutindo o conceito de biopolítica a partir da guerra, política e governo.

constituição subjetiva. Seguindo o raciocínio, o comportamento antissocial já estava contido na menor versão daquele que é objeto de controle, "a infância foi o princípio da generalização da psiquiatria; a infância foi, na psiquiatria como em outros domínios, a armadilha de pegar adultas" (FOUCAULT, 2010, p. 266).

Para a psiquiatria da segunda metade do século XIX, argumenta ele, instintos em descontrole pertencem ao sujeito, não há necessariamente uma busca por cura, mas por diminuir a possibilidade de dano que esse indivíduo será capaz de provocar no corpo social porque seu comportamento pertence a um "estado" próprio daquele sujeito que a psiquiatria trata de desvendar. A psiquiatria europeia então toma para si a função de "proteger" o corpo social de seus maus elementos internos, de seus corpos individuais em mau funcionamento. A sequência disso é que a estrutura de causalidade que organiza a razão médico-psiquiátrica não pode parar na infância, é preciso ir mais longe na produção de nexos de causalidade. Nesse sentido, a hereditariedade, a imediata anterioridade ao corpo patológico, será apontada como o aspecto organizativo em que a disfuncionalidade adulto-infantil será alocada.

Foucault (2010) conclui esse curso argumentando que é a partir do anátema degenerado/degeneração que a psiquiatria produziu um campo de intervenção que está na raiz do racismo social interno às sociedades europeias da segunda metade do século XIX. Esse racismo interno irá se alimentar ainda de outras ciências que serviram aos princípios eugenistas, todas derivadas do poder de enunciação psiquiátrica "que funciona como 'caça aos degenerados'. O degenerado é aquele que é portador do perigo" (FOUCAULT, 2010, p. 278). Nesse primeiro momento, ele identifica no discurso psiquiátrico os portadores do perigo para a pureza e saúde da sociedade como os loucos, alienados, monstros, incorrigíveis e as crianças. Esses sujeitos são os primeiros objetos de controle de uma forma de poder-saber que começa a se estabelecer no período.

O próximo curso de Foucault (1999) inaugura uma nova linha de investigações. Aqui trata-se dos discursos mais sociais e políticos sobre a guerra e as formas de governo até o começo do século XX. Apenas ao final desse curso é que o tema do racismo é retomado, reconectando este curso ao curso anterior. São os pressupostos do racismo como razão de Estado que conectam esses dois momentos do pensamento do autor. De um lado, a justificativa da proteção interna da sociedade contra seus maus elementos. De outro, esse curso e os posteriores vão abordar os discursos que dão conta de justificar a reinvenção do conceito de Nação e a proteção contra um inimigo externo a partir da justificação da guerra.

O autor, ao reinterpretar a noção de guerra como guerra de dominação entre raças e mostrar como o paradigma da guerra é substituído pela luta civil mostra que a concepção de raça é incorporada como política de Estado. Ele argumenta que há uma mudança de perspectiva quanto ao exercício do poder soberano sobre a morte e a vida: o deslocamento entre a manutenção do poder pela soberania e sua mudança para o poder sobre a vida. A soberania era da ordem do "fazer morrer" e "deixar viver", prerrogativa dos soberanos sobre a morte de seus súditos. A relação entre vida e morte estava estritamente vinculada ao poder político do soberano. A transformação se dá quando a morte é deslocada de sua relação com o poder político, nesse sentido, nas novas nações não absolutistas o poder sobre a vida é transpassado pelo "fazer viver" e "deixar morrer".

O argumento de que essas formas de exercício da soberania não se substituem, mas se atravessam é da maior importância. Não significa que, com o fim dos Estados absolutistas, não há mais poder sobre a morte, mas que esse poder é deslocado, diluído. "Fazer viver" corresponde a uma série de técnicas que visam garantir a produtividade da população: formas de conhecer essa população (natalidade, mortalidade, saúde, trabalho...) e técnicas de disciplina e controle personalizado dos corpos, aos quais ele batiza de anátomo-política.

Essa mesma mudança será aplicada agora em grande escala. Os recenseamentos, as pesquisas com grandes amostras populacionais e a preocupação com o sujeito enquanto espécie. A anátomo-política é a disciplina do corpo, a disciplina das massas será chamada de biopolítica. Nascimento, morte, produtividade, doença... Todos esses elementos constituem partes da vida das populações e começaram a ser de interesse da Nação compreender seus processos. Um dos exemplos que discute, a partir dessa mudança de direcionamento da governabilidade em direção a biopolítica, é o controle sobre as endemias. As endemias passam a ser consideradas não mais como uma grande catástrofe que se abate sobre uma população, mas doenças que pertencem a um corpo social (FOUCAULT, 1999). O controle gerencial dessas doenças se estabelece em um refinado equilíbrio entre a manutenção da saúde geral para o trabalho e a tolerância confortável para os sujeitos políticos e administrativos de incidência de certas doenças em parâmetros "aceitáveis".

Por fim, se o biopoder se constitui em primeiro lugar de um "fazer viver" como justificar o uso da morte, do extermínio que um Estado pode executar inclusive contra sua própria população? O racismo como razão de Estado seria a tesoura que faz o corte entre aqueles que vivem e que morrem em uma população. A razão aqui, herdeira da concepção da guerra ao outro externo, é aplicada internamente ao povo e reduzida a uma diferença biológica. A raça

inferior, os anormais e os degenerados, retomando os termos do curso anterior, devem ser eliminados não apenas em relação à valorização da vida daqueles que se consideram superiores, mas porque o corpo social, a população "boa", a sociedade como um todo deve evoluir e melhorar.

Ao fim do curso, Foucault (1999) aponta o Estado nazista como a epítome da fusão entre essas duas formas de exercício do poder: a justificação na guerra racial e a biopolítica. A guerra racial não serviria apenas para produzir a eliminação do inimigo externo e interno que sujava a pureza da sociedade alemã. A guerra também serve ao propósito de selecionar aqueles mais aptos a dar continuidade a uma sociedade pura e forte. Nesse sentido, a razão de guerra nazista é também suicida. Acompanhando o argumento, o ambiente de vigilância em que os alemães viviam (a possibilidade de serem denunciados pelo seu vizinho) é um prenúncio do entranhamento do biopoder na vida social, um entranhamento do expurgo (não mais executado pelo Estado), mas pela própria sociedade em forma de vigilância.

Os vigiados, retomando as preocupações de Foucault no curso anterior, seriam os socialmente inaceitáveis, que sujavam e enfraqueciam a sociedade no ideal eugenista do nazifascismo: judeus, invertidos/homossexuais, loucos, deficientes, ciganos e comunistas. Me contento com a argumentação exposta até aqui pela profundidade da análise foucaultiana e seus desdobramentos posteriores. Porém, é interessante aludir que as tecnologias de controle e de exercício do poder sobre os quais Foucault se debruça não foram aplicadas em sua totalidade apenas na Alemanha sob o nazismo. Os Estados coloniais lançaram mão de uma série de tecnologias de controle e vigilância que, até então, não aparecem no horizonte de análise foucaultiana⁵.

O curso seguinte discute o que pode ser o último pilar da biopolítica na argumentação do autor, uma arte de governo que é, na mesma medida, razão de Estado e incorporação da crítica do pensamento liberal. No curso sobre os anormais, trata-se do domínio sobre os desvios do corpo e da subjetividade consideradas em sua dimensão individual. O segundo curso cuida das justificações sobre a vida e a morte que transcendem o individual e alçam sentido coletivo (populacional). Este terceiro curso lida com racionalização discursiva das trocas, a partir do desenvolvimento do liberalismo, abrangendo o mesmo período e como o desenvolvimento das correntes liberais se amálgama ao Estado e reinterpreta a governança e exercício da soberania como razão de Estado.

⁵ Mais considerações sobre o colonialismo e técnicas de dominação, ver os trabalhos de Balibar e Wallerstein (2021) e Losurdo (2006).

Foucault (2008b) discute como ocorreu uma alteração no interior da Europa quanto às relações mantidas pelos Estados. Durante o século XVIII a mudança se deu a partir de uma transformação da perspectiva sobre a condição de concorrências entre as nações europeias. Foucault, citando Adam Smith, mostra como o liberalismo sustentou as bases de uma visão europeia para fora da Europa, uma construção de riqueza que não tinha mais a competição entre as Nações como pressuposto, que estabelecia o equilíbrio entre as grandes nações da Europa como dado e incluía o mundo como possibilidade de expansão do mercantilismo europeu. O mercado global é o argumento unificador da Europa.

O último pilar da biopolítica é, nesse sentido, a incorporação da limitação da soberania em nome da construção de um mercado global que tem a Europa como centro. A parte final desse curso é dedicada à emergência do neoliberalismo (principalmente alemão e americano) e da transformação do *homo oeconomicus* no pensamento liberal. A unidade-empresa / “sujeito empresário de si mesmo” para o neoliberalismo, “ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produto, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda” (FOUCAULT, 2008b, p. 311).

A produtividade é individualizada e a competição atomizada e incorporada entre os sujeitos. A lógica racial se expressa, então, menos em uma relação entre grupos, mas entre vizinhos. O estabelecimento de hierarquias sociais será construído a partir de representações sociais sobre indivíduos e grupos, mas expressa nas relações mais imediatas.

Em um ambiente virtual, como o observado nesta pesquisa, a instrumentalização do pânico moral aduz a construção de inimigos parasociais incorpóreos. Essa ausência de corpo (abordada com mais profundidade no Capítulo 3) como uma das características mais emblemáticas do *continuum* real-virtual, se configura como ausência do outro, do rosto, do próximo e alimenta paranoias sociais de competição, disputa e a redução da subjetividade há um binarismo maniqueísta entre sujeitos morais. O *homo oeconomicus* é o sujeito empresário de si mesmo e o ambiente online oferta as ferramentas mais bem delineadas para suas necessidades: métricas de autoavaliação e controle de desempenho; redes sociais para entretenimento e *networking* onde é possível mostrar apenas a “melhor face” da sua personalidade ou aquele que o sujeito julga mais verdadeira e autêntica; conectividade eterna e contínua para manter todo esse processo eterno e imutável. É necessário defender aqui a tese de que Foucault jamais teve um Instagram ou Twitter/X, mas não se surpreenderia com nossa condição atual de individualidade extrema.

Posteriormente, abordo as contribuições da Teria das Representações Sociais como estratégia teórico-metodológica para tocar o núcleo representacional dos processos de comunicação e governança no período da covid-19. Contudo, é importante reafirmar que Foucault expõe campos analíticos e semânticos eficazes para a construção do objeto que proponho aqui. Entender a doença, e principalmente a doença endêmica, como expressão de uma razão de Estado colonial e racial mais ampla é fundamental para os questionamentos trabalhados aqui (FOUCAULT, 2008b).

Há uma razão biopolítica na administração bolsonarista da pandemia de covid-19, o desafio deste trabalho é tocar seu núcleo representacional e com isso expor sua doxa. Seu conjunto mais ou menos articulado de preconceitos, valores e interesses em termos de políticas de saúde e de cuidado nesse período.

1.6 Contribuições contemporâneas sobre poder e discurso

Da produção foucaultiana, outros autores e autoras irão desdobrar a ideia de biopolítica e seus conceitos relacionados a partir de outros pontos de vista, análises históricas, sociológicas, políticas e investigações empíricas. O objetivo aqui é situar essa pesquisa dentro de uma tradição de preocupações sobre poder e discurso, tendo os trabalhos de Foucault como norte, mas agregando outros elementos e complexificando sua reflexão sobre racismo, produção de hierarquias, opressão, violência de Estado, técnicas e tecnologias de subjetivação.

Deste conjunto de trabalhos destaco Roberto Esposito (2005) que faz a ligação mais explícita entre elementos da biopolítica e a ideia mais geral de imunidade. Como ele mesmo lembra, o conceito de imunidade migra do campo jurídico para o campo biomédico com a invenção das vacinas e o desenvolvimento das políticas de controle biossocial das pandemias e endemias, entre os séculos XVIII e XIX (ESPOSITO, 2005). A imunidade jurídica, o privilégio de não ser afetado por uma norma geral e comum, está na raiz da aplicação do conceito de imunidade no campo biomédico. Excluir, ou em outras situações excluir-se, da totalidade do corpo social sujeitos considerados perigosos ou doentes é medida de segurança para este “corpo” polimórfico em risco. O binômio vacina/doença é antes um elemento de distinção entre incluídos e excluídos, próximos e distantes, desejados e indesejados.

Os trabalhos de Esposito (2003, 2005) consegue amarrar a temática da imunidade, das pandemias e do controle biossocial dos corpos a uma interpretação jurídica, institucional e sociológica útil para compreender como as políticas de Estado definem, a partir da linguagem

e dos parâmetros biomédicos, as condições gerais de saúde e manutenção de uma população. Retomo o tema das endemias porque é partir destes trabalhos que emerge a atenção sobre os processos de naturalização das doenças e de agentes infecciosos dentro de uma dada população. É preciso imunizar e conter para produzir saúde e continuidade da comunidade.

Achile Mbembe (2014, 2018) que deriva da biopolítica o conceito de necropolítica como uma forma de expressar as formas de domínio coloniais em África, Caribe e Americana continental. A partir da leitura de outros autores e autoras que discutiram a colonização, a diáspora negra no Atlântico e técnicas de domínio colonial, ele mostra como as políticas de manutenção da vida refletem na produção do inimigo interno como a “maior parte da população”, sendo a vida plena uma perspectiva de pequena parcela privilegiada pelas políticas coloniais. O efeito dessas políticas é a destruição de laços comunitários e uma política da desconfiança e da vigilância contra o vizinho considerado tão igual e, portanto, uma ameaça tão próxima e tão presente.

Berenice Bento (2018) propõe o conceito de necrobiopolítica, reunindo ambos os conceitos discutidos anteriormente, com objetivo de explicar como as políticas de vida e de morte estão intimamente relacionadas na história de Estados-nação formados a partir de processos de colonização⁶. Ela segue uma série de exemplos e argumenta que a governabilidade de Estados com esse histórico produz zonas de morte onde a precarização da vida, a violência assassina, a desproteção e o abandono não são efeitos ou consequências imprevistas do exercício do poder político. Esses efeitos são esperados, buscados e o fundamento próprio de garantia da vida dos socialmente privilegiados. Para ilustrar esse argumento, a autora aponta a Lei do Ventre Livre no Brasil imperial, onde os discursos dos parlamentares argumentam sobre a liberdade dos filhos de mulheres negras escravizadas a partir da perspectiva das perdas e ganhos dos senhores brancos.

Em um sentido muito própria, Paul Preciado (2014, 2018) desenvolve uma articulação da perspectiva biopolítica com uma leitura das transformações técnicas, tecnológicas, e como participam da formatação do social e da conformação subjetiva contemporânea. Preciado ecoa as contribuições de Judith Butler (2003, 2017) e Donna Haraway (2009) em uma crítica que dialoga com o campo dos estudos feministas e reflete sobre ciência, tecnologia e técnicas de subjetivação tendo o gênero e a sexualidade como objeto constituído e constituinte de processos de subjetivação contemporâneas.

⁶ Em seu livro mais recente, “*Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*”, lançado na França e Espanha em 2022 e no Brasil em 2023, Paul B. Preciado também defende o uso do termo necrobiopolítica.

Os trabalhos de Preciado unificam as problemáticas apresentadas por Michel Foucault às questões de raça, classe, gênero, sexualidade e tecnologias, mas nunca de forma a subsumir uma perspectiva em relação às outras. Seu pensamento não ignora o exercício do poder como opressão, mas reconstrói uma das principais contribuições foucaultianas, a concepção de poder produtivo. Preciado mostra, e ilustra inclusive a partir de seu próprio corpo e experiências, como a condição contemporânea do poder, expresso por meio da submissão às tecnologias (comunicacionais, farmacológicas, de segurança etc.), subjetiva e conforma um sujeito que ecoa tanto quanto matéria-prima da biopolítica quanto externalização do *homo economicus* foucaultiano, porém, indo além e articulando-o com perspectivas heterodoxas⁷.

Costuro as contribuições destes autores e autoras em momentos-chave deste trabalho como rebites em um tecido mais amplo e composto de outras contribuições como Benjamin Loveluck, Shoshana Zuboff, Denise Jodelet, Letícia Cesarino, Marcos Dantas, David Nemer e outras e outros que foram fundamentais para a construção das reflexões que originaram este escrito.

1.7 “O vírus chegou!”: março a julho de 2020

Abordadas as acepções epistemológicas sobre as quais esse trabalho de constrói, acredito necessário apresentar algumas conexões iniciais que procedi enquanto observava os acontecimentos do começo da pandemia. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS emitiu o primeiro alerta de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Esse alerta já vinha com dois meses de atraso em relação ao alerta do Estado chinês sobre a situação em Wuhan. A OMS só declarou a pandemia em 11 de março de 2020. Essa cronologia é importante, pois mostra como a lógica padronizada de confirmações da pandemia corresponde a padrões internacionais de confirmação que caminham, quase que invariavelmente, atrás dos fatos em dois sentidos.

O primeiro é a chegada da pandemia informacional, ou seja, nós sabíamos, ainda que por determinados filtros e direcionamentos de agências de notícias e redes sociais, o que acontecia em Wuhan antes dos pronunciamentos dos órgãos oficiais dos Estados nacionais e da própria OMS. O segundo sentido, hoje já se sabe que a pandemia viral circulava em nível internacional já em fevereiro/março de 2020. A confirmação da pandemia é normativa,

⁷ Sobre isso, em seu livro mais recente Paul B. Preciado (2023) aborda o período da pandemia de covid-19 e trava um diálogo pertinente com as obras de Roberto Esposito citadas aqui. Pela atualidade das exposições de Preciado, achei pertinente incluí-las ao final desta tese.

produzida por instituições oficiais, não acompanha a realidade material e dos fatos. Dito isso, já entramos na pandemia em 2020, enquanto corpo social, institucional e jurídico, atrasados e ainda tentando entender o que fazer e como mitigar seus efeitos. A pandemia se constituía então de um objeto novo, cujas alternativas e políticas sanitárias ainda estavam despreparadas para compreender e lidar.

Tabela 2 – Primeiro tweet da página @jairbolsonaro sobre a pandemia de covid-19					
Data	Perfil	Mensagem	Nº Ret.	Nº Coment.	Nº Curt.
04-02-2020	jairbolsonaro	Temos acompanhado os esforços da china para conter o surto do novo coronavírus agradecemos ao governo chinês pela assistência na operação de retirada de nossos cidadãos em Wuhan o brasil é solidário com a china no combate à pandemia que representa desafios para todos	709	3227	28300

Ao mesmo tempo, o então presidente Jair Bolsonaro, e estendendo a partir de suas colocações para o ambiente institucional do governo brasileiro e do Poder Executivo Federal, parecia não tratar a pandemia com o devido senso de gravidade. Em sua primeira mensagem no Twitter/X mais diretamente relacionada às políticas da pandemia de covid-19 (04 de fevereiro de 2023) celebra o governo chinês pela retirada de cidadãos brasileiros da cidade de Wuhan e sua repatriação. Aparente, há uma vontade de manutenção de boas relações com a China, aproximação que seria fundamental para compreender o fenômeno da covid-19 em termos de políticas públicas e ações coordenadas. Mas a atitude não se manteve por muito tempo.

Tabela 3 – Tweets da página @jairbolsonaro. Prestação de contas. Primeiro tweet produzindo uma oposição com o governo venezuelano					
Data	Perfil	Mensagem	Nº Ret,	Nº Coment.	Nº Curt.
20200317	jairbolsonaro	Informo que meu 2º teste para covid-19 deu negativo boa noite a todos	30400	29500	121500
20200318	jairbolsonaro	Considerando a incapacidade do regime ditatorial venezuelano de responder a epidemia do covid-19 o governo brasileiro adotara medidas restritivas na fronteira com a Venezuela de modo a garantir a segurança e saúde do nosso povo em especial da região norte do país	6391	4892	31100

Menos de um ano depois dessa mensagem, a crise de oxigênio em Manaus, capital do estado do Amazonas, no Norte do Brasil e fronteira com a Venezuela, necessitou de apoio deste país para o suprimento emergencial de oxigênio na cidade que não foi atendida pela logística do governo, situação que será abordada mais à frente neste trabalho.

Bolsonaro fez quatro pronunciamentos relevantes no primeiro semestre de 2020. O primeiro pronunciamento, em 12 de março de 2020, já apresentava à nação elementos que permeariam seu discurso durante todo o processo da pesquisa: a proteção aos idosos, uma oposição entre a pandemia e a economia e uma simplificação de assuntos como liberdade individual e vontade popular. Nesta primeira fala à nação, ele afirmou que “a preocupação maior era com os idosos e com a manutenção dos empregos” (FLOSS *et al.*, 2023) ao mesmo tempo em que prega a manutenção de uma suposta liberdade individual e a soberania da vontade popular, ensaiando medidas contrárias ao que já era adotado na China como distanciamento social, fechamento de pontos comerciais e políticas de isolamento territorial.

Nenhum destes elementos se enquadram na perspectiva de governança de populações com as quais outros países lidaram com a pandemia e é uma certa interpretação específica da economia, do trabalho da atuação das forças armadas que vai orientar as avaliações do bolsonarismo sobre a pandemia. Esse primeiro discurso assenta as bases da política bolsonarista para a pandemia. Uma política que apresentou preocupações fragmentadas, opôs saúde à economia e utilizou como mecanismo ideológico de coesão para suas bases uma defesa difusa da liberdade individual e da vontade popular (ANISTIA INTERNACIONAL, 2021a).

Em 24 de março, Bolsonaro dá seu discurso mais visibilizado pelos meios de comunicação de massa no período. Enquanto os outros discursos podem ser encontrados no Youtube, a fala em rede nacional deste dia foi excluída por contrariar os termos de uso da plataforma. Segue sua transcrição:

Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e

com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhe-se pelo nosso país.

Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou seu editorial. Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom. Parabéns, imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleça (sic), entre nós. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos.

O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do Covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite.

Acredito em Deus, que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura desta doença.

Aproveito para render as minhas homenagens a todos os profissionais de saúde. Médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores que, na linha de frente nos recebem nos hospitais. Nos tratam e nos confortam. Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o início, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo neste novo Brasil, que tem tudo, sim, para ser uma grande Nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos, Deus abençoe nossa pátria querida.

Nesse discurso, Bolsonaro pede normalidade, chama a covid-19 de “gripezinha”, “resfriadinho”, afirma que se fosse infectado não sentiria nada por ter um “histórico de atleta”, critica ações de prefeitos e governadores que determinaram medidas de isolamento social e diz sua infame frase “o vírus, chegou!” (BBC BRASIL, 2020). Falando ainda sobre o início de pesquisa sobre a eficácia da hidroxicloroquina para o tratamento da doença, afirmando que o governo recebeu notícias positivas sobre o uso da medicação.

Emergem nas falas de Bolsonaro interpretações do bolsonarismo sobre a covid-19, mas estas camadas não podem se confundir. Uma parte importante deste trabalho foi separar o que deve ser creditado à Bolsonaro e seus colaboradores durante a pandemia de covid-19 e o que deve ser colocado na conta de um bolsonarismo sem Bolsonaro. Separar a camada subjetiva do

sujeito Jair Bolsonaro da camada representacional do bolsonarismo não foi uma tarefa simples. A camada representacional do bolsonarismo se funda em elementos mais diversificados que as opiniões do própria ex-presidente, elementos que já permeavam as estruturas sociais brasileiras muito antes de sua ascensão ao cargo (MIGUEL, 2018).

As decisões de condução de políticas devem ser creditadas a pessoa Jair Bolsonaro e seu governo, mas suas falas expõem uma correlação de causa e efeito mais profunda e menos óbvia. Chamar a nova doença de “resfriadinho” e aludir ao seu suposto “histórico de atleta” é uma construção muito específica para passar despercebida. Bolsonaro opõe em sua primeira fala nacional sobre a covid-19 fortes e fracos, doentes e trabalhadores, atletas saudáveis e idosos em risco. Em seu discurso expressa a certeza de há uma parcela da população que sobreviverá à covid-19 e uma parcela que, esta sim, deve se preocupar com a doença. Mas a parcela produtiva, boa, saudável, trabalhadora não pode parar, deve ser deixada em paz para continuar produzindo.

Em poucas palavras, Bolsonaro expôs uma ideologia sacrificial bem aos moldes daquilo que Foucault investigava como origem do pensamento racial ocidental (FOUCAULT, 1999). Existem aqueles que devem ser deixados para morrer, aqueles que não servem para produzir, mas que devem também ser vistos como matéria-prima sacrificial para a forja de uma nação/sociedade forte em um sentido produtivo. Aparecem na fala de menos de 5 minutos hierarquias sociais, determinismos científicos, radicalização de ideologias economicistas e encobrimento dos danos materiais potenciais da nova pandemia.

A política do Bolsonarismo na pandemia foi bem menos sofisticada do que o uso da teoria faz parecer. O plano desde o começo era o *laissez faire* neoliberal transposto da economia para mundo social. Apenas os operativos ideológicos e representacionais do que deve ser a sociedade brasileira após essa traumática experiência coletiva da pandemia e a escalada sobre seus escombros. Aqui saímos da esfera racional da biopolítica e da gestão de populações e entramos na esfera racial da necrobiopolítica que se manifesta nos meios de comunicação de massa, e nas redes sociais em específico.

2 REDES SOCIAIS E UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLOÓGICA HETERODOXA

2.1 O acesso à internet no Brasil

O objetivo deste capítulo é discutir a arquitetura atual da internet brasileira, com foco na presença e usos das redes sociais no Brasil. A presença brasileira nas redes sociais é expressiva e, mesmo com a hegemonia da televisão como principal veículo de mídia, o uso da internet por computadores pessoais e, principalmente, pelos smartphones tem uma curva ascendente. A PNAD Contínua 2021, construída pelo IBGE, atestou que o acesso à internet nos lares brasileiros alcançou a marca de 90%, ou seja, são 65,6 milhões de domicílios com acesso à internet. Isso representa um aumento de 5,8 milhões a mais do que em 2019 (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2022).

Além disso, a pesquisa faz outros recortes importantes para essa análise. Nas zonas rurais cresceu a conectividade, que saiu de 57,8% e chegou em 74,7% dos domicílios em 2021, “Vale ressaltar que grande parte dos compromissos do leilão do 5G, realizado em novembro do ano passado, têm relação com a ampliação da conectividade no interior do país, como expansão do 4G e do *backhaul* de fibra óptica” (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2022).

Além disso, em termos de faixas etárias, entre os 183,9 milhões de pessoas com mais de 10 anos de idade no país; 84,7% utilizaram a internet no período de referência da Pnad TIC, em 2021. Em 2019, esse percentual era de 79,5%. Isto é, os brasileiros usuários de Internet já formam um contingente de 155,7 milhões, o que representa mais 11,8 milhões de usuários de Internet em relação a 2019. Para o grupo de 60 anos ou mais, passou de 44,8% para 57,5%. Este foi o maior crescimento proporcional apresentado no levantamento, superando, pela primeira vez, os 50% na faixa etária (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2022). Uma das possíveis explicações é a pandemia de Covid-19, que teria levado os idosos a acessarem mais a internet em função das medidas de isolamento social. Para a população de 50 a 59 anos, esse percentual também subiu de 74,4% para 83,3% (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2022).

Quanto aos meios de acesso à internet, pela primeira vez desde o início da série histórica, mais pessoas utilizaram a internet para conversar por chamadas de voz ou vídeo (95,7%) em comparação com o envio ou recebimento de mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de e-mail (94,9%). (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2022).

Os dados ilustram a curva ascendente de importância e influência da internet na vida dos brasileiros. Se antes o rádio e a televisão tinham alguma hegemonia de acesso nos interiores brasileiros menos desenvolvidos, a internet tem ampliado sua força a partir de uma expansão física das estruturas que a sustentam (cabos, antenas e tecnologias 4G e 5G) e formas de expansão ideológica que se alicerçam em sentimentos de inclusão, acesso a serviços online e entretenimento. Como já comentado, esse processo inaugura novos conjuntos de relações com a tecnologia que media relações sociais entre indivíduos e grupos. As formas de engajamento se adaptam a realidades progressivamente atomizadas ao mesmo tempo em que os mecanismos de produção de valor no ambiente virtual se multiplicam.

As redes sociais se tornam fábricas contemporâneas de expressão subjetiva e trabalho semiótico que necessitam de estratégias de engajamento para produzir *small data*, convertê-lo em *big data* e posteriormente negociá-lo⁸. Desta feita, qualquer estratégia de engajamento é válida porque não importa a estratégia em si, mas seu resultado. O engajamento ofertado por adidos políticos com discursos radicalizados funciona como o apito da fábrica que coloca em marcha o “operariado do like”, o problema é que uma vez escutado esse apito as estratégias de captura da atenção não permitem que o apito pare de soar.

Este capítulo aborda a arquitetura das redes utilizadas como campo, ao mesmo tempo em que propõe uma perspectiva para entender a matéria-prima que alimenta os algoritmos e busca dar sustentação teórica, a partir da Teoria das Representações Sociais, quanto ao tipo de materialidade produzida no interior das redes.

2.2 Sobre as redes sociais

A origem do termo “redes sociais” para se referir ao tipo de tecnologia social estudada aqui remonta aos anos 1990 onde, juntamente com a expansão da internet para um público mais amplo, empresas como a AOL (*America Online*) e plataformas como *GeoCities* e *The Globe* colocaram online suas plataformas de interação entre usuários, ferramentas de criação de perfis personalizados, trocas de mensagens e compartilhamento de arquivos (LOVELUCK, 2018; PARIKKA, 2016). Essas plataformas ainda não representavam o que contemporaneamente chamamos de redes sociais, mas já observavam certa estrutura relacional que será utilizada nas plataformas de redes sociais contemporâneas.

⁸ Aprofundo esses processos no Capítulo 3.

Definir a ontologia de uma rede social no contexto da internet é uma tarefa complicada. De um lado temos o uso cotidiano do termo “redes sociais” que acaba por referir-se a série de aplicativos que vão desde a troca de mensagens instantâneas (WhatsApp e Telegram) até a publicação de mensagens, fotos e vídeos para um número específico de pessoas ou de maneira aberta. Há ainda os casos das redes sociais como Facebook, Instagram e Twitter/X que congregam as duas funcionalidades. Existiram outras redes sociais ao longo da história da internet brasileira, redes que se adequaram muito bem à nossa experiência coletiva com a precariedade das conexões e dos *hardwares* utilizados para se conectar. Inspirado na pesquisa de Nemer (2021) é possível afirmar a existência de uma internet genuinamente brasileira, não no sentido de sua invenção e origem nacional, mas no sentido muito particular que os usuários brasileiros dão às ferramentas online.

Como já abordado, esta pesquisa se deu em duas redes sociais distintas: a rede social de compartilhamento de vídeos YouTube e a rede social de microblogs Twitter/X. Ainda assim, tratar as duas como pertencentes ao mesmo gênero comunicacional é uma questão que deve ser refletida. Meu posicionamento quanto à ontologia das redes assume dois pontos de vista: de um lado é indiscutível que o Twitter/X e o Youtube são redes distintas e exigem fórmulas de comunicação e interação com o público diferentes, por outro lado, os resultados que produzem são maximizados pela aproximação das estratégias de uso em um único plano de atuação, aqui especificamente trabalhada a partir da atuação do governo de Jair Bolsonaro. Quaisquer das redes de bolsonaristas são utilizadas para o desenvolvimento e maximização de sua mensagem, manter seus apoiadores servidos das questões atinentes ao governo e ao mesmo tempo alimentar e fazer crescer seus próprios perfis online (CESARINO, 2019, 2022).

2.3 Como se alimentam as redes?

Do ponto de vista da produção do conhecimento e como compreender o ambiente virtual/digital enquanto campo de investigação social, este trabalho de tese se coloca em uma encruzilhada. Há duas interpretações quanto ao ambiente virtual e sua relação com o mundo analógico. Uma primeira interpretação, mais antiga e contemporânea à popularização da internet, afirmava que o ambiente virtual não se confundia com o “mundo real” e tratava a virtualidade e seus efeitos já sentidos na sociabilidade e na economia, como efeitos da expansão dessa nova tecnologia enquanto mídia (COLOMBO, 1991; LOVELUCK, 2018). Essa historicidade das ideias sobre a internet é interessante porque coloca em perspectiva nossa

sociedade altamente conectada e dependente das redes virtuais, mas essa interpretação não durou muito tempo.

Autoras e autores logo reconheceram a importância da internet como mediadora das relações entre indivíduos e grupos e se inspiraram nas produções da cibernética como campo do conhecimento que articula agentes humanos e não humanos na explicação da realidade social (LOVELUCK, 2018; RÜDIGER, 2007). A história da cibernética remonta ao pós-segunda guerra mundial em que sistemas eletrônicos começam a se sofisticar. A cibernética é o estudo científico do controle e da comunicação em organismos vivos e máquinas, e é amplamente considerada uma precursora do campo moderno da inteligência artificial. O campo da cibernética foi desenvolvido em meados do século 20 e tem raízes em várias disciplinas diferentes, incluindo matemática, engenharia, biologia e psicologia (CESARINO, 2022).

O termo "cibernética" foi cunhado pela primeira vez pelo matemático Norbert Wiener (CESARINO, 2022). O autor introduziu o conceito de *feedback* e argumentou que consistia em um processo fundamental para sistemas de controle, naturais e artificiais. Ele inspirou-se em várias fontes, incluindo o trabalho de seus contemporâneos em engenharia e teoria da informação. A teoria cibernética de Wiener enfatizou a ideia de comunicação e controle, e suas aplicações abrangeram uma ampla gama de domínios: robótica, ciência da computação, psicologia e sistemas sociais.

A cibernética se estabeleceu como um importante campo de estudo e influenciou o desenvolvimento de outros campos, como teoria de sistemas, ciência cognitiva e inteligência artificial. O legado da cibernética pode ser visto na forma como pensamos controle, comunicação e vigilância em sistemas complexos, bem como no desenvolvimento de tecnologias que incorporam mecanismos de autorregulação automatizadas.

Nas ciências sociais, a cibernética foi aplicada para entender o comportamento de sistemas sociais complexos, como economias, organizações e sociedades (CESARINO, 2022, 2021). Isso ocorre porque a cibernética fornece uma estrutura para modelar e analisar sistemas complexos, o que pode ajudar os pesquisadores a entender as relações entre diferentes componentes e como eles interagem. As teorias cibernéticas podem ser usadas para estudar uma variedade de fenômenos sociais: tomada de decisão, comunicações, relações de poder e mudança social. Por exemplo, um modelo cibernético de uma organização pode analisar como os ciclos de *feedback* e os canais de comunicação influenciam a tomada de decisões políticas ou administrativas.

Além disso, a cibernética tem sido usada para estudar a comunicação e o processamento de informações em sistemas sociais. Os ciclos de comunicação e *feedback* que existem dentro e entre os sistemas sociais podem ser analisados usando modelos cibernéticos, permitindo aos pesquisadores entender como a informação flui e como ela afeta o comportamento dos diferentes componentes do sistema. Nesse sentido, a cibernética serve aqui como perspectiva para se entender de que forma os sistemas complexos em estudo (internet e redes sociais) são alimentados por discursos durante a pandemia da covid-19 e são processados, seja por seus agentes ou por algoritmos, devolvendo informações e representações em forma de *feedbacks*.

Desta feita, é necessária uma incursão sobre como esses sistemas complexos são nutridos. Como essas informações são produzidas, trocadas e encorporadas, qual suas contiguidades e continuidades com ideias passadas? Como estas ideias são regatadas do passado e entram em circulação para a consideração de novos objetos de conhecimento? Abordando estas questões, me filio ao pensamento de Benjamin Loveluck (2018) para quem uma abordagem de ciência das redes combinada com trabalhos das ciências sociais dá conta de descrever, compreender e analisar a circulação de informações na internet. Essa circulação aparece como um processo autopoietico ou autorganizado relacionado ao que o autor chama de duas dimensões principais: hierarquias das informações disponíveis e “dimensão performática das ações dos indivíduos em rede” (LOVELUCK, 2018, p.219).

É possível observar que a comunicação governamental de Jair Bolsonaro no período pode ser compreendida a partir das duas dimensões tratadas aqui. Coexistem diferenças hierárquicas entre informações e fontes de informações, essas diferenças vão determinar as páginas, canais e mensagens mais compartilhadas, com mais reações, comentários e mais visibilizadas pelas plataformas. A partir da dimensão performática, há a própria durabilidade e capacidade de atração da mensagem para a lógica autoreferente das redes. Neste sentido, é necessário abordar não apenas quem emite a mensagem, sua origem e conexões próximas, mas o conteúdo das mensagens. Abordo, na próxima parte deste trabalho, uma proposta de investigação a partir das ciências sociais para a compreensão das mensagens: a contribuição da Teoria das Representações Sociais. Especificamente, a produção de Denise Jodelet, enquanto contribuição do campo das ciências sociais para o entendimento dos processos sociopsicológicos de circulação de informações, em especial aplicada aqui às redes sociais.

2.4 Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais – TRS – comporta uma série de construções teóricas, técnicas e metodologias de pesquisa. Neste sentido, o objetivo aqui será mapear as principais influências teóricas que animam essa pesquisa e reconstruir o quadro referencial que será remetido ao longo das outras fases deste trabalho. Este campo de investigação remonta às pesquisas de Serge Moscovici sobre as idealizações e percepções do grande público da França sobre a prática e os conceitos psicanalíticos (MOSCOVICI, 1978, 1979)⁹. Já nessa obra, Moscovici estabelece algumas premissas fundantes da TRS, seu campo de interesse e pesquisa que seriam posteriormente desenvolvidas por pesquisadoras e pesquisadores.

Enquanto redimensionamento epistemológico, a Teoria das Representações Sociais se estabelece entre o lugar dos campos da Psicologia, Sociologia e Comunicação, admitindo formas de reflexões e métodos de pesquisa em diálogo constante entre esses três campos do conhecimento. No mesmo sentido, a questão inicial de Moscovici se refere ao processo sociopsicológico da transformação do conhecimento técnico e científico da Psicanálise em conhecimento comum e cotidiano. Essa transformação se incorpora às imagens sociais produzidas no seio do sendo comum a partir do contato com os conhecimentos, jargões e reflexões da Psicanálise e, em alguns momentos, se afasta sobremaneira dos pressupostos da própria disciplina. Esse efeito de afastamento ou aproximação se inscreve nas formas como os conhecimentos enquanto conteúdos circulam na sociedade e, neste sentido, a participação dos meios de comunicação e as mídias são fundamentais para compreender os efeitos que essa circulação tem sobre a produção das representações sociais e ações cotidianas (ALEXANDRE, 2001).

Moscovici lança mão de múltiplas estratégias de aproximação. Não pretendo aqui detalhar todas as metodologias adotadas, mas a revisão de suas estratégias aproximativas dá a dimensão genética das representações sociais analisadas, ou seja, mostram como as metodologias estão intimamente relacionadas à construção da teoria e vice-versa, bem como as transformações que a teoria e métodos sofreram nas mãos de outros autores e autores. Essas estratégias metodológicas serão retomadas por autoras e autores a partir de aspectos pontuais, reinterpretações, releituras ou reaplicações diretas dos métodos utilizados por Moscovici em sua investigação original.

⁹ O trabalho de Moscovici foi originalmente intitulado *La psychanalyse, son image et son public* e foi publicado no Brasil em duas partes: sendo a primeira parte *A representação social da psicanálise* e a segunda *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Neste trabalho, fazemos referência à primeira parte da tradução brasileira e a tradução completa em espanhol da mesma obra original. Isso ocorreu pela dificuldade em ter acesso a segunda parte da obra traduzida para o português.

As representações sociais, como tratadas desde os trabalhos de Moscovici, não emergem de uma reflexão idealizada e apartada da realidade social. Essa perspectiva é reiteradamente afirmada e debatida por Moscovici em seu trabalho fundador. As representações compartilhadas por uma coletividade emergem a partir de dinâmicas sociais concretas que fundamentam o discurso e dão, ao mesmo tempo, fundamento para a ação em um ciclo que se repete, uma vez que a ação também fundamenta as representações e as reelaboram. Há aqui um procedimento dialético entre ação e ideia dentro de um sistema que se assemelha muito às discussões sobre sistemas cibernéticos sobre os quais tratei anteriormente.

Se a cibernética trata seus *inputs* e *outputs* como processos regulares de autopoiese em um sistema (biológico, artificial, social...) onde a informação ou ação provoca uma resposta do sistema que a devolve também como informação, um paralelo aqui é possível. Os discursos estudados e refletidos aqui são a ponta de um processo dialético de produção, interpretação e transformação da realidade que é, ao mesmo tempo, resultado e ponto de partida para novos processos sociais, seja enquanto ação ou novas representações e discursos. As representações dão algum fundamento para a ação, mas são, ao mesmo tempo, fruto de pouca ou nenhuma reflexão nesse meio virtual, ora em foco devido ao seu perfil pouco aberto ao debate e formação de senso crítico. Nesse sentido, acabam se constituindo em uma resposta automática e praticamente irrefletida a uma dada situação nova que se apresenta dentro do sistema de socialização.

Denise Jodelet é a pesquisadora que assumiu a disciplina e a vaga de professor de Moscovici na França. Promoveu um longo trabalho de divulgação da teoria que se consolidou pela presença em colóquios, nas áreas de ciências sociais e psicologia. Nos anos 1990 e começo dos anos 2000, Jodelet participou de uma série de eventos na América Latina para dialogar com as produções em Teoria das Representações Sociais e aprofundar diálogos entre as atividades francesas nessa área e a pesquisas em outros países (JODELET, 2018).

Dentre os trabalhos de Jodelet, suas investigações sobre doenças (principalmente a loucura e a aids) e seu trabalho sobre a violência tem expandido as possibilidades de reflexão teórico-metodológicas das TRS em campos interdisciplinares (JODELET, 2019, 2018, 2006). Seus trabalhos agregam ainda desenvolvimentos importantes quanto aos conceitos utilizados pela TRS e suas aplicações em contextos variados. O Brasil tem sido um polo fértil na produção de pesquisas em representações sociais nestas áreas citadas e diversos autores e autoras tem contribuído para a definição do que chamamos de representações sociais e suas metodologias aplicadas.

A primeira característica destacada das representações sociais é sua natureza individual e coletiva. Pedrinho Guareschi (2000b) afirma que as representações são individuais porque necessitam ancorar-se na camada sociopsicológica dos indivíduos, em nossa mente, mas são também coletivas porque não pertencem a uma única pessoa, são compartilhadas entre indivíduos de uma mesmo grupo, parcelas da sociedade ou com toda ela com um “certo nível de generalização” (GUARESCHI, 2000b, p. 36).

As representações se sustentam nas mentes dos indivíduos, mas são compartilhadas e coletivizadas. Essa característica é fundamental porque articula, ao mesmo tempo, o individual (psicológico e subjetivo) com a dimensão coletiva (social e objetiva) das representações sociais. Poderia lançar mão aqui de múltiplos exemplos de como as representações ilustram formas particulares de generalização, mas opto por me manter dentro do escopo da pesquisa.

Os discursos políticos e populistas que acionaram representações sociais negativas sobre a covid-19 não teriam qualquer importância se não reverberassem em ideias latentes na sociedade. Esses discursos fundamentam a produção de hierarquias no interior do sistema social, pois são direcionados para grupos específicos e segmentados. Por óbvio, alguém que concorda com aquilo que é proferido ou mostrado receberá a mensagem e terá uma resposta diferente daquele que não concorda, mas a circulação da mensagem tem, desde sua origem, um caráter ambíguo e controverso. Não entrarei aqui na polêmica quanto à recepção dessas mensagens pelos públicos ou grupos às quais elas se destinam, mas tento compreender como essa mensagem entra em circulação e opera representações sociais consolidadas para a produção de seus efeitos.

Outras duas características das representações sociais derivam dessa ambivalência individual e coletiva das representações sociais. A primeira é o conceito de ancoragem, que se refere ao substrato linguístico e psicológico que traduz a representação social do individual ao coletivo. Por exemplo, em pesquisas sobre as representações sociais da aids diferentes palavras: medo, angústia ou insegurança são formas de traduzir a partir de sentimentos comuns o desconhecimento quanto a forma de tratamento e prevenção sobre a aids (CARDOSO; ARRUDA, 2005). As formas linguísticas que traduzem o desconhecimento sobre a aids se ancoram, portanto, na expressão de sentimentos comuns e nas sensações que esse desconhecimento provoca e aludem, ao mesmo tempo, a uma historicidade simbólica da aids que tem caráter social e compartilhado.

Ancoragem pode ser compreendida, portanto, como enraizamento da representação em uma rede de significados articulados e hierarquizados a partir de conhecimentos existentes. A

ancoragem tem um valor pragmático de traduzir a compreensão dos fatos do mundo social. As representações se enraízam no sistema de pensamento, se inscrevem dentro de um sistema de representações preexistente, tornam-se familiares, ao mesmo tempo em que transformam o conhecimento anterior. Assim o sistema de pensamento preexistente ainda predomina e serve como referência para os mecanismos de classificação, comparação e de categorização do novo objeto (BERTONI; GALINKIN, 2017; SÁ, 1998).

O segundo conceito das TRS abordado neste trabalho é a objetivação. A objetivação é o procedimento de descontextualização de uma representação social da totalidade que dá sentido inicial ao sistema. Essa retirada do contexto lança a representação social em outros contextos referenciais que vão formar o núcleo figurativo da representação social e do novo objeto de conhecimento. Nesse sentido, os elementos selecionados vão se confundir com a própria natureza/essência do objeto que está sendo pensado, observado e discutido (BERTONI; GALINKIN, 2017; SÁ, 1998).

O processo de objetivação é mais exteriorizado que os processos de ancoragem, mas, da mesma maneira, desafiadores quanto a sua descrição e análise. Utilizando o mesmo exemplo das pesquisas sobre aids é possível afirmar que a objetivação de representações sociais é o mecanismo de exteriorização das “opiniões comuns” sobre a doença e os doentes, ou seja, a retirada de contexto dos cuidados com a saúde e formas de prevenção e tratamento. As respostas repetiram em algum nível, os preconceitos historicamente associados a aids e uma ligação bem conhecida entre a doença e sentimentos negativos, sensações, emoções automáticas e pouco reflexivas (BERTONI; GALINKIN, 2017; SÁ, 1998).

Ambos os conceitos introduzem uma questão importante para as TRS que é a inclusão dos novos objetos do conhecimento. A ancoragem e a objetivação são conceitos que traduzem em termos analíticos como esses novos objetos estranhos à experiência são incluídos em um sistema simbólico pré-existent. Esse sistema fornece compreensões e conceitos anteriores ao surgimento do objeto, ancoram a realidade e transpõe as representações sociais sobre o objeto para contextos diferentes (BERTONI; GALINKIN, 2017).

2.5 TRS e os novos objetos de conhecimento

O objeto por excelência da TRS é o novo, o fato novo que, de formas ainda por serem estudadas, se integra ao ambiente cognitivo, simbólico, social e político comum da sociedade em geral ou de um grupo em específico (MOSCOVICI, 1978). Essa assimilação do novo se dá

pelo acesso às referências passadas que auxiliam o indivíduo e o grupo no tratamento do fato novo, na sua transformação em objeto familiar e o integram a uma rede de significados preexistentes.

O questionamento quanto à natureza das representações sociais se relaciona a sua importância presumida para a investigação científica. Problemas epistêmicos são enfrentadas por autoras e autores que deram continuidade às teorizações de Moscovici e retomá-las é necessário, entre outras razões, pela relação entre TRS e o conhecimento científico.

"Os objetos de pesquisa que deles se derivam são tipicamente uma elaboração do universo reificado da ciência. Os universos consensuais de pensamento são regidos pela lógica natural ou senso comum, nos quais a participação é livre. Já os universos reificados são regidos pela lógica científica, nos quais a participação é condicionada pelo nível de qualificação". (RÊSES, 2003, p. 195)

Sobre o conhecimento científico, reificação aqui deve ser pensada como autorreferência, produzida pelo exercício constante de revisão, reelaboração e circulação do conhecimento dentro dos limites do campo científico. Contudo, em casos em que o produto desse conhecimento se insere na vida cotidiana, o conhecimento não se limita à circulação dentro dos círculos científicos. O conhecimento derivado da ciência extrapola suas fronteiras para sociedade em geral, interage com imagens e práticas comuns.

Na obra de Moscovici, a psicanálise, ao adentrar o senso comum, é incluída em uma rede de símbolos preexistentes. Ainda comentando a obra, Rêses (2003) afirma:

"O que Moscovici quer expressar com a proposição - 'transformar algo não familiar em familiar' - é que, nas sociedades modernas, o novo é comumente gerado ou trazido à luz por meio dos universos reificados da ciência, da tecnologia ou das profissões especializadas. São novas descobertas ou teorias, invenções e desenvolvimentos técnicos, produções de fatos políticos e econômicos, inovações classificatórias e analíticas, e assim por diante. A exposição a esse novo é que introduz a não-familiaridade ou a estranheza na sociedade mais ampla". (RÊSES, 2003, p.195)

É preciso não apenas escapar de uma dualidade opositiva entre senso comum e conhecimento científico, mas entender que é o desenvolvimento do conhecimento científico e crítico que permite desvelar os mecanismos de reificação de representações do senso comum. A inclusão do novo nessa rede de significação social reorganiza nossas representações e afeta, como já dito, o próprio objeto representado e a rede de significação. As novas representações do senso comum são o trabalho sobre o qual se debruça a TRS, assim, esse novo sempre emerge acompanhado de símbolos conhecidos, atalhos da consciência para que a estranheza da vida não seja interpretada como sobrenatural e mate a todos de terror existencial.

Adotando uma perspectiva metodológica, Luci Mara Bertoni e Ana Lúcia Galinkin (2017), lendo Moscovici, afirmam:

"[...] para estudar uma representação, é preciso descobrir o momento em que ela emerge na esfera social. Tal advertência se estende para a retomada dos métodos de observação que, segundo ele, parecem estar esquecidos por terem sido substituídos por outros, os quais ele não despreza, mas lamenta que a observação tenha sido considerada por alguns pesquisadores como algo que foge ao rigor científico". (BERTONI; GALINKIN, 2017, p. 107)

Os métodos de observação se aproximam de alguma perspectiva etnográfica nesse contexto, mas não podem ser tomados como exatamente idênticos. Ainda que outros métodos (questionários, entrevistas, coletas de dados longitudinais) sejam também indicados para o desvelamento das representações sociais operadas no campo social, o objeto novo emerge transfigurado e simbolicamente representado dentro de condições normais de “temperatura e pressão” do social. Retomando uma certa ideia de normalidade, essas transfigurações do real se expressam em ambientes onde a relação entre representações, objetos representados e ações ou discursos esperados a partir delas podem ser depreendidos até certo ponto pela mera observação direta dos fenômenos. É possível apontar como exemplo a pesquisa de Jodelet (2006) sobre a loucura e sua etnografia como método de observação direta do povoado que estava estudando ou a pesquisa de Moscovici (1978, 1979) quando lança mão de diferentes métodos para compreender as representações sociais da psicanálise na sociedade francesa.

Evidente que há um desenvolvimento dos métodos, expansões das perspectivas analíticas que tentam compreender novos métodos e caminhos a serem seguidos nas investigações. Da mesma forma, e pela vocação interdisciplinar das TRS, há uma abertura para o diálogo com outros campos do conhecimento como a linguística e a comunicação com as análises do discurso ou as coletas de dados longitudinais muito usado na ciência política e na área da saúde.

Esta pesquisa estabelece diálogo com a produção clássica (pré-digital) da TRS, mas entende que o ambiente no qual se deu a observação e sobre o qual se debruça, o ambiente virtual, é um desafio contemporâneo. Letícia Casarino (2022) argumenta, com bastante acúmulo sobre pesquisas no ambiente virtual, que uma netnografia não pode ser subsumida à uma etnografia feita na “net”. A internet como ambiente de mediação não se confunde com o real, mas o conforma e o deforma para audiências segmentadas. Essa característica própria das interações online torna impossível um processo de observação direta dos mecanismos de sociabilidade nesse ambiente, pelo contrário, essa observação sempre será indireta, muito mais pelas respostas e reações (comentários e curtidas) do que por produções dialógicas.

Resiste ainda uma questão quanto a conexão entre representações sociais e ideologia. Para classificar como o consenso social amplo é elaborado, Rêses (2003) afirma que é regido por uma “lógica natural” onde a participação na construção dessa forma de conhecimento seria livre. Essas são questões que introduzem muito fortemente o tema da ideologia. Compreendendo que o senso comum sofre múltiplas interferências para sua constituição, sendo a principal as estruturas ideológicas que atuam com disposição negativa na produção de leituras da realidade. Já discuti um pouco como a construção de imagens mentais e socialmente compartilhadas é uma produção ideológica, mas a TRS tem um acúmulo que acredito importante para a construção dos objetos de pesquisa aqui discutidos e sua análise.

2.6 TRS e ideologia

Os consensos que dão origem às representações sociais são sempre provisórios e encaixados em estruturas que convivem (de forma negociada ou forçada) com o dissenso. Sobre a lógica, esta não pode ser referida como natural, mas, como argumentado antes, produto da consciência humana, derivativa de relações estabelecidas em esquemas de organização social anterior aos processos de individuação. Entretanto, em ambientes fragmentados, as representações que mantêm coesas o castelo dos processos sociais e simbólicos também está sujeito a forças antiestruturais que suspeitam e questionam a produção de consensos (CESARINO, 2022). O que o acúmulo da TRS nos aponta é que a matéria prima dessas suspeitas antiestruturais, do questionamento dos consensos e, por fim, da própria luta pela eliminação das institucionalidades e grupos vistos como inimigos, não é estranha à própria estrutura do castelo social e simbólico que o conforma.

Se o consenso engloba o dissenso e a lógica da organização do senso comum é sobredeterminada, adentramos uma discussão sobre os regimes de intelegibilidade subjetiva e social daqueles que não aceitam os termos de produção do consenso (movimentos sociais, excluídos, grupos políticos etc.) ou sobre quem tem acesso às lógicas de organização do senso comum (essa questão muito mais complexa e que tem relação com os aparatos de produção do consenso como as mídias, instituições públicas e privadas etc.), a liberdade de interferir sobre as representações aqui é sempre testada contra essas limitações.

Essas ressalvas precisam ser feitas porque impactam diretamente na configuração como a TRS foi apropriada por uma diversidade de autoras e autores que enfocaram diferentes elementos dessa discussão. Em breve síntese, os universos consensuais também englobam o

dissenso, ou seja, a lógica que rege o senso comum não é natural, mas condicionada e a participação na construção do senso comum não é livre, mas estritamente determinada pelo seu tempo histórico e condições materiais de vida e, em última instância, seus aprisionamentos ideológicos. Partimos das vidas realmente vividas, sua produção e realidade para expor seus processos ideológicos (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

Aquilo que vemos nas representações é o fundamento da ação de uma circulação dialética entre a materialidade da vida e os processos de simbolização. É correto que Marx utilizou mais de um conceito de ideologia ao longo de sua vasta produção e não pretendo adentrar suas particularidades em cada período, mas utilizá-lo mais próximo de sua proposta na obra citada. Nestes textos, Marx e Engels (2007) desconstruem o conceito de ideologia como mero resultado de um conjunto de ideias e vincula sua produção às formas materiais de reprodução da vida ligadas ao domínio de classe. O adjetivo “alemã” de seu objeto de investigação não é por acaso, mas uma constatação de que os processos ideológicos fazem emergir, das contradições de classe da sociedade alemã, uma “consciência” nacional unificadora que engloba e naturaliza essas contradições em nome de ideais nacionalistas e patrióticos como “espírito do povo alemão”, por exemplo.

Nesse sentido proponho duas reflexões que ainda precisam ser aprofundadas: do que se está falando quando se fala em teoria representacional e como o desenvolvimento da teoria foi trabalhado na história da TRS. Há uma presença de teorias representacionais ao longo da história do pensamento filosófico e social. Nas ciências sociais, como aponta Erlando Rêses (2003), os autores considerados clássicos na sociologia já trazem reflexões sobre a relação entre representações, sociabilidade, ação social e ideologia. Essas relações se estabelecem como produtos de uma dialética entre o social e cognitivo ou, em outras palavras, o pensamento e a ação dos indivíduos e grupos frente às necessidades da socialização.

O autor argumenta, dialogando com Simmel, que as representações fundamentam ações recíprocas entre indivíduos e grupos e que “eles objetivam passar de um nível molecular para um nível molar” (RÊSES, 2003, p. 189). O nível molecular seria o nível das relações interpessoais imediatas, mas o conjunto dessas relações imediatas produziria, na visão do comentador, um redimensionamento institucional das representações que participaria de toda a “movimentação” da sociedade. Instituições aqui sendo entendidas como produtoras de regras sociais (família, igreja, escola, fábrica etc.). Ao passo de que, em seus comentários sobre Marx e Durkheim, as representações são entendidas como coletivas e vinculadas às práticas sociais.

"Para Marx, as representações estão vinculadas à prática social. Junto com Durkheim, ele mostra a anterioridade da vida social em relação às

representações [...] para a Marx a consciência emana das relações sociais contraditórias entre as classes e pode ser captada empiricamente como produto da base material, nos 'indivíduos determinados, sob condições determinadas'. Ele sustenta que a manifestação da consciência se faz por meio da linguagem e realiza um paralelo entre as duas e entre as representações e o real invertido, mostrando como as ideias estão comprometidas com as condições de classe". (RÊSES, 2003, p. 190)

A coletivização e anterioridade das representações são características compartilhadas pelos dois clássicos, com um acréscimo importante da parte de Marx, lembrada pelo comentador. A consciência se expressa pela via da linguagem na produção de imagens e conceitos produzidos por condições materiais determinadas. Há um paralelo entre consciência/linguagem e real/representações, ou seja, se pela linguagem podemos ter acesso a partes da consciência, pelas representações é possível ter acesso a aspectos do real. Ainda sobre essa aproximação.

“Em Marx [a representação], recebe uma acepção original enquanto ilusão, ‘sistematização distorcida e mistificação da realidade’, mas agindo como força material objetiva. Essa concepção inspirou as chamadas ‘teorias da suspeita’, alguns a considerando seja como forma de ignorância, seja como forma de legitimação, de justificação das práticas ou ainda como meio de acesso à ideologia, instância inapreensível”. (JODELET, 2018, p. 427)

A interpretação da autora é interessante por abrir espaço para que diferentes apropriações da TRS sejam utilizadas na investigação e na interpretação de variados objetos sem, contudo, que subsistam contradições irreconciliáveis entre elas. Ainda é necessário o confronto da teoria com a pesquisa e suas conclusões, mas já é possível afirmar que essas representações podem ser fruto de mistificação da realidade, distorções, fundamento da ação ou acesso há parâmetros ideológicos dominantes. Todas essas questões são, no início da pesquisa, enfrentadas como possibilidades emergentes simultâneas no universo da investigação.

Esses conceitos dão conta de explicitar a presença de formas de representar a realidade que atravessam contextos, tempos históricos e se articulam com os discursos, ideias e práticas de sujeitos, grupos e instituições. Adiciona-se a isso o que, desde Marx, é o papel das ideologias como condicionantes das representações sociais: a produção de hierarquias. Já abordei algo sobre a produção de hierarquias, mas aqui é necessário discutir o papel das representações sociais na produção dos discursos sobre a diferença.

“RS e Ideologia, tomando-se ideologia como um conjunto de formas simbólicas que servem para criar, ou reproduzir, relações assimétricas, desiguais, de dominação. A diferença entre as acepções está no fato de as RS não carregarem, necessariamente, uma dimensão negativa ou pejorativa. Apesar de poderem ter tal conotação e de, talvez, na maioria das vezes, poder-

se descobrir, implícita numa representação social, modos e estratégias de criação ou reprodução de relações assimétricas”. (GUARESCHI, 2000b, p.43)

O autor afirma que as representações sociais não carregam obrigatoriamente uma dimensão negativa e pejorativa. Mas, ao mesmo tempo, quase sempre podemos identificar, nas entrelinhas ou no afastamento da névoa ideológica a criação e reprodução de assimetrias sociais. Abordei rapidamente o exemplo das pesquisas sobre hiv/aids antes porque o exemplo ilustra como o tema produz atravessamentos em diferentes contextos sociais. Seguindo o raciocínio, representações sociais não podem ser confundidas com operativos ideológicos. Pedrinho Guareschi (2000b) ilumina:

“[...] ele [o conceito de ideologia] ainda desempenha um papel definitivo e indispensável, principalmente para se compreender as dimensões éticas, valorativas e críticas, na esperança da emancipação dos seres humanos de condições de vida humilhantes. É nossa percepção que a dimensão valorativa, ética, jamais pode ser separada das ações e por isso, de uma maneira ou outra, ela está presente tanto no processo de construção da RS (representações sociais), como em sua estrutura. Perder a dimensão de não-neutralidade dos processos e representações, é empobrecer e mistificar tanto a uns como outros” (GUARESCHI, 2000b, p. 45)

A produção de representações sociais não pode ser resumida como operativo ideológico, mas, em sentido contrário, não pode ser interpretada como simbolização neutra da realidade. Há interesses em conflito, em disputa e em alianças transitórias para a produção e sedimentação das representações. O tema da ideologia aponta para como a produção de representações é, ao mesmo tempo, resultado e matéria prima das relações estabelecidas entre indivíduos, grupos e instituições. Suas consequências são variadas para o corpo social, podem servir a finalidades de opressão e mascaramento da realidade, entretanto, também podem servir a formas de emancipação por meio da ação política organizada.

"Este modelo pressupõe que o entrelaçamento entre elementos do privado, do social e do coletivo não corresponde a um simples amálgama, mas a uma estratificação. Isso leva a pensar uma organização do sistema de representação de um determinado objeto como um série de estratos, alguns dos quais - atravessando o conjunto do corpo social, como a ideologia, os modelos culturais, ou aqueles transmitidos pela comunicação social, em particular as mídias - apresentam um caráter mais estável e servem como suporte de inferência para produções situadas em um tempo e em um espaço definidos por sujeitos inscritos em um contexto em que entra em jogo as imposições de seu pertencimento social e cultural, e os aportes de suas interações com o que está ao redor". (JODELET, 2018, p. 436)

Jodelet (2018) desenvolve o argumento da estratificação do modelo representacional a partir de duas chaves de entendimento: os estratos que atravessam todo o corpo social, de caráter

estável e que comporão os sistemas de representação gerais compartilhados e a inscrição desses estratos mais gerais como suporte (ancoramento) para produções mais situadas e contextuais onde as contradições e desigualdades podem ser identificadas.

2.7 Twitter/X

Na epígrafe desse trabalho utilizei um trecho de *O Inferno de Dante*. Dante viajava pelo inferno com o poeta romano Virgílio, que faz as vezes de seu guia, quando chegam na beira de um rio lamacento. O guia diz a Dante que aquele rio se chama Estige e é a parte do inferno onde são punidos os irados, raivosos ou que não puderam demonstrar sua ira e, nas profundezas da água, apenas falam, reclamam e amaldiçoam aqueles que apontam como culpados pelos seus infortúnios. Os irados, aqueles que tomam ações raivosas ou apenas reclamam e lançam impropérios, me pareceu uma metáfora literária sobre os discursos que encontro diariamente no meu uso do Twitter/X. Virgílio diz, ao final da citação, que, na fala daquelas almas, o “verbo não se integra”, salvo melhor interpretação, entendo que a citação quer dizer que as palavras ditas por aquelas almas condenadas não se materializam no mundo, são palavras vazias, lançadas ao vento com fúria e ressentimento.

Minha entrada no Twitter/X como usuário, em 2019, se deu por insistência de um amigo. Segundo ele: “tu não tens Twitter, tá perdendo muita coisa”. De fato, a velocidade com que as informações circulam nessa rede social é maior, e mais difícil de ser controlada e compreendida em sua totalidade, do que outras redes sociais. Após fazer cadastro e *login*, assumindo e concordando com termos de uso e condições jamais lidos, você é direcionado para uma página de interesses tagueados (temas reunidos sob a forma de *tags*). Essas *tags* variam em termos que abrangem âmbitos da cultura (música pop, arte plásticas, dança, culinária etc.), hábitos (viagens, animais de estimação, aventuras) e eixos comunicacionais como política, celebridades, esportes etc. O usuário é convidado a clicar nas *tags* de interesse e oferece para o algoritmo um primeiro conjunto de informações. O algoritmo do Twitter/X organiza nossa primeira experiência com o *feed*, ou *timeline*, com estas informações dadas de antemão por nós mesmos¹⁰.

¹⁰ A palavra *tag* é uma redução da palavra derivada da língua inglesa *target* (“alvo”, em português). A *tag* indica os alvos de interesse de uma postagem ou, no caso do exemplo, do próprio usuário, tem função semelhante às palavras-chave. A palavra *login* é uma junção das palavras derivadas da língua inglesa *log-* (registro) e *-in* (dentro), em informática indica o acesso a uma área restrita. As traduções literais da língua inglesa de *feed* (alimentar) e *timeline* (linha do tempo) indicam aquilo que alimenta o usuário de informações e a própria linha do tempo para o acompanhamento de postagens.

O *layout* da rede passou por algumas mudanças ao longo do tempo, mas nenhuma que alterasse substancialmente sua utilização, sua estrutura básica de apresentação se manteve e faz parte de sua identidade visual. A primeira página da rede tem o *feed* centralizado, os tweets visualizados podem ser escolhidos a partir dos mais recentes ou dos mais importantes. Sendo assim, por um critério de relevância, os mais antigos ou menos importantes ficam mais abaixo na *timeline*. A diferença de *layout* significativa se dá na aparência da rede no computador e nos smartphones, como mostram as figuras 3 e 4¹¹.

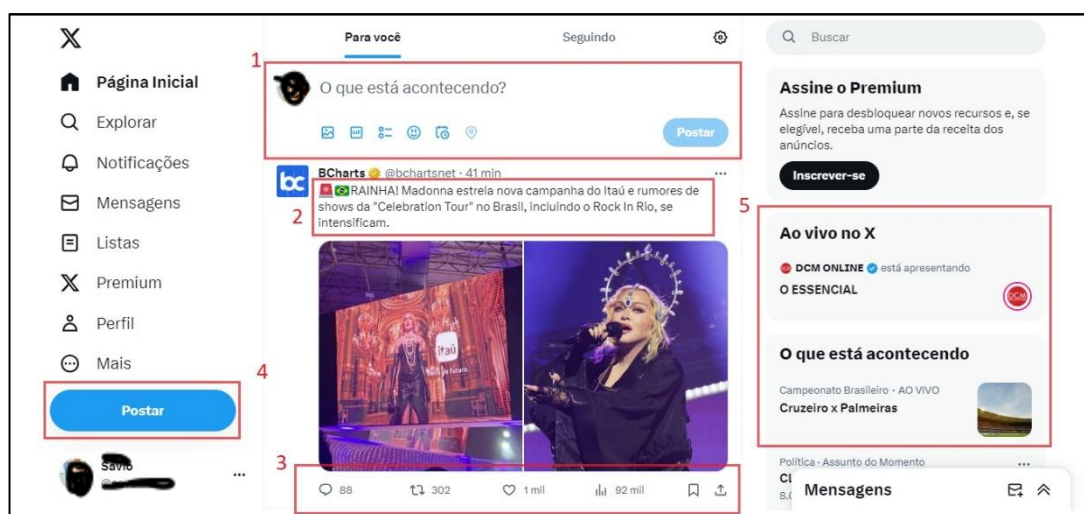


Figura 3 – Produção própria

¹¹ A palavra *layout* também deriva do inglês e é utilizada em contexto de indicação de um desenho, organização, estrutura quando aplicado ao design.



Figura 4 – Produção própria

O computador apresenta uma tela mais poluída, com propagandas da própria rede (Figura 3, indicação 5) e com diversas opções e funcionalidades expostas na tela ao mesmo tempo (publicar, explorar, notificações, mensagens, listas etc.). Em contrapartida, a tela nos *smartphones* focaliza a experiência nos elementos mais importantes e efetivamente buscados pelo usuário comum: os tuitos escritos e compartilhados na rede. Todos os outros elementos ficam ocultos e são destacadas as mensagens (Figura 4, indicação 1) e eventuais elementos que as acompanhem (Figura 4, indicação 2).

A diferença de design se dá pela adaptação desta rede social ao *layout* estrutural dos smartphones (telas muito menores e *touchscreen*), mas também pela diferença de público que utiliza as ferramentas. Enquanto pesquisador, seria impossível extrair as informações e construir os dados necessários para esta pesquisa utilizando apenas o smartfone. O que faz pensar que o *layout* no computador foi pensado para dar mais agilidade para quem efetivamente trabalha com o Twitter/X, em contrapartida, a estrutura do *smartphone* foi pensada para a experiência de seu público-alvo consumidor.

A indicação 3, idêntica em ambas as imagens, mostra o número de interações (curtidas, comentários e compartilhamentos) e alcance das postagens. Foi deste campo que extraí as informações que utilizei na produção dos quadros e gráficos analisados nos capítulos posteriores. Além disso, é importante aludir ao fato de que esta coleta de dados teve que ser feita à mão, abrindo uma mensagem de cada vez e extraindo os números e interações uma por vez.

O Twitter/X tem um projeto para desenvolvedores que pode ser requerido por qualquer pessoa que deseje trabalhar com os dados da rede, pesquisar ou utilizar para fins educacionais. Contudo, quando efetuei meu pedido para mudança e nomeação do meu perfil como desenvolvedor, fui rejeitado sem possibilidade de recorrer da decisão. Mesmo não podendo utilizar os programas oferecidos pela plataforma, dei continuidade à pesquisa da maneira que pude e acredito que isto não prejudicou partes importantes da análise.

2.8 Descrição dos dados obtidos no Twitter/X

No Twitter/X são os twittes, mensagens curtas, a principal ferramenta de compartilhamento de ideias, mídias (audiovisual) e memes. Logo, meu procedimento de produção de dados foi extrair as mensagens das páginas de microblog que interessavam à análise procedida aqui. Coletei twittes de março de 2020 até março de 2022, selecionados a partir da presença de palavras-chaves: "cloroquina", "hidroxicloroquina", "gripezinha", "covid-19", "coronavirus", "cpi", "hiv", "aids", "COVID19", "HCQ", "CPI", "ivermectina", "covid", "nitazoxanida", "tratamento precoce", "vírus" e "STF". Essas palavras foram colocadas no sistema de pesquisa avançada da rede e circulam ao redor dos temas tratados aqui.

Duas ressalvas precisam ser feitas. A pesquisa avançada feita dessa forma não entrega 100% dos resultados de twittes que citaram essas palavras, mas aqueles twittes que tiveram mais atenção, engajamento ou reações. Essa determinação dos twittes que aparecem ou não é produzida pelo trabalho dos algoritmos da plataforma. O que eu efetivamente fiz foi coletar os twittes que apareceram, a partir dessas palavras-chaves, e que vinham do perfil @jairbolsonaro.

Os números de interações, apesar de altos, não têm muita relevância para o tipo de pesquisa proposto aqui. A análise dos discursos contidos nas mensagens, que é o foco aqui por fazerem emergir as representações sociais neles contidas, exige a leitura de cada mensagem e sua colocação em contexto com os acontecimentos do período. Apenas a título de exemplo, a

Tabela 3 mostra a quantidade de interações nos twittes selecionados da página @jairbolsonaro no Twitter/X.

Tabela 4 - Número de interações nos tweets do perfil @jairbolsonaro - março de 2020 até março de 2022 (400 tweets)	
Nº Curtidas	6.504.806
Nº Retweets	1.315.512
Nº Comentários	497.824

É possível observar um padrão que vai se repetir em todos os outros conjuntos de twittes. Os números de curtidas são sempre maiores que os números de retweets que, por sua vez, são sempre maiores que os números de comentários nas postagens. Como visto a partir do *layout* de apresentação das páginas iniciais do Twitter/X e das ferramentas disponibilizadas para interação, a “curtida” como forma de endosso a uma ideia é a atitude mais rápida e direta que pode ser executada pelo usuário.

Não pretendo detalhar aqui o teor das mensagens e as representações sociais nelas presentes, que serão discutidas nos capítulos posteriores, mas explicar como procedi sua organização. Depois de coletadas, organizei as mensagens a partir de duas chaves analíticas. A primeira chave se refere ao grau de antagonismo expresso na mensagem, dividido em três graus: mensagens do tipo 1, apenas informativas ou não expressando oposições evidentes; mensagens de tipo 2, expressando oposições genéricas às ideias ou outro elemento de caráter ideológico; e as mensagens de tipo 3, estas expressando antagonismos evidentes com as ideias defendidas pela mensagem e citando os agentes sociais ou políticos antagonizados.

A segunda chave analítica tem relação com os conteúdos das mensagens e foi dividido em três grupos: referências à medicina e áreas biomédicas; associação aos militares, forças armadas ou elementos discursivos associados à segurança pública; por fim, referências à área econômica e trabalho. Não pretendo me ater a todos os elementos presentes nestes três campos, mas o objetivo é mostrar o extenso universo simbólico no qual o tema da covid-19 transitou sob o governo de Jair Bolsonaro, confirmando a covid-19 como um fato social total também no Brasil.

Tabela 5 – Twittes selecionados da página @jairbolsonaro, primeiro semestre de 2020

Data	Perfil	Mensagem	Nº de Ret.	Nº de Curt.	Nº de Coment.
20200325	jairbolsonaro	o tratamento da covid-19 a base de hidroxiclороquina e azitromicina tem se mostrado eficaz nos pacientes ora em tratamento nos próximos dias tais resultados poderão ser apresentados ao público trazendo o necessário ambiente de tranquilidade e serenidade ao brasil e ao mundo	11100	2282	66500
20200325	jairbolsonaro	por outro lado chega ao brasil o teste de imunocromatografia (igG/IgM) no qual o cidadão fica sabendo se já foi contaminado e curado esses imunizados poderiam circular livremente com mais tranquilidade como por exemplo profissionais de saude segurança transporte e etc	5778	2441	33100
20200325	jairbolsonaro	é mais fácil fazer demagogia diante de uma população assustada do que falar a verdade isso custa popularidade não estou preocupado com isso aproveitar-se do medo das pessoas para fazer política num momento como esse é coisa de covarde a demagogia acelera o caos	20100	21000	94300
20200325	jairbolsonaro	se estivesse pensando em mim lavaria as mãos e jogaria para a platéia como fazem uns penso no povo que logo enfrentará um mal ainda maior do que o vírus se tudo seguir parado não condenarei o povo à miséria p/ receber elogio da mídia ou de quem até ontem assaltava o país	5447	1824	25300
20200325	jairbolsonaro	quase 40 milhões de trabalhadores autônomos já sentem as consequências de um brasil parado sem produzir as empresas não terão como pagar salários servidores deixarão de receber não tem como desassociar emprego de saúde chega de demagogia não saúde na miséria	5216	2263	22700

20200325	jairbolsonaro	não queremos descaso com a questão da covid-19 apenas buscamos a dose adequada para combater esse mal sem causar um ainda maior se todos colaborarem poderemos cuidar e proteger os idosos e demais grupos de risco manter os cuidados diários de prevenção e o país funcionando	6256	533	43100
20200325	jairbolsonaro	com muita serenidade juntos podemos vencer essa batalha	5979	4717	42700
20200326	jairbolsonaro	com o objetivo de facilitar o combate ao coronavírus zeramos o imposto de importação da cloroquina e da azitromicina para uso exclusivo de hospitais em pacientes em estado crítico essa redução também se estende a outros produtos e vai fazer toda a diferença em nossa luta	8728	994	57700
20200326	jairbolsonaro	também suspendemos temporariamente os direitos antidumping para importações de seringas descartáveis e tubos para coleta de sangue assim poderemos adquirir esses equipamentos essenciais por preços menores e deixá-los acessíveis para a população mais vulnerável	3905	1035	27000
20200327	jairbolsonaro	cada vez mais a hidroxicloroquina demonstra ser um remédio eficaz contra a covid-19	9416	4083	40500
20200327	jairbolsonaro	ontem 26 de março a anvisa_oficial liberou a licença para a pesquisa com a hidroxicloroquina no hospital israelita albert einstein o objetivo é que pacientes em breve se beneficiem desse tratamento para a covid-19	6009	436	38800
20200327	jairbolsonaro	temos informações precisas que a cloroquina tem sido usada pelo brasil com uma grande taxa de sucesso o remédio existe apenas se aguardavam as formalidades para seu uso legal nossos parabens a anvisa_oficial pela presteza na liberação do registro	4227	1419	26000
20200329	jairbolsonaro	a hidroxicloroquina cada vez mais demonstra sua eficácia em portadores do covid-19 tenho recebido relatos de todo o brasil nesse sentido preservar vidas e empregos	9901	5821	39800

20200329	jairbolsonaro	cúpula extraordinária do G-20 declaração sobre o covid-19 proteger vidas trabalho diário exposto em nossa timeline salvaguardar os empregos restaurar a confiança minimizar interrupções no comércio	8256	5335	37100
20200330	jairbolsonaro	laboratórios químicos das forças armadas ampliam produção de cloroquina laboratório farmacêutico da marmilbr laboratório químico farmacêutico do exercitooficial e laboratório químico farmacêutico da faboficial todos localizados no rio de janeiro (rj)	6955	473	38700
20200330	jairbolsonaro	as ações conjuntas do Defesa GovBr permitirão acelerar a produção de forma que sejam concluídos dois lotes por semana o que representa cerca de 500 mil comprimidos detalhes	2679	819	15600
20200401	jairbolsonaro	nesta manhã tive contato telefônico com o presidente dos eua realDonaldTrump trocamos informações sobre o impacto do covid-19 bem como experiências no uso da hidroxiclороquina na oportunidade reafirmamos a solidariedade mútua entre os dois países com ernestofaraujo	5702	3691	31000
20200401	jairbolsonaro	sancionei o projeto que prevê auxílio emergencial de 600 mês p trabalhadores informais autônomos microempreendedores individuais e outros afetados pelos efeitos da pandemia de covid-19 por 3 meses benefício atende até 2 membros da mesma família podendo chegar a 1200	5161	500	35700
20200401	jairbolsonaro	para viabilizar o pagamento de auxílio editamos ainda medida provisória que cria crédito extraordinário de 90 bilhões respeitando os princípios de responsabilidade fiscal serão mais 54 milhões de brasileiros assistidos	2506	552	16800
20200404	jairbolsonaro	medicamentos entre outros que tiveram todos os seus impostos zerados pelo governo federal hidroxiclороquina azitromicina outros que serão zerados nos próximos dias zinco e vitamina d todos usados no tratamento de pacientes portadores da covid-19	8967	4091	45600

20200407	jairbolsonaro	imunologista/oncologista nise yamaguchi e o uso da hidroxicloroquina no tratamento do covid-19	12700	1176	50700
20200408	jairbolsonaro	há 40 dias venho falando do uso da hidroxicloroquina no tratamento do covid-19 sempre busquei tratar a vida das pessoas em 1º lugar mas também se preocupando em preservar empregos fiz ao longo desse tempo contato com dezenas médicos e chefes de estado de outros países	11500	1670	61300
20200408	jairbolsonaro	cada vez mais o uso da cloroquina se apresenta como algo eficaz dois renomados médicos no brasil se recusam a divulgar o que os curou da covid-19 seriam questões políticas já que um pertence a equipe do governos de SP	5988	1795	35800
20200408	jairbolsonaro	acredito que eles falem brevemente, pois esse segredo não combina com o juramento de hipócrates que fizeram que deus ilumine esse dois profissionais de modo que revelem para o mundo que existe um promissor remédio no brasil	5506	2301	34800
20200408	jairbolsonaro	para amenizar os prejuízos causados pelo covid-19 concederemos por 3 meses isenção de pagamento de energia para mais de 9 milhões de famílias humildes não estamos medindo esforços para proteger nossa nação e garantir que nenhum brasileiro fique para trás nessa luta	10900	5100	67300
20200424	jairbolsonaro	nesta manhã em ligação telefônica com o presidente da china xi Jinping reafirmamos nosso laços de amizade troca de informações e ações sobre o covid-19 e ampliação de nossos laços comerciais tereza cristina ernesto faraujo rsalles mma	3814	3248	25200
20200515	jairbolsonaro	a polícia federal iniciou ações no RJ PA e outros estados no combate à corrupção de recursos aplicados neste período de covid-19	6767	588	39200
20200515	jairbolsonaro	o governo do brasil como mostrado em publicações anteriores destina sua atenção à moradores de rua e comunidades isoladas e afetadas diretamente com a interrupção do	1259	168	7409

		comércio local em estados e municípios			
20200515	jairbolsonaro	liberados inicialmente 32 milhões de testes que estão sendo distribuídos em todo brasil de acordo com a percepção local de maior necessidade mais iniciativas para a realização destes estão sendo tomadas	1217	144	6893
20200515	jairbolsonaro	3 4 milhões de unidades de hidroxiclороquina enviadas para todo brasil lamentavelmente alguns estados tem recusado tais procedimentos desenvolve-se maneiras de maior ampliação na produção e compra de medicamento hoje utilizado em todo mundo	2020	539	8352
20200515	jairbolsonaro	programa de manutenção emprego e da renda atinge cerca de 36 2 milhões de pessoas o brasileiro quer trabalhar para manter sua dignidade e colocar a comida na mesa de sua casa para sua família MinEconomia	1195	106	6493
20200515	jairbolsonaro	extinção de tributos diminuição de juros e negociações de dívidas são mais atitudes tomadas pelo govbr para garantir o mínimo de respiro ao brasileiro sufocado por restrições muitas vezes injustificáveis	1485	250	8334
20200515	jairbolsonaro	neste momento o governo federal investe duas vezes mais em saúde que a maioria dos países emergentes e proporcionalmente e mais que grande parte dos países ricos do mundo ministeriodaeconomia	2459	702	16800
20200515	jairbolsonaro	estas e inúmeras outras medidas são publicadas diariamente desde o início em nossas redes sociais para maiores detalhes e informações basta acessar as informações anteriores e redes sociais do govbr	2068	1688	15300
20200518	jairbolsonaro	o governo federal zera impostos sobre medicamentos em teste para covid-19 a isenção da alíquota do imposto de importação versa sobre mais de 100 medicamentos como antirretrovirais e antivirais a fim de facilitar leques de estudos no combate ao vírus detalhes MinEconomia	6421	386	38000

20200520	jairbolsonaro	dias difíceis lamentamos os que nos deixaram hoje teremos novo protocolo sobre a cloroquina pelo minsaude uma esperança como relatado por muitos que a usaram que deus abençoe o nosso brasil	7822	6879	39700
20200520	jairbolsonaro	o minsaude divulga orientações para tratameto da covid-19 onde a cloroquina pode ser ministrada em casos leves com recomendação médica e autorização do próprio paciente família	8301	5715	42900
20200606	jairbolsonaro	o minsaude adequou a divulgação dos dados sobre casos e mortes relacionados ao covid-19 ao longo do enfrentamento da doença a coleta de informações evoluiu com capacitação e serviços laboratoriais as medidas assim permitem obter dados mais precisos sobre cada região	4748	409	30700
20200606	jairbolsonaro	a divulgação dos dados de 24 horas permite acompanhar a realidade do país neste momento e definir estratégias adequadas para o atendimento a população a curva de casos mostram as situações como os cenários mais críticos as reversões de quadros e a necessidade para preparação	1022	299	6207
20200606	jairbolsonaro	ao acumular dados além de não indicar que a maior parcela já não está com a doença não retratam o momento do país outras ações estão em curso para melhorar a notificação dos casos e confirmação diagnóstica	1093	248	6302
20200606	jairbolsonaro	as rotinas e fluxos estão sendo adequadas para garantir a melhor extração dos dados diários o que implica em aguardar os relatórios estaduais e checagem de dados	1136	158	8231
20200606	jairbolsonaro	para evitar subnotificação e inconsistências o minsaude optou pela divulgação às 22h o que permite passar por esse processo completo a divulgação entre 17h e 19h ainda havia risco subnotificação os fluxos estão sendo padronizados e adequados para a melhor precisão	2445	1420	18300

20200608	jairbolsonaro	após pedirem desculpas pela hidroxiclороquina agora a OMS conclui que pacientes assintomáticos a grande maioria não tem potencial de infectar outras pessoas milhões ficaram trancados em casa perderam seus empregos afetaram negativamente a economia	17600	5286	71500
20200619	jairbolsonaro	o STF determinou que as ações diretas em relação ao covid-19 são de responsabilidade de estados e municípios mesmo assim o govbr não tem medido esforços no auxílio dos brasileiros desde o início lamentavelmente estes fatos não são mostrados na maior parte da mídia	9948	857	40300
20200629	jairbolsonaro	mais ações do govbr em prol dos brasileiros na última semana mais detalhes expostos diariamente em nossas redes sociais o brasil não pode parar 8187 milhões para fortalecimento da rede socioassistencial dos estados e municípios DHumanosBrasil	4316	2323	24800
20200629	jairbolsonaro	495 milhões para empresas que atuam na área da superintendência do desenvolvimento do nordeste MinEconomia medida do BancoCentralBR estima liberar até 55 bilhões para pequenas empresas 12 mil empreendedores atndidos pela linha emergencial do bndes	743	135	3445
20200629	jairbolsonaro	90 bilhões do auxílio emergencial já creditados 64 1 milhões de brasileiros beneficiados muito mais que um programa bolsa família em menos de 3 meses de criado MinCidadania Caixa começou a pagar a 3º parcela do auxílio emergencial no sábado	715	98	3240
20200629	jairbolsonaro	número de recuperados supera os 697500 brasileiros minsaude 4523 respiradores entregues em todas as regiões do país MinInfraestrutura 251 4 milhões para reforçar centros de atendimento em 767 municípios 8940 leitos exclusivos para covid-19 habilitados	748	14	3389

Todas as mensagens replicadas aqui estão exatamente como foram escritas e publicadas na plataforma Twitter/X, não houve qualquer mudança no texto. As mensagens do primeiro semestre de 2020 mostram uma presença forte do discurso biomédico a partir da abordagem de temas como a hidroxicloroquina e azitromicina. Essas medicações, posteriormente comprovadas como totalmente ineficazes para o tratamento da covid-19 (TANNI *et al.*, 2021), emergem no discurso fundidas a considerações sobre a economia e a livre circulação. São muitas as mensagens afirmando que a hidroxicloroquina tinha eficácia para o tratamento de covid-19.

A hidroxicloroquina também é associada de forma estrita às atividades das forças armadas, de produção e distribuição dos remédios adotados como tratamento. As mensagens afirmam que foram eliminados os impostos de importação, além da hidroxicloroquina foram zerados os impostos de ivermectina, azitromicina, vitamina D e zinco. Medicações que ou foram totalmente descartadas como eficazes para tratamento ou que careciam de qualquer embasamento científico consistente. Dia 7 de abril de 2020 é divulgado um vídeo da médica oncologista Nise Yamaguchi defendendo o uso da hidroxicloroquina como tratamento para a covid-19.

Retomo as considerações sobre linguagem e processos necrobiopolíticos no sentido de entender e articular as mensagens do bolsonarismo dentro de um quadro mais amplo. As mensagens dão pistas sobre o tipo de questionamento e pragmática adotada pelo governo naquele período (questões aprofundadas nos capítulos posteriores). Estas mensagens já articulam quatro elementos da escatologia bolsonarista que povoaram as circunstâncias sociopolíticas da pandemia: legitimação da defesa de tratamentos ineficazes a partir das falas de médicos, as atividades dos militares como equivalentes a políticas públicas, o impacto da pandêmica sobre a economia e a atividade produtiva do país, e, por fim, a produção de contrapontos a sujeitos apontados como empecilhos para a condução da política.

O Estado enquanto aparato de manutenção do poder político e da gestão de sua população não apenas aplica a política, mas constrói aparatos de justificação das formas de gestão. Essa justificação é sobretudo discursiva e circula no interior de conjuntos fragmentados de representações socialmente compartilhadas. Ao apelar para a contraposição entre a pandemia e a produtividade, é no do campo econômico que o discurso bolsonarista ancora o objeto covid-19, ao mesmo tempo em que objetifica (tira de contexto, pinça) conceitos e representações das áreas biomédicas e militares para justificar seu enquadramento político da pandemia.

A observação de que a pandemia de covid-19 foi construída enquanto um problema econômico não pode nublar a compreensão de que esta pragmática resultou em políticas que devem ser consideradas positivas: desonerações fiscais, investimentos em saúde e o auxílio emergencial são políticas que devem ser celebradas e foram colocadas em prática logo no início da pandemia. Ao mesmo, é notório o esforço do governo em associar estas políticas à continuidade de um suposto estado de normalidade. Estas políticas foram coletivamente construídas, inclusive com a participação de setores que antagonizavam o governo federal e, além disso, a aplicação direta de recursos e investimentos na área da saúde se efetivou da forma argumentada pelo governo (PINTO, 2021)¹².

É neste universo simbólico e representacional que os temas da pandemia em que o discurso bolsonarista irá se aprofundar, ao mesmo tempo, há uma drástica mudança na forma de comunicação governamental com a advento da CPI da Pandemia e o começo da aplicação das vacinas no segundo semestre de 2021. A condução política destes temas, que será aprofundada mais à frente, visa demonstrar que uso e circulação das representações, ao se manifestar no interior do atual ambiente comunicacional da internet e das redes sociais, produz um outro tipo de coerência e coesão de grupo que ainda caminhando para compreender.

2.9 Youtube

Tanto o Twitter/X quanto o Youtube são redes sociais bem distintas em termos de funcionamento e utilidades, mas congregam elementos comuns de interação no ambiente online, sendo a presença de grupos organizados em um ecossistema de influenciadores e páginas um destes elementos coincidentes. Ao mesmo tempo, a forma de consumo da informação, antes muito diferente uma vez que o Twitter/X utilizava texto e o Youtube o audiovisual, tem que tornado cada vez mais parecida com a possibilidade de compartilhamento de material audiovisual também no Twitter/X. Mas o Youtube ainda guarda particularidades.

O YouTube funciona a partir de ecossistemas de canais com efetiva proximidade ideológica onde o algoritmo da plataforma oferta ao usuário interessado vídeos semelhantes àqueles que foram buscados em caixas de pesquisa do Google (conglomerado maior que contém o YouTube).

¹² O referido relatório técnico foi apresentado a pedido da CPI da Pandemia pela autora em resposta ao ofício nº 1305/2021-CPIPANDEMIA de 11 de junho de 2021.

Utilizo o Youtube desde sua disponibilidade para o grande público e, provavelmente, é a rede social que define a transição entre a televisão e a internet para a geração nascida nos anos 1990. Nasci no começo dos anos 1990 e a televisão ainda era o grande meio de comunicação de massa, não havia competição ou paralelo com seu imenso poder de penetração social para as massas naquele período. Entretanto, as possibilidades audiovisuais oferecidas pelo Youtube têm atraído inclusive veículos e profissionais de comunicação consolidados no rádio e na televisão.

O Youtube é uma rede social de compartilhamento de vídeos e *lives* (momentos ao vivo) pertencente ao ecossistema de aplicativos do Google que empresta parte significativa de sua estrutura da própria televisão. Os usuários não têm perfis, mas canais (como na televisão) e sua produção de conteúdo é segmentada: infantil, esportes, política, comédia, notícias etc. Diferente do Twitter/X, mesmo que todos os usuários tenham canais, o regime de atenção é regido pela produção de interesses nichados e apenas os canais mais visualizados e consumidos entram em um sistema de relevância.

Seu *layout* é bastante simples, intuitivo e, por ser uma rede social mais conhecida, farei uma ilustração e explicação mais resumidas aqui. Na página principal é apresentada uma sugestão de vídeos que variam a partir de um sistema de relevância e novidade que se origina das informações fornecidas pelos usuários e dos vídeos assistidos anteriormente (Figura 5, indicação 4).

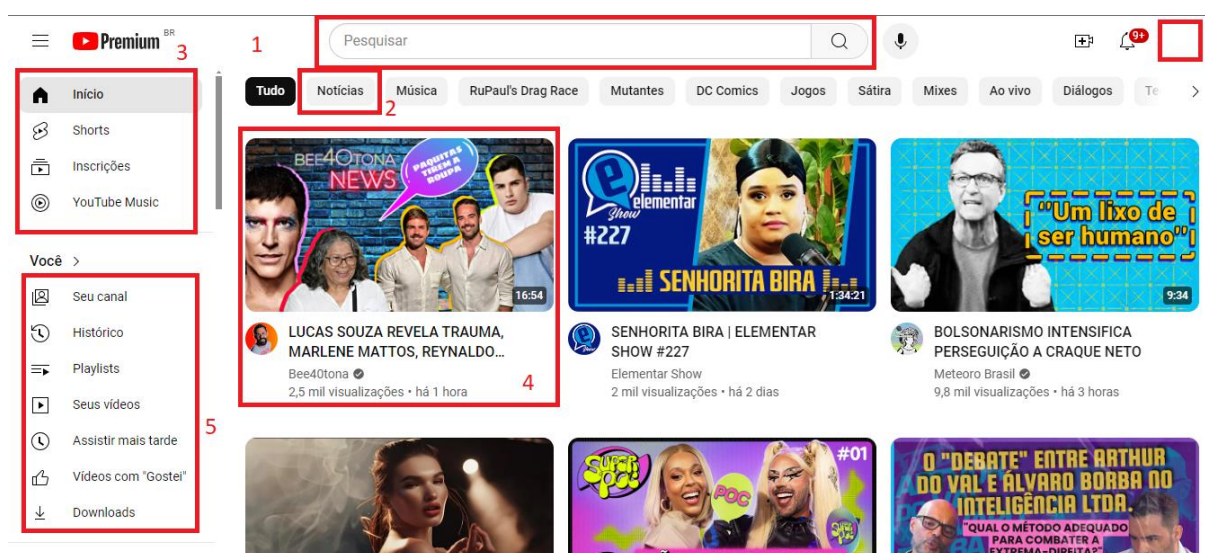


Figura 5 – Produção própria

Há ainda uma área de pesquisa (Figura 5, indicação 1), a indicação das principais *tags* acessadas pelo usuário (Figura 5, indicação 2): notícias, música, jogos etc. A indicação 3 são a

funcionalidades da própria rede: *shorts*, inscrições e o Youtube Music. E a indicação 4 são as funcionalidades que ampliam as utilidades da rede em relação ao perfil do próprio usuário. No *layout* do Youtube de *desktop* oferece principalmente vídeos de canais seguidos ou que se comunicam com os interesses do usuário. Os vídeos são longos, alguns chegando a durar mais de 1 hora. Situação bem diferente dos *layouts* para *smartphones*.



Figura 6 – Produção própria

A categoria *shorts* é um formato de vídeos extremamente curtos e são estes os principais produtos oferecidos em primeiro lugar no formato do Youtube para smartphones (Figura 6, indicação 2). A área de pesquisa e os vídeos longos ficam ocultos (Figura 6, indicação 3) e dão espaço para os vídeos curtos. Até mesmo o espaço de *tags* (Figura 6, indicação 1) é reduzido

e deslocado. O formato de vídeos curtos aumenta o engajamento e o tempo de uso na rede social.

Entretanto, o material de pesquisa extraído do Youtube se concentrou sobre as *lives* que Bolsonaro promovia todas as quintas-feiras em formato de prestação de contas de governo e para comunicar com suas bases de apoiadores.

2.10 Dados do Youtube: as *lives* de quinta

Nesse sentido, as interações não foram meu foco de atenção no Youtube. Me concentrei nas lives do então presidente Jair Bolsonaro, seu discurso e a forma de condução desses momentos. As lives são divulgadas no Twitter/X, utilizado apenas como canal de propaganda, e sua organização aproxima o então presidente de sua audiência por meio da condução e estética informais. Bolsonaro aparece sempre sentado em uma grande mesa, acompanhado de um ou mais convidados pertencentes aos quadros do governo e um tradutor ou tradutora de LIBRAS. Em várias aparece com uma biblioteca ao fundo e fala diretamente para a câmera como se estivesse em um exercício de quebra da quarta parede, mecanismo em que o personagem de uma obra de ficção audiovisual olha para a câmera e interage diretamente com o público.

Essa forma de comunicação direta com a câmera é comum no estilo e estética de produtores de conteúdo do Youtube e demonstra a destreza com que políticos e movimentos ligados à direita tem operado a linguagem das redes. As falas de Jair Bolsonaro são coloquiais, faz brincadeiras com seus apoiadores, com seus ministros convidados, em vários momentos está vestido sem formalidade e é possível ver elementos simples do cotidiano posicionados ao seu redor (garrafas de café, xícaras, canetas, pilhas de papéis). A construção da imagem gera um efeito semiótico de intimidade, familiaridade e informalidade¹³.

Para o objetivo deste trabalho foram analisadas 84 lives de Bolsonaro. As transcrições e áudios das lives foram disponibilizadas pela ABRAJI, curadora nacional do projeto Pinpoint que auxilia o jornalismo investigativo. São menos lives do que o efetivamente transcrito pelo projeto porque foram excluídas as lives anteriores a fevereiro 2020 e posteriores a dezembro 2021. Além disso, mesmo com o recorte efetuado, o volume de textos ainda é significativo. Nesse sentido utilizei como estratégia de análise as ferramentas do programa de análise

¹³ Não é o foco desta pesquisa, mas a título de comparação tenho observado as *lives* de Lula (iniciadas em junho de 2023). Também veiculadas pelo Youtube, mas tem um formato totalmente diferente: um a entrevista em formato clássico, feita por um jornalista em estúdio, o Presidente sempre arrumado, só olha para o jornalista, conversa, faz piadas com o interlocutor, mas tudo de forma comedida.

multidimensional de textos IRaMuTeQ¹⁴. Foram construídos dois níveis de análise: lexicográfica, onde são avaliadas a contagem lexical no interior dos textos; e o nível de análise representacional em que os termos são agrupados por similaridades e usos contextuais no interior do *corpus* textual.

As lives foram agrupadas em quatro grupos a partir de um recorte temporal: fevereiro a junho de 2020 (lives_bolsonaro_2020.1), julho a dezembro de 2020 (lives_bolsonaro_2020.2), janeiro a junho de 2021 (lives_bolsonaro_2021.1) e julho a dezembro de 2021 (lives_bolsonaro_2021.2). Esta organização permite que seja possível observar o conjunto de temas abordados nas lives bem como a intensidade de usos do léxico bolsonarista e correlações contextuais.

Outra observação importante é de que as lives misturam falas de Bolsonaro, como sujeito central daquele tipo de comunicação, com as falas de ministros e secretários de governo. A proposta de separar as falas de cada ator não me pareceu adequada pela imbricação dos discursos e subserviência destes outros atores às falas do então presidente. Importante salientar que não se trata de uma alteração ou mesmo de um diálogo entre os personagens das *lives*, mas de afirmações e endossos trocadas entre Bolsonaro e o agente político que o acompanhava em cada momento. Desta feita, não fez sentido separar as falas de cada personagem porque o discurso que configuram é o mesmo.

Em uma primeira mirada, é possível observar que temas políticos e de governabilidade foram ganhando mais destaque nas *lives* ao longo do período, fato que não ocorreu com os temas relacionados a pandemia. Essa observação se alinha ao discurso superficial do bolsonarismo que opunha os temas relacionados a covid-19 com os temas de políticos e econômicos. Contudo, como será observado nos capítulos posteriores, o bolsonarismo cria uma síntese política entre a covid-19 e a economia que articula diversos outros elementos em seu interior.

Opto por organizar este primeiro conjunto de dados a partir do método classificatório ou método de Reinert, que permite a organização dos segmentos de texto a partir da proximidade contextual e de usos das palavras e formas reduzidas (CAMARGO; JUSTO, 2013). Essa primeira estratégia classificatória produz um panorama mais geral sobre os assuntos nos quais as *lives* se debruçaram ao longo dos meses pesquisados. A coloração indica que as palavras e formas reduzidas que foram classificadas são usadas nos mesmos contextos e circunscrevem os mesmos objetos centrais.

¹⁴ IRaMuTeQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires).

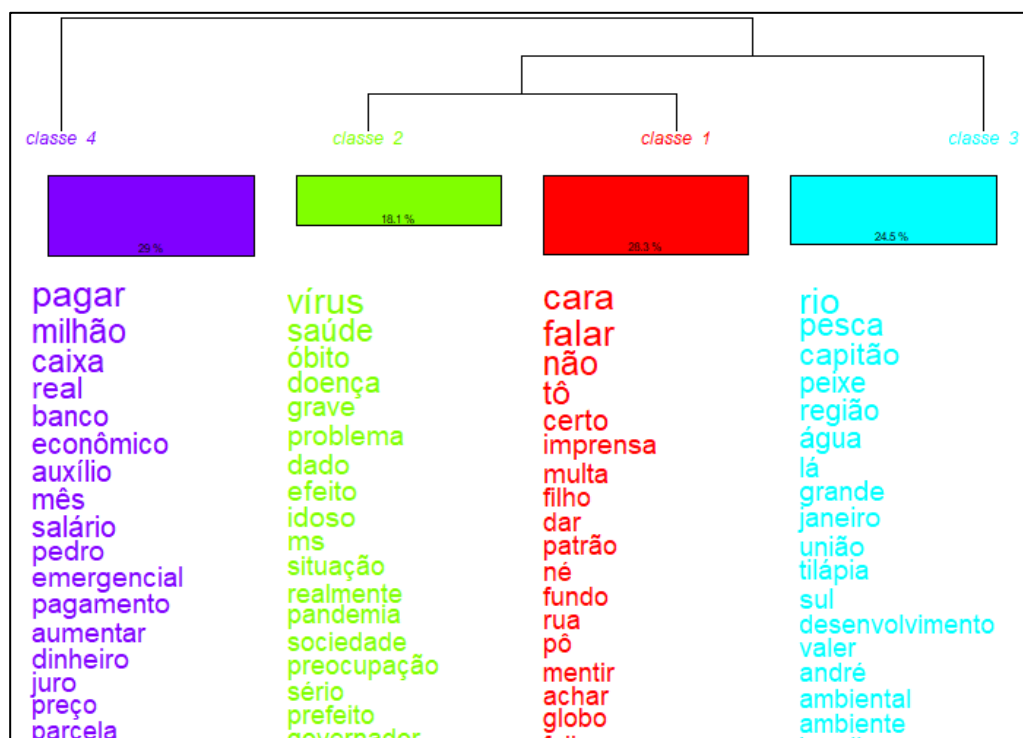


Figura 7 – Diagrama de Reinert lives fevereiro a junho de 2020 (2020.1)

A Figura 7 classifica as lives do primeiro semestre de 2020 (2020.1), período que consiste na chegada da covid-19 ao Brasil, em quatro classes. Sendo a classe 4 a mais geral e da qual derivam as classes 1 e 2 (correlacionadas) e a classe 3, mais afastada. Observasse que os temas de classe 4 pertencem ao léxico do campo da economia (pagar, auxílio, dinheiro, pagamento...) e, portanto, o tronco central do qual derivam as outras classes construídas. Exploro melhor esse tema em termos de produtividade, inclusive na própria rede, em capítulo posterior, nesse momento é importante observar como é do campo da economia que se constitui a matriz de produção de significados e representações dados pelo bolsonarismo aos outros temas trabalhados no período.

Já nesse momento os temas mais imediatamente relacionados à pandemia (vírus, pandemia, sociedade, saúde, óbito...) caminham em correlação com os temas de ordem política e a relação difícil que Bolsonaro mantém com os meios de comunicação tradicionais (imprensa, globo, mentir, multa...). Nos meses compreendidos nesse primeiro momento das lives, os temas relacionados à covid-19 representam a menor parcela dos assuntos discutidos. Os temas econômicos, e nova doença vista a partir do seu impacto econômico, estão em mais evidência, seguidos pelos temas atinentes à produção do agronegócio e meio ambiente (classe 3).

No sentido de aprofundar a conclusão parcial produzida aqui, a Análise Fatorial de Correspondência (ACP) presente na FIGURA 8 produz uma interpretação semelhante dos

dados. É possível observar, inicialmente apenas a partir da lexicografia e na formação dos aglomerados, a imbricação entre as classes 1 e 2 e os temas da pandemia dividindo espaço com os temas políticos e de ordem opositiva contra os meios de comunicação tradicionais na dimensão discursiva do bolsonarismo. Situação que não ocorreu com temas de meio ambiente e do agronegócio.

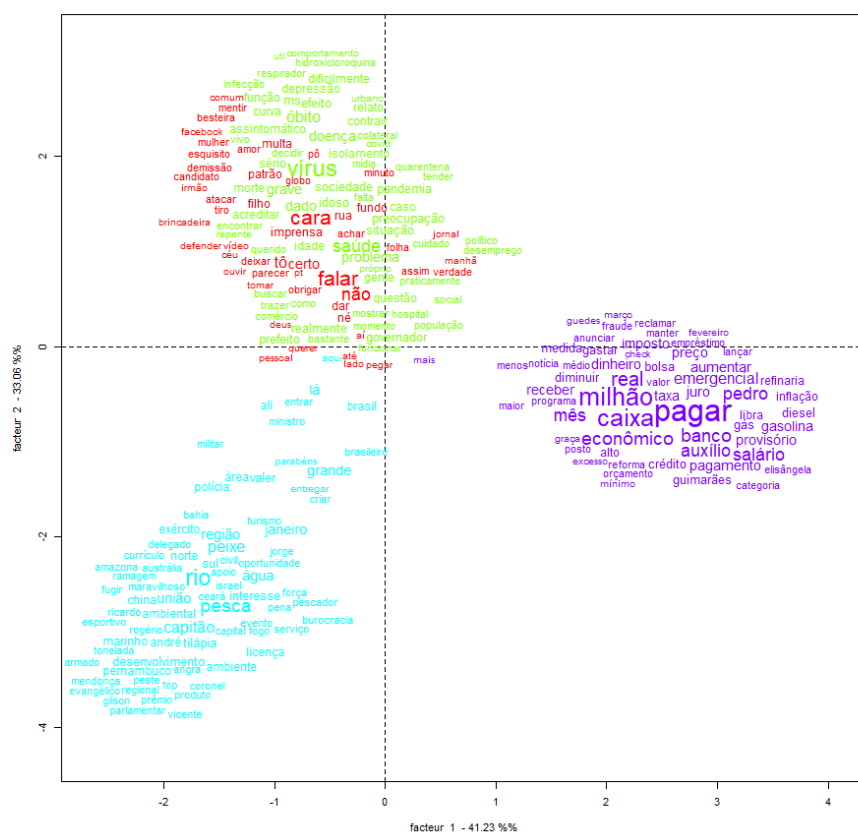


Figura 8 – Análise Fatorial de Correspondência, lives fevereiro a junho de 2020 (2020.1)

O segundo semestre de 2020 é marcado por uma fragmentação do discurso bolsonarista (Figura 9). O discurso de fragmenta em dois eixos pouco comunicantes: um primeiro eixo formado pelos temas de saúde, e da covid-19 em específico, e as crises políticas entre Bolsonaro e outros agentes atuantes no período da pandemia, principalmente os governadores dos Estados; um segundo eixo onde novamente estão contidos os temas do agronegócio e de meio ambiente agora relacionados aos temas de produtividade e economia. Emerge com mais força uma discordância quanto as medidas de distanciamento social e fechamentos de estabelecimentos adotadas pelos governadores ao mesmo tempo em que os temas da pandemia estão associados ao discurso da ocupação de cargos públicos, principalmente cargos ministeriais, com quadros técnicos.

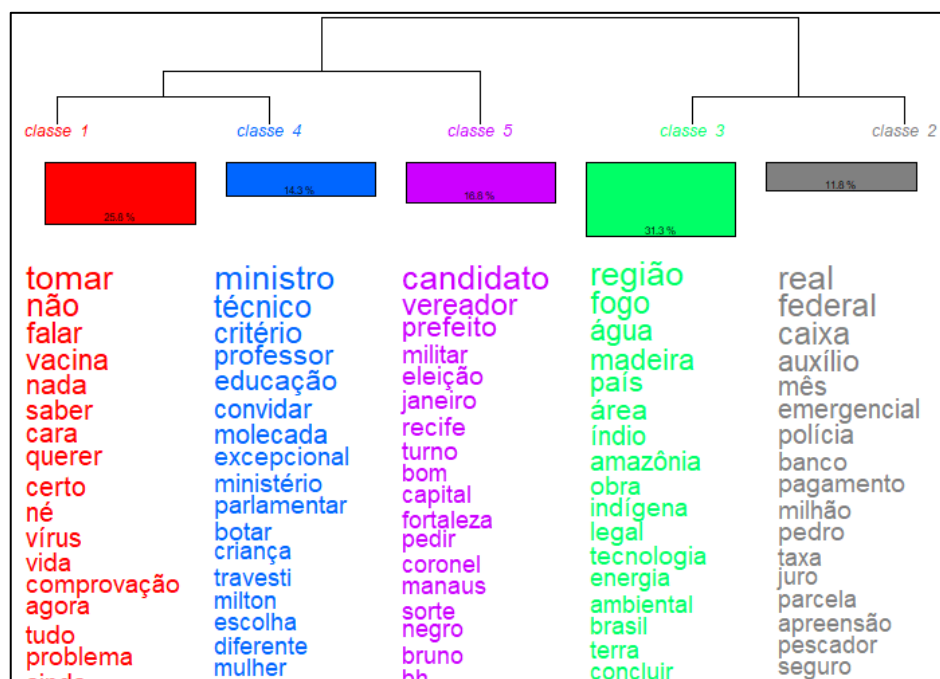


Figura 9 – Diagrama de Reinert, lives julho a dezembro 2020 (2020.2)

Importante ressaltar que a classe 1 está diretamente relacionada à classe 4, enquanto a classe 5 apresenta relativa proximidade com estas duas. Neste período há um distanciamento dos temas da covid-19 e dos temas econômicos (classe 2), mas os temas que dominam as pautas são os temas da pandemia e os temas de meio ambiente, agronegócio com especial menção às queimadas que afetaram o bioma amazônico e o pantanal no período. Os temas políticos e de governabilidade ainda circulam os temas da pandemia que perde centralidade no conjunto das *lives*. A ACP seguinte (Figura 10) aprofunda as conclusões.

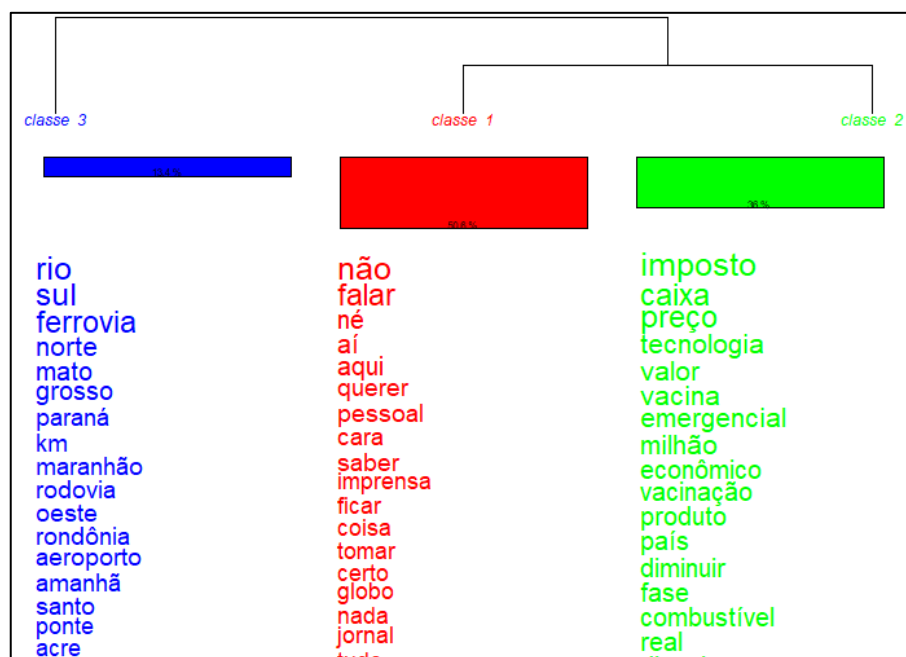


Figura 11 – Diagrama de Reinert, lives janeiro a junho 2021 (2021.1)

No mesmo sentido, aprofundo a leitura do diagrama a partir da organização em ACP para melhor observação (Figura 12). Na imagem é possível observar os aglomerados mais distantes e estanques, uma vez que os temas políticos aparecem, mas fazendo menos conexões com o léxico da pandemia. O mais importante aqui é notar, em uma primeira mirada, como a

chamada, como objeto conhecido e familiar no interior do discurso bolsonarista, para produzir uma mitigação do problema que se apresentava à saúde pública brasileira naquele momento.

Para fechar essa sessão, as lives do segundo semestre de 2021 (Figura 13) voltam a apresentar forte fragmentação. Essa variação nos assuntos das *lives* se deu pela ocorrência das consequências de dois fatos notórios no período: os resultados da CPI da Pandemia e o início das campanhas de vacinação. Ao analisar o diagrama é possível inferir como os temas da pandemia (Classe 4) foram se afastando ainda mais dos temas políticos (classe 3) e derivando os temas econômicos. A indiferenciação observada no período imediatamente anterior abre espaço para um léxico mais centrado nas questões referentes à pandemia (remédio, vacinação, colateral, passaporte, vírus...).

Esse afastamento das pautas se deu pelos fatos notórios já comentados, mas não pode ser confundido com um processo de aproximação do bolsonarismo com a ciência normal do período. Deslocado do campo econômico, a “solução” agora se volta com mais força para práticas biomédicas estranhas à ciência normal e às melhores recomendações dos órgãos de saúde. Ataques contra a vacinação, reforço quanto a sua não obrigatoriedade, o medo de efeitos colaterais e a construção da ideia mais geral de que as vacinas disponíveis foram feitas às pressas e não apresentavam segurança sanitária foram os temas que circularam nesse período.

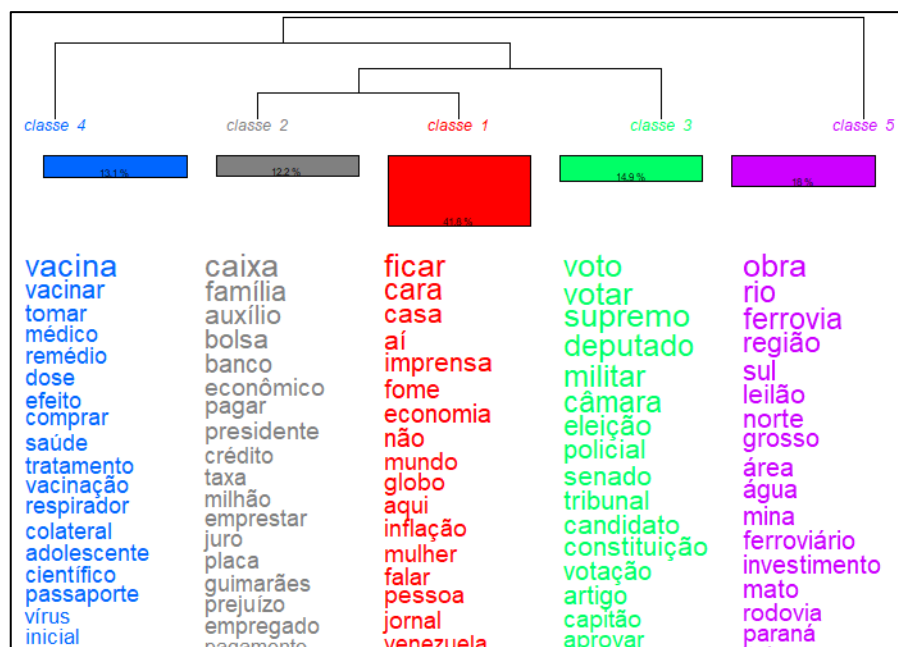


Figura 13 – Diagrama de Reinert, lives julho a dezembro 2021 (2021.2)

Por fim, amadurecendo a observação apresento a ACP das *lives* do período (Figura 14). O tema da vacina concentra um dos aglomerados demonstrando a centralidade do assunto no

interior da disputa política e midiática já desenhada. O aglomerado formado por esta classe se afasta bastante dos outros e é o momento em que o léxico da saúde aparece mais evidenciado.

Retomando o período de 2020.1 (Figuras 8 e 9), interessante notar como naquele momento uma das classes principais se organizava ao redor de vírus o que denota uma preocupação com a nova doença que é suplantada pelas preocupações apresentadas como questões econômicas e de produtividade. As classes 1, 2 e 3 se confundem, como esperado, uma vez que os temas econômicos, políticos e de mídia acabam sendo discutidos no interior do mesmo universo semântico.

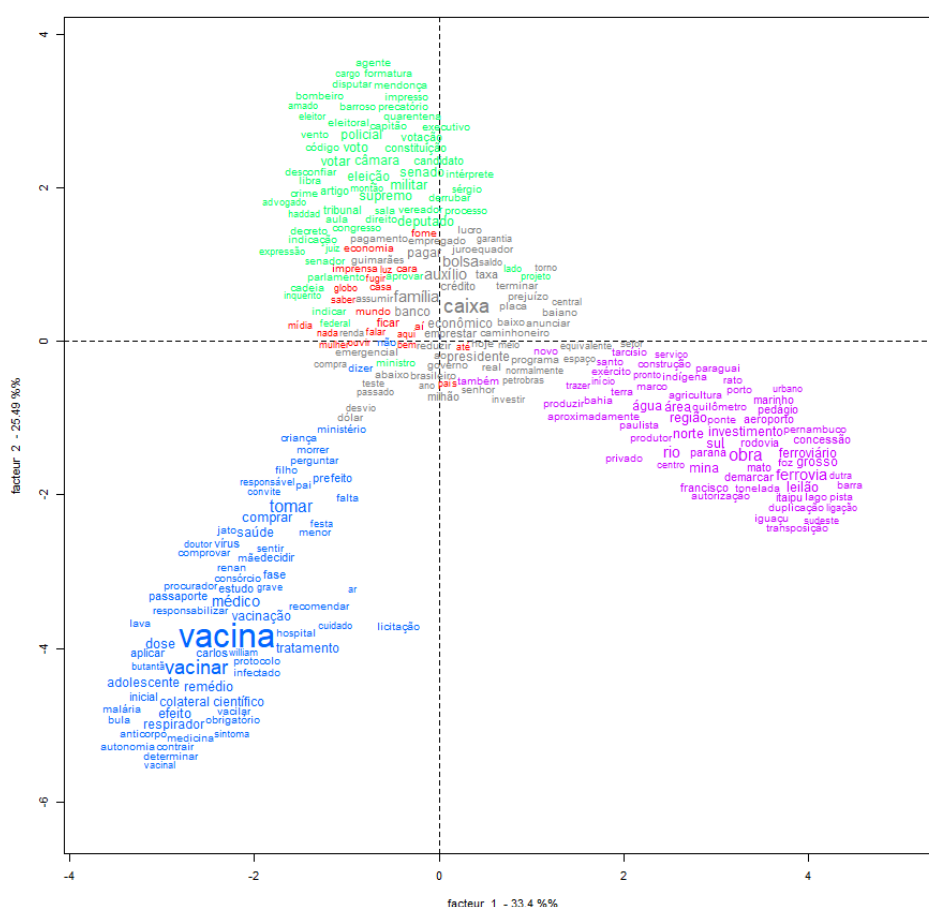


Figura 14 - Análise Fatorial de Correspondência, lives julho a dezembro de 2021 (2021.2)

Com o avanço das pesquisas para o desenvolvimento de vacinas, o tema se torna incontornável. Em mais de uma ocasião, questões que serão detalhadas no capítulo 4, Bolsonaro lança suspeitas sobre as vacinas (inclusive associando-as a infecção pelo hiv), mas a força gravitacional que o tema das vacinas exerce no período é inegável.

Para além da análise lexicográfica mostrada aqui, é preciso aprofundar os dados para possibilitar uma leitura mais densa sobre o *corpus* textual. A TRS se apropria muito melhor das

análises de grafos do que das estruturas de aglomerados. Pretendo mostrar a análise dos grafos posteriormente, pois se aprofundam mais em momentos específicos dentro dos meses pesquisados. Mas antes de efetivar esse aprofundamento, é necessário se debruçar melhor sobre a internet e sua estrutura, principalmente sobre as mídias digitais no Brasil. Compreender melhor essas estruturas ajuda a entender como os discursos e as representações entram em circulação e qual sua função social.

3 INTERNET COMO APARATO SOCIOTÉCNICO DE MEDIAÇÃO

3.1 Representações sociais e mediações de crises

Todo nosso acesso a realidade é produzido a partir de filtros que determinam quais aspectos dessa realidade serão visibilizados em detrimentos de outros. Chamo aqui esses filtros de mediadores, acompanhando Jussi Parika (2015), que se configuram enquanto aparatos sociotecnológicos midiáticos utilizados como ferramentas para variados fins. Ao mesmo tempo em que esses aparatos podem ser utilizados para ocultar problemas e complexidades, deteriorando o campo social e seu conjunto de relações. Essas mesmas tecnologias podem ser utilizadas para a propagação de formas de resistência e pensamento crítico.

Em vista disso, os fatos ocorridos em Manaus/AM, revelados em detalhes pela Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou o governo de Jair Bolsonaro no período da covid-19 e ficou conhecida como CPI da Covid, são terríveis e expõe os mecanismos de controle, vigilância e gestão de populações operados pela maquinária de extrema direita no poder. Ao mesmo tempo, foi a tecnologia, o trabalho da imprensa e a divulgação fora de canais oficiais que deu conta de mostrar a dimensão do drama enfrentado pela população na capital do estado do Amazonas, no Norte do país, região com menor renda per capita e menos industrializada do Brasil (CAMARGO, Aspásia, 2020; ORELLANA *et al.*, 2020).

Além disso, a real dimensão da crise da covid-19 só foi reportada a partir da instituição de um consórcio entre entidades de imprensa e as Secretarias de Saúde dos Estado que começaram a repassar as informações sobre contagem de infectados e mortos diretamente para os meios de comunicação (PERAÇA FERREIRA; CHRISTOFOLETTI, 2024). O Governo Federal mudou mais de uma vez a forma de contagem e notificação de casos, ignorando um acúmulo extenso de conhecimento tanto do SUS quanto de instituições como a Fio Cruz e o Butantã (SP) na condução de pesquisas epidemiológicas.

3.2 Um conto social das tecnologias de mediação

Este capítulo não tem o objetivo de refazer uma história da tecnologia da informação, há excelentes trabalhos sobre esse tópico. Meu objetivo aqui é remontar elementos persistentes quanto a característica e usos das mídias até o objeto principal sobre o qual esse trabalho se debruça, uma compreensão da internet brasileira como espaço de mediação social. Entretanto, acredito importante resgatar as mídias predecessoras à internet, bem como seus usos sociais,

políticos e técnicos, pois são esses mesmos usos que serão, como se pretende argumentar, herdados pela internet contemporânea, além de suas características próprias e atuais.

A história das mídias remonta a civilizações antigas que usavam tradições orais para transmitir histórias e informações. A invenção de sistemas de escrita, como os hieróglifos no antigo Egito, Mesopotâmia e o alfabeto Chinês permitiu a preservação e disseminação de informações. No século 15, a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg revolucionou a forma, o volume e a qualidade da informação produzida e compartilhada. Se antes era pelo trabalho dos copistas que se poderia ter acesso ao conhecimento, a imprensa permitiu a produção em massa de livros, jornais e panfletos o que tornou as informações mais amplamente disponíveis e acessíveis. A impressão mecânica é tão importante que a primeira grande mudança social produzida pelos meios de informação leva seu nome. A máquina imprensa, enquanto transformação tecnológica e produtiva, fabricou a imprensa como ente abstrato que descreve o conjunto dos veículos de comunicação que produzem notícias.

Enquanto mecanismo de mediação, a imprensa possibilitou a formação e articulação de grupos de pressão políticos e sociais que se degladiavam nessa nova expansão do ethos público. Os grandes grupos econômicos começaram a publicar jornais e revistas periódicos que acompanhavam a ascensão das novas classes burguesas, retratando suas visões sobre o Estado e a sociedade. Ao mesmo tempo, grupos de esquerda e trabalhadores, principalmente a partir dos séculos XVIII e XIX, publicam jornais, revistas, panfletos e manifestos públicos com críticas às classes dirigentes e com hegemonia política.

Ainda no século XIX, houve o desenvolvimento da telegrafia, que permitiu que as pessoas se comunicassem rapidamente por longas distâncias. No final de 1800, a invenção do telefone por Alexander Graham Bell revolucionou ainda mais a comunicação. Há aqui uma diferença marcante: enquanto a imprensa pode ser pensada como uma transformação sociotécnica no campo da disseminação da informação, a telegrafia e a telefonia é uma mudança na possibilidade da comunicação direta. Mesmo que nitidamente correlacionadas, há diferenças estruturais entre estas duas formas de tecnologias. Essas diferenças vão perdurar durante todo o século XX, mas, com advento da internet, essa diferença será abolida por novas tecnologias que unificaram as duas funções.

Ainda no século XX, o desenvolvimento do rádio e da televisão transformou a mídia mais uma vez. Os sistemas de ráiodifusão permitiram a transmissão de notícias e entretenimento para grandes audiências e tornaram-se as principais fontes de informação e entretenimento ao redor do mundo em pouquíssimo tempo. A participação do rádio nos

processos de facistização das sociedades alemã e italiana no pré-segunda guerra mundial é bastante conhecida como uma forma de mediação da realidade privilegiada por nazistas e fascistas (SÉMELIN, 2009). Além disso, é a partir desse uso e da disseminação técnica massificada da informação, da arte e do entretenimento em escala industrial que diversos autores vão construir o conceito-chave de meios de comunicação de massa que vai refletir parte importante das pesquisas no campo da comunicação, filosofia, sociologia e o impacto subjetivo e político das mídias (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

A televisão é a última grande mudança sociotécnica antes da internet e, como será abordado posteriormente, legou diversas de suas características à esta. A televisão derivou seu sistema estrutural do sistema de radiodifusão e se estabeleceu pelas infraestruturas públicas que autorizam a atuação da iniciativa privada para seu funcionamento. Há diferenças de modelos infraestruturais, mas, em resumo, aquilo que vai ao ar oscila entre produções para nichos específicos da população, organizada na forma de fluxos ininterruptos que articula programas de interesse público, entretenimento e espaços de publicidade (WILLIAMS, 2016).

A polêmica teórica estabelecida entre Adorno e Horkheimer de um lado e Raymond Williams de outro sobre o papel social da televisão neste ponto é de interesse para este trabalho porque dele depende também, e de forma reflexa, uma leitura social da internet que será feita posteriormente. Enquanto os frankfurtianos denunciavam os meios de comunicação de massa como mecanismos de alienação coletiva, observe-se as experiências de ambos com o nazifacismo e o uso do rádio como instrumento de propaganda ideológica do regime, Williams (um culturalista marxista) observa a televisão como aparato cultural, tecnologia que coloca a cultura social em circulação no interior da sociedade britânica. A visão menos apocalíptica de Williams sobre a televisão (seu livro influente sobre o tema é dos anos 1970) é fortemente influenciada pela expansão do sistema de radiodifusão do Reino Unido e a atuação de sua principal rede televisiva, BBC, na oferta de programação culturalmente variada e cosmopolita.

Nesse debate me posiciono mais ao lado de Williams e da importância sócio-cultural dos meios de comunicação como instrumentos de circulação de informação e conhecimento. Da mesma forma que não possível pensar a segunda metade do século XX sem a Televisão. Não é possível pensar sobre as mudanças sociais, políticas e comportamentais deste início de século sem a Internet. O advento da Internet na década de 1990 trouxe uma nova era para as mídias. A Internet possibilitou o acesso e o compartilhamento de informações instantaneamente e globalmente, e deu origem a novas formas de mídia, como mídias sociais, blogs e veículos de notícias online. Essas novas ferramentas foram progressivamente mais populares a partir da

expansão física da própria rede, do barateamento de acesso a serviços de banda larga e da disponibilidade gratuita de ferramentas intuitivas que dispensam conhecimentos mais específicos sobre linguagem de programação (*layouts* simplificados, *blogspot* e designs de redes sociais).

No Brasil, diversos grupos econômicos tem atuação simultânea em diferentes meios de comunicação: jornal, rádio, televisão e internet. Esse fator produz processos de circularidade e retroalimentação entre diferentes mídias que utilizam as produções uns dos outros na busca por engajamento e criação de um universo jornalístico e de entretenimento compartilhado.

3.3 Mídia e propaganda

Antes de adentrar especificamente nas questões da internet, há ainda uma tecnologia semiótica que precisa ser abordada: a propaganda. Uma teoria da propaganda é complexa e envolve uma diversidade de conhecimentos para sua definição como a comunicação, a psicologia, a sociologia e, mais recentemente, as neurociências (PARIKKA, 2015). Contudo, não pretendo aqui definir o conceito de propaganda, mas pensar, conjuntamente com os autores da sessão anterior, não a partir de concepção técnica, mas enquanto aparato de tecnologia semiótica, uma vez que “[...] essa abordagem 'tecnicista' passa ao lado do que a propaganda, antes de tudo, propõe: um novo universo de sentidos para todos” (SÉMELIN, 2009, p.113).

Articulo aqui um diálogo entre Adorno e Jaques Sémelin no sentido de entender a propaganda como ferramenta de produção simbólica e instrumentalizada pelo fascismo, e a extrema-direita no geral, para a comunicação institucional oficial e não-oficial. Sobre a subjetividade da extrema-direita de seu tempo Adorno (2020), comenta:

Com essa expressão, da antecipação do terror, creio realmente ter tocado algo bastante central que, até onde posso ver, é muito pouco levado em conta nas visões correntes sobre o radicalismo de direita: a relação bastante complexa e difícil que se dá aqui com o sentimento de catástrofe social. Poderíamos falar de uma distorção da teoria do colapso de Marx que se dá nessa consciência bastante deformada e falsa. (ADORNO, 2020, p. 51)

O sentido de catástrofe aqui é a fantasia de fim dos tempos e bastante alimentada por pânico morais com a qual a extrema-direita nutre suas bases. As visões escatológicas, derivadas nas narrativas bíblicas, acabam tomando o horizonte de eventos na consciência de sujeitos radicalizados, mas não é qualquer fim. Como bem faz a diferença, Adorno mostra que há uma inversão proposital por parte de ideólogos de extrema-direita da teoria do colapso de Marx.

Adorno (2020) aponta ainda como a personalidade autoritária tem inclinações à técnica e a tecnologia e cita traços de personalidade de nazistas famosos como Himmler e Eichmann. O que ele chama de tipo antropológico pode ser observado como o ideólogo, no caso de Himmler, ou o burocrata, no caso de Eichmann, usam a tecnologia e técnica como meio/canal para o cumprimento da lei e afastamento da realidade concreta. Em seguida Adorno articula, de maneira encadeada, três elementos constituintes da nova direita na Alemanha no pós-segunda guerra: propaganda (principalmente em relação a juventude), militarização (disciplinamento), manipulação dos afetos e sentimentos (em especial a raiva e a fúria), no âmbito cultural e para a eleição de inimigos como os comunistas mitificados, os judeus e os intelectuais. Destas, o que é mais importante enquanto tecnologia de interpretação semiótica é a propaganda que “é, portanto, sobretudo uma técnica de psicologia de massas. Subjacente a isso está o modelo da personalidade fixada na autoridade” (Adorno, 2020, p.67).

A distinção que faço aqui é de que, quando abordo propaganda, não estou me referindo a intervalos comerciais que objetivam nos vender produtos. Os intervalos comerciais são apenas um conteúdo possível de propaganda que serve a uma lógica de consumo. O anúncio comercial é uma forma de oferecimento de produto ou serviço para um público-alvo, entretanto, essa construção conceitual não é suficiente para definir a propaganda e sua importância. É possível fazer propaganda de ideias, estilos de vida, interpretações de mundo, sentimentos e sensações e, muitas vezes, todas estas coisas estão associadas ao oferecimento de produtos e serviços.

Jaques Sémelin (2009), em livro historiográfico sobre massacres e genocídios ocorridos no século XX, argumenta que a propaganda coloca em circulação para toda sociedade visões particulares e fabricadas dentro de círculos restritos de intelectuais. Essa circulação começa quando líderes políticos alçam ao poder, ganham proeminência e a propaganda se torna arma de disparo ideológico contra um grupo ou situação que deve ser indicada como problema a ser resolvido ou eliminado.

O princípio básico é sempre o mesmo: fabricar emoção. Entenda-se: suscitar o medo, a desconfiança, o ressentimento e, assim, provocar, como reação, a vigilância, o orgulho, a vingança. Um aparelho de propaganda é, antes de tudo, uma máquina de fabricar emoção pública, a exemplo dos líderes, a quem ela reveza e amplifica o que dizem. (SÉMELIN, 2009, p.113)

Lendo Sémelin (2009), seu principal argumento é de que a propaganda cria formas específicas de enquadramento da realidade baseado na produção de emoções. Há uma

racionalidade na produção do inimigo, mas ela é antes acessada pela via do compartilhamento de emoções comuns, expressadas publicamente e ecoadas por seus líderes. Complementa ele:

A propaganda procura impor a todos uma interpretação do mundo, apresentada como 'vital', a partir do grupo a que ela pertence. Dessa forma, o envolvimento emocional do público, rapidamente, se estende ao envolvimento ideológico. (SÉMELIN, 2009, p. 114)

O uso do termo vital aqui é importante. A propaganda explora pânico circunscritos ao universo simbólico de uma população que são apontados como basilares para manutenção da vida da comunidade. Termos como vitalidade, força, saúde se misturam a outros, mais dúbios, como pureza e segurança. O inimigo será aquele que coloca a saúde da comunidade em risco, bagunça seu modo tradicional de vida, enfraquece seus valores ou sujam seu sangue.

A autor utiliza ainda a metáfora dos frutos da árvore envenenada. É um recurso retórico comum utilizado na lógica de argumentação em que os frutos, ou seja, os resultados ou os fins de um argumento são ruins se são provenientes de uma matriz argumentativa maior que está, desde sua origem, contaminada. A propaganda é o fruto que será consumido por uma dada população, dentro de um esquema matricial já, ele mesmo, comprometido e "envenenado".

Extraio do autor quatro pontos de desenvolvimento do esquema matricial da propaganda que ele construiu a partir de sua pesquisa sobre massacres: I) Instrumentalização de um passado comum, fictício e idealizado de sofrimento; II) a grandeza do nosso povo, nosso grupo em contraposição a fraqueza e corrupção do outro; III) perigo da traição antipatriótica e do complô contra "nosso projeto"; IV) mentiras e boatos cada vez mais íntimos e particulares que tem como alvo o grupo identificado como inimigo (sexualidade, religião, família) (SÉMELIN, 2009).

Os quatro pontos elencados pelo autor são interessantes porque acabam extrapolando sua função quando pensados para a realidade das trocas online. A propaganda se torna não mais uma tecnologia semiótica de convencimento dentre outras, mas o modelo a ser adotado dentro de um sistema que privilegia a atenção e o engajamento direto. Tudo toma a forma de propaganda, inclusive os discursos sobre si em uma atualização 2.0 da subjetividade atomizada no neoliberalismo (FOUCAULT, 2009).

Os discursos de extrema-direita instrumentalizam a forma propaganda e tem repetido os quatro pontos abordados por Sémelin (2009) em diferentes contextos e a partir dos usos de diferentes mídias ao longo da história. Retomando Adorno (2020):

As tendências inconscientes que alimentam a personalidade fixada na autoridade não são tornadas conscientes pela propaganda, pelo contrário, elas são ainda mais reprimidas no inconsciente, elas são artificialmente mantidas inconscientes. Recordo apenas a importância fundamental dos símbolos, que são característicos de todos esses movimentos. (Adorno, 2020, p. 67-68)

Abordo mais a frente a simbologia bolsonarista que articula pânico moral e a eleição de inimigos comuns na forma dos chamados apitos de cachorro, termo que Adorno provavelmente não conheceu, mas que acredito teria sido útil para observar o desenvolvimento de sua teoria na prática das interações e comunicações. Por fim, o uso das propagandas tem como consequência o adensamento da legitimidade social da personalidade autoritária, elas "ostentam conhecimentos que dificilmente podem ser verificados, mas que, justamente por sua dificuldade de verificação, dão um tipo especial de autoridade àquele que os enuncia" (Adorno, 2020, p. 69).

A propaganda é uma forma de tecnologia social que tem se mantido ao longo das mudanças históricas dos meios de comunicação. Da mesma forma que o rádio foi utilizado na Alemanha como forma de abertura do *ethos* subjetivo da sociedade local para as ideias nazistas. No ambiente virtual estamos sendo bombardeados de ideias preconcebidas, que visam tornar a realidade simplificada, unidimensional e menor, ou simplesmente nos fazer comprar.

3.4 O que queremos dizer quando falamos Internet?

A curta argumentação desta sessão é de que a internet é um mediador de mediadores. Essa afirmação deriva da leitura de diversos trabalhos que tematizam aspectos distintos da internet, em seguida, se juntarmos todas as imagens desse prisma, é possível montar um quadro diferente de tudo que já apareceu na história dos meios de comunicação de massa. O ambiente virtual congrega a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, mas também as mensagens diretas, troca de arquivos e coloca todas essas formas de mediação em interação e influência recíproca.

Nesse trabalho, tematizo aspectos sobretudo escritos como postagens em redes sociais, utilizo ainda páginas de notícias da grande mídia, da mídia alternativa, documentos e outras publicações online. Além disso relatórios de pesquisa publicados online sobre as violações de direitos humanos no período da pandemia de covid-19, os discursos e manifestações online de páginas próximas ou associadas ao ex-presidente Jair Bolsonaro, relatórios de órgãos e instituições e algumas das lives do então presidente que estão disponíveis online. Contudo, o centro nervoso mediador de toda essa produção é a rede social Twitter/X, sua infraestrutura

básica, sua estruturação algorítmica e seus efeitos enquanto extensão de alguma formulação possível da esfera pública brasileira atual.

Colocados em mediação recíproca, é possível afirmar com alguma segurança que esses meios encarnam mecanismos de intermediação em que há uma influência recíproca de pautas, assuntos, formas de abordar os temas, bem como a determinação de pautas jornalísticas a partir de manifestações em redes sociais. Todos esses elementos são constitutivos da infraestrutura do Twitter/X e do Youtube enquanto arenas discursivas contemporâneas. Essas redes sociais, ou quaisquer outras, não reduzem todo o potencial e possibilidades da internet enquanto área altamente complexa de pesquisa, porém resume e tematiza aquilo que, do ponto de vista social, comunicacional e comercial é a face da Internet hoje, os efeitos das redes sociais nos processos de socialização, produção e compartilhamento de informações e formas de produção de desejo e consumo.

Enquanto aparato de mediação, a internet como um todo é o ambiente privilegiado na contemporaneidade para a disseminação de representações sociais, mas é importante entender como esse ambiente se apropria e reconfigura essas representações a partir de sua infraestrutura. Para este fim, é necessário historicizar a Internet a partir de seus usos, possibilidades de interação pelos usuários e como forma de mediação.

3.5 Reflexões sobre a história da internet

A internet tem se constituído como a fronteira mais recente em que a comunicação humana tem se estabelecido. Todo este trabalho só foi possível pelo volume e qualidade das trocas na *web* (literalmente rede) em que as interações sociais têm se materializado na contemporaneidade. A internet possibilitou a identificação de nossos rastros de interações com o mundo que pode ser traduzido por ideias como cibercultura ou trabalho mediado por computador.

Dentro de uma história das mídias, a internet se constituiria, portanto, na forma máxima de instrumento de mediação, o mediador de mediadores. A internet agrega características da imprensa escrita, do áudio, da imagem e do vídeo, ao mesmo tempo em que aglutina elementos contemporâneos e em diálogo com estas outras formas de mídia. Redes sociais não mediam apenas relações entre indivíduos e grupos, mas também os meios pelos quais se dá o consumo da informação. Nesse sentido, uma história social da internet deve levar em consideração uma

genealogia das formas pelas quais a internet, em seu curto espaço de tempo comparado a outras mídias, se transformou e com isso transformou nossas perspectivas de socialização e consumo.

Benjamin Loveluck (2018) propõe uma genealogia da internet partindo das teorizações do matemático britânico Allan Turing que teorizou uma máquina de calcular automática que funcionária de forma mecânica. Essas teorizações iniciais também estão na origem do que chamamos de algoritmo que nada mais é do que uma série de ordens ou comandos pré-gravados e executados pelos programas nas máquinas de computar, os computadores. Allan Turing trabalhou na Segunda Guerra Mundial decifrando a comunicação alemã produzida pela máquina de encriptação Enigma, encurtando a guerra em alguns anos e salvando muitas vidas. Em seguida, o desenvolvimento das tecnologias computacionais passa por uma separação entre o *hardware* (a estrutura física da máquina) e o *software* (as funções lógicas que comunicam os algoritmos) provenientes dos trabalhos de John von Neumann (LOVELUCK, 2018).

Entretanto, elencar essas importantes teorizações não é ainda um procedimento propriamente genealógico. Para o autor, a internet começa a traçar sua história pelo caminho do desenvolvimento enquanto tecnologia útil a partir da entrada em cena do “complexo militar-industrial-acadêmico” dos Estados Unidos da América, após o fim da Segunda Guerra Mundial e em contexto de Guerra Fria. Como ilumina o autor:

“As origens imediatas da internet são, portanto, o resultado da Agência Arpa (Advanced Research Projects Agency), criada em 1958 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos para coordenar os esforços de pesquisa, após o vexame infligido pelos russos, em 1957, com o lançamento dos primeiros satélites Sputnik; estes tiveram o efeito de um eletrochoque, destilando a ideia do atraso da tecnologia dos Estados Unidos e desencadeando um processo de remobilização da pesquisa norte-americana e de suas ligações com a Defesa, especialmente na perspectiva de um programa espacial (que acabou sendo atribuído à Nasa) [...] os principais desafios, incentivados pela Guerra Fria, eram portanto a questão propriamente política do exercício da autoridade e o controle dos processos organizacionais e o contexto militar e interação com o poder civil”. (LOVELUCK, 2018, p. 45)

Seguindo a genealogia da internet, os protocolos da Arpanet, parte da Arpa responsável pelo desenvolvimento de tecnologias de comunicação, colocou máquinas distantes em rede, mas ainda ligadas a um centro de controle e mediação. Apenas com a colocação em funcionamento dos protocolos TCP/IP que diferentes máquinas puderam ser colocadas em comunicação direta¹⁵ (LOVELUCK, 2018). Nossos computadores ainda hoje funcionam a partir desses protocolos que operam como uma espécie de identidade da máquina na rede.

¹⁵ TCP/IP são, respectivamente, siglas para *Transmission Control Protocol/ Internet Protocol*).

“Mas, inicialmente, a rede foi pensada e concebida como uma ‘arquitetura aberta’, ou seja, para funcionar como um modelo orgânico, sem deixar de promover uma cultura de intercâmbio, de circulação da informação e comunicação baseada na igualdade formal e na maior abertura possível”. (LOVELUCK, 2018, p. 56)

De evidente inspiração cibernética, a organicidade do sistema pressupõe autonomia e autopoiese em um horizonte de crescente circulação de informação e liberdade. Além da ideologia que alimenta o nascimento da internet, o autor continua “além disso, essa arquitetura aberta foi apresentada como vetor inovação e, portanto, de criação de valor econômico, implicando questionamentos complexos da articulação a adotar entre estrutura técnica, regulação jurídica e políticas públicas” (LOVELUCK, 2018, p. 56). A aparente simplicidade de um sistema orgânico e auto-organizado se tornou a nova fronteira de problemas sociais e políticos. A contradição entre um princípio de liberdade em expansão, em contínuo crescimento, e a necessidade de regulação, jurídica e institucional, é o atualíssimo dilema liberal das redes, “com efeito, por trás da questão da inovação [...] a rede esteve no cerne de numerosos desafios políticos (liberdade de expressão), culturais (possibilidades e condicionantes da criação) e econômicos (concorrência e monopólios comerciais)” (LOVELUCK, 2018, p. 56).

Contudo, sem desqualificar essas questões como reais e premente dentro do campo dos usos da internet, há outra contradição que vai além da dicotomia entre liberdade e regulação que precisa ser trazida à luz. Shoshana Zuboff (2018) nos lembra que a internet instaura uma nova forma de acumulação, a qual ela denomina capitalismo de vigilância, onde o ativo a ser acumulado e comercializado é o *big data* que é o conjunto de dados sobre as decisões que os usuários tomam, ou são levados a tomar, na internet e são cumulativamente analisados para usos comerciais. Pretendo trabalhar melhor os apontamentos da autora posteriormente, posto que é o modelo de negócios sobre o qual se estruturam as redes sociais contemporâneas, bem como a internet como um todo, nesse momento quero apenas introduzir que a mais-valia vigiada produzida pela trajetória dos usuários nas redes (*small data*) e sua acumulação e transformação em *big data* e a normatização institucional contra as grandes empresas de tecnologia (*big techs*) é a contradição ocultada pelos discursos mais superficiais circulantes na internet.

Seguindo o histórico que apresenta Loveluck (2018), a internet é resultado de esforços de inteligência para a guerra empreendidos por uma das potências globais em ascensão, os EUA, no esforço de garantia de um equilíbrio com a potência rival. Essa origem militar, acadêmica e industrial reverbera em toda a estrutura das redes digitais ao longo de sua história: uma infraestrutura separada em camadas e hierarquizada onde a periferia do sistema não

domina o que ocorre em seus centros de distribuição de funções, uma filosofia de acesso livre (ou quase) aos aspectos mais imediatos de comunicação, uso e manifestações dentro de sua lógica própria de funcionamento; e um sistema de produção mecânico/algorítmico que, progressivamente, automatiza funções para maximizar os lucros das empresas centrais que dominam os maiores fluxos de dados da rede.

Deste modo, ficamos com três camadas de análise para discutir a internet enquanto aporte de mídia e, remetendo a argumentação anterior, uma mediadora de mediadores: infraestrutura, lógica de funcionamento e sistema de produção algorítmico. Observar essas três camadas a partir da contradição entre acumulação, controle jurídico e social dos monopólios tecnológicos e nossa condição coletiva de apenas usuários das tecnologias digitais pode oferecer novos olhares sobre a história da internet brasileira.

3.6 Infraestrutura

A infraestrutura da rede pode ser dividida em duas categorias para efeitos de compreensão: infraestruturas materiais e infraestruturas imateriais/digitais/algorítmicas. A infraestrutura material das redes se organiza a partir de cabos de fibra ótica submarinos, satélites, antenas de telefonia, computadores, *smartphones* e todas as estruturas conectadas online que hoje também incluem babás eletrônicas, geladeiras, televisores inteligentes, aspiradores de pó, *smartwatches* etc. (CASTELLS, 2017). A expansão da internet para utensílios domésticos possibilitada pelo desenvolvimento de tecnologias de conexões 5G e inteligências artificiais nos coloca, segundo alguns autores, na era da “internet das coisas” (MAGRANI, 2018). Esses novos suportes movimentam gigantescas somas econômicas e produção de desejos e expectativas.

Os aportes materiais que possibilitam a internet existir e ser utilizada parecem ser aquilo que menos importa em um trabalho que visa tratar das estruturas algorítmicas que permitem a comunicação em uma rede social específica, entretanto, pretendo caminhar por uma reflexão que parte justamente de uma experiência brasileira com estes aportes materiais e que, entendo, influenciam diretamente a forma histórica que tomou nossos usos radicalmente nacionais da internet. Nesse sentido, o acesso material à internet é a primeira linha de exclusão que precisa ser pensada quando se lida com a infraestrutura dos sistemas digitais. David Nemer (2021), lendo interessante aporte teórico, historiográfico e etnográfico, chama a apropriação das tecnologias digitais por moradores das periferias brasileiras de tecnologias mundanas. Sua

pesquisa se dá nos anos 2010, mas ele retoma uma história da internet brasileira a partir dos anos 2000. No início do terceiro milênio, a internet brasileira inicia sua expansão para o cotidiano das pessoas, contudo, essa expansão é desigual. Diferenças de classe, que também se estruturam em diferenças de raça e gênero, vão determinar diferentes configurações de acesso à internet no Brasil.

As classes médias e altas tiveram acesso aos computadores pessoais, inicialmente familiares e depois cada vez mais atomizados (*laptops, smartphones*), enquanto as classes baixas acessaram os centros de informática e *lan houses*, estratégias de uso coletivo das máquinas mediante ou não pagamento. As limitações materiais produzem uma precarização dos espaços coletivos, mas as *lan houses* rapidamente ganharam muito espaço e proeminência em áreas em que as conexões eram precárias e as máquinas antigas, mas possibilitavam acesso à internet (NEMER, 2021). Essas tecnologias seriam subvertidas de sua programação inicial, a “obsolescência programada”, ou seja, o descarte depois de algum tempo de uso, para um destino menos determinista por meio de reparo e recondicionamento.

A derivação lógica do argumento inicial de Nemer (2021) é de que a experiência de carência material produz estratégias e práticas de funcionamento próprias de locais periféricos em relação aos grandes centros tecnológicos. Essas práticas imprevistas resultantes de limitações materiais superam barreiras para o acesso a todas as potencialidades que a internet pode produzir. Alguns dos usos observados pelo autor nos espaços das *lan houses* e centros digitais nas periferias tem relação com pesquisas escolares, escrita de currículos, jogos e redes sociais. Usos simples, objetivos e que não demandam grande aparato técnico, máquinas sofisticadas ou conexão potente. Essa infraestrutura simples ou, nas palavras dele “mundana”, é uma manifestação da maneira como os oprimidos reconfiguram a tecnologia para seus usos cotidianos.

A partir dessa argumentação, é necessário compreender que a disponibilidade de infraestruturas algorítmicas é limitada, além de outras barreiras, pela disponibilidade da infraestrutura material ofertada aos usuários. Em outras palavras, a cultura de uso da internet ofertada aos usuários se limita às capacidades materiais de conexão e das máquinas.

"A natureza e as formas assumidas pelo compartilhamento na internet são, portanto, consideravelmente tributárias das especificidades do dispositivo sociotécnico implementado - tratando-se, por exemplo, do YouTube ou Facebook, mas também do *peer-to-peer* ou ainda de Wikipédia, que remetem a modelos fundamentalmente diferentes [...] A dinâmica da participação na internet acaba alimentando os dispositivos no âmago dos quais ela se inscreve, sem deixar de ser extremamente circunscrita e orientada por esses mesmos dispositivos" (LOVELUCK, 2018, p. 211)

O uso de redes sociais, neste ambiente sociotécnico limitado, aparece como uma possibilidade de uso acessível que congrega comunicação e entretenimento sem exigir demais de máquinas defasadas e conexões instáveis. O trabalho de Nemer (2021) sobre tecnologias dos oprimidos abre uma discussão sobre acesso à internet a partir de um ambiente coletivizado, tecnicamente precário e que busca soluções práticas de comunicação, lazer e aprendizado.

Uma situação como a descrita pode ajudar a elucidar a disseminação do uso de redes sociais pelos brasileiros. Ainda que nem toda experiência com a internet possa ser encaixada no quadro descrito acima, os dados sobre a evolução dos usos das redes sociais apontam seu crescimento ao mesmo tempo em que a rede se dinamizava, interiorizava e ampliava sua banda de dados disponíveis para troca (MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES, 2022). A infraestrutura algorítmica se adequou a uma realidade material favorável e as primeiras grandes redes sociais a emergir nesse processo foram o MSN (ferramenta de troca de mensagens diretas entre usuários) e o ORKUT (rede social de comunidades que fez grande sucesso no Brasil). As redes sociais foram exportadas enquanto produto de mídia barato e acessível para países do sul global, ao mesmo tempo em que países do norte experimentavam uma internet com uma face bem diferente. Nesse início dos anos 2000 eram os blogs, ferramentas de texto, os produtos de mídia mais consumidos no norte global (MOROZOV, 2018).

O texto ainda era a forma privilegiada de consumo pelas limitações técnicas e de banda para imagens e vídeos, mas a diferença entre as redes sociais e os blogs é muito bem demarcada. Enquanto os blogs já guardavam uma mostra do que se tornaria a internet no futuro: fragmentada em nichos de interesse e com consumo direto de propaganda colocada à disposição por produtores de conteúdo segmentados. As redes sociais, mais precisamente, o ORKUT, o Facebook e o Twitter, se organizam de forma radicalmente diferente. A produção de conteúdo das redes sociais vem dos próprios usuários que se adequam a infraestrutura das páginas que estão utilizando e compartilham mensagens com seus grupos de amigos e de interesses. O consumo de conteúdo é descentralizado e altamente personalizado assim como a oferta de publicidades.

Essa diferença na infraestrutura algorítmica da blogosfera e das redes sociais vai, posteriormente, se dissolver em um ambiente de mídia intermediado por fluxos personalizados (encarnados nas *timelines* infinitas), pelo marketing segmentado e a construção de nichos de interesse. A partir dos anos 2010, as redes sociais se consolidam no Brasil como ambiente privilegiado de trocas sociais, sensação de inclusão e participação na vida coletiva e, transpondo

as conclusões de Nemer (2021) tratadas na sessão anterior, as redes sociais se reconfiguram no ambiente brasileiro de conexões precárias enquanto “tecnologias mundanas” onde as interações sociais serão mais e mais mediadas por seus filtros.

O Facebook foi a rede social que refinou sua estrutura de oferta de conteúdo personalizado em um nível de precisão que acabou por suplantá-lo, no Brasil, a rede mais famosa e utilizada anteriormente, o ORKUT, e inaugurar um modelo de negócio que se tornou hegemônico para as *big techs*. Com sua abertura em 2008, a diversidade de elementos ofertados nessa rede social: jogos, textos, postagens de amigos, celebridades e artistas, bem como a troca direta de mensagens construiu uma armadilha refinada para capturar a atenção dos usuários, extraída então pela primeira vez como o ativo principal de produção em uma rede social.

É possível pensar, portanto, a infraestrutura da internet hoje como uma grande fábrica em que cada postagem, curtida e compartilhamento produz uma mais-valia computada ou um refúgio, um rastro online deixado por todo usuário e que, apenas na aparência, não tem importância. Nossa atividade online produz marcas que podem ser computadas e quando milhões de pessoas afirmam suas preferências, produzem julgamentos de valor e interagem com seus próximos produz-se um volume de dados que não serve mais somente à intrusão de propagandas direcionadas, mas serve à indução de comportamentos, desejos, símbolos, valores, escolhas de consumo em grande escala.

3.7 Lógica de funcionamento

Se perguntar qual a lógica de funcionamento da internet é historicizar as diversas lógicas que justificaram os caminhos tomados no desenvolvimento da tecnologia. Desde decisões pragmáticas de alocação de recursos até decisões ideológicas defendidas por desenvolvedores, empresas, laboratórios universitários e o Estado. Em um contexto de expansão do então novo mercado digital, as decisões tomadas quanto às infraestruturas materiais da internet observavam medidas de ampliação de disponibilidade para novos usuários enquanto as infraestruturas algorítmicas garantem a fidelização e inclusão das redes sociais no cotidiano dos usuários.

Sobre isso Castells (2017) e Loveluck (2018) dão importantes contribuições. As redes emergem e se expandem, até os anos 1980, a partir de uma lógica de liberdade que tem, a princípio, uma série de características: cooperação entre especialistas para resolução de problemas comuns, forma-se uma comunidade de iguais onde as hierarquias são suplantadas por protocolos de circulação e avaliações feitas pela comunidade, colaboração e trabalho em

equipe e a construção de um mundo a parte, com regras e uma ética próprias (LOVELUCK, 2018). Até aqui, as redes ainda eram restritas aos usos universitários e militares com fins de pesquisa, mas essas características “deixaram a sua marca na cultura da internet, cujas práticas foram impregnadas duravelmente pelo que se assemelha, em nossa opinião, a uma forma de liberalismo [...] trata-se de organizar as interações de forma mais eficaz possível, mas também a menos hierárquica possível, a fim de que desenvolva a autonomia dos indivíduos envolvidos nessa troca” (LOVELUCK, 2018, p. 59). A influência desses princípios ainda pode ser observada em camadas mais técnicas de uso da internet, mas com a massificação de seus usos, nos anos 1990, perspectivas mais críticas interpretativas sobre a lógica de funcionamento das redes serão acopladas a estas.

Não pretendo adentrar as diversas justificativas históricas que garantiram a expansão da internet, mas adentrar nos argumentos que entendo mais atuais para compreender a lógica de funcionamento das redes sociais, possibilitando um recorte dentro do complexo aparato lógico da internet. Em vista disso, há na camada mais superficial dos discursos sobre a rede uma ênfase em liberdade, valorização da individualidade e transformações culturais.

"À medida que o público em geral tornou-se ciente das possibilidades oferecidas por essa mídia, esta começou, na realidade, a se livrar do domínio exclusivamente tecnológico para ser descrita, cada vez com maior frequência, em termos de transformação cultural comparável, em sua amplitude, à invenção da escrita" (LOVELUCK, 2018, p. 117)

Aqui o autor engrossa o coro de críticos da atual infraestrutura algorítmica das redes digitais como uma mistificação ideológica da copresença, ou seja, da presença factual de um Eu e um Outro em um novo padrão de transformação cultural transcendente. Essa perspectiva ecoa concepções da cibercultura e da ideia de que as redes produzem um encurtamento das distâncias e a formação de uma “aldeia global” (RÜDIGER, 2007). Ao remontar a genealogia da internet, Loveluck (2018) questiona a concepção de liberdade irrestrita mostrando que é um ambiente permeado por todas as questões políticas, sociais, econômicas e éticas que afetam o mundo “fora das redes”. Assim, a liberdade idealizada das redes esbarra na dicotomia regulação/autorregulação quanto a filtragem das informações e liberdade de expressão.

"Ora, as duas principais questões formuladas - relativamente à *discriminação* e à *filtragem* do tráfego - são, em determinados aspectos, premissas de potenciais consequências. Com efeito, os riscos de abuso são numerosos: em primeiro lugar, econômicos [...] os riscos também são explicitamente políticos na medida em que a filtragem - sob o pretexto, por exemplo, de verificar a sua legalidade - pode assumir a forma de uma 'inspeção de pacotes' (DPI ou *deep*

packt inspection), assimilável à violação da correspondência privada (como se os correios abrissem todas as cartas e encomendas que transitam por suas agências). A neutralidade das redes está, portanto, relacionada diretamente com as liberdades públicas"(LOVELUCK, 2018, p. 175)

No Brasil, até o momento, o que se cultiva na lógica do controle externo das redes é uma tentativa de aplicação do arcabouço jurídico-normativo que já é aplicado fora das redes, ou seja, tudo aquilo que vale fora das redes, no dito “mundo real”, vale dentro das redes, no “mundo digital”. Os termos de regulação caminham com atraso em relação as transformações sociotécnicas das redes. As possibilidades se ramificam, se fragmentam e as normativas e o trabalho legislativo e dos tribunais corre em um tempo diferente e mais lento que estes avanços. Assim, em linha com os estudos da cibernética e dos sistemas orgânicos, mecânicos e eletrônicos, é preciso olhar para o avanço de outras ciências que emprestam seus elementos, seu léxico e até sua lógica de funcionamento para a nascente ciência das redes digitais e entender como se dão seus processos de autorregulação. O autor, dialogando com a obra de Jussi Parikka (2016), aborda um aspecto das ciências biológicas e da computação:

"[...] as práticas computacionais nas décadas de 1980 e de 1990 foi acompanhada de pânico de natureza sanitária (e moral) associados a epidemias, tais como Aids, e de um corpo humano que é percebido como algo cada vez mais vulnerável à 'contaminação' no contexto das sociedades de risco. A coevolução da biologia e da informática levou a numerosas extrapolações na ordem das representações, estabelecendo paralelos entre o corpo e o computador à medida que a computação se tornava mais 'pessoal'" (LOVELUCK, 2018, p. 212)

Aqui é preciso pensar como esse corpo duplo (orgânico e computacional) começa sendo lido como vulnerável, incorpóreo, diáfano a partir de sua relação com uma ameaça descrita como um vírus, como ameaça externa à vida que aqui se confunde com os dados digitais. Esse sentido das representações amálgama interpretações de campos diferentes a partir dos usos de termos como “vírus” e “contaminação” e, também, confundindo ontologias de campos distintos do conhecimento.

Rita Segato (2003), em texto escrito ainda no começo da internet, mostra como a troca de mensagens em fóruns online sobre religiões cristãs observavam certas características: objetividade, agressividade, discordâncias detalhadas, classificações hierárquicas entre amigos (aqueles que concordam com o que é dito e demonstram apoio) e adversários (os que discordam e atacam o que é dito). Com o devido cuidado em reconhecer que é um texto escrito ainda nos anos 1990, é possível transpor diversas das características observadas pela autora no ambiente de trocas de mensagens online nas redes sociais contemporâneas.

Segato (2003) mostra, já naquele momento, que a ideia de copresença, ou seja, de que a internet mediará essa presença mútua de alteridades é ilusória, pois falta para consideração do Outro a materialidade do corpo que possa ser visto e vivenciado como vulnerável. A ausência do corpo é preenchida pela presença fictícia de um eu composto pelos valores morais e opiniões do usuário, seu avatar. A vulnerabilidade virtualizada do avatar nunca se realiza, porque na prática não há ameaça ou vulnerabilidade alguma, no máximo sobre a própria máquina. Sem medo dessa ameaça que nunca se realiza, os indivíduos em interação acreditam que o exercício de sua liberdade é ilimitado, deve ser defendido a todo custo e qualquer oposição a esta liberdade é vista como um ataque ao próprio indivíduo.

Os reflexos para compreensão da ideologia dominante nas redes são candentes. Essa liberdade ilimitada não é apenas uma ideia difusa circulante na internet, mas sua lógica de funcionamento declarada, sua lógica de superfície ou sua primeira camada. A formação do sujeito no ambiente online se dá pela submissão aos seus grupos de compartilhamento onde se disseminam elementos dessa ideologia de superfície aplicada localmente aos temas e assuntos de interesse. Em um ambiente de fraca regulação pública e de autorregulação oculta sob as caixas-pretas dos termos de uso e algoritmos, os sujeitos, que acreditam ser detentores do discurso livre e ilimitado, vão corroendo o tecido social e as possibilidades de convivência democrática nas redes com violência, ataques e desacordos inconclusivos.

Por fim, acredito necessário resgatar os argumentos de Loveluck (2018) e Segato (2003) para um contexto das redes sociais contemporâneas no geral e para a lógica de funcionamento do Twitter/X em específico. O que diferencia o ambiente das redes sociais das estruturas online anteriormente discutidas (blogs e chats) é a inclusão do elemento de gameificação. A lógica mais atual de funcionamento das infraestruturas das redes sociais funciona com elementos de punição e recompensa, desenhada como um jogo sociodigital. Se antes, no período do artigo de Segato (2003), a interação era apenas premiada ou punida com *feedbacks* escritos e a interação era visível somente em sistemas de troca de mensagens limitados, o design atual das redes sociais materializa esses *feedbacks* em *likes*, curtidas, compartilhamentos e retweets, onde o prêmio ou punição da atenção é oferecido a quem consegue estabelecer linhas de conexão discursivas a partir das regras (ou de sua quebra) de interação internas ao próprio jogo (autorreferências, memes, ironias, discursos exaltados, críticas etc.).

Essa nova configuração alimenta uma percepção de autonomia do usuário que se sente no controle das informações que disponibiliza para as plataformas e, ao mesmo tempo, recebe um conteúdo classificado, organizado e hierarquizado pelo algoritmo com base nas informações

que está fornecendo. Sabemos, pelos trabalhos acadêmicos que tem abordado o controle das plataformas digitais sobre os usuários (CESARINO, 2022; MOROZOV, 2018; ZUBOFF, 2018), que essa sensação de liberdade e autonomia é falsa, mas ainda assim produz efeitos bastante reais. Por fim, a percepção subjetiva do sujeito online vai, paulatinamente, mudando sua configuração, se antes ainda resistia um reconhecimento da passividade em relação ao que era oferecido pelas plataformas e consumido como produto ou conteúdo na Internet, essa subjetividade vai sendo interpretada, a partir dos anos 2010, como uma subjetividade superprodutiva e autônoma, conspícua a um novo modelo de circulação do capital e do próprio capitalismo.

3.8 Sistema de produção algorítmico

Me debruço aqui sobre a terceira parte deste argumento retomando a ideia de algoritmo, conceituada por Loveluck (2018) a partir do trabalho pioneiro de Alan Turing, como a expansão da automação de processos. Um sistema de produção é a forma de organização social e histórica que permite a transformação da natureza em valor de uso e troca. Assim, a forma sob a qual o atual sistema de produção online se apresenta deve, necessariamente, ser uma continuidade do sistema vigente fora das redes, qual seja, o capitalismo. Assim, afirma o autor:

"A partir dessa perspectiva, a sociedade da informação se limita a ser o mercado sob outra forma, e o discurso de seus fiéis devotos consiste essencialmente na reformulação de um refrão liberal bastante conhecido, prometendo a prosperidade com a condição de deixar desenvolver plenamente a liberdade individual, mas tendo como resultado a defesa dos interesses de classe e um sistema de favorecimento de uma minoria oligárquica" (LOVELUCK, 2018 p. 113)

A interpretação liberal, segundo o autor, se assenta na perspectiva de que a internet transformou as trocas e a alocação de valor do capitalismo liberal. A produção de valor "desloca-se da indústria para as trocas desmaterializadas" (LOVELUCK, 2018, p. 114). Essa interpretação é hegemônica dentro do conjunto de discursos que tem competido para estabelecer uma perspectiva sobre o que é a internet e tem se consolidado para o grande público. Tomando como risco de alguma descontinuidade histórica, esse deslocamento da produção material proveniente da atividade industrial para as trocas desmaterializadas pode ser compreendido partindo de duas considerações: a diferença entre valor de uso e valor de troca, extensamente

argumentada pela teoria marxista e seus leitores contemporâneos; e a crítica atual quanto a forma de produção de valor na infraestrutura das redes que é exclusiva das trocas online.

Em relação a primeira consideração, a lição clássica quanto a diferença entre valor de uso e valor de troca ainda pode servir para explicar o que é produzido, ou tomado, de nós usuários no interior das redes digitais sem mesmo nosso conhecimento. O capitalismo transfigura todo valor de uso em valor de troca no ambiente de mercado (MARX, 2017). Ou seja, ainda que subsistam certas utilidades próprias dos resultados gerados pelas escolhas e coleta de informações de usuários individuais, seu valor só se realiza com a possibilidade da troca, do comércio destas informações enquanto pacotes que podem ser negociados, “esses fluxos de dados foram rotulados pelos tecnólogos de *'data exhaust'*. Presumidamente, uma vez que os dados são redefinidos como resíduos, a contestação de sua extração e eventual monetização é menos provável” (ZUBOFF, 2018, p. 32). Os dados individuais de cada usuário (*small data*) quando acumulados aos milhões e bilhões a partir do uso de ferramentas algorítmicas se tornam coletivas (*big data*).

“[...] *big data* é, acima de tudo, o componente fundamental de uma nova lógica de acumulação, profundamente intencional e com importantes consequências, que chamo de *capitalismo de vigilância*. Essa nova forma de capitalismo de informação procura prever e modificar o comportamento humano como meio de produzir receitas e controle de mercado. O capitalismo de vigilância se formou gradualmente durante a última década, incorporando novas políticas e relações sociais que ainda não haviam sido bem delineados ou teorizados. Mesmo que o *big data* possa ser configurado para outros usos, estes não apagam suas origens em um projeto de extração fundado na indiferença formal em relação às populações que conformam tanto sua fonte de dados quanto seus alvos finais” (ZUBOFF, 2018, p. 18)

Classificar o *big data* como residual ou “lixo” no sentido informacional não dá uma dimensão realista da importância desse tema enquanto fundamento desse novo sistema produtivo. É possível afirmar que denominar esse subproduto da atividade online como resíduo é um mascaramento ideológico quanto ao funcionamento da acumulação na condição atual do capitalismo. As consequências sociais dessa mecânica de acumulação, para a autora, são o fim da sociedade da confiança e da incerteza dos contratos substituída pela inauguração da sociedade da gestão contínua do cotidiano a partir da vigilância.

“Nesse futuro projetado, a comunidade humana já fracassou. É um lugar adaptado à normalização do caos e do terror, onde os últimos vestígios de confiança há muito tempo se esvaeceram e morreram. O revigoramento humano, a partir das falhas e triunfos das afirmações da previsibilidade e do exercício da vontade em face da incerteza natural, dá lugar ao vazio da submissão perpétua. Em vez de permitir novas formas contratuais, esses

arranjos descrevem o surgimento de uma nova arquitetura universal que existe em um lugar entre a natureza e Deus, batizada por mim *de big other*. Essa nova arquitetura configura-se como um ubíquo regime institucional em rede que registra, modifica e mercantiliza a experiência cotidiana". (ZUBOFF, 2018, p. 43)

A racionalização do *big data* demanda uma arquitetura de totalidade que ela denomina *big other* (em evidente referência ao *big brother* de George Orwell no romance distópico *1984*). A ironia reside no fato de que o livro Orwell foi escrito como uma crítica ao controle e violência do Estado comunista soviético durante o período stalinista, mas o *big other* é uma distopia gestada no capitalismo financeiro e levada a cabo por um capitalismo de vigilância. A realidade substituiu a própria distopia nos processos de produção e acumulação contemporâneo do capital.

"A falsa consciência já não é produzida pelos fatos escondidos da classe e sua relação com a produção, mas pelos fatos ocultos da modificação do comportamento mercantilizada. Se o poder já foi uma vez identificado com a propriedade dos meios de produção, agora ele é identificado com a propriedade dos meios de modificação comportamental". (ZUBOFF, 2018, p. 45)

Talvez um exemplo ajude a ilustrar essa questão: imagine que você entra em um site de compras online para comprar um livro, antes de finalizar sua compra e ir para área de pagamento, você deve fazer um cadastro e autorizar que a empresa colete dados simples sobre você como sua localização e lista de contatos. Esse cadastro termina, você é direcionado para a área de pagamento e finaliza sua compra. O consumidor, enquanto sujeito individual, efetuou de forma positiva e no exercício livre de sua vontade uma compra online. Fim? Como no filme *Us* de Jordan Peele em que o mundo real é invadido por duplos raivosos que habitam os subterrâneos e tem a aparência idêntica à de pessoas reais, esse aparente ato positivo de consumo individual em um site de compras é também o ato duplo de uma sombra.

O tema do duplo ou *dopplegänger* é bastante repetido em obras de ficção fantástica e ficção científica e acaba refletindo o que nas ciências sociais tem sido construído como o fenômeno do *dividual* (RODRÍGUEZ, 2018). No contexto da atividade online nossos perfis são duplos e duplamente monetizados, mas é na atividade da sombra que está o real interesse do atual sistema de acumulação. Ao fazer a compra e preencher seus dados, o site guarda seu histórico de compras, os produtos visualizados, o tempo dedicado para a tomada de decisão, o conteúdo dos livros que são do seu interesse, temas acessórios e marginais ao livro comprado, os perfis da sua rede de contatos com atividade no site, os interesses da sua rede de contatos em

conexão com os seus e milhares de outras informações a partir do ato de mediar a relação de compra entre você e um livro.

O último terço do século XIX e durante todo o século XX o capitalismo industrial e a máquina de produção subjetiva da Guerra Fria exploravam o trabalho positivo e individualmente produzido pelos indivíduos, a fábrica e, posteriormente, o cubículo de escritório são a arquitetura modelo do trabalho, da produção e da acumulação do capital. Contudo, a partir do século XXI, e mais radicalmente a partir do confinamento pela pandemia de covid-19, é possível explorar novas fronteiras do trabalho positivo do indivíduo e, ao mesmo tempo, o não-trabalho ou a produção negativa da sombra que pode ser capturada pelo instrumental algorítmico. Neste contexto, a própria residência, a partir do uso protético de smartphones e outros aparatos tecnológicos, se torna a arquitetura modelo como espaço do trabalho individualizado, atomizado e fronteiro.

O resultado é a produção de um sujeito ideal para a arquitetura das redes cujos gostos, desejos, afetações, sentimentos e sensações podem ser previstos e, portanto, guiados para ação de consumo. Partindo desse nível de determinação, tudo se torna uma relação de consumo: a ação política, as constituições morais, os valores, os bens culturais etc. A conclusão de Zuboff (2018) alerta sobre os perigos desse isolamento e a substituição do Estado democrático de direito pela produção de um hiper-realismo total do capitalismo de vigilância onde a governança, e, acrescento, a governança biopolítica, se estabelece a partir de fatos gerais, indiscutíveis e que devem ser aceitos por todos. Ela discute o exemplo de Edward Snowden e como a fronteira entre o público e o privado se esvanece a partir de discursos sobre o risco à segurança nacional e aos “assuntos de Estado”, “incluindo colaborações e interdependências construtivas entre autoridades de segurança do Estado e empresas de alta tecnologia” (ZUBOFF, 2018, p. 59).

Há aqui uma imbricação entre opostos que deixa de organizar a leitura social da realidade. Como já tratado por Cesarino (2022), opostos como verdade e mentira, individual e coletivo, público e privado etc. entram em colapso e são mantidos coesos a partir do uso da truculência, da imposição e da força dos aparatos institucionais, mas também da inteligência, vigilância e maquinária de mídia, ferramentas muito mais sutis e insidiosas. Ainda que resistam aberturas para outros modelos de uso e apropriação das redes virtuais, esta é a face atual da internet: redes sociais guiadas por uma produção algorítmica personalizada para se adequar às subjetividades de seus usuários, capturar sua atenção e maximizar sua capacidade produtiva (tanto consciente quanto inconsciente).

3.9 Do apito da fábrica ao apito de cachorro: trabalho e produtividade semiótica do bolsonarismo

Em que pese o caminho teórico transcorrido até aqui, não é possível ignorar a necessidade de articulação entre diferentes elementos para a interpretação do que é o fenômeno do bolsonarismo e sua relação com a sociedade brasileira e, em especial, o uso brasileiro da internet. Imaginei o apito da fábrica soando, rumas de trabalhadores e trabalhadoras calejados caminhando pela entrada de uma fábrica para turnos de trabalho de 14 horas. No fim voltam para suas casas, para suas famílias. Mesmo com turnos de trabalho tão exaustivos, tendo sua força de trabalho explorada pelo espectro do capitalismo fabril, podem voltar para casa, brincar com seus filhos, frutos verdes da condução heteronormativa da vida, e se preparar para mais uma exaustiva jornada de trabalho. E se a exploração jamais nos deixasse?

Parafraseando Rosa (2013) o grande avanço do século XXI é a aceleração, tudo deve ser mais rápido, nosso trabalho deve ser feito de forma mais veloz e eficiente, nosso lazer deve ser vivido de forma mais veloz, controlada e, se possível, medicada e indolor. A sessão anterior visa mostra como nossas vidas (o trabalho, o lazer e até o sono), mediadas pelas tecnologias digitais, este mediador de mediadores, terão toda sua potência subsumida a critérios objetivos de produtividade (consciente e inconsciente) que está sendo progressivamente colonizada pela lógica algorítmica. Mas o que isso poderia ter a ver com a política em geral, com a covid-19 ou com o bolsonarismo?

Reconhecer que a vida como descrita na sessão anterior é cada vez mais algorítmica e pré-definida, evidencia tanto uma comunicação e socialização efetivada com bases pré-cognitivas (emoções, simplificações, reducionismos) quanto a proeminência de grupos de extrema direita com uma tendência muito maior a utilizar essas formas de comunicação e socialização com mais eficiência. Aqui entra a metáfora, propositalmente frágil, do apito de cachorro. Assim como o apito da fábrica, que marcava o começo e o fim de um expediente de trabalho, o apito de cachorro insta que os operários semióticos entrem em atividade (comentando, curtindo, compartilhando, comprando, discutindo, discordando, atacando e defendendo), com a diferença de que este aparato metafórico jamais avisa o momento de interromper as atividades produtivas.

A política do *dog whistle* (em tradução livre para o português, apito de cachorro) é uma forma de codificar, no interior de mensagens direcionadas ao grande público, elementos que

serão compreendidos apenas por aqueles que compartilham do mesmo universo simbólico do emissor da mensagem (BARBOSA; REYNALDO; SANTOS, 2021), ou seja, como um apito para cachorros, a mensagem só é “ouvida” na sua integralidade por aqueles capazes de compreendê-la. Parece uma refinada e organizada estratégia de comunicação utilizada por grupos de extrema-direita, sobretudo grupos racistas, para a emissão de mensagens cifradas para seus apoiadores e formas de demonstrar apoio ou endosso a certas ideias.

Aparentemente, a internet tornou essa estratégia muito menos sutil. Durante o governo de Jair Bolsonaro foram inúmeras as situações de apitos de cachorro “expostas” online sendo talvez a mais famosa o pronunciamento do então secretário especial da cultura Roberto Alvim falando em uma arte heroica e nacional (exemplos dessa bela arte nacional no último capítulo) enquanto toca ao fundo prelúdio da ópera de Lohengrin de Richard Wagner. Fato ocorrido ainda em janeiro de 2020, ou seja, antes da pandemia. A reação foi imediata, não apenas ao pronunciamento de inspiração nazista de Alvim, mas a todos os apitos de cachorro durante o governo Bolsonaro. O objetivo jamais foi ser sutil, mas produzir tensões socialmente relevantes e manter suas bases ativas e produzindo oposições tanto fora quanto nas redes, manter suas bases e seus opositores trabalhando.

Aqui a armadilha se fecha e se completa. As redes se alimentam dos embates, da produção de oposições e do refugo da expressão dos nossos desejos expressos nas redes. Enquanto formas de comunicação críptica, codificadas e direcionadas, a comunicação do bolsonarismo é um atentado a própria estratégia das extremas-direitas ao redor do mundo. Enquanto outras experiências de extrema direita ao redor do mundo se afastam dos estereótipos historicamente associados ao fascismo e ao nazismo, ao mesmo tempo em que repetem as mesmas pautas, o bolsonarismo fez o oposto.

Dentro dessa lógica, parecer nazista ou supremacista branco é pior do que ser de fato nazista ou supremacista branco nas entrelinhas¹⁶. Nesse sentido, parecer nazista, produzir discursos chocantes e agressivos chama o debate, a altercação e o trabalho semiótico no interior das redes sociais. Novamente, não porque o bolsonarismo planejou essa estruturação e estes efeitos, mas porque as redes sociais operam melhor a partir da discordância, da oposição e da contenda. Quando o bolsonarismo se utiliza de elementos discursivos performativos para produzir coesão social, é a produtividade das redes que ganha. A degradação do espaço democrático, a degradação das relações e o ataque as diferenças que movimenta as afecções

¹⁶ Devo o início dessa reflexão ao vídeo sobre o assunto do excelente canal do Youtube Mimimídias (MATHEUS, 2022).

humanas que se expressão nas redes só é vantajosa para o ambiente online, protegido intelectualmente por um grande conglomerado que lucra com a presença e a produtividade online de pessoas reais.

A forma como o fascismo instrumentaliza a emoção não é nova, essa relação foi discutida por diferentes tradições da filosofia política (ADORNO, 2020; KONDER, 2009; RANCIÈRE, 2005). O que é visível no nosso atual momento histórico é a abertura que as redes sociais dão para o contato com aspectos muito fundamentais da subjetividade. Proponho uma inversão da perspectiva apresentada pelos autores até aqui. O espaço virtual, e as redes sociais mais especificamente, são uma mediadora tão eficaz porque atuam ao mesmo tempo como múltiplos filtros de percepção, mas também como ferramentas de edição de si.

A base bolsonarista, seus apoiadores e demais agentes políticos de extrema-direita não atuam apenas replicando informações e representações sociais cunhadas no interior do bolsonarismo. A capacidade de edição das redes faz com a mensagem se encaminhe de forma personalizada para diferentes públicos, adaptada e adequada para a recepção de públicos específicos. Novamente, não por uma construção do próprio bolsonarismo enquanto projeto, mas porque essa é a forma pela qual as redes sociais maximizam sua produtividade, as extremas direitas se adaptaram mais rápido a essa forma de produção, emocional, rápida e irrefletida.

A tabela seguinte seleciona mensagens de publicadas pelo perfil @jairbolsonaro no segundo semestre de 2020 e utilizo o acúmulo de considerações feitas até aqui para produzir uma análise continuada da comunicação governamental nesta rede social. Aqui, especialmente, é necessário observar as representações sociais acionadas e sua relação com ambiente virtual das redes sociais.

Tabela 6 - Twittes selecionados da página @jairbolsonaro, segundo semestre de 2020					
Data	Perfil	Mensagem	Nº de Ret.	Nº de Coment.	Nº de Curt.
20200704	jairbolsonaro	e a hidroxiclороquina chegou a porto seguro BA parabéns dra raissa soares	7521	4085	37400
20200708	jairbolsonaro	aos que torcem contra a hidroxiclороquina mas não apresentam alternativas lamento informar que estou muito bem com seu uso e com a graça de deus viverei ainda por muito tempo	15400	12100	48700
20200714	jairbolsonaro	zerados tarifas de mais 34 insumos usados no combate à covid-19 ao todo já somam 549 medicamentos equipamentos e maquinário adequado minsau de detalhes	4328	2366	22700

20200718	jairbolsonaro	FoxNews mostra estudos sobre a eficácia da hidroxicloroquina no combate ao coronavírus	7346	3513	30600
20200723	jairbolsonaro	O governo zera imposto de importação de equipamentos de energia solar as resoluções publicadas no diário oficial da união surgem após sequência de isenções no mesmo sentido de cerca de 539 itens ligados ao combate do covid-19 MinEconomia minsaudefgovbr	5631	3456	29900
20200809	jairbolsonaro	no reino unido o departamento de saúde estima que 16 mil pessoas morreram das mais diversas formas por não terem acesso ao sistema de saúde devido à pandemia enquanto 25 mil morreram de covid-19	5809	2424	29600
20200809	jairbolsonaro	conclui-se que o lockdown matou 2 pessoas pra cada 3 de covid no reino unido no brasil mesmo ainda sem dados oficiais os números são seriam muito diferentes lamentamos cada morte seja qual for a sua causa como a dos 3 bravos policiais militares executados em são paulo	1936	304	9173
20200809	jairbolsonaro	quanto à pandemia não faltaram recursos equipamentos e medicamentos para estados e municípios não se tem notícias ou seriam raras de filas em hospitais por falta de leitos UTIs ou respiradores	2176	269	10600
20200809	jairbolsonaro	muitos gestores e profissionais de saúde fizeram de tudo pelas vidas do próximo diferentemente daquela grande rede de TV que só espalhou o pânico na população e a discórdia entre os poderes	2355	275	11300
20200809	jairbolsonaro	no mais essa mesma rede de tv desdenhou debochou e desestimulou o uso da hidroxicloroquina que mesmo não tendo ainda comprovação científica salvou a minha vida e como relatos a de milhares de brasileiros	2509	281	11900
20200809	jairbolsonaro	a desinformação mata mais até que o próprio vírus o tempo e a ciência nos mostrarão que o uso político da covid por essa tv trouxe-nos mortes que poderiam ter sido evitadas	3502	726	15500
20200809	jairbolsonaro	de forma covarde e desrespeitosa aos 100 mil brasileiros mortos essa tv festejou essa data no dia de ontem como uma verdadeira final da copa do mundo culpando o presidente da república por todos os óbitos	6470	3492	34200

20200809	jairbolsonaro	estão com saudades daqueles governantes que sempre os colocavam como prioridade ao fazer o orçamento da união mesmo sugando recursos da saúde e da educação deus família pátria	5366	2750	31300
20200813	jairbolsonaro	live de toda quinta feira 13 08 2020 nos acompanhe pelo youtube	1677	2421	9931
20200813	jairbolsonaro	temas privatizações reformas responsabilidade fiscal auxílio ao setor aéreo fatos sobre a hidroxicloroquina combate ao vírus e ao desemprego esclarecimentos sobre fatos da economia e informações sobre o setor de turismo com o presidente da EmbraturNews Gilson Machado	952	27	6673
20200820	jairbolsonaro	live de toda quinta feira sobre fatos da semana do govbr acompanhe pelo youtube	2053	2238	11900
20200820	jairbolsonaro	temas china recomenda o uso da cloroquina desburocratizações robô alice pesquisadores brasileiros criam a consersa natural substituindo produtos químicos	1128	49	5420
20200820	jairbolsonaro	CGUonline dados sobre combate à corrupção além dos divulgados diariamente nas redes sociais com o ministro W Rosário CGU auxílio emergencial 111 operações no combate a desvios de recursos do pagador de imposto	628	492	3306
20200912	jairbolsonaro	cinco meses depois de zerarmos o imposto da vitamina D a imprensa agora sem citar reconhece sua eficácia para na prevenção a covid-19	7747	3500	35700
20200922	jairbolsonaro	henrique prata diretor do hospital do amor de barretos recomenda a cloroquina para o tratamento da covid-19 no youtube	4203	214	18900
20200928	jairbolsonaro	sociedade européia de cardiologia afirma o uso da hidroxicloroquina não causa arritmia milhares de vidas poderiam ter sido salvas caso a HCQ não tivesse sido politizada	8648	3327	30400
20201016	jairbolsonaro	covid-19 vacinação	6109	1457	29800
20201017	jairbolsonaro	dra. Raissa de porto seguro BA daquele video sobre hidroxicloroquina dá uma importante recado sobre eleições no brasil peço assistir e compartilhar bom dia a todos	10800	2298	31600

20201110	jairbolsonaro	baseado nas diretrizes da redevirus o ministério da ciência tecnologia e inovações o mctic buscou entre 2000 medicamentos e encontrou a nitazoxanida como remédio de reposição cientificamente demonstrado no tratamento precoce da covid que reduz a carga viral	0	0	0
20201110	jairbolsonaro	está realizando testes clínicos para verificar a vacina BCG em 1000 profissionais de saúde como uma maneira preventiva do covid reforçando o sistema imunológico desenvolveu reagentes nacionais e testes diagnósticos sem reagentes	819	90	5508
20201110	jairbolsonaro	testou plasma convalescente em todo o brasil para monitorar o sequenciamento genético e mutações do vírus para garantir eficiência da vacina nacional investe em pesquisa para conhecer a patogênese da doença	657	65	4949
20201110	jairbolsonaro	investe em 15 protocolos de vacinas nacionais e uma delas já está em fase de testes clínicos com humanos aumentou 13 laboratórios de campanha e 14 laboratórios de nível de biosegurança 2 foram transformados em nível de biossegurança 3	692	55	5044
20201110	jairbolsonaro	desenvolveu tecnologia de ventiladores pulmonares 100 nacionais dando independência ao Brasil de importações desenvolve diversas inovações como cremes profiláticos bioagentes nacionais para álcool em gel diversos testes clínicos etc	1108	273	11300
20201110	jairbolsonaro	o ministro Astro_Pontes e o presidente jairbolsonaro trabalham desde fevereiro ao lado da ciência no combate ao covid-19	1167	294	12100
20201119	jairbolsonaro	aos primeiros sintomas procure um médico e inicie o tratamento precoce não espere sentir falta de ar para tomar essa decisão de procurar um médico e iniciar o tratameto precoce o brasil é um dos países que tem o maior número de recuperados da covid-19	5764	2232	28700
20201203	jairbolsonaro	live de quinta feira 03 12 2020 acompanhe em nosso canal do youtube	1401	1348	9688

20201203	jairbolsonaro	temas trabalho da policia federal investimento em obras crescimento do turismo energia solar nuclear e abastecimento ações do mmeioambiente e Minas_Energia grafeno e nióbio crescimento da economia desmentindo mentiras da imprensa covid-19	642	71	5103
20201209	jairbolsonaro	o govbr zerou impostos de importação de 509 produtos para o combate ao covid-19 produtos que combatem o câncer hiv equipamentos de energia solar e produção médica exames cirurgias oftalmológicas informática arroz soja e milho mais continuam em estudo	1435	481	10400

Neste contexto é necessário fazer aqui comentários de natureza complementar. Observada a operacionalidade das representações sociais no capítulo anterior, são as formas representacionais biomédicas, do campo militar e da área econômica que irão se manter e produzir coesão e coerência no grupo já radicalizado. Com mais de seis meses de pandemia, já se começava a observar uma diminuição das manifestações de apoio ao então presidente e os ecos críticos começavam a reverberar em grupos que até então tinham demonstrado algum apoio ao bolsonarismo como pequenos empresários, produtores rurais, celebridades e grupos comunicacionais da grande mídia brasileira.

As mensagens emitidas a partir do segundo semestre de 2020 mantêm uma continuidade com os temas anteriormente tratados, mas neste momento estamos em um outro estágio de produção semiótico. As críticas ao governo se avolumaram e a estratégia de comunicação aborda o tema de forma mais técnica. Excetuando um conjunto de mensagens destinadas a criticar a rede Globo (inclusive mensagens com números de interações maiores que a média), as mensagens ganham um caráter bastante técnico abordando números, nomes de testes e termos técnicos. O trabalho de radicalização é deixado para outros agentes que assumem a função de retrabalhar semioticamente o trabalho descritivo apresentado nas redes.

Tem se mostrado uma estratégia eficaz para o bolsonarismo levar outros agentes para as trincheiras da produção semiótica. Suas mensagens têm orientado as representações compartilhadas, mas o uso do Twitter/X e da Youtube tem se revelado muito mais como atividade de construção e elaboração de pautas que serão posteriormente metabolizadas pelas redes de apoiadores e outros agentes. Neste período há uma certeza pragmática da pandemia de covid-19, não sabíamos enquanto corpo social, quanto tempo ela ficaria entre nós, o que tornava sua presença elementar à condução da vida naquele momento e a diminuição da atividade de

produção semiótica das redes bolsonaristas demonstra isso. No Twitter/X há uma letargia programática que se adequa ao tipo de função que esta rede social em específico adquiriu ao longo dos anos. A diminuição das controvérsias, diminuem as controvérsias na própria rede social. Em comparação com as *lives*, em que as controvérsias se restringiram mais às medidas de controle efetuadas pelos Estado e a ocupação de cargos ministeriais, a pandemia de covid-19 não necessariamente perde relevância, mas se estabelece como o pano de fundo no qual a reprodução da vida está se dando no período.

Essa situação muda no primeiro semestre de 2021 com a crise de Manaus e identificação de que, nas entrelinhas da política pública, foram cometidos erros na distribuição logística de recursos para diferentes regiões do Brasil, evidenciando processos de desigualdade regional crassos, de invisibilização e precarização (ORELLANA *et al.*, 2020). Neste sentido, abordo no capítulo seguinte interpretações ao redor da pandemia de hiv/aids e a construção de um paradigma de condução de políticas públicas e gestão de populações desenvolvido nesse período.

4 HIV/AIDS COMO PARADIGMA: A CONFLUÊNCIA ENTRE MÍDIAS DIGITAIS E NECROBIOPOLÍTICA

4.1 Reconstruindo a imagem da doença

No início, quando ainda não se sabia exatamente como cuidar dos adoecidos pela covid-19, a mídia construiu imagens diversas, por vezes contraditórias, sobre a nova pandemia. Os doentes graves eram acometidos de inflamação nos pulmões. A inflamação gera um quadro agudo de falta de ar, mas há ainda outros sintomas comuns: ausência da percepção para cheiros e sabores, fadiga extrema, dor de cabeça, dor no peito e febre. Mas é a falta de ar que determina a principal imagem do processo de adoecimento na covid-19. O distanciamento social e o uso de máscaras em ambientes externos e hospitais compõem nosso imaginário sobre a doença e, ao mesmo tempo, é a imagem sobre qual nossa socialização, nossos processos de sociabilidade e nossa capacidade de simbolização se fixou ao longo dos períodos fechamento do comércio e atividades externas.

A pandemia alterou, quando não impossibilitou, nossas perspectivas de interação presencial. A máscara se tornou uma constante nos espaços públicos, nos encontros familiares e entre amigos. Ao mesmo tempo, as conversas foram dominadas pelos temas da pandemia: formas de prevenção, períodos de *lockdown*, trabalhos remotos, reuniões online etc. O noticiário e os vídeos compartilhados em redes sociais traziam imagens de hospitais, profissionais de saúde correndo de um lado para o outro, pacientes acamados em estado grave e pronunciamentos de especialistas, técnicos em políticas públicas, cientistas e médicos.

As máscaras foram o acessório mais utilizado na pandemia e se incorporaram à convivência social nesse período. Identificadas com os ambientes hospitalares onde a assepsia é prática importante para evitar contaminações, o uso de máscaras se tornou uma alternativa não farmacológica para a diminuição dos casos de contágio e disseminação da doença. O uso de máscaras, de limpeza das mãos com álcool em gel, o distanciamento social e lockdowns, termo que se popularizou em inglês, foram as principais mudanças cotidianas trazidas pela pandemia de covid-19 em um primeiro momento.

Os meios de comunicação ainda brindam suas audiências com uma estética da covid-19: máscaras em ambientes fechados e abertos, médicos, médicas, enfermeiros e enfermeiras correndo de um lado para o outro com EPI completos, familiares sofrendo a perda de seus entes queridos, políticos, infectologistas e epidemiologistas sendo entrevistados em programas de

televisão e falando diretamente de seus lares e escritórios¹⁷. De repente um medo moderno, o medo do hospital e da doença, é associado aos nossos espaços contemporâneos: o lar, a rua, o bar, o escritório etc. Os cenários que estes profissionais usam para desfiar os detalhes sobre a doença não é mais a impessoal organização de um estúdio de televisão ou de um consultório médico. Esses profissionais estão dentro de suas próprias casas, tendo suas retaguardas cobertas por suas bibliotecas, podemos ouvir latidos de cachorros, vozes de crianças em casa ou conversas paralelas sussurradas.

A nova doença passa a compor o noticiário, mensagens publicadas em redes sociais e conversas cotidianas. As políticas de distanciamento social e *lockdown* obrigam uma grande parcela da população a permanecer em casa, apenas como testemunhas dos efeitos brutais da pandemia sobre os sistemas de saúde dos países ao redor do mundo (WANG; MAO, 2021). A máscara materializa uma contradição presente na contemporaneidade quanto ao risco das pandemias e a busca por segurança, “nesse sentido, medo e segurança constituem-se em polos de uma mesma equação cultural, e a partir dessas oposições complementares é que se torna possível avaliar a dinâmica peculiar de um momento histórico” (BERTOLLI FILHO, 2012, p.15).

Bertolli Filho (2015) trata aqui de uma equação perigosa para a democracia e de especial interesse para a teoria social. Pensar a ciência como expressão dessa contradição é fundamental para entender como são os processos industriais, desenvolvimentistas e tecnológicos, em última instância científicos, que produzem os riscos imediatos suportados pelo corpo social. Ao mesmo tempo, e em sentido complementar, são esses mesmos processos tecnológicos e científicos que produzem algum grau de segurança e confiabilidade de procedimentos, segue ele, “tais rotas, apesar de em um primeiro instante parecerem antagônicas, complementam-se, sendo formadas pelas concepções de segurança e de risco em relação aos fluxos sociais e institucionais” (BERTOLLI FILHO, 2015, p. 17).

As instituições democráticas acabam padecendo de um dilema contemporâneo. Como intervir coletivamente, neste caso em uma pandemia global, sem interferir sobre a vida e a liberdade? Vida e liberdade são relativizadas frente a uma grave situação sanitária? É o cálculo racional que articula segurança e risco, entre dois polos não antagônicos, mas complementares, que tem maior possibilidade de responder essas perguntas.

O medo que se instala nas populações não é apenas sobre o risco da doença, mas sobre o que os governos irão fazer para controlar sua disseminação e cuidar das pessoas. Ulrich Beck

¹⁷ EPI é sigla para Equipamentos de Proteção Individual, aparatos usados para proteção contra agentes infecciosos.

(2011) escreveu longamente sobre o risco em nosso tempo propondo outra interpretação sobre a modernidade. Essa interpretação tenta descrever como os fatos deixaram de ser locais e se tornaram transnacionais, como seus efeitos podem ser sentidos além das fronteiras de seus países e nações e deverão ser suportados por todas as sociedades (BECK, 2011). Ainda sobre o medo e pandemias:

"Fazendo as populações abandonarem seus valores e costumes mais enraizados, a doença epidêmica, como lembra Jean Delumeau, interrompe atividades familiares, isola o doente, impõe o silêncio à cidade, o anonimato na morte, e determina a abolição dos rituais de alegria (como festas de casamento) e de tristeza (como velórios)". (MONTEIRO, 2012, p. 149)

Ao mesmo tempo como o medo e a imaginação são alimentados por imagens de perigo, o trabalho das políticas para as coletividades difusas se torna um gerenciamento dos riscos iminentes e projetados, "reciclado periodicamente, tal imaginário tem nutrido fantasias e gerado discursos alarmantes entre os leigos e, também, em parte da comunidade dos cientistas" (BERTOLLI FILHO, 2015, p. 20). O medo como principal afeto em circulação pode alertar para situações de risco e ameaças reais, mas também produzir fantasias irresponsáveis que acabam por tomar o lugar de preocupações genuínas e realistas.

A produção das imagens, reais e mentais, da pandemia discutidas aqui sempre devem ser entendidas como resultado de processos de mediação organizados ao redor das mídias, como principais agentes construtores do imaginário social, e dos próprios sujeitos/agentes e instituições que produzem discursos sobre os temas da covid-19. Há procedimentos contínuos de tradução dos riscos e estratégias de cuidado para o grande público e disseminação de informações. Essas informações nem sempre obedecem a procedimentos quanto a melhor comunicação em saúde e variam conforme os interesses sociais e políticos dos grupos que as produzem.

Seria possível então, nesse mesmo sentido, questionar se a pandemia de covid-19 também é mais do que seus sintomas, seu contágio e impactos sobre os sistemas de saúde dos países? Há outra epidemia, outra forma de disseminação de discursos, ideias, práticas, que se processa ao mesmo tempo nas redes sociotécnicas comunicacionais e que afeta nossas formas de interação social? O livro de Stefan Cunha Ujvari (2011) narra a história a partir do estudo de vírus, outros parasitas remontando um quadro de descobertas possíveis sobre a história humana. Além da história, seria possível narrar nossas formas de socialização, nossas ideologias, a transmutação dos valores morais e éticos humanos a partir de uma pandemia? De certo que essa observação seria lateral ou parcial, mas sem sombra de dúvidas posicionar a

questão a partir de uma doença generalizada, de um fato social tão significativo, pode produzir novas perspectivas sobre sujeitos, grupos e instituições que escapariam a um exercício mais geral de compreensão da realidade. O desenvolvimento deste trabalho poderá dar conta de reinscrever essas questões nos termos da complexidade sociológica.

A mídia tem reportado discursos e práticas, inclusive institucionais e ligados ao governo de Bolsonaro, que tem como alvo as medidas não farmacológicas de combate à pandemia como o distanciamento social e uso de máscaras. Nesse trabalho articulo esses discursos e práticas contra a saúde pública e os consensos científicos estabelecidos a um quadro mais amplo onde emergem elementos do machismo, LGBTfobia, racismo e discriminação de classe que se articulam em rede na produção de hierarquias sociais com impacto na política e na economia.

Esse quadro mais amplo se expressa na forma de redes não lineares, não causais e sem uma lógica estacionária pré-definida. Em um primeiro momento os avanços sociotécnicos e tecnológicos pareciam ter vencido a doença e o medo da morte ou, ao menos, pareciam garantir uma vida digna para a maioria das pessoas nas sociedades capitalistas, mas, “o mundo contemporâneo e as complexas redes relacionais e interativas não derrotaram o medo e a doença. Ao contrário, tais redes se expressam como parte do mundo do espetáculo e das diferenças” (MORAIS, 2012, p. 39).

A TRS foi bastante utilizada na investigação do hiv/aids e na identificação das representações sociais sobre as quais eram produzidas as ancoragens e objetificações utilizadas para interpretar a nova doença (esta contribuição é trabalhada no Capítulo 4). Grupos de pressão, ativismos e a mídia foram, e ainda são, responsáveis pela construção e reconstrução do objeto hiv/aids no senso comum. Reconhecer a força e importância destas representações passa por identificá-las ainda presentes e produtivas contemporaneamente.

Contudo, antes da investigação sobre as representações sociais específicas sobre hiv/aids e seu retorno e ancoragem na atual pandemia de covid-19, é preciso investigar a disseminação das representações sociais. Os meios de comunicação de massa, desde a pesquisa de Moscovici (MOSCOVICI, 1978) tem participação essencial na disseminação de representações sociais, logo entender a historicidade dessa comunicação de massa é fundamental para compreender como a internet (o estágio mais contemporâneo das formas de comunicação de massa) agencia representações sociais e as coloca em circulação.

4.2 Sobre a doença e o adoecer

Como já comentado, a primeira perspectiva na qual esse trabalho se estrutura é a compreensão das doenças como fato social. Toda doença pandêmica ou endêmica toma forma na paisagem social na qual se instala, ainda que exista um esforço coletivo para sua mitigação e diminuição de seus efeitos. A doença compõe a paisagem, seja quando se instala efetivamente transformando as relações sociais e dos sujeitos com o meio em que vivem, seja após sua passagem, na memória social compartilhada ou na memorabilia em deterioração. É, em suma, o esforço coletivo que provoca alterações, transitórias ou duradouras, na paisagem social e que inspira referências na história, na literatura, nas artes, mídias e até mesmo na arquitetura dos prédios e organização das cidades quando se trata de entender o impacto social de doenças pandêmicas e endêmicas.

George Canguilhem (1995) discute as definições de normal, anormal e patológico sendo esse último termo equivalente à doença. As definições de Canguilhem giram em torno da epistemologia médica francesa e sua produção sobre os estados de saúde e doença, "o anormal não é o patológico. Patológico implica um *pathos*, sentimento direto e concreto de sofrimento e de impotência, sentimento de vida contrariada" (CANGUILHEM, 1995, p. 106). No argumento do autor, patológico (a doença ou o sofrimento do doente) não se opõe a um estado de normalidade das funções biológicas do corpo, mas a uma percepção comum de que a vida (aqui compreendida em uma ampla acepção) está sendo contrariada, atacada naquilo que constitui suas bases. A conexão possível a partir disso é uma virada epistemológica que retira do pecado, da culpa ou da punição divina a doença como efeito. A doença se torna fato da natureza, dos processos físicos e biológicos que produzem uma interpretação de bem-estar ou mal-estar a partir dos parâmetros individuais e sociais.

A partir do desenvolvimento do conhecimento biomédico foi possível compreender que um agente patológico (vírus, bactérias e parasitas em geral) ou até mesmo o próprio corpo pode produzir estados de adoecimento, estados que alteram a percepção geral de bem-estar do corpo e da mente. Entretanto, a história das mentalidades não se confunde com a história das ideias científicas. Ambas as trilhas, como caminhos traçados por aqueles e aquelas que produziram e produzem o conhecimento, as vezes se sobrepõe, se misturam, emprestam e trocam elementos um do outro, sem jamais se confundir totalmente.

A doença sempre será vista como anormal, maligna e carregada de adjetivações morais quando é a persistência da vida o referencial adotado (CANGUILHEM, 1995) e essa interpretação não deve deferência à medicina moderna ou contemporânea, mas ao conjunto de práticas e discursos (morais, éticos, estéticos, políticos e religiosos) que se estabelecem em

tempos-espacos diferente do qual as ciencias biomédicas se desenvolveram e atuam. Longe de uma consideração sobre qual sistema epistêmico é mais apropriado ou menos apropriado para se entender o fenômeno das doenças pandêmicas, é o choque interacional entre esses sistemas que é o foco de interesse das ciencias sociais.

Essas diferenças de perspectiva têm estreita relação sobre a forma com a qual grupos distintos, habitando espacos e tempos diferentes, se aproximam do objeto de conhecimento doença/adoecimento e da forma que as ciencias biomédicas aplicam seus métodos para interpretar os mesmos fenômenos. Com o avanço tecnológico e comunicacional, essas sociedades habitam as mesmas arenas de alteração discursiva provocando processos de interação e hegemonização de ideias e práticas internas aos seus grupos (GUARESCHI, 2000a). Interpretações concorrentes quanto às doenças e aos doentes sempre conviveram no espaco público a partir de diferentes matizes do conhecimento, campos ideológico-políticos, morais, éticos e religiosos.

Caguilhem (1995), bem como autoras e autores posteriores (FOUCAULT, 1994, 2008; JODELET, 2006; SONTAG, 2007), mostra como a transformação do conceito de doença e saúde se alinha a transformações sociais e históricas que condicionam as interpretações subjetivas sobre quem são os doentes e como suas condições de adoecimento são metabolizadas pelo corpo social. A doença passa por um filtro social e simbólico compartilhado e aquele objeto inicial vai perdendo e ganhando interpretações à medida que mais grupos se apropriam dele. Seja afirmando que a “gripe espanhola” é resultado da chegada prematura do apocalipse, que “o câncer gay” é uma punição divina contra os sodomitas ou que a “Covid-19” nos convida para uma reflexão pessoal com tintas neoliberais sobre gratidão e meritocracia, as doenças pandêmicas são submetidas ao filtro das ideologias, sistemas de pensamento e são assunto recorrente para uma história das mentalidades.

Esse raciocínio perpassa toda a interpretação sobre doença utilizada nesse trabalho e a forma como se discutem aqui os conceitos biomédicos de epidemia e pandemia. Susan Sontag (2007) escreveu dois ensaios provocativos sobre o uso de metáforas para aproximar-se simbolicamente de doenças. Inicialmente, sua reflexão visava a influência recíproca entre a literatura e experiências de doenças como as referências à hanseníase presente na bíblia, a tuberculose e os tipos literários do romantismo e o câncer como metáfora de guerra.

O milagre bíblico, a languidez e a entrega ao fim no romantismo e a vitória sobre o mal presente nas ideologias do pós-guerra no século XX tem, para Sontag, uma característica em comum. Todas são formas interpretativas, em última instância, mentalidades (religiosa,

literária, geopolítica), que redimensionam a doença em novos contextos. Sobreposição às doenças, juntamente com seus sintomas e a contrariedade da vida associada a elas, representações sociais e simbólicas que incidem sobre valores morais, éticos, sociais e políticos. Como Cassandra, o exame inicial de Sontag pareceu prever o advento do hiv/aids e toda a carga social que acompanhou sua descoberta, ao ponto de a autora escrever um segundo ensaio sobre a nova doença.

Novamente, o objeto novo retorna como choque e subversão da ordem até então estabelecida e, na tentativa de incluí-lo dentro de um sistema simbólico, as estratégias interpretativas vão acionar elementos heterogêneos aquilo que é imediatamente associado a uma doença ou processos de adoecimento. O hiv/aids foi associado, em sua origem, aos homossexuais, travestis, transexuais, trabalhadores do sexo e usuários de drogas. A questão, rapidamente, se tornou uma caçada pública contra aqueles que eram considerados culpados pelo mal e estigmatizados pela doença (SILVA, 1998; SIMÕES; FACCHINI, 2009).

A aids se tornou o objeto do terror, do pânico moral, do desespero, mas não pelos seus efeitos reais e concretos. A aids afeta proporcionalmente mais homossexuais e trabalhadores do sexo enquanto grupos, mas a consideração não era apenas numérica. Os grupos estigmatizados foram identificados como os portadores de um mal social que deveria ser ignorado, pois castigo, mas também expurgado por aqueles que diziam falar em nome de uma ética do poder religioso.

A partir do final dos anos 1980 as articulações de movimentos sociais e agentes públicos pautaram a situação das pessoas vivendo com hiv, políticas públicas de saúde e políticas sociais como proteção ao trabalho e previdência social. Entretanto, as mudanças institucionais e proteções sociais estão em estrato diferentes das representações sociais que circulam na sociedade. É possível influenciar as representações a partir da educação e das mídias, mas a partir do momento em que certas formas representacionais entram em circulação e encontram alguma ancoragem social, elas sempre poderão ser retomadas em novos contextos.

4.3 Uma necrobiopolítica da aids sob o bolsonarismo

Em 21 de outubro de 2021, em *live* veiculada no Youtube, Facebook e Instagram o então presidente Jair Bolsonaro faz referência a uma matéria da revista Exame, publicada em 20 de outubro de 2021, cuja manchete é a seguinte: “*Algumas vacinas contra a covid-19 podem aumentar o risco de HIV*” (LOUREIRO, 2020). Ao citar a revista, Jair Bolsonaro repete uma conexão mentirosa entre as vacinas e a possibilidades de contrair o vírus hiv e adoecer de aids.

A própria revista muda a chamada, em 25 de outubro de 2021, posicionando um ponto de interrogação ao final da manchete e transformando-a em uma pergunta (LOUREIRO, 2020). Esse fato merece alguns desdobramentos.

Ainda em 05 de fevereiro de 2020, antes do alerta nacional sobre a covid-19 ou qualquer medida tomada em relação a nova pandemia, Bolsonaro afirmou em entrevista que: “Uma pessoa com HIV é uma despesa para todos aqui no Brasil” (PUTTI, 2020). O contexto desta afirmação é o lançamento de um programa sobre abstinência sexual, alguns dias antes, com o objetivo de evitar gravidez na adolescência e a diminuição do contágio por IST. O programa foi idealizado pelo então Ministério da Família, Mulher e Direitos Humanos, pasta que estava sob a gestão da pastora evangélica Damares Alves.

Lucas Brito de Lima (2020) discute a produção de políticas públicas sob o bolsonarismo, que já contava então com dois anos de governo, e mostra como certas chaves de compreensão conservadoras dominavam a gestão de políticas públicas, sobretudo nos ministérios controlados por grupos evangélicos e ligados ao chamado “olavismo cultural”¹⁸. Pesquisas diversas no campo da sexualidade apontam a ineficácia ou inclusão de campanhas de abstinência sexual com objetivo de diminuir casos de gravidez na adolescência ou novas infecções por IST (SANTELLI *et al.*, 2017), em sentido oposto caminham as recomendações dos órgãos de controle jurisdicional e de saúde tanto nacionais quanto internacionais. Então por que a insistência no tema?

Na mesma entrevista em que Bolsonaro fez a afirmação sobre a aids e gasto público, afirmou ainda que “essa liberdade que pegaram ao longo do PT que vale tudo chega a esse ponto, uma depravação total” (PUTTI, 2020). Depravados são estes, corpos adoecidos de aids e petistas, essa libertinagem é o problema fantasmagórico que deve ser combatido pela moral bolsonarista. Caminhando com Lima (2020), há aqui, para o bolsonarismo enquanto movimento, uma oportunidade de agenciamento do pânico moral ao redor da aids que associa o Partido dos Trabalhadores a libertinos, depravados e que sacrificou a eficácia de políticas públicas em nome de uma projeção de contraponto: “aqueles são assim, nós somos diferentes”.

A aids reiteradamente emerge no discurso público como uma espécie de botão de pânico. Desde os anos 1980 é acionada sempre que se faz necessário justificar políticas de gestão de populações se associando ao pânico moral como forma de produção de insegurança, medo e dúvida. No caso discutido aqui, que se correlaciona aos discursos e posicionamentos

¹⁸ Movimento que ganha esta alcunha a partir da influência do astrólogo e filósofo Olavo de Carvalho (MIGUEL, 2018).

bolsonaristas com objetivo de produzir oposições, a aids é um incremento aos discursos que tinham o PT como alvo. Mas com o aprofundamento da crise da covid-19, as falas sobre a aids ganham novos contornos.

Quando da declaração sobre vacinas e hiv, em 2021, não era a primeira vez que Bolsonaro usava o pânico moral e sanitário sobre a aids como ferramenta discursiva para produzir diferença e hierarquização social. O medo da aids é o medo da contaminação pela diferença e associá-la às vacinas se mostrou depois uma forma de lançar dúvidas sobre seus processos de fabricação e eficiência de imunização. O tema da imunidade retornará no último capítulo, mas por hora é necessário compreender que as estruturas ideológicas e morais do bolsonarismo, a forma como se construiu e suas influências (o militarismo e o olavismo cultural) não admitiriam uma descontinuidade da imunidade social sobre a diferença.

Tanto o militarismo, quanto as ideologias de mercado e o olavismo cultural que animaram o bolsonarismo até o segundo semestre de 2021 (CESARINO, 2019; MESSENBURG, 2019; MIGUEL, 2018) pregavam a força de um tipo ideal de sujeito intocado pela diferença cuja alteridade era sempre um dado externo há sua realidade subjetiva. Este sujeito se compreende enquanto universal, branco, masculino e, acrescento, heterossexual, cisgênero e classe média. Esse sujeito universal já era imune à diferença e é inconsciente dos processos que determinam seu pânico da contaminação, seu medo heurístico, surrealista e o que a experiência da aids lhe legou enquanto trauma e tragédia.

4.4 O hiv/aids e sua episteme

Um dos primeiros autores a discutir o hiv/aids em termos sócio-políticos foi o escritor e ativista Herbert Daniel. É sua, e de Richard Parker, a interpretação sobre a existência de mais de uma epidemia em circulação quando se falava em epidemia de aids. Os autores usam a ideia de epidemia como metáfora para discutir a disseminação de preconceitos sobre a aids que vão “contaminar” as relações sociais, a cultura e a política. Essa construção é anterior as noções de viralizar e viralização, muito comuns quando falamos da forma de disseminação das informações na internet, o que talvez seja a primeira correlação importante entre a experiência coletiva com hiv/aids e a nova realidade crescentemente digital. Sobre as três epidemias eles comentam.

"A primeira é a epidemia da infecção pelo HIV que silentemente penetra na comunidade e passa muitas vezes despercebidas. A segunda epidemia, que ocorre alguns meses ou anos depois da primeira, é a epidemia da própria AIDS: a síndrome de doenças infecciosas que se instalam em decorrência da

imunodeficiência provocada pela infecção pelo HIV. Finalmente, a terceira (talvez, potencialmente, a mais explosiva) epidemia de reações sociais, culturais, econômicas e políticas à AIDS, reações que, nas palavras do dr. Mann, são 'tão fundamentais para o desafio global da AIDS quanto a própria doença'". (DANIEL; PARKER, p. 13)

Ao fazer a diferença entre o que seriam essas três epidemias é importante colocar em evidência que o hiv/aids é uma doença diferente da covid-19. Tirando o fato de que ambas são ocasionadas por vírus, as duas doenças têm formas de contaminação, sintomas e protocolos de tratamento diferentes. O hiv tem transmissão principal por via sexual ou outras atividades com mistura de fluídos corporais como o esperma e o sangue, tem um período longo de incubação (período em que o vírus fica inativo) e, em estágios avançados da síndrome da imunodeficiência adquirida (aids na sigla em inglês), a doença deixa marcas muito visíveis no corpo pela ação de doenças oportunistas: fadiga crônica, fraqueza, problemas intestinais, perda de peso acentuada e manchas escuras na pele. O hiv sem tratamento mata células de defesa do sistema imunológico permitindo que outros agentes infecciosos se instalem no corpo provocando a aids.

Como um agente infiltrado, o vírus *hackeia* as defesas do corpo e o uso de jargões da computação e dos sistemas informáticos não é aleatório. A ideia de vírus de computador, *malware* e vacina ou antivírus derivam de uma transposição dos termos e conceitos da área da saúde para o mundo dos sistemas informacionais. Retomando questões travadas desde os ciberneticistas, a correlação entre sistemas biológicos, mecânicos e eletrônicos sempre orientou o desenvolvimento das novas tecnologias por um processo de sobreposição e mimese entre esses conjuntos de sistemas. A correlação importante, e que deve ser apontada aqui, é de que no momento em que estão se fechando as portas do extremo e breve século XX, nas palavras de Eric Hobsbawm (1995), com a esperança nas novas tecnologias como instrumento de construção da paz duradoura e o capitalismo do ocidente triunfando contra a União Soviética em declínio, o mundo é acometido por essa nova doença.

Há problemas mais urgentes, há guerras ainda a serem travadas e é neste contexto que o hiv/aids é inicialmente ignorando e depois incluído no novo ambiente digital e financeiro em ascensão nos anos 1980. Em suma, a experiência técnica e social com o hiv/aids é enquadrada e expressa na episteme (FOUCAULT, 2008a) do período em que “surge” como objeto novo para a apreensão da coletividade e algo como a aids jamais poderia ser tratado apenas como a descoberta de uma nova doença. Aquilo ao que chamamos de hiv/aids é produto da episteme de seu tempo ou, em outras palavras, expressão das relações de regularidades discursivas entre campos científicos e sociais que, na prática e no uso dos discursos, produz esse objeto. A doença

poderia ter outra essência, ser tratada de outra forma, compreendida de maneira mais ampla ou ainda mais restrita, mas sua representação enquanto objeto novo é restringida ao seu tempo e espaço no qual foi produzido.

Essa reflexão pode ser transposta ao covid-19. Em que sentido é possível afirmar, levando novamente a uma inversão foucaultiana, que é a episteme do nosso tempo que produz esse objeto ao qual damos o nome covid-19? São doenças radicalmente distintas, em tempos históricos contínuos, mas com apenas alguns pontos de contato, então como e por quais meios seria possível compreender suas aproximações? Retomo uma última reflexão a partir de Daniel e Parker (1991).

"O Brasil é um país onde as endemias da vida rural tradicional, acentuadas pelo subdesenvolvimento econômico, continuam a existir ao lado das doenças mais modernas típicas de uma sociedade em rápida industrialização (...) Dentro desse quadro, a epidemia de AIDS foi muitas vezes apresentada, inclusive por sucessivos Ministros da Saúde e outras altas autoridades da saúde pública, como um problema secundário - relativamente insignificante em comparação com dilemas sanitários mais complexos ou estatisticamente mais relevantes". (DANIEL; PARKER, 1991, p.14)

Os autores refletem sobre uma possível perspectiva brasileira sobre a pandemia de aids que vem acompanhada de nossa experiência nacional comum com outras “doenças nacionais”. Essas doenças nacionais são resultado da soma da desigualdade com a acelerada industrialização no século XX. A desigualdade, problema secular brasileiro, caracterizado, dentre outras coisas, por doenças comuns do subdesenvolvimento como verminoses, dengue, malária etc. Além disso a rápida industrialização produziu êxodos rurais, a veloz transformação das paisagens urbanas, nossas relações sociais e hábitos de consumo. Essas mudanças aumentaram a incidência de câncer, obesidade, pressão alta, diabetes e doenças mentais associadas à modernidade.

No argumento explorado aqui, o descaso com a aids vem de uma histórica incidência de doenças nacionais, gerais e endêmicas dentro do *pool* de doenças brasileiras, logo, não seria a aids (até então uma doença afetando nichos específicos da população) a determinar os rumos de políticas de saúde¹⁹. Durante os anos 1980, a aids era tratada pela mídia como um objeto exótico, pelas igrejas católicas e evangélicas como castigo divino, por políticos como um problema de menor importância e todos esses discursos contribuíam para a produção do pânico moral contra as comunidades homossexuais, transexuais, profissionais do sexo e usuários de drogas. A estranheza contra a aids era, sobretudo, uma estranheza contra aqueles social e

¹⁹ A tradução para *pool* no contexto seria amostra ou amostragem.

politicamente excluídos e identificados como portadores do mal. A episteme contemporânea identificou na aids um objeto novo inconclusivo, inadmissível e é na dinâmica social e midiática, antes da dinâmica científica, que esse objeto será metabolizado pelos sistemas simbólicos compartilhados.

Isso muda com a pressão internacional e de movimentos sociais para que se fizesse algo em relação ao crescente número de infectados e o salto dado pelas infecções para outros estratos da população. Nesse sentido, durante os anos 1990, a questão da aids é incorporada às questões de saúde pública a partir de outras chaves de controle biopolítico: comportamentos de risco, cuidado, prevenção, aderência ao tratamento etc. Em 1996 uma nova classe de medicamentos chega aos mercados, os antirretrovirais, que mudam a relação de fatalidade com a aids o que transforma um problema de saúde mais agudo em uma doença crônica (ALENCAR; NEMES; VELLOSO, 2008).

A cronicidade da aids é uma mudança de perspectiva sobre a doença que importa, na mesma medida, em mudança social e institucional. Se até então as campanhas publicitárias, por exemplo, focavam no perigo da doença e em uma manipulação do medo racionalizado sobre os riscos da contaminação, a partir da observação das condições para que os pacientes pudessem conviver com o vírus operou-se uma mudança na forma de comunicar sobre a doença. A partir dos anos 2000 as propagandas começam a enfocar uma atitude mais “positiva” em relação a doença, sobre a importância de se saber sua sorologia e adesão aos medicamentos etc. (PAZ, 2007).

Seguindo essa linha, a aids, antes motivo de angústia e indefinições, se torna um objeto quase inserido na totalidade do sistema simbólico e social da sociedade brasileira. Ainda que subsistam preconceitos em relação a pessoas vivendo com hiv/aids, e veremos que eles retornam, as visões sobre a aids e sobre as pessoas vivendo com hiv é diversa e pode ser compreendida a partir dos trabalhos sobre representações sociais que se mostraram prolíficos para compreender o fenômeno enquanto objeto complexo e multifacetado.

4.5 Representações sociais da aids e enredamentos discursivos

Os trabalhos sobre representações sociais e aids abordam variados aspectos da experiência social e científica com a doença. As pesquisas abordaram desde a representações sobre a própria doença, o universo simbólico associado a ela e as referências que os sujeitos usam para refletir, até as produções representacionais das próprias pessoas vivendo com hiv,

segmentos da população como adolescentes e diferentes profissões. Essa variedade de produções representacionais pode auxiliar na produção de um quadro analítico denso quanto as formas pelas quais o objeto aids é apropriado pelos diferentes universos simbólicos e operado em processos ideológicos.

Os primeiros trabalhos identificados com uma forma de produção científica dos anos 1990 identificou as aceções negativas que o tema da aids tinha a partir da articulação de sentimentos negativos como medo e ignorância, mas também já apareciam elementos ligados ao campo dos cuidados em saúde (GOMES, Romeu; MENDONÇA; PONTES, 2002; JOFFE, 1998; MEYER *et al.*, 2004; SPINK *et al.*, 2001). Esses trabalhos coincidem com uma expansão dos temas e metodologias aplicáveis no âmbito da Teoria das Representações Sociais. Outra característica dessas pesquisas é a influência das metodologias qualitativas/quantitativas e coletas longitudinais de dados. Essa influência vai privilegiar metodologias de acúmulos numéricos e se expressa em tabelas e gráficos que traduzem visualmente as informações.

No campo da saúde, essas formas de coletas de dados vão permear diversas pesquisas sobre representações sociais e aids, inclusive trabalhos mais recentes (GALINKIN *et al.*, 2012; LEAL; COELHO, 2016; OLIVEIRA, Mariana de Moraes Duarte; JUNQUEIRA, 2020; THIENGO; OLIVEIRA; RODRIGUES, 2005). As perspectivas adotadas nesses trabalhos variam de uma abordagem que deriva as percepções sobre a aids a partir de grupos: faixa etárias, gênero ou grupos profissionais e as produções representacionais das próprias pessoas vivendo com hiv sobre aspectos da doença e temas sociais com a descrição exaustiva sobre a incidência de palavras e termos associados ao objeto em estudo. Geralmente com grupos menores (estimativas que variam entre 100 e 250 participantes em média) o objetivo desses trabalhos tem sido mapear como e em que termos o objeto aids foi compreendido e incluído no quadro de referências simbólicas desses grupos. Esse quadro de referências tem variado a partir de três campos: biomédico, social e no campo da intimidade/sexualidade/erotismo. Faço aqui uma diferença entre esses três campos seguindo as pesquisas, mas entendo que, enquanto objeto complexo, a aids transcende as divisões disciplinares e possibilita diálogos e atravessamentos entre essas diferentes formas de compreensão.

4.6 A aids biomédica

No campo das representações sociais da aids são os jargões, termos e conceitos das áreas biomédicas que dominam o imaginário. Os termos como: transmissão, cura, vírus,

contaminação, DST etc. São os termos que ocorrem com mais frequência para públicos não especializados (ANTUNES; CAMARGO; BOUSFIELD, 2014; CAMARGO, Brígido Vizeu; BERTOLDO; BARBARÁ, 2009; NATIVIDADE; CAMARGO, 2011). Essa característica expõe, de pronto, a estratégia bem-sucedida (pelo menos em um plano mais superficial) de construção da aids enquanto saber médico e científico. As formas de prevenção, de cuidado e associações com outras infecções sexualmente transmissíveis estabelece o locus discursivo sobre a aids fazendo com os outros campos emergjam de forma associativa e derivada.

A constatação de que para os públicos a aids é um problema da medicina e da ciência não interfere diretamente em percepções e na produção de representações negativas em relação a aids e seu contexto. Nesse sentido, os estudos sobre aids ilustram muito bem como o campo científico vai conviver, e entrar em certa agonística, com o senso comum e o senso prático. A ciência é usada de forma ambígua, ora como mais um argumento iconoclasta contra os preconceitos e incompreensões ancorados no senso comum e denúncia contrassensos práticos baseados em falsificações, ora como mecanismo de reforço do senso comum e do sendo prático. Nas pesquisas com profissionais das áreas da saúde, as chamadas zonas mudas do discurso dão mais ênfase nos termos medo e pena (DO ESPÍRITO SANTO; GOMES; OLIVEIRA, 2013; JOFFE, 1998; OLIVEIRA, Denize Cristina de; COSTA, 2007) do que os estudos com outros grupos profissionais.

Esse locus discursivo que apresenta tanta influência dos campos biomédicos não significa que essas representações não estejam ainda influenciadas por afetos em relação a aids como medo, preconceitos, repulsa ou cuidado e piedade. Os afetos acabam emergindo a partir de mecanismos de abordagens associativas que, ao mesmo tempo, inscrevem essas representações no campo social. São os termos e conceitos do campo biomédico, ao serem incorporados aos discursos, que atravessam questões sociais emergentes em uma condição sincronizada.

4.7 A aids social

A partir de uma apropriação do campo biomédico, emerge a aids social condicionada a outros fatores como discutidos nas pesquisas apresentadas até aqui: escolaridade, classe social, gênero, faixa etária e outros marcadores sociais vão informar diferentes condições de aproximação quanto aos problemas sociais derivados do fenômeno da aids, bem como os termos, conceitos e seus usos ganham outros contornos. Não confundir aqui com representações

sociais da aids. As representações sociais são todas essas construções representacionais sobre a aids, sejam elas biomédicas, sociais ou ambas. A aids social é a parte menor das representações sociais que toma a aids objeto de conhecimento para o corpo social e aquilo que esse corpo social coletivo aciona para explicar a doença e incluí-la enquanto objeto de preocupação e controle social.

A aids social não é uma doença a ser descrita, mas fenômeno social com efeitos concretos sobre as relações sociais entre indivíduos e grupos. A aids deve ser então motivo de preocupação coletiva, deve ser contida, controlada e é onde os principais elementos de expressão das representações sociais devem ser observados nesse trabalho. A episteme contemporânea discutida na sessão anterior incide sobre essa face do fenômeno aids e é a interação entre ciência, senso comum, subjetividade e mídia que cria o objeto sociotécnico ao qual denominamos aids e suas facetas: risco, perigo, morte, mas também cuidado, saúde, conscientização e prevenção.

Considerando seu efeito social, a transformação da aids aguda em aids crônica também pode ser pensando enquanto uma transformação objetiva nas relações de poder sobre os doentes e aqueles que convivem com o vírus hiv (ALENCAR; NEMES; VELLOSO, 2008; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; SILVA; OLIVEIRA, 2011). Como já discutido, se antes o diagnóstico de aids se aproximava de uma sentença de morte, a mudança de perspectiva sobre a doença se serve de um acúmulo de mais de 30 anos de tratamentos, protocolos e medicações para sua reclassificação como uma doença crônica, que pode ser tratada e com a qual é possível conviver. O desenvolvimento de novos tratamentos e sua disponibilização ao público mudou a forma como a aids era considerada, mas não apenas ela, essa mudança “testemunha” um triunfo da ciência sobre o “mal” que fechou o século XX.

As representações excessivas e apocalípticas sobre a doença se reconfiguraram, nesse período, em uma quase indiferença, uma incorporação da aids ao cotidiano de pacientes e conviventes e um discurso, benéfico até certo ponto, de que é possível conviver com o vírus e trabalhar, ter lazer, exercer todas as atividades da vida cotidiana e, enfim, ter uma vida normal. Essas mudanças na constituição das representações são um sintoma dos novos usos ideológicos que o objeto aids sofreu ao longo do tempo: o sujeito, antes condenado a morte, agora pode viver bem, com tranquilidade e continuar sua vida normal. O descortinamento dos processos representacionais revela por traz uma doença que se tornou endêmica por uma profusão de discursos de significação oriundos de mudanças científicas e sociais do período que foi, nesse sentido, endemizada. A doença foi incorporada à normalidade dos processos de adoecimento

comuns em determinados grupos, uma subjetividade corporificada e normalizada, em que os sujeitos podem retomar o trabalho e a produção dentro de um sistema de produção capitalista e neoliberal.

Para além de uma endemização do fenómeno da aids, esses discursos acabaram apagando como a aids ainda foi utilizada como mecanismo de controle social para comunidades negras e pobres durante muito tempo uma vez que o acesso aos tratamentos mais modernos foi desigual e descontínuo até meados dos anos 2000.

4.8 O erotismo condicionado à aids

Por fim, o último quadro referencial que organiza as representações sociais sobre aids e hiv são seus efeitos sobre o erotismo, a sexualidade e o desejo. Opto aqui por uma incursão sobre erotismo, pois entendo mais abrangente para abordar os temas nas seções que seguem e não trato erotismo, sexualidade e desejo como sinônimos. Erotismo faz referência a um amplo espectro de desejos conscientes e pulsões inconscientes que organiza nossas subjetividades orientadas para um exercício de prazeres e interditos. Nesse sentido, as representações da aids e do hiv oscilam entre a repulsa e o fascínio, não dos mesmos sujeitos, mas como resultado das contradições sociais do sistema de produção neoliberal refletida entre diferentes grupos sociais (FERREIRA; MISKOLCI, 2020; HERBERT, 1984; PELÚCIO, 2016).

A forma de disseminação da doença por vias sexuais é uma preocupação dos estudos aqui refletidos e as mudanças de perspectiva quanto aos impactos da aids nesse campo foi objeto de alguns desses trabalhos. Infecções sexualmente transmissíveis não são novidade na história, inclusive doenças mortais até o começo do século XX como a sífilis, entretanto, o fenómeno aids acrescenta elementos ao pânico moral ao redor das práticas sexuais. Retomando a vinculação da aids à homossexualidade e ao trabalho sexual, o medo da infecção evoca um desejo abjeto, o desejo que não pode dizer o seu nome, em uma paráfrase de Oscar Wilde, e não pode ser vivido. Esse desejo deve ser recolocado no armário ou abrir mão de sua liberdade, se adequar, se adaptar e ser disciplinado ao esquema ideal da família e do sexo tradicional (PERLONGHER, 1985).

Faz parte desta mesma reconfiguração erótica uma incursão sobre as práticas homossexuais como produtoras de um “ambiente propício” para a disseminação da aids nas comunidades gays em grandes centros urbanos como argumenta o jornalista e gay assumido Gabriel Rontello (1998). Em resumo, o jornalista afirma que as comunidades gays

estadunidenses e europeias criaram um ecossistema (que remete inclusive ao título original de seu livro) favorável para o surgimento da aids no interior das comunidades gays das grandes metrópoles globais. O autor lê a presença do hiv nos “guetos gays” de diversas partes do mundo como manifestações de uma ecologia facilitadora da disseminação do vírus. Não acredito que esta perspectiva deva ser ignorada, mas sua forma de articulação é determinista ao extremo e seu livro não produz nenhuma escapatória para o problema que não seja a dissolução desse desequilíbrio ecológico no interior dos sistemas de controle social e sanitários mais amplos.

Para além da articulação de preconceitos já discutidos aqui, Perlongher (1985) denuncia e Rontello (1998) reafirma, que as soluções contra a aids passam por um disciplinamento das práticas homoeróticas porque produtivas de um ambiente de desordem (no caso de Perlongher) ou de ameaças materiais como novas e imprevistas infecções sexualmente transmissíveis – IST – como o próprio hiv (no caso de Rontello). Esse disciplinamento não é produzido por uma força externa, heterônoma e estranha ao sujeito. É um disciplinamento dos poros e das paixões, é o disciplinamento da dobra do sujeito sobre si mesmo e do sujeito sobre sua comunidade, ou seja, um autodisciplinamento ilustrado pelos termos que aparecem nos estudos: “eles”, “pegar”, “responsabilidade”, “preocupação”, “conhecer” etc. A incidência desses termos evoca uma introjeção de parâmetros de normalidade para uma vida sexual saudável que leva em consideração o perigo/risco de contrair hiv, desenvolver aids e informa o disciplinamento das práticas sexuais. Apenas informa, pois não é possível extrair desses estudos a certeza de que são essas as representações sociais que informam a ação e outros condicionantes devem ser levados em consideração.

4.9 Uma epistemologia da aids?

As três seções anteriores são apenas uma contração teórica para fins explicativos. Na prática, as representações sociais da aids emergem misturadas, difusas e descontínuas na coesão dos discursos. Desta feita, a questão com qual fecho essa sessão objetiva ser uma reunificação dos quadros discutidos anteriormente. Seria possível afirmar que há uma epistemologia da aids? Em outras palavras, há conhecimentos possíveis a partir da experiência da aids? Evoco aqui o texto fecundo de Eve Sedgwick (2007) quanto a uma possível epistemologia do armário. Para a autora, o armário evoca uma experiência compartilhada entre gays e lésbicas que nos submete a forças heterônomas de subjugação, mas, ao mesmo tempo e em contradição, nos permite perceber o mundo, suas práticas sociais e atos institucionais de

forma diferente da lente heterossexual habitual. Ela não afirma que apenas gays e lésbicas são capazes de perceber essa diferença, mas que pensar as práticas sociais e atos institucionais a partir da figura do armário como um dispositivo da sexualidade (em termos foucaultianos) é produtivo para reconhecer mecanismos de subjugação tanto jurídicos quanto sociais, institucionais e psicológicos.

Não me permito fazer um elogio da tragédia da aids e não afirmo que foi possível tomar lições de superação a partir da destruição e do desmantelamento dos corpos caídos pela doença, essa visão é uma brutalidade disfarçada de espiritualidade *new age*. A aids foi, e ainda é, uma doença grave que tem vitimado pessoas no Brasil e ao redor do mundo. Meu objetivo aqui é referenciar uma série de produções importantes para entender o fenômeno da aids e pensar, com o ferramental teórico das Representações Sociais, como essa produção ainda tem coisas a dizer não apenas sobre a aids contemporânea, mas sobre nossas experiências atualizadas com doenças pandêmicas e epidêmicas, em especial com a covid-19.

Retomando a *live* de Bolsonaro em 2021, o então presidente Jair Bolsonaro associou as vacinas para covid-19 a possibilidade de contrair hiv (FALCÃO; VIVAS, 2022). Pensar essa afirmação como mais um movimento da extrema direita brasileira em relação à covid-19 não pode nublar a associação entre aids e as vacinas, um dos elementos que estruturou as ações da extrema direita durante a crise da covid-19. Na esteira de Sedgwick, pensar a aids como dispositivo é correlacioná-la aos mecanismos de controle social que recolocam esses elementos em novos contextos e usam a aids, ou outros aparatos discursivos, como botão de pânico (moral) na produção de justificativas sociais, políticas ou morais para projetos de poder.

A aids emerge então como um objeto privilegiado do discurso quando o objetivo almejado é produzir aversão, medo, negação e pânico. Associado aos outros elementos da lógica de ação da extrema direita, há aqui a construção, a partir das representações sociais que já circulam na sociedade sobre a aids e pessoas vivendo com o vírus hiv, de um imaginário cruel e insidioso que toma a aids como ameaça, uma ameaça presente inclusive quando se trata de uma doença “de todos” como é o caso da covid-19.

Outro ponto que deve ser salientado é que a fala proveniente de uma autoridade pública é fundamental para a estruturação do argumento. Como no trabalho de Sedgwick que investiga a atuação dos tribunais de seu país em dois casos de demissões em razão do conhecimento quanto a sexualidade do profissional demitido, a atuação institucional manipula a matéria prima discursiva almejando produzir efeitos muito concretos no bojo das relações e sobre os sujeitos. Falar de sua própria sexualidade, declarar a si mesmo, fazer-se visível e percebível enquanto

gay ou lésbica é o condicionante que permite às forças sociais atuarem, por outro lado, se mantido em segredo só resta acionar as institucionalidades para que os sujeitos retornem a linha.

No contexto da covid-19, o bolsonarismo não traz o tema da aids à tona de maneira inábil. Associada com as representações sociais do militarismo e da condução da economia, as representações negativas da aids materializam a desconfiança da contaminação e perigo da imunidade presente na unidade representacional do bolsonarismo.

Levo a sério a comparação entre hiv e a covid-19, não pela similaridade entre as doenças (como já dito não são muitas), mas por seus contextos de incidência e por um histórico de condução de políticas desorganizadoras e dissipadoras dos reais problemas que deveriam ser enfrentados em ambos os casos. Uma última comparação técnica entre os vírus que causam ambas as doenças (covid-19 e hiv) é que são ambos vírus de RNA, essa característica, absolutamente técnica e do campo das biomedicinas, tem uma importância crucial para a interpretação social da doença.

Os vírus de RNA guardam, em sua simplicidade, uma capacidade de mutação e adaptação enorme, sendo este um dos motivos pelos quais as pesquisas em imunologia encontram dificuldade em produzir uma vacina eficaz contra o hiv. Sem uma vacina, o que restou em termos de políticas públicas para o controle da incidência do hiv foi a administração de políticas de prevenção, mudanças comportamentais, adesão aos tratamentos medicamentosos e a lenta e progressiva transformação da doença aguda, rápida e letal em uma doença crônica, lenta e com a qual é possível conviver.

É dessa transformação lateral da infecção pelo hiv de aguda em crônica que extraio a principal conclusão a que este capítulo pretende apresentar. Essa mudança não prefigurava apenas uma mudança de interpretação de uma doença específica, o hiv, mas uma mudança estrutural na forma com a condução das políticas em saúde é administrada no ambiente altamente competitivo e neoliberal da virada do século XX para o XXI. A perspectiva da cura e da letalidade, ou o fazer viver e deixar morrer (FOUCAULT, 2008b), dá lugar a um efetivo e detalhado controle dos vivos (FOUCAULT, 2009) em uma perspectiva que alinha as aspirações sociais e econômicas dos anos 1990 com uma política de saúde integrativa (corpo, mente e espírito) eficaz para a produção do sujeito neoliberal demandado pelas novas necessidades de mercado.

O hiv sempre irá retornar como o eficaz discurso patológico que recoloca esse corpo em atividade na linha de produção. Nesse ponto, o hiv, e o medo da aids, tomam uma dupla função. Acionado como pânico moral, como ameaça para o corpo social branco, heterossexual,

cisgênero, monogâmico e, em última instância lido socialmente como saudável, o medo do hiv se funde ao medo da contaminação. Contaminação de que? De qualquer coisa porque o hiv se torna o significante vazio onde todos os medos socialmente compartilhados irão desaguar.

Em outro sentido, para as populações que foram mais afetadas pela epidemia de hiv, sobretudo populações de gays, travestis, transexuais e trabalhadores de sexo, o discurso se torna o da normalização, da adequação, do trabalho, da produtividade e, em última instância, da cronicidade da doença. Essa cronicidade será compreendida enquanto “aceitável” enquanto parâmetro de incidência nestas populações e, seja um grupo ou outro, todos são considerados doentes ou potencialmente doentes para essa nova perspectiva de governança de populações.

4.10 Do hiv/aids ao covid-19: discursividade e regimes de visibilidade

Como já argumentado, a covid-19 e o hiv/aids são doenças completamente distintas em uma diversidade de parâmetros, entretanto, ambas são fenômenos do novo século e seria fundamental entendê-las não apenas enquanto significante biológico, mas também político e social. O objetivo aqui é usar o acúmulo de compreensões sobre o hiv/aids enquanto fenômeno complexo e observar a covid-19 a partir desse prisma.

A comunicação institucional e não institucional do bolsonarismo para a covid-19 tem o mesmo desenho estrutural da comunicação do hiv/aids enquanto condição crônica. A tabela seguinte apresenta os dados selecionados da página do Twitter/X @jairbolsonaro do primeiro semestre de 2021. O começo das mensagens é simultâneo a divulgação de acontecimentos que ficaram conhecidos como crise de Manaus. Posteriormente, se torna central no discurso bolsonarista a logística de entrega e aplicação de doses de vacina, nesse primeiro momento para os profissionais de saúde e grupos vulnerais como idosos e pessoas com comorbidades.

Tabela 7 – Twittes selecionados da página @jairbolsonaro, primeiro semestre de 2021					
Data	Perfil	Mensagem	Nº Retw.	Nº Coment.	Nº Curt.
20210105	jairbolsonaro	tabela da oms de 04 01 2021 nota-se a baixíssima taxa de óbito por covid em países africanos no brasil são 923 milhão de habitantes em 03 01 2021 no programa a distribuição em massa da ivermectina pode ser a responsável pela baixa mortalidade da covid-19 nesses países	4878	1295	22000

20210105	jairbolsonaro	uma das possíveis causas é um programa da OMS desde 1995 de controle da oncocercose cegueira do rio presidente jair bolsonaro	1388	473	10500
20210105	jairbolsonaro	conceituada revista científica internacional atesta que o medicamento antiviral nitazoxanida é capaz de reduzir a carga viral em pacientes infectados pelo coronavírus saiba mais em no youtube mctic Astro_Pontes	2011	845	8610
20210105	jairbolsonaro	tabela da oms de 04 jan 2021 nota-se a baixíssima taxa de óbitos por covid em países africanos no brasil são 923 por milhão de habitantes em 03 jan 2021 no programa a distribuição em massa da ivermectina pode ser a responsável pela baixa mortalidade da covid-19 nesse países	4878	1295	22000
20210105	jairbolsonaro	uma das possíveis causas é um programa da OMS , desde 1995, de controle da oncocercose cegueira do rio presidente jair bolsonaro	1388	473	10500
20210105	jairbolsonaro	conceituada revista científica internacional atesta que o medicamento antiviral nitazoxanida de reduzir a carga viral em pacientes infectados pelo coronavírus saiba mai em no youtube mctic Astro_Pontes	2011	845	8610
20210117	jairbolsonaro	na tarde de 16 01 um kc 390 decolou às 17 h 09 de guarulhos SP com destino a manaus am transportando mais 5 tanques de oxigênio líquido na noite do dia 16 01 a aeronave pousou às 19 h 40 no destino e descarregando o equipamento mais informações nas postagens anteriores	6105	6207	31100
20210121	jairbolsonaro	nova déli 21 jan reuters por sanjeev miglani o governo da índia liberou as exportações de vacinas contra a covid-19 e as primeiras remessas serão enviadas nessa sexta feira para o brasil e marrocos disse o secretário de relações exteriores da índia	5157	760	29900
20210121	jairbolsonaro	meus cumprimentos ao ItamaratyGovBr ernestofaraujo e servidores pelo trabalho realizado	2375	1046	15000
20210123	jairbolsonaro	base aérea de Brasília nesta madrugada a produção de 100000 m3 de oxigênio em prol do povo de manaus fab_oficial um esforço conjunto da white martins comae comprep e om subordinadas mais detalhes nos stories e timelines das redes sociais	4053	320	22400

20210123	jairbolsonaro	mais informações em minsaude DefesaGovBr marmilbr exercitooficial MEC_ Comunicação mctic ebserh secomvc Minfranestrutur DNIToficial casacivilbr	634	412	4639
20210129	jairbolsonaro	alexandregarcia 29 janeiro manaus assessor do vice caged	1627	65	9081
20210212	jairbolsonaro	conversei há pouco com o primeiro ministro de israel netanyahu dentre os assuntos tratamos da participação do brasil na 3 fase de testes do spray EXO-CD24 medicamento israelense que até o momento vem obtendo grande sucesso no tratamento da covid-19 em casos graves	6784	3362	34500
20210215	jairbolsonaro	EXO-CD24 é um spray nasal desenvolvido pelo centro médico ichilov de israel com eficácia próxima de 100 % 29 30 em casos graves contra a covid brevemente será enviado à anvisa o pedido de análise para uso emergencial do medicamento	6631	4577	27400
20210307	jairbolsonaro	o próximo passo do escalonamento da produção será a entrada do segundo turno de trabalho que elevará o número de doses fabricadas para 1 2 milhão por dia minsaude fiocruz	871	132	4429
20210309	jairbolsonaro	o que há de mais avançado no combate ao covid na parceria brasil israel ItamaratyGovBr ernestofaraujo minsaude mctic Astro_Pontes link no Youtube	2379	123	12500
20210313	jairbolsonaro	porto alegre rs nessa quinta 11 o comando militar do sul iniciou a instalação de um dos módulos do hospital de campanha do exercitooficial DefesaGovBr fab_oficial segue	3325	1094	15700
20210313	jairbolsonaro	ainda na quinta, em conjunto com a fab_oficial os equipamentos começaram a ser transportados para porto alegre a outra parte foi transportada nesta sexta feira 12 govbr	1208	247	8074
20210313	jairbolsonaro	na manhã de ontem as tropas iniciaram a montagem do hospital de campanha do exercitooficial na capital gaúcha com novos leitos de uti se encontrando em anexo ao hospital restinga para o combate ao covid-19	1256	42	8120
20210317	jairbolsonaro	contra as sujas narrativas mais verdades	7546	4596	24500

20210317	jairbolsonaro	o govbr e o minsaude firmaram esta semana acordo para adquirir 138 milhões de doses de vacina contra a covid-19 dos laboratórios pfizer e janssen com a compra o cronograma de vacinação que já tem mais de 20 1 milhões de doses distribuídas foi atualizado	1829	105	9977
20210317	jairbolsonaro	o brasil já tem garantidos mais de 502 milhões de doses de vacinas contra a covid-19 até o fim de 2021 cada lote de imunizante será enviado a todas as unidades da federação ufs de forma proporcional e igualitária via secomvc	2184	1070	10700
20210320	jairbolsonaro	depois de mais 1608 leitos de utis para sp nesta sexta feira o minsaude autorizou 2 7 mil leitos de uti adulto para atendimento exclusivo aos pacientes graves com covid-19 no brasil segue	6386	2209	27700
20210320	jairbolsonaro	os 1499 leitos vão reforçar a estrutura hospitalar de 70 municípios de 17 estados e os outros 1280 leitos vão atender 50 municípios de cinco estados detalhes nas redes sociais do minsaude confira os estados	2271	373	11500
20210320	jairbolsonaro	porto alegre rs o hospital de campanha do exercitooficial instalado em anexo ao hospital restinga começa a receber os primeiros pacientes com covid-19 veja o depoimento da dra andréa volkmer diretora assistencial do hospital restinga	2474	147	11400
20210324	jairbolsonaro	o minsaude atualizando o cronograma da chegada de vacinas contra a covid-19 para 2021 são mais de 562 9 milhões de doses já contratadas pelo govbr confira a previsão de entregas e a quantidade prevista secomvc	1374	742	6176
20210324	jairbolsonaro	exercitooficial em apoio à campanha de vacinação contra a covid-19 no município de uruguaiana rs a ação foi realizada pelo 8 regimento de cavalaria mecanizada saiba mais	1054	655	5040
20210325	jairbolsonaro	três aviões da china devem chegar os próximos dias com 1024 litros de ifa insumo utilizado pela fiocruz na produção de vacinas contra a covid-19 a quantidade é suficiente para a produção de 32 milhões de doses da astrazeneca ItamaratyGovBr ernestofaraujo	959	219	3883
20210325	jairbolsonaro	a fiocruz prevê a entrega de 100 4 milhões de doses no primeiro semestre deste ano minsaude	1695	374	7518
20210325	jairbolsonaro	auxílio emergencial e mais detalhes via MinCidania ministro joaoromaneto	1246	616	5979

20210325	jairbolsonaro	minsaude solicita a estados e municípios preparo para o aumento da demanda pela vacinação tvbrasilgov	1576	1129	6407
20210326	jairbolsonaro	fiocruz recebeu ontem nova remessa de insumos para a produção de vacina contra a covid-19 os ingredientes farmacêuticos viabilizarão 6 milhões de novas doses no fim de semana deverão chegar mais 2 lotes de ifas viabilizando mais 12 milhões de doses minsaude	3763	281	18900
20210326	jairbolsonaro	fab_oficial atinge 5000 horas de voo em um ano de missões de combate ao covid confira em	664	87	3206
20210326	jairbolsonaro	anvisa_oficial	551	79	2864
20210326	jairbolsonaro	a anvisa_oficial autorizou que o butantan.gov.br teste um soro contra o covid19 para prevenir a infecção além de evitar o agravamento dos sintomas da doença	590	76	2760
20210326	jairbolsonaro	o minsaude começou a receber medicamentos para intubação da união química o objetivo é garantir o abastecimento desses medicamentos tanto para hospitais públicos quanto para hospitais privados	0	0	0
20210326	jairbolsonaro	govbr jairbolsonaro antecipará o 13 de aposentados e pensionistas do INSS injeção de 50 bilhões a economia	903	131	3695
20210326	jairbolsonaro	minsaude fiocruz	684	83	3197
20210326	jairbolsonaro	govbr vai distribuir alimentos para estados e municípios em situação de emergência ou estado de calamidade pública as cestas básicas serão entregues pelos próprios entes federativos a famílias em situação de insegurança alimentar e nutricional MinCidadania joaoromaneto	931	153	3759
20210326	jairbolsonaro	para solicitar os alimentos o ente federativo deve enviar para o MinCidadania os documentos listados na portaria que detalha como ocorrerá a distribuição das cestas publicada no diário oficial da união desta quarta feira 24 de mar	1013	151	5781
20210326	jairbolsonaro	para conferir o texto completo da portaria clique no link a seguir ou o copie e cole no seu navegador	857	277	5097
20210326	jairbolsonaro	doses de vacinas distribuídas nos estados e municípios minsaude	6972	4806	32000

20210327	jairbolsonaro	o govbr envia desde o começo de janeiro milhares de doses de vacina contra a covid-19 a todas as regiões do país totalizando até então mais de 30 milhões de doses quadro específico os envios e as aplicações em cada região do país até 26 03 localiza SUS minsaude secomvc	1114	57	5939
20210328	jairbolsonaro	no extremo sul do brasil militares da 2 brigada de cavalaria mecanizada do exercito oficial aopiam a vacinação contra o covid na cidade uruguaiana rs em apoio à secretaria de saúde municipal a missão continua em todos os locais do brasil segue o fio	2696	148	15000
20210328	jairbolsonaro	desde o início da vacinação contra a covid-19 no brasil o ministério da saúde já distribuiu mais de 33 6 milhões de doses de imunizantes aos estados brasileiros desse total 17 3 milhões foram aplicadas minsaude secomvc	612	131	2294
20210328	jairbolsonaro	operação covid19 mais uma aeronave c-105 amazonas da fab_oficial pousou em natal rn na última semana transportando 70 concentradores de oxigênio que serão utilizados no atendimento a pacientes com covid	542	51	2166
20210328	jairbolsonaro	a agência nacional de vigilância sanitária disponibilizou painel que será atualizado às sextas feiras com dados sobre a produção consumo e distribuição de oxigênio no país os primeiros dados dizem respeito ao período compreendido entre os dias 13 e 17 de março minsaude	494	41	1978
20210328	jairbolsonaro	as informações são repassadas semanalmente por empresas fabricantes envasadoras e distribuidoras de oxigênio medicinal estados como o acre onde não existem empresas produtoras não constarão do painel	467	51	2056
20210328	jairbolsonaro	a ferramenta de acompanhamento permite identificar possíveis desabastecimentos do mercado possibilitando assim ações preventivas em médio e longo prazo anvisa_oficial	473	50	2191
20210328	jairbolsonaro	o minsaude distribui mais 4 2 milhões de doses de vacina contra a covid-19 para os estados brasileiros a nova remessa é formada de unidades adquiridas através do consórcio covax facility	787	335	3070

20210328	jairbolsonaro	No início da última semana a marmilbr prestou apoio no transporte de funcionários da secretaria de estado de saúde pública do para no combate ao covi-19 na ilha de cotijuba pa	492	69	2266
20210328	jairbolsonaro	esta foi uma ação desenvolvida pelo comando conjunto norte do qual a marmilbr faz parte e atua com a missão de apoiar os órgãos de saúde e de segurança pública para prevenir e diminuir os impactos causados pelo vírus	497	72	2299
20210328	jairbolsonaro	anunciadas nesta quarta-feira 25 novas medidas de apoio a todas as 1651 santas casas e hospitais filantrópicos do Brasil as instituições poderão contratar 3 bilhões em empréstimos a juros mais baratos com a caixa	795	543	2929
20210328	jairbolsonaro	a nova linha de crédito terá juros 42% mais baratos que os cobrados atualmente que já eram os mais baixos exigidos desses hospitais as instituições terão 180 dias de pausa em contratos vigentes e prazo para começar a pagar novos empréstimos	708	103	3833
20210328	jairbolsonaro	com as linhas caixas hospitais caixa giro sus caixa hospitais fgtc hoje 286 santas casas são atendidas e mantém 36 mil leitos e 7 mil leitos de UTI a nova linha pode resultar em 189mil leitos em todo o Brasil gov.br	979	207	5564
20210328	jairbolsonaro	o projeto monitorado pelo MCTI Astro_Pontes foi protocolado junto à agência nacional de vigilância sanitária Anvisa para realização de estudos fase 1 e 2 de vacina brasileira da Telles	1036	469	5014
20210330	jairbolsonaro	MinSaúde segue o fio	5327	2224	21600
20210330	jairbolsonaro	ontem 29 3 mais um C-130 Hercules transportou para Belém PA uma usina de oxigênio que será utilizada no atendimento a pacientes com COVID a FAB oficial continua empenhada no cumprimento de sua missão em apoio à operação COVID-19	1210	77	5170
20210330	jairbolsonaro	COVID-19 MinSaúde libera mais leitos de UTI para estados e municípios portaria publicada no Diário Oficial da União desta terça-feira 30 agora notícias.br	862	82	3538

20210330	jairbolsonaro	o documento estabelece recurso financeiro do bloco de manutenção das ações e serviços públicos de saúde grupo coronavírus covid-19 a ser disponibilizado aos estados e municípios em parcelas mensais no valor total de mais de 44 milhões govbr	686	55	3181
20210330	jairbolsonaro	nessa segunda feira 29 o minsauade já havia autorizado a implantação de mais 2431 mil leitos para atendimento a pacientes com covid-19 em utis as estruturas serão instaladas em 23 estados e no distrito federal	758	58	3362
20210330	jairbolsonaro	também foram autorizados mais 50 leitos pediátricos a autorização consiste na participação do govbr com recursos no custeio dessas estruturas o ministério repassa mensalmente as verbas em caráter temporário	806	64	4034
20210330	jairbolsonaro	de acordo com a pasta para estes 2431 leitos serão encaminhados aos estados 113 6 milhões por mês minsauade	912	68	4354
20210330	jairbolsonaro	o minsauade se reuniu com a presidente da pfizer brasil marta diéz para alinhar os detalhes do cronograma de entrega da vacina contra o covid ao país o contrato do govbr com a farmacêutica prevê 100 milhões de doses detalhes nas redes sociais do ministério da saúde	925	207	3863
20210330	jairbolsonaro	minsauade anvisa_oficial tvbrasilgov	975	159	3852
20210330	jairbolsonaro	o comando conjunto norte por meio da 22 brigada de infantaria de selva realizou a logística e desembarque e embarque de 582 cilindros de oxigênio no aeroporto internacional de macapá fab_oficial exercitooficial marmilbr DefesaGovBr	1171	213	6037
20210330	jairbolsonaro	a ação ocorreu em apoio ao governo do estado do amapá em caráter de urgência para abastecer a rede hospitalar do estado DfesaGovBr govbr minsauade	1190	418	5950
20210407	jairbolsonaro	segue o fio	5126	2594	23700
20210407	jairbolsonaro	neste último domingo 28 militares das forças armadas transportaram mais 10 cotêineres de oxigênio para porto velho ro um total de 17 mil m3 por meio de um kc-390 fab_oficial para dar suporte aos hospitais da cidade no tratamento de pacientes com covid-19	799	95	4091

20210407	jairbolsonaro	mais de 100 cilindros de oxigênio foram transportados por militares do comendo militar da amazônia para mais de 20 municípios em rondônia a ação faz parte da operação covid19 em apoio aos órgãos de saúde do estado exercitooficial	752	75	3873
20210407	jairbolsonaro	exercitooficial apoia transporte de mais de 2 8 mil cestas básicas para comunidade no ceará	857	91	4391
20210407	jairbolsonaro	força tarefa mais uma ação conjunta de combate à covid-19 já estão no brasil 2783	840	105	3759
20210407	jairbolsonaro	os equipamentos serão utilizados no tratamento de pacientes em suas própria localidades incluindo as regiões mais remotas e de difícil acesso ao todo serão doados mais de 5 mil concentrados para todo o país	913	106	6270
20210407	jairbolsonaro	estes aparelhos serão suficientes para suprir em volume de o2 equivalentes à demanda de 108 mil cilindros por mês a iniciativa atende a um pedido do minsaudef reforçando a estratégia unificada do govbr para salvar vidas	1046	373	7474
20210407	jairbolsonaro	pronunciamento à nação	1007	403	6069
20210408	jairbolsonaro	visita ao centro avançado de atendimento covid-19 chapecó sc	1470	85	7630
20210408	jairbolsonaro	após o 9 batalhão de infantaria motorizado dar início ao apoio de vacinação contra o covid em pelotas rs a 5 divisão de exército e a 5 região militar colocaram 32 técnicos de enfermagem à disposição da secretaria de saúde de curitiba pr para ajudar na aplicação segue	3124	144	16100
20210408	jairbolsonaro	os militares começam a atuar por escala no pavilhão da cura no parque barigui mais informações nas redes sociais do exercitooficial	761	79	3483
20210408	jairbolsonaro	a secretaria nacional de políticas sobre drogas do ministério da justiça e segurança pública arrecadou só no primeiro trimestre de 2021 mais de 37 milhões com a realização de 48 leilões de bens apreendidos de criminosos JusticaGovBR	597	53	2584

20210408	jairbolsonaro	a arrecação é 10 vezes maior do que a registrada no primeiro trimestre do ano passado quando os leilões geraram 3 5 milhões os arremates compreendem imóveis milionários jóias e veículos além da conversão de mais de 18 7 milhões em moedas estrangeiras secomvc	579	58	2630
20210408	jairbolsonaro	aneel assinou os contratos de concessão de 10 lotes de linhas de transmissão que foram arrematados em leilão realizado em dezembro 2020 as empresas já podem iniciar os trabalhos que devem gerar mais de 7 bi em investimentos e 15 mil empregados em 9 estados Minas_Energia	581	49	2465
20210408	jairbolsonaro	secretaria-executiva da câmara de regulação do mercado de medicamentos scmed multou empresas do setor farmacêutico em 15 2 milhões pela venda de medicamentos usados no enfrentamento da covid-19 com preços acima do autorizado no brasil anvisa_oficial	594	44	2420
20210408	jairbolsonaro	iniciados em julho de 2020 quando foi criada uma força-tarefa apenas para o covid-19 o monitoramento e a fiscalização já instauraram 139 processos e aplicaram 64 multas a agentes do setor secomvc	563	39	2354
20210408	jairbolsonaro	por meio do programa de combate a epidemias a CAPES_Oficial já investiu 53 7 milhões em estudos voltados à prevenção e ao enfrentamento da covid-19 e outras doenças epidemiológicas	570	55	2300
20210408	jairbolsonaro	o programa é dividido em duas dimensões ações estratégicas emergenciais imediatas e ações induzidas em áreas específicas entre as iniciativas escolhidas pela capes oito procuram desenvolver uma vacina contra a Covid-19 secomvc	528	42	2394
20210408	jairbolsonaro	ao todo 1959 bolsas foram concedidas em quatro anos a capes prevê um investimento de 200 milhões e a concessão de 2600 bolsas MEC_Comunicação mribeiroMEC	571	82	2573
20210408	jairbolsonaro	minsaude	1390	529	7390

20210409	jairbolsonaro	a CPI que barroso ordenou instaurar de forma monocrática na verdade é para apurar apenas ações do governo federal não poderá investigar nenhum governador que porventura tenha desviado recursos federais do combate à pandemia segue	10500	2209	42800
20210409	jairbolsonaro	barroso se omite ao não determinar ao senado a instalação de processos de impeachment contra ministro do supremo mesmo a pedido de mais de 3 milhões de brasileiros falta-lhe coragem moral e sobra-lhe imprópria militância política pres jair bolsonaro	7671	3148	31800
20210411	jairbolsonaro	mais uma entrega de vacinas contra o covid concluída pelo minsau de o total de 4 4 milhões de doses foi distribuído em 24h para todo o brasil segue o fio	234	4626	22200
20210411	jairbolsonaro	leilões de zonas portuárias encerrados com os arrendamentos = de 600 mi serão investidos nas 5 áreas 216 mi em outorgas ofertadas vencedores	1008	158	4826
20210411	jairbolsonaro	com os leilões também contribui-se para a criação de cerca de 200 mil postos de trabalho com as oportunidades que o país conquista com a concessão dos 28 ativos de portos aeroportos e ferrovias na infraestrutura Minfraestrutura tarcisiogdf pp investimentos	0	0	0
20210411	jairbolsonaro	os atendimentos foram possíveis graças ao investimento do govbr em disponibilização e abertura novos leitos e reformas em diversas bases pelo brasil como mostrados em diversas postagens anteriores MEC_Comunicacao mribeiro MEC ebserh	759	63	3304
20210411	jairbolsonaro	de maio de 2020 até agora houve aumento de mais de 40% de atendimentos nas redes de hospitais universitários públicos federais devido ao investimento em estrutura e serviço do govbr nestes setores	717	46	3276
20210411	jairbolsonaro	o setor ferroviário é uma das prioridades do govbr a antiga ferrovia santos / jundiaí que foi inaugurado pelo barão de mauá em 1867 hoje uma parte chamada de cremalheira opera com uma das locomotivas mais modernas do mundo Marceloscf2	724	66	3090

20210411	jairbolsonaro	bn des parcerias atuais focam o brasileiro como mostrado nesta e em diversas postagens anteriores no passado o referido era utilizado para bancar ditaduras parceiras em nome de um projeto de poder	641	57	2561
20210411	jairbolsonaro	são miguel do oeste sc o 14 regimento de cavalaria mecanizado realizou o transporte de alimentos arrecadados em campanha beneficente da câmara de dirigentes logístas do município ao hospital regional teresina gaio basso exercitooficial	740	58	3004
20210411	jairbolsonaro	apreendida quase uma tonelada de cocaína que estava sendo transportada para salvador ação resultou também na prisão em flagrante de três pessoas mais um prejuízo gigantesco ao crime organizado investimento em homens e inteligência policia federal	840	116	3548
20210411	jairbolsonaro	ventilador pulmonar de baixo custo criado pela usp em parceria com o governo dos eua já chegou a 9 estados brasileiros em 60 hospitais que utilizam 300 equipamentos para salvar vidas mais 500 unidades deverão ser entregues até o fim de maio US AmbBR	1687	252	7969
20210411	jairbolsonaro	mais e mais ações das forças armadas no combate ao covid exercitooficial marmilbr fab_oficial DefesaGovBr	1439	383	7000
20210412	jairbolsonaro	nesse sábado 10 as forças armadas levaram mais 8 tanques do tipo permacyl para porto velho ro linha contínua e 20 tanques para envira am o transporte de oxigênio não para informações atualizadas diariamente fab_oficial DefesaGovBr segue o fio	2932	655	15000
20210412	jairbolsonaro	fundo geral de turismo em mais uma etapa a manutenção de 51 mil empregos oficializando o repasse de 1 2 bilhão à Caixa e de 32 milhões à desenbahia ampliando a disponibilidade de crédito para micro médias e grandes empresas em meio à pandemia Mturismo	496	65	2099
20210412	jairbolsonaro	no última semana o govbr entregou 1329 moradias em cinco cidades 100 em bálsamo sp 435 em são sebastião df 496 em ananindeua pa 106 em teresina pi 192 em campo grande ms mais de 5 3 mil pessoas morando com mais dignidade mdregional_br	583	80	2284

20210412	jairbolsonaro	a comunidade ribeirinha que vive em 15 municípios da ilha de marajó pa vai receber assistência do govbr como forma de garantir a segurança alimentar na região durante a pandemia de covid-19 diante da instalação de possibilidade de trabalho contínuo	513	47	2087
20210412	jairbolsonaro	o MinCidadania destina 95 mil cestas de alimentos para suprir as necessidades das famílias da região a ação é realizada em parceria com o projeto abraça o marajó coordenado pelo mdhbrasil	546	58	2701
20210412	jairbolsonaro	cada cesta reúne 22 kg em produtos que incluem arroz feijão óleo vegetal macarrão flocos de milho farinha de mandioca açúcar e leite em pó serão atendidos 49459 pessoas em marajó planalto saiba mais	538	45	2342
20210412	jairbolsonaro	são mais de 20 toneladas de medicamentos transportados e 2908 horas voadas pelas forças armadas em combate ao covid fatos expostos diariamente nas redes sociais DefesaGovBr fab_oficial exercitooficial marmilbr	1359	45	7479
20210416	jairbolsonaro	governador de tocatins e o apoio do presidente no combate ao covid	5292	1222	20500
20210416	jairbolsonaro	o minsauade está ultrapassando a marca de 50 milhões de doses de vacinas covid-19 distribuídas em todo o brasil isso porque nesta semana mais 6 3 milhões de doses estão sendo enviadas para todos os estados e df segue o fio do dia	2237	106	10600
20210416	jairbolsonaro	nova santa rita rs o 3 grupamento logístico realizou mais uma entrega de medicamentos para kits intubação no rs foram cerca de 5 5 mil medicamentos para 24 hospitais em 19 cidades 15 04 2021 exercitooficial DefesaGovBr fac_oficial marmilbr	848	220	4343
20210416	jairbolsonaro	a fiocruz entregou nesta quarta 2 2 milhões de doses de vacina contra o covid ao programa nacional de imunizações a fundação disponibilizará nesta semana um total de 5 milhões de doses com a liberação de mais 2 8 milhões na sexta minsauade mqueiroga2 segue o fio	2908	126	14300
20210416	jairbolsonaro	o 8 batalhão de polícia do exército 8 bpe e militares de outras organizações militares entraram na campanha de vacinação contra o covid no município de são paulo exercitooficial	534	55	2202

20210416	jairbolsonaro	militares atuam em 7 drive-thrus de vacinação distribuídos nas regiões norte oeste e sudeste do município de são paulo e ainda transportam as vacinas das coordenadorias regionais de saúde crs e das unidades básicas de saúde ubs até os pontos de vacinação DefesaGovBr	508	43	2117
20210416	jairbolsonaro	mdhbrasil DamaresAlves joaoromaneto MinCidadania	466	40	2030
20210416	jairbolsonaro	o govbr sanciona alteração na lei que autoriza ebserh a contratar novos profissionais via concurso público detalhes MÊS_Comunicacao mribeiroMEC	435	32	1944
20210416	jairbolsonaro	a controladoria geral da união CGUonline WRosarioCGU continua sua atuação diária no combate aos desvios de recursos públicos pelo governo federal a estados e a municípios mais detalhes em suas redes sociais	671	109	2898
20210416	jairbolsonaro	operação covid19em manaus am a marinha do Brasil segue com apoio logístico à campanha nacional de vacinação marmilbr DefesaGovbr	998	181	6290
20210416	jairbolsonaro	estamos entre os 5 países que mais possuem vacinas no mundo	1363	548	6157
20210418	jairbolsonaro	mais uma MP das muitas desde 2020 no combate ao covid ampliação de mais cerca de 8 mil leitos total de utis será de 21 3 mil desde o início do ano pelo govbr o crédito também será aplicado na aquisição de medicamentos e fármacos para intubação segue o segundo fio do dia	3126	104	14500
20210418	jairbolsonaro	o brasil ainda tem maior parte de suas escolas fechadas por determinação de governadores e prefeitos o país é um dos com o maior tempo de instituições de ensino em não funcionamento no mundo	710	80	2513
20210418	jairbolsonaro	ao longo do mês de abril o cronograma da Fio Cruz prevê a entrega de 18 milhões de vacinas na próxima semana serão mais 4 7 milhões e entre 26 04 e 1 05 6 7 milhões de doses devem chegar ao PNI superando a marca de 5 milhões alcançada nesta última seana minsaude	1259	180	6658

20210418	jairbolsonaro	previsão é que as entregas cresçam em volume nos próximos meses e cheguem a 21 5 milhões em maio 34 2 milhões em junho e 22 milhões em julho no segundo semestre de 2021 a fiocruz prevê produzir mais 110 milhões de doses da vacina com ifa fabricada no brasil govbr	1335	265	6844
20210419	jairbolsonaro	forças armadas ampliam vacinação contra o covid depois de sp rj mt rs indígenas e ribeirinhos a ação avança no Pará moradores de Belém contam com mais 2 postos abertos em organizações militares detalhes nas redes sociais exercitooficial DefesaGovBr	2630	99	13500
20210419	jairbolsonaro	baralhão do exército brasileiro no processo de vacinação contra o covid-19 em Lorena SP exercitooficial	756	157	3110
20210419	jairbolsonaro	mais 56 km de reconstrução entregues na última semana na BR-122 CE recuperação das estradas cearenses tem sido uma prioridade do govbr o Minfraestrutura capitão Tarcisio GDF praticamente zerou o estoque de obras paradas no estado DNIToficial	788	109	2730
20210419	jairbolsonaro	força tarefa do comando militar da Amazônia sob controle operacional do 2º Grupamento de Engenharia foi designada para a operação de vacinação em áreas ribeirinhas 2021 DefesaGovBr	1080	141	6275
20210420	jairbolsonaro	nesta segunda-feira 19 mais dois postos de vacinação foram abertos em organizações militares para contribuir no esforço de imunização os novos locais são na capital paraense detalhes nas redes sociais DefesaGovBr exercitooficial marmilbr segue 2 fio do dia	2605	697	12900
20210420	jairbolsonaro	na Vila Militar RJ o 11º Batalhão de Polícia do Exército oficial comando militar do Leste realiza mais um dia de vacinação contra o covid-19	610	11	2637
20210420	jairbolsonaro	o govbr foi informado pelos coordenadores da Covax Facility de que será possível receber mais 4 milhões de doses da vacina Oxford AstraZeneca contra o covid em maio outras a caminho e sendo distribuídas	915	133	4878
20210420	jairbolsonaro	em março o Brasil recebeu o primeiro lote da Covax foram entregues pouco mais de 1 milhão de doses da vacina contra o covid da AstraZeneca Oxford produzidas na Coreia do Sul pelo laboratório SK Bioscience Minsau	836	150	4623

20210423	jairbolsonaro	novo lote com 3 5 milhões de doses de vacinas contra o covid começa a ser distribuído para todos os estados e df com esta entrega o minsaude chega à marca de mais de 57 milhões de doses de imunizantes enviados para todo o país	2817	143	14100
20210423	jairbolsonaro	confira a divisão das doses desta nova remessa para cada estado e df	554	54	2143
20210423	jairbolsonaro	Minfraestrutura tarcisiogdf	613	49	2464
20210423	jairbolsonaro	com a participação das forças armadas na campanha de vacinação a quantidade de vacinas aplicadas avança pelo brasil DefesaGovBr marmilbr fab_oficial exercitooficial	609	56	2270
20210423	jairbolsonaro	as forças armadas já distribuíram mais de 1 4 milhão de kits de alimentação em todo o brasil devido à impossibilidade imposta por muitos governadores e prefeitos aos país de família de levarem alimento para a mesa de suas casas	636	58	2378
20210423	jairbolsonaro	de 19 e 22 de abril a fab_oficial realizou mais uma etapa de vacinação contra o covid em belém pa a estimativa é de que cerca de 1250 doses foram aplicadas neste período	608	75	2460
20210423	jairbolsonaro	balanço da operação verde brasil 2 iniciado o plano amaônia 2021 2022 as ações preventivas e repressivas contra crimes ambientais na região da amazônia legal desenvolvidas nos últimos 11 meses alcançaram toneladas de madeira ilegal apreendidas	693	94	3017
20210423	jairbolsonaro	minsaude	1430	407	6988
20210423	jairbolsonaro	recorde de reciclagem de latas de alumínio foram 391 5 mil toneladas recicladas marca alcançada após assinatura de termo de compromisso no âmbito do programa lixo zero emprego renda e sustentabilidade	1140	303	5302
20210424	jairbolsonaro	o brasil segue se superando na vacinação contra a covid e se aproxima da marca de 2 milhões de doses aplicadas por dia mais de 1 7 milhões de brasileiros foram vacinados nas últimas 24 h mais de 37 milhões no total o govbr já distribuiu quase 58 milhões de doses aos estados	5380	2066	27800

20210505	jairbolsonaro	meus votos de pesar pelo passamento do ator e diretor paulo gustavo que com seu talento e carisma conquistou o carinho de todo brasil que deus o receba com alegria e conforto o coração de seus familiares e amigos bem como de todos aqueles vitimados nessa luta contra a covid	36400	49300	81800
20210506	jairbolsonaro	segue mais um fio vindo de nosso telegram	2998	1240	13500
20210506	jairbolsonaro	mais 1152 leitos de uti adulto e 51 leitos de uti pediátrica exclusivos para pacientes com covid foram autorizados pelo minsau de a ação do governo federal garante repasse mensal de mais de 58 2 milhões para reforçar o sistema único de saúde sus em 19 estados	601	77	2389
20210506	jairbolsonaro	Estão sendo alcançados vários municípios em al ba ce es a mg ms mt pa pb pe pi pr m rs se ro sp conforme as portarias gm ms 839 e 851 publicadas no diário oficial da união dou secomvc	466	72	2309
20210506	jairbolsonaro	somente em 2021 o govbr já autorizou mais de 20 8 leitos de uti covid-19 adultos e pediátricos par tratamento de pacientes em estado grave o investimento é de mais de 1 5 bilhão	601	67	2800
20210506	jairbolsonaro	a nova remessa vinda dos estados unidos faz parte do calendário do mês de maio que fechará com 2 5 milhões de doses da pfizer ainda no primeiro semestre serão 15 milhões de doses deste específico imunizante minsau de govbr mqueiroga2	928	235	5063
20210506	jairbolsonaro	70 milhões de doses de vacinas covid distribuídas para todo o país o 1 lote de vacinas da pfizer com quase 500 mil doses foi entregue aos estados bem como os demais imunizantes foi entregue da campanha de vacinação com as doses os estados distribuem para os municípios	1053	47	5321
20210506	jairbolsonaro	live de quinta feira presidente jair bolsonaro fala à nação 06 04 2021	2227	1289	10800
20210506	jairbolsonaro	temas da live auto defesa do cidadão auxílio emergencial e verdades que não te contam MinCidadania ninguém está acima da constituição produtores rurais protestam em Brasília voto auditável liberdade antecipação do décimo terceiro MinEconomico	330	104	1441

20210506	jairbolsonaro	ida à comunidades carentes para ouvir as necessidade do povo empregos goveradores e prefeitos fecham comércios presidente da Caixa fala sobre ações de sua pasta mdhbrasil está em sc para prestar suporte diente de tragédia	227	20	992
20210506	jairbolsonaro	superávit histórico bolsa sobe queda do dólar motociclistas se reúnem em homenagem ao dia das mães no domingo salário mínimo sobe na venezuela 4 para quem tem emprego governo argentino tomar poder dos ricos aumentando impostos acompanhamento	310	36	1382
20210506	jairbolsonaro	liberdade de prescrição de tratamento do médico facada sofrida por ex psol braço do pt fiocruz é autorizada a produzir insumos da astrazeneca cpi do covid inauguração de mais obras almoço encontro com empresários em sp sp pode adotar tarcisiogdf	335	12	1719
20210506	jairbolsonaro	brasileiro libertado na Rússia presidente KremlinRussia ernestofaraujo e carlos França mandeta mente na cpi e nada acontece Brasil é o quarto país que mais vacina no mundo enviados bilhões de reais a estados e municípios no combate ao vírus	829	259	5043
20210506	jairbolsonaro	pfizer e a verdade curiosidades Brasil e Espanha alfabetização ciência tecnologia e solo brasileiro tabelamento de preços programa de agricultura familiar ganha novo reforço para obter mais força Mapa_Brasil	658	265	4210
20210507	jairbolsonaro	resposta aos inquisidores da cpi sobre o tratamento precoce uns médicos receitam cloroquina outros a ivermectina e o terceiro grupo o do mandetta manda o infectado ir para casa e só procurar um hospital quando sentir falta de ar para ser entubado	7176	1018	38400
20210507	jairbolsonaro	portanto você é livre para escolher com seu médico qual a melhor maneira de se tratar escolha e por favor não encha o saco de quem optou por uma linha diferente da sua tá ok	6137	2621	32800
20210511	jairbolsonaro	a semana começou com mais uma entrega de vacinas contra o covid 1 1 milhão de doses da pfizer foram encaminhadas pelo mnsaude para as 27 capitais do país já enviados mais de 75 milhões de doses de vacinas a todos os estados e o df segue o fio	2634	96	14800

20210511	jairbolsonaro	com apoio das forças armadas e as mais de 75 milhões de doses disponíveis e crescendo a vacinação nacional avança minsaudef DefesaGovBr exercitooficial fab_oficial mamilbr	782	138	2930
20210511	jairbolsonaro	a fiocruz deve começar a fabricar a vacina da Oxford AstraZeneca contra a covid-19 com o ingrediente farmacêutico ativo ifa totalmente produzido no brasil no dia 15 de maio a ação acaba com a necessidade de importação da matéria prima de um imunizante secomvc	725	89	2631
20210511	jairbolsonaro	a previsão foi feita pelo vice presidente da fiocruz mario moreira em entrevista coletiva do minsaudef na última semana a fundação está em condições de produzir o ifa e já obteve a certificação de boas práticas pela anvisa_oficial	520	74	2619
20210511	jairbolsonaro	a produção com o ifa nacional é resultado de um acordo de transferência de tecnologia entre a fiocruz e o consórcio formado pela universidade de oxford e pela farmacêutica astrazeneca até o momento as doses produzidas dependem de ifa importado da china mqueiroga2	831	159	4950
20210511	jairbolsonaro	de 10 a 15 de maio está prevista a distribuição de mais 8 2 milhões de doses de vacina contra a covid-19 para a campanha iniciada no dia 18 de janeiro até o momento já foram enviadas pelo govbr quase 78 milhões de doses de imunizantes para todo o brasil minsaudef secomvc	800	314	4393
20210512	jairbolsonaro	o combate ao covid na atenção primária o govbr liberou cerca de 1 bilhão para ser usado no combate a má nutrição em crianças menores de 7 anos e gestante e também para reforçar a atenção à saúde de idosos e de comunidades tradicionais do brasil segue o fio	2645	90	13800
20210512	jairbolsonaro	a verba destinada para atender estados e municípios será usada assim 395 para custeio per capita para apoiar a gestão local na manutenção dos cuidados em saúde na atenção primária minsaudef	579	58	2541
20210512	jairbolsonaro	120 milhões para reforçar a atenção a idosos e monitorar essa população com suspeita ou caso confirmado de covid para dar o encaminhamento necessário em casos graves mqueiroga2	538	47	2423

20210512	jairbolsonaro	345 4 milhões para combater os impactos diretos e indiretos da pandemia nas condições das populações vulneráveis para ampliar a vigilância alimentar e nutricional individual e implementar ações integradas para segurança alimentar e prevenção da má nutrição planalto	543	80	2637
20210512	jairbolsonaro	48 3 milhões para o fortalecimento de equipes de assistência a povos e comunidades tradicionais durante a pandemia	824	243	5645
20210512	jairbolsonaro	mais informações diárias inscreva-se no telegram	1186	609	6308
20210513	jairbolsonaro	gerente geral da pfizer na américa latina bota ponto final na cpi do renan o brasil foi um dos primeiros países do mundo a ter o registro da vacina pfizer parabéns anvisa e min eduardo pazuello	12100	6779	44700
20210513	jairbolsonaro	o brasil é um dos países que mais distribuem vacinas contra o covid em todo mundo são 82 8 milhões de doses entregues a todos os estados e ao df confira a quantidade enviada para seu estado e saiba mais sobre o vacinômetro no site	3131	291	14400
20210518	jairbolsonaro	a partir da madrugada desta terça feira o minsaude iniciou a distribuição de mais uma remessa de vacinas contra o covid para todos os estados mais 6 4 milhões de doses são mais de 85 milhões de doses distribuídas para todo o brasil	3662	191	21900
20210520	jairbolsonaro	chegaram ontem mais 629 mil doses de vacina contra o covid da pfizer com isso são 2 8 milhões de doses do imunizante já entregues ao minsaude mais vacinas a caminho fora as mencionadas em postagens de ontem 13 milhões e dias anteriores govbr	2714	146	15600
20210520	jairbolsonaro	a previsão é que mais de 5 milhões de doses da vacina AstraZeneca Fiocruz sejam entregues ao ministério da saúde na próxima sexta feira 21 até agora 34 9 milhões de doses desse imunizante já foram entregues à pasta planalto	917	139	6695
20210520	jairbolsonaro	o brasil é o quarto país do mundo que mais vacina pessoas contra o covid ficando apenas atrás de nações que possuem a matéria prima para produção até o momento são mais de 90 milhões de doses distribuídas para todos os estados do brasil secomvc	1147	320	7111

20210521	jairbolsonaro	mais de 4 milhões de doses de vacinas contra o covid covax previstas para chegarem ao brasil no terceiro trimestre de 2021 vão chegar mais cedo em junho nos últimos dias distribuídos cerca de 20 milhões de doses a todos os entes federativos do país minsaude segue o fio	2862	117	15400
20210521	jairbolsonaro	são mais de 90 6 milhões de vacinas distribuídas a estados de todo brasil e o país ocupa a quarta posição mundial em número de vacinados mesmo com toda a gigantesca demanda mundial que dificulta a distribuição de imunizantes internacionalmente secomvc	937	130	4501
20210521	jairbolsonaro	mais informações sobre esta linha de ação no país inteiro nas redes sociais mincomunicacoes fabiofaria	1087	213	6361
20210522	jairbolsonaro	recorde mensal de distribuição de vacinas contra o covid com mais 6 1 milhões de doses que o minsaude recebe neste sábado 22 a previsão é mais de 30 milhões de doses distribuídas no mês de maio segue o fio	3716	201	19800
20210522	jairbolsonaro	os ingredientes farmacêuticos ativos ifa que serão usados para a produção de 12 milhões de doses AstraZeneca fiocruz também chegam neste sábado 22 ao brasil antecipação um dos lotes de ifa estava previsto para chegar dia 29 de maio e portanto já vem para a fiocruz	1454	354	9377
20210522	jairbolsonaro	nesta sexta 21 a fiocruz enviou ao minsaude mais 6 1 milhões de doses da AstraZeneca o carregamento chega hoje ao centro de distribuição do ministério desse total 374 mil doses ficam no rio de janeiro rj para entrega ao estado govbr	1109	381	7442
20210525	jairbolsonaro	prorrogado novamente o zeramento da tarifa de importação sobre itens essenciais ao combate ao covid a relação tem 628 produtos entre medicamentos e vacinas equipamentos hospitalares itens de higiene pessoal e outros insumos MinEconomia govbr secomvc	3736	138	20500
20210525	jairbolsonaro	com cerca de 34 mil militares entre tropas e profissionais de saúde da marmilbr exercitooficial fab_oficial a operação covi-19 completa 14 meses com atividades de apoio à vacinação transporte de pacientes e insumos e distribuição de kits de alimentos e higiene	1315	264	8305

20210525	jairbolsonaro	desde março de 2020 são 5727 horas de voo acumuladas o equivalente a 62 voltas no planeta 51140 toneladas de carga entre insumos médicos epis e três hospitais de campanha e mais de 42 mil doações de sangue DefesaGovBr secomvc	1458	349	8608
20210526	jairbolsonaro	o minsauade bate recorde de distribuição de vacinas contra o covid com mais de 33 milhões de doses entregues em maio	4110	196	23200
20210526	jairbolsonaro	o recorde mensal será alcançado neste semana com a entrega de mais 6 7 milhões de doses a todo o brasil a distribuição começa amanhã e segue até o fim da semana mqueiroga2 govbr	1274	245	8439
20210526	jairbolsonaro	são mais de 90 milhões de doses distribuídas a estados e o brasil é o quarto país que mais vacina no mundo ficando apenas atrás dos países que possuem o ifa para fabricação da vacina secomvc	1484	377	8271
20210527	jairbolsonaro	mais 629 4 doses da vacina covid-19 da Pfizer BioNTech chegam ontem pela noite ao Brasil no próximo mês a previsão é de que mais 12 milhões de doses da Pfizer sejam entregues ao govbr minsauade mqueiroga2 secomvc	2589	157	13100
20210527	jairbolsonaro	são mais de 90 5 milhões de vacinas distribuídas aos estados do brasil e o país é a quarta nação que mais vacina no mundo ficando atrás apenas das que possuem a matéria prima para confecção de imunizante muito mais informações sobre o assunto nas postagens anteriores	1208	458	6274
20210527	jairbolsonaro	apesar de todas as dificuldades causadas por medidas restritivas radicais irracionais e irresponsáveis nossos esforços para além de combater o vírus garantir a dignidade dos brasileiros que precisam trabalhar hoje se traduzem em quase 1 milhão de empregos gerados em 2021	6661	2568	35200
20210527	jairbolsonaro	lembro que antes mesmo dos agravantes provocados pelo fechamento e até por desvio de recursos a crise da covid-19 é um problema mundial nações sofreram e ainda sofrem durante os impactos causados pelo vírus seja por lamentáveis mortes ou pelo empobrecimento de seus povos	1053	13	5920

20210527	jairbolsonaro	sempre existiram dois desafios o vírus e a economia e apesar da mídia e da esquerda terem negado esse e outros fatos adotando um discurso pseudocientífico para disfarçar a demagógica politização do vírus nós priorizamos ambas as questões afinal não há saúde na miséria	1302	143	6458
20210527	jairbolsonaro	é por esta razão que hoje somos o 4 país que mais vacina no mundo devendo alcançar brevemente 100 milhões de doses distribuídas pelo nosso governo e fomos uma das economias menos afetadas com desempenho superior a países como alemanha França Itália Japão e Reino Unido	2295	438	14600
20210527	jairbolsonaro	sabemos que não há muito o que comemorar mas é preciso restabelecer a verdade do que foi e está sendo feito na prática para que o pânico e o caos promovido pelos que desejam retomar o poder e suas práticas nefastas não triunfem Brasil acima de tudo Deus acima de todos	2520	642	15600
20210601	jairbolsonaro	assinamos hoje contrato de transferência de tecnologia AstraZeneca Fiocruz para produção de vacina contra covid-19 Brasil entra no seleto grupo de 5 países na produção dessa vacina parabéns aos ex ministros Pazuello e Ernesto Araújo pelas tratativas iniciadas em 2020	6446	2225	30400
20210601	jairbolsonaro	notícia não tão boa para os que torcem contra o próprio país e que continuam fazendo palanque com as lamentáveis perdas nessa guerra contra o vírus nos próximos dias chegaremos à marca de 100 milhões de doses de vacina contra a covid-19 distribuídas aos estados	7854	891	43400
20210601	jairbolsonaro	em paralelo nosso PIB superou hoje as expectativas para o 1 trimestre crescendo 1,2% e voltando ao ritmo otimista do período pré-pandemia resultado de um trabalho intenso que priorizou além do combate à doença proteger empregos e garantir a dignidade dos brasileiros	3741	1000	21900
20210602	jairbolsonaro	o presidente do CFM Conselho Federal de Medicina Dr. Mauro Ribeiro classifica a CPI como tóxica e vergonhosa falta coragem moral para a maioria de seus integrantes para apurar desvios de recursos e ouvir autoridades como o ex presidente do CFM	9388	3604	34100

20210605	jairbolsonaro	nesta última sexta feira 4 6 a fiocruz alcançou a marca de 50 9 milhões de vacinas contra o covid entregues ao programa nacional de imunizações com a liberação de mais 3 3 milhões de doses do imunizante	3897	138	20700
20210608	jairbolsonaro	o brasil vai receber antecipadamente 3 milhões de doses da vacina da janssen as remessas estavam previstas para o segundo semestre a nação ultrapassou a marca de 102 milhões de doses de vacinas contra o covid distribuídas são mais de 600 milhões de doses contratadas	3924	144	20300
20210608	jairbolsonaro	o brasil passou a ser o quinto país no mundo e começará a fabricar seu próprio ifa mediante acordo governo do brasil fiocruz AstraZeneca o país é o quarto que mais vacina no mundo mais informações em muitas postagens anteriores govbr minsaudef	1764	477	9771
20210609	jairbolsonaro	mais 527 mil doses da vacina contra o covid da pfizer chegaram ao brasil o govbr contratou 200 milhões de doses da pfizer até o fim de 2021 até o momento mais de 5 9 milhões de doses da pfizer já foram distribuídas a todos os estados e o df minsaudef segue o fio	3596	192	19700
20210609	jairbolsonaro	o minsaudef segue reforçando o sus no combate ao covid ontem foram autorizados mais 62 leitos de uti o governo do brasil investiu 3 4 bilhões para garantir o funcionamento de 24 mil leitos de uti autorizados para o tratamento de pacientes com o vírus	655	70	2565
20210609	jairbolsonaro	a fundação osvaldo cruz fiocruz vai receber no próximo sábado 12 nova remessa de ifa para fabricação de mais vacinas contra o covid-19 govbr tvbrasilgov	1264	245	8255
20210610	jairbolsonaro	pousaram no final da noite de ontem mais 936 mil doses da vacina covid-19 da pfizer esse é o 2 lote de um total de 2 3 milhões de doses do imunizante que serão entregues ao minsaudef nesta semana são mais de 600 milhões de doses contratadas até então segue o fio	3194	155	18400
20210610	jairbolsonaro	mais de 105 milhões de doses distribuídas a todos os estados do brasil o país é o quarto que mais vacina no mundo assinado contrato de transferência de tecnologia para produção nacional da AstraZeneca pela fiocruz	1207	278	7124

20210610	jairbolsonaro	o minsauade prepara o envio de mais 4 04 milhões de doses da vacina covid-19 da AstraZeneca Oxford Fiocruz a previsão é de que em menos de 24 horas todas as capitais tenham recebido as vacinas	1271	400	7656
20210610	jairbolsonaro	a distribuição será realizada a partir desta quarta feira 9 para 19 estados e distrito federal o restante dos estados irá receber as novas remessas nas primeiras horas da madrugada desta quinta 10	1046	272	7107
20210613	jairbolsonaro	desembarcou na noite de ontem 12 no aeroporto do galeão rio de janeiro um novo lote de insumos farmacêutico ativo ifa para a produção de novas vacinas contra o covid da AstraZeneca fiocruz	3851	1185	23500
20210613	jairbolsonaro	o mencionado será suficiente para produzir a proximadamente 6 milhões de doses do imunizante a nova remessa garante ainda o cumprimento do cronograma de entregas ao insaude pela fiocruz até 10 de julho detalhes no portal da saúde	778	74	4351
20210613	jairbolsonaro	para acelerar a vacinação do covid no brasil o minsauade conseguiu antecipar mais de 3 milhões de doses do imunizante da janssen que devem chegar na próxima semana	766	12	4231
20210613	jairbolsonaro	além disso o valor do contrato reduziu em 25 % resultado em uma economia para o país de mais de 480 milhões só serão pagas apenas as doses efetivas aplicadas são mais de 600 milhões de doses contratadas até então govbr	1165	136	8252
20210613	jairbolsonaro	mais de 109 milhões de doses distribuídas a todos os estados do brasil o país é o quarto que mais vacina no mundo assinado contrato de transferência de tecnologia para produção nacional da AstraZeneca pela fiocruz secomvc	1295	276	8715
20210617	jairbolsonaro	a segunda entrega da semana com mais 936 mil doses da vacina covid-19 da pfizer chegou ao brasil o minsauade espera receber nesta semana um total de 2 4 milhões de doses da farmacêutica que serão enviadas para todos os estados do país e df govbr	3322	154	20700
20210617	jairbolsonaro	até o momento já foram enviados mais de 110 milhões de doses de vacinas a todos os estado da nação e df dessas 5 9 milhões foram da pfizer secomvc	1462	385	9875

20210617	jairbolsonaro	pronunciamento à nação live pr jair bolsonaro 17 06 2021 assuntos da semana acompanhamento	2648	824	14300
20210617	jairbolsonaro	temas da live execução de policiais votação de projetos para área de segurança caso passe na câmara veto do passaporte de vacinação 110 milhões de vacinas distribuídas entrega de mais 50000 títulos de posse de terra no pará amanhã	346	36	1488
20210617	jairbolsonaro	entrega de mais de 100 km de br ampliada e reformada amanhã vacinas covid lockdowns 900 dias de governo mais de 4000 decretos revogados desburocratização	330	24	1519
20210617	jairbolsonaro	acordo espacial com eua amplia possibilidade de desenvolvimento empregos e estímulos de formação na área exposição de mais desinformações de grande parte da mídia indústria das mutas aumento de icms prejudica a população próximo sexta feira em chapecó sc pauta	379	20	2001
20210617	jairbolsonaro	tratamento precoce estatuto do desarmamento votação na câmara ações do governo diante do armamento legal toda ditadura precede de desarmamento do povo estudo para desobrigação do uso de mscaras após vacinados países desenvolvidos já adotam tal iniciativa	1267	432	8397
20210617	jairbolsonaro	detalhamento de parlamentar sobre projeto de lei de licitações cpi da covid voto auditável	951	9	7194
20210618	jairbolsonaro	terceira remessa da semana chegou ao brasil mais 936 mil doses da vacina covid-19 da pfizer que chegaram com mais esse lote são 2 4 milhões de doses da farmacêutica entregues ao minsaude nesta semana mqueiroga2	2481	117	14100
20210618	jairbolsonaro	o govbr conseguiu antecipar 7 milhões de doses da pfizer para julho a previsão é receber 15 milhões de doses da farmacêutica no próximo mês até o momento foram enviados aos estados e df mais de 110 milhões de doses de vacina covid-19 dessas 5 9 milhões foram da pfizer	1001	394	6422
20210621	jairbolsonaro	o brasil recebeu na tarde de ontem 20 domingo mais um lote de vacinas contra covid pelo consórcio covax facility são mais 842 4 mil doses da pfizer biovtech minsaude	3896	216	24900

20210622	jairbolsonaro	renan pai e filho fazendo aglomeração do bem a falta de caráter é a marca do relator da cpi	7920	3885	32900
20210624	jairbolsonaro	nas próximas horas o minsaude conclui a distribuição de mais 7 milhões de doses de vacinas para todo o país até o momento o ministério já distribuiu mais de 123 milhões de vacinas contra o covid em mais uma rodada saiba e fiscaliza quantas doses cada estado recebe	2921	117	14500
20210624	jairbolsonaro	secomvc	988	325	6276
20210625	jairbolsonaro	chegam ontem 24 mais 936 mil doses da vacina covid-19 da pfizer estão no brasil até agora mais de 11 2 milhões de doses da farmacêutica já foram entregues ao minsaude essas unidades fazem parte das mais de 129 5 milhões de doses já distribuídas para estados e df	2002	1029	10600
20210625	jairbolsonaro	a vacinação contra o covid ganhou o reforço de 300 mil unidades da janssen nesta quinta feira 24 com aplicação de dose única os imunizantes foram antecipados pelo minsaude as unidades se unem a 1 5 milhão de doses da farmacêutica recebidas pela pasta nesta terça 22	2857	133	17300
20210625	jairbolsonaro	as vacinas são parte de um contrato para 38 milhões de doses entre o govbr e a janssen a previsão inicial era de que os imunizantes fossem entregues a partir de outubro deste ano para o programa nacional de imunização pni do minsaude mqueiroga2	1159	373	7699
20210626	jairbolsonaro	vacinad doadas pelos eua o 1 lote com pouco mais de 2 milhões de doses da janssen chegou ontem a outra remessa com mais de 943 mil doses chegou há poucono total são 3 milhões de doses o brasil ultrapassou 129 milhões de vacinas distribuídas a estados e municípios	4815	3629	25600
20210626	jairbolsonaro	posto de vacinação da vila militar de deodoro rio de janeiro rj atinge a marca de 13 mil vacinas aplicadas militares da marmilbr fab_oficial exercitooficial aplicaram mais de 40 mil doses de vacinas contra o covid nas populações de belém pa e são luis ma	1097	46	8169

20210627	jairbolsonaro	hoje mais 936 mil doses de vacinas covid-19 da pfizer chegaram ao brasil é a terceira e última remessa de 2 4 milhões de doses entregues pela farmacêutica na última semana o minsaudef já enviou mais de 129 milhões de doses de vacinas covid para estados e df govbr	3195	163	17700
----------	---------------	---	------	-----	-------

Citando a cidade de Manaus foram identificadas 4 mensagens, todas falando sobre materiais enviados para a cidade. Não há mensagens sobre a crise de Manaus ou informando sobre sua gravidade e políticas para mitigar suas consequências. Fundamental aqui discutir um pouco o contexto em que a crise se deu. Manaus é a maior cidade da região Norte do Brasil, com uma população próxima de 3 milhões de habitantes, e capital do estado do Amazonas, maior estado em extensão territorial do Brasil. O estado se encontra integralmente na região da Amazonia brasileira.

A região Norte do Brasil é a menos industrializada, mais extensa e com menos estrutura de mobilidade e integração do restante do Brasil. Durante a maior parte da história brasileira, é uma região que esteve isolada, com muitas áreas que só eram acessíveis por meio de barco ou avião, situação que ainda está presente em alguns municípios. A região amazônica enfrenta ainda um histórico de doenças endêmicas: dengue, malária, leishmaniose, doença de chagas etc. Os fatos que se apresentam enquanto desafios para o desenvolvimento da região e dos povos amazônicos se confunde com as ideologias que se impuseram enquanto mecanismo de controle sobre a região. Essas ideologias têm sua origem na produção dos militares brasileiros e a leitura da região como um vazio selvagem que dever ser explorado. É impossível não observar esse conceito sobre a região amazônica e a invisibilização, no discurso oficial, sobre a crise de Manaus.

Manaus ainda era, no imaginário social, a cidade no meio da floresta, cheia de vida, a cidade que emerge do discurso como inacessível, difícil, que precisa dar lugar a outras prioridades. A situação pode ser lida apenas pela ótica dos imaginários, mas, novamente, a dimensão representacional é mais conclusiva para a determinar o tipo de política pública e de gestão de populações aplicadas a crise. O bolsonarismo, quando se refere a cidade, assume as dificuldades de acesso à região, mas articula um discurso de logística militar para a solução do que enxerga como um problema. O militarismo aparece descritivamente como um conjunto de práticas logísticas (distribuição, transporte, fabricação, armazenamento...) que visa resolver os

desafios apresentados pela pandemia. Aqui o campo econômico abre espaço para o militarismo enquanto fonte das requisitadas soluções.

Duas situações ocorridas no período são notáveis, posteriormente aprofundadas no capítulo final. A primeira situação é do erro objetivo cometido na distribuição de insumos pelo governo federal quando da liderança de Eduardo Pazuello como Ministro da Saúde. Vacinas que deveriam ter sido enviadas para o Amazonas (AM) foram enviadas para o Amapá (AP), estado bem menor, foram ainda cometidos outros erros logísticos que não precisam ser detalhados aqui (MENDES, 2021). A suposta competência logística militar é reiteradamente reforçada no discurso bolsonarista e aparece como uma espécie de tábua de salvação para a discussão sobre políticas públicas no contexto da covid-19.

A segunda situação faz referência ao aplicativo para smartphones TrateCOV, uma tecnologia que visava auxiliar médicos no diagnóstico da covid-19 e que jamais foi oficialmente lançado porque tinha defeitos imensos de concepção e formulação (BRASIL, 2021). O aplicativo chegou a ser colocado em circulação em versão beta (versão de testes) há uma matéria oficial de 14 de janeiro de 2021, no site do governo federal, lançando a plataforma. Segue trecho da matéria.

Teste em Manaus

Diante do cenário epidemiológico atual, a capital do Amazonas foi escolhida para estrear o TrateCOV. A prefeitura de Manaus, com apoio do Governo do Amazonas, está em processo de exportação do cadastro dos médicos para a plataforma. Até o momento, 342 profissionais já foram habilitados.

Além disso, serão instaladas tendas ao lado dos postos de saúde em Manaus, onde profissionais serão capacitados para utilizar a ferramenta e atender rapidamente aos pacientes que chegam às unidades com sintomas de Covid-19.

Assim que terminar o processo de cadastro e capacitação, o TrateCOV entrará em ação para auxiliar os médicos de todas as unidades de saúde do município. Depois desta experiência, o aplicativo poderá ser ampliado para outras regiões do País (Casa civil, 2021).

Em ambas as situações o discurso bolsonarista objetifica determinados pontos tanto do militarismo quanto da área biomédica (e seu cruzamento com novas tecnologias) para produzir justificativas para suas práticas de gestão de populações. Seja por descaso (nas situações de erros do corpo militar presente no governo) seja por projeto de gestão biopolítico de populações (caso do aplicativo fracassado) tudo parece convergir para a conclusão de que havia naquele momento um projeto em andamento e Manaus foi a cidade utilizada como modelo.

As pessoas começaram a ser mandadas para casa com receitas de hidroxicloroquina e outro medicamentos enquanto os testes com o TrateCOV indicavam a administração dessas

medicações inclusive para bebês e pessoas com comorbidades (BRASIL, 2021). A estruturação necropolítica das políticas em Manaus submeteu a população a uma carência efetiva de política públicas e a fetichização da técnica e das tecnologias contribui para o quadro de problemas enfrentados. Extraí-se dessa leitura um prazer mórbido pela técnica e uma indiferença quanto às vidas perdidas, uma espécie de política da precarização consciente. A mensagem final do corte mostra que a mesma lógica de fetiche da técnica, caso desse certo, seria aplicada em todo o território nacional. O questionamento aqui é: o que seria dar certo segundo a visão política que orientava o bolsonarismo naquele momento?

Se os insumos para o tratamento de covid-19 não tivessem chegado a níveis críticos em Manaus e a grande mídia não tivesse se atentado para as situações de descaso e carência que acometiam a população da cidade, produzindo uma estrutura de visibilidade e com o objetivo de desgastar o governo que nesse momento já demonstrava fraquezas e incorreções evidentes na condução da pandemia, o Trate-COV poderia ter sido lançado no Brasil inteiro e o governo federal teria mais uma ferramenta de controle de populações para gerir as fantasmagorias da crise de covid-19. Se no hiv/aids os Estados e governos nacionais foram forçados a prestar atenção às denúncias de descaso e políticas públicas fracassadas que estavam sendo dispensadas há uma parte da população, isso se deve a mudança de regime de visibilidade empreendido no interior das forças de informação e formação midiática da opinião pública.

As mensagens do Twitter/X e as falas de Bolsonaro no período abordam a crise de Manaus como uma technicalidade, uma questão que deveria e seria tecnicamente resolvida. Desloca a centralidade do problema, por tanto a realidade do problema, para a zona da distribuição de recursos e a logística, enquanto ocultava ações de utilização da cidade e de sua população como material de testes.

5 REPRESENTAÇÕES TRÁGICAS DA COVID-19 SOB O BOLSONARISMO

5.1 Antes um preâmbulo

Abordar o que era o Brasil antes da chegada da covid-19 como pandemia e emergência global sanitária não é simples. Além das eventualidades políticas do país onde se morre de tudo menos de tédio, o Brasil se tornou rapidamente um foco de atenção global por diversos motivos: impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e ascensão do ex-vice presidente Michel Temer (2016) após um processo midiático em que diversos atores sociais do centro até a extrema-direita se aliaram para a produção do resultado; o mandato de transição de Michel Temer que aprovou reformas profundas no arcabouço jurídico-constitucional brasileiro e o teto de gastos que limita o investimento em saúde e educação por 20 anos; a estrutura político-institucional dos sistemas de saúde brasileiros (público e privado) e nosso histórico bem sucedido em outros momentos de emergências sanitárias globais.

Esses fatos políticos antecedem a chegada da covid-19 no Brasil, porém, e a partir deles, é possível traçar um panorama quanto à forma como a pandemia foi tratada pelas instituições brasileiras. O objetivo do presente capítulo final é discutir de forma mais detalhada momentos específicos dos dois anos sobre os quais essa pesquisa se debruçou. Se articulando com os elementos trazidos nos capítulos anteriores, essa sessão visa reunir alguns fatos notórios do período da pandemia de covid-19 e argumentar como se relacionam a um quadro mais geral de governança de populações em momentos de crise e que tem o hiv/aids como paradigma biopolítico.

No mesmo sentido, recorri a documentos produzidos no período para dar mais densidade às análises e produzir um diálogo entre a pesquisa e a produção, sobretudo institucional, sobre o período. Artigo aqui, além dos materiais coletados ao longo da pesquisa, os relatórios sobre o Brasil provenientes de agências internacionais e o relatório final da CPI da Pandemia publicado pelo Senado Federal brasileiro.

5.2 Antecedentes do bolsonarismo

O impeachment de Dilma Rousseff ocorreu em sessão solene em abril de 2016 na Câmara Federal, mas já vinha sendo arquitetado desde pelo menos 2013. Em junho de 2013 o

Brasil foi tomado por protestos de rua nas grandes capitais e até em cidades do interior do Brasil no que ficou posteriormente conhecido como “jornadas de junho de 2013”. As razões para estes protestos ainda são alvo de discordância entre pesquisadores e pesquisadoras das ciências sociais.

Alguns autores e autoras focalizam um sentimento de revolta latente da população que emerge a partir da luta do Movimento Passe Livre de São Paulo contra o aumento das passagens de ônibus na capital paulista (FLAUZINA, 2019; GALLEGO, 2019). A resposta do governo de Geraldo Alkmin aos protestos foi violenta e a cobertura da mídia teria produzido uma reação em cadeia que afetou outras cidades do Brasil onde uma percepção generalizada de injustiça e exclusão dos processos políticos já era vivenciada. Nesse sentido, uma população que experimentava alguma ascensão social e uma ampliação das possibilidades de consumo se viu comprimida entre uma crise econômica internacional que se anunciava e um governo envolvido em escândalos de corrupção. Ainda que se discutam os efeitos posteriores desses protestos, essa linha de pensamento observa com alguma legitimidade as manifestações de descontentamento que se expressaram nas ruas à época.

Outros autores e autores enfocam uma articulação da extrema-direita, por meio de seus canais de comunicação, que já vinha sendo construída há muito mais tempo e tinha como base intervenções na grande mídia, blogs, mídias alternativas e mídias sociais (FARIAS, 2020; MIGUEL, 2018). Essas intervenções apontavam os, até então, 10 anos de governos do Partido dos Trabalhadores como responsáveis pela crise econômica, pela crise moral generalizada pela qual instituições e empresas brasileiras vinham sendo acusadas de produzir.

Dentro das jornadas de 2013 despontaram grupos organizados de direita (Movimento Brasil Livre, Vem Para Rua etc.) que instrumentalizaram a pauta da anticorrupção e associaram o Partido dos Trabalhadores a uma máquina de propinas e compra de deputados investigados nessas e outras operações policiais. Aqui as jornadas de 2013 ganham obscura ilegitimidade e aparecem como efeito da manipulação midiática e da instrumentalização das instituições policiais na agenda de grupos de extrema-direita.

Ambas as perspectivas têm diferenças relevantes, mas não são antagônicas. De fato, o mundo passava e passa por ciclos de crise no sistema capitalista de produção e circulação de bens e serviços que não podem ser ignorados na explicação conjuntural das crises políticas recentes no Brasil. A inclusão social pelo consumo só foi possível em uma conjuntura econômica favorável de crescimento da produção e expansão de mercados globais favoráveis ao Brasil (GALLEGO, 2019).

Mas essa possibilidade alcançou seu limite em pouco mais de dez anos. Os resultados dessa inclusão não se mostraram duradouros para uma parcela significativa da população e é possível aliar aqui a perspectiva do conjunto de trabalhos que apontaram como a nova parcela da população que ascendeu socialmente se ressentiu e viu, no discurso da direita e da extrema-direita, ecos da sua frustração degenerados e despolitizados em pautas de costumes (MESSENBURG, 2019).

Independente do enfoque dado pelas pesquisas e reflexões citadas, há um acordo quanto a participação e instrumentalização por parte da extrema-direita das pautas de moralização da política e anticorrupção. A complexidade dos eventos das jornadas de junho de 2013 foi reduzida, de forma bem-sucedida por setores da direita e da maquinária midiática, a críticas contra o sistema político e institucional brasileiro e clamores de moralização da política e pelo “fim da corrupção” (MIGUEL, 2018). O PT, partido no poder por mais de 10 anos, foi apontado como principal responsável pela corrupção na política institucional brasileira e de usar o dinheiro de empreiteiras e da empresa nacional Petrobrás como forma de se manter no poder.

A mídia, por sua vez, reproduzia ações policiais e investigativas espetacularizadas como a “Operação Carne Fraca”, a “Operação Lava-jato” e a intervenção federal na segurança pública do estado do Rio de Janeiro. A reprodução dessas ações também associava criminalidade e poder político de forma direta e seus “personagens” apareciam como defensores da moralização política e do combate ao crime organizado como principais pautas de segurança pública (FERES-JÚNIOR; BARBABELA; BACHINI, 2018).

O raciocínio mecânico e que incluía, automaticamente, o Partido dos Trabalhadores, as empreiteiras e a Petrobrás na mesma equação da corrupção e imoralidade política serviram aos interesses de grupos que, em 2014, questionaram a vitória eleitoral de Dilma Rousseff, por uma apertada margem de votos, contra o segundo colocado Aécio Neves (PSDB-MG). Os protestos se intensificaram agora com menos pautas sociais e mais pedidos de moralização, não apenas na política, mas em outras áreas da vida social como a cultura e educação. Muitos vestidos de verde e amarelo emulavam a “Marcha com Deus pela Liberdade”, que antecedeu o golpe militar de 1964, e o movimento dos caras pintadas que pedia o impeachment de Fernando Collor de Melo, em 1992 (VIEIRA, 2018).

Em 2014, junto com Dilma Rousseff, é eleita a segunda legislatura mais conservadora da história contemporânea brasileira, segundo os critérios adotados em metodologia qualitativa pela DIAP (MAGELA, 2018). Esse fato ilustra como a direita brasileira estava articulada pela consolidação das pautas moralizantes visando ganhos eleitorais concretos, pois diversas das

lideranças de movimentos que surgiram ainda em 2013 ganharam proeminência política e conseguiram se eleger para cargos na Câmara Federal, Câmaras Estaduais e Câmaras de Vereadores. Nesse sentido, em 2015 se elegeu para a presidência do Congresso Nacional o deputado Eduardo Cunha, que já havia trabalhado para o governo do ex-presidente Lula, mas agora fazia oposição ao segundo mandato de Dilma Rousseff.

Os questionamentos quanto à vitória de Dilma Rousseff para o segundo mandato não pararam, chegando, inclusive, aos tribunais superiores brasileiros e os protestos de rua ganhavam corpo pela aglutinação das pautas anticorrupção ao redor da equipe de procuradores responsáveis pela “Operação Lava-jato”. Diversos grupos, inclusive identificados com o espectro político de esquerda, embarcaram no que ficou conhecido na mídia como “lavajatismo” (FERES-JÚNIOR; BARBABELA; BACHINI, 2018).

Em 2018, desponta na corrida eleitoral à presidência da república, o candidato Jair Messias Bolsonaro. Mas sua presença midiática já vinha sendo percebida e ampliada muito antes. Sua persona política foi bastante explorada por programas de televisão de cunho sensacionalista e de humor político, em que a sua mera presença, agressiva, rude, insensível e, no limite, tosca reforçavam o “teor cômico” de suas colocações e falas. Este não é um trabalho sobre a pessoa/persona/personagem de Jair Bolsonaro, mas valeria uma investigação mais aprofundada nos campos da comunicação e da psicologia social para compreender quais os lugares em que essa figura política atravessa a cultura e as perspectivas sociais brasileiras ao mesmo tempo em que é possível observar uma replicação de seu modelo, tanto na política nacional quanto internacional.

Os trabalhos de diversos autores e autoras, em diferentes áreas de estudo e partindo de diferentes arcahouços interpretativos utilizam a categoria bolsonarismo como imagem de uma nova extrema-direita que ascende na estrutura democrática liberal brasileira (CESARINO, 2022; FARIAS, 2020; MESSENBURG, 2019). Nesse sentido, é seguro entender o movimento que tem Jair Bolsonaro como centro estruturante de uma lógica de operação como um fenômeno de extrema-direita ainda que subsistam resistências à esta classificação.

Bolsonaro venceu as eleições de 2018 contra o então candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad, com uma campanha marcada pelo uso das redes sociais como estratégia de comunicação (MESSENBURG, 2019). Naquele momento, o judiciário brasileiro, principalmente seu braço responsável pelas eleições, Tribunal Superior Eleitoral, ainda claudicava quanto a regulação do uso eleitoral das plataformas digitais. Como já comentado na seção adequada, as normativas e entendimentos jurisprudências brasileiros

repetiam uma forma de compreensão das plataformas digitais e da internet em um modelo baseado no sistema de radiodifusão, ignorando as particularidades e potencialidades escalares da internet e das repercussões sociotécnicas das novas tecnologias.

A vitória de Bolsonaro alçou ao poder grupos político-ideológicos até então subterrâneos em relação às camadas mais externas da democracia brasileira (a centro direita fisiológica, a centro direita e centro esquerdas mais socialdemocrata e a esquerda trabalhista). Com o bolsonarismo, grupos religiosos neopentecostais, militares e grupos atrelados ao que ficou conhecido como olavismo cultural ganharam presença em toda a estrutura do executivo federal (FARIAS, 2020). Repetindo a estrutura explicativa de Cesarino (2019, 2022) para esse movimento, há um empoderamento de grupos que operam nas redes com discursos mascarados como antissistêmicos ou *antiestablishment* e que atacam as fundações democrático-social-liberais que sustentam aquilo que é identificado com o “sistema”.

"O que existe hoje é a confluência de grupos diversos, cuja união é sobretudo pragmática e motivada pela percepção de um inimigo comum. Os setores mais extremados incluem três vertentes principais, que são o liberalismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo" (MIGUEL, 2018, p. 19)

Luis Felipe Miguel (2018) propõe uma taxonomia desses grupos a partir da compreensão de que suas alianças são provisórias e heterogêneas, mas objetivam o bolsonarismo como uma passagem para a defesa de seus interesses. Sobre a vertente liberal, é preciso entender que o liberalismo que se aliou ao bolsonarismo é uma vertente que se compreende distinta do tipo de capitalismo diretivo praticado no Brasil até então. A figura do Ministro da Economia, Paulo Guedes, emerge como um tipo ideal de gestor dos planos e diretivas econômicas de cunho privatista e submissão dos objetivos do Estado brasileiro ao mercado.

O fundamentalismo religioso se encarna na figura da Ministra das Mulheres e Direitos Humanos, Damare Alves, presente há muitos anos dos bastidores da política de Brasília, alçada aos holofotes como uma dentre as duas únicas presenças femininas entre os Ministros de Jair Bolsonaro. Seu discurso de proselitismo religioso conecta as bases do pânico moral pentecostal e neopentecostal como defesa da família, defesa da infância interpretações mais conservadoras nos campos da sexualidade e gênero com as aspirações espirituais do bolsonarismo. Conexão representada esteticamente por produções como as pinturas da artista e apoiadora do então presidente, Lucy Born.



Figura 15 Fonte: Twitter/X, @lucyborn, <https://twitter.com/lucyborn23/status/1504588107303247875/photo/1>, acesso em 03 mar 2024

Em relação à ideologia anticomunista é preciso ressaltar três grandes campos de derivação que animaram o bolsonarismo: anticomunismo como uma forma ideológica do militarismo brasileiro; como expressão dos grupos que se originaram da influência de Olavo de Carvalho, o “olavismo cultural”, e como forma de combate ao “marxismo cultural” e a esquerda em sentido amplo; por fim como derivação da ideia de produção de um inimigo nacional, mesmo operativo categorial que trabalha no interior do lavajatismo enquanto movimento socioinstitucional contra a corrupção e que a associava aos governos do PT.

"O Estado, agente caracterizado pela capacidade de impor coercitivamente suas decisões é o oposto do mercado, terreno das trocas voluntárias e 'livre', onde se realiza a 'liberdade econômica'. Fica adensada a separação entre política e economia, que é um ponto cego da doutrina liberal, desde seus primórdios. Estado, esquerda, coerção e igualdade compõem um universo de

sentido, enquanto liberdade, mercado e direita formam outro". (MIGUEL, 2018, p.19)

O Estado se converte em ente compreendido no interior de uma rede de significantes que o associam a formas de intervencionismos prejudiciais ao liberalismo de mercado e ao suposto conservadorismo da sociedade brasileira. Esse Estado, dominado pelo “marxismo cultural” e corrupto, é apontado como propagador de valores em discordância com supostos valores nacionais. Além disso, sobre o fundamentalismo, ele afirma ainda:

"O fundamentalismo se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate. Ativos na oposição ao direito ao aborto, a compreensões inclusivas da entidade familiar e a políticas de combate à homofobia, entre outros temas, os parlamentares fundamentalistas se aliam a diferentes forças conservadoras no Congresso, numa ação conjunta que fortalece a todos" (MIGUEL, 2018, p. 21)

A agenda do fundamentalismo cristão pentecostal e neopentecostal entrega os discursos que serão utilizados como mecanismos de coesão parassocial por boa parte da direita organizada no período. O autor aponta ainda o uso de conglomerados de mídia como forma de "controle do rebanho". Todos estes elementos convergem para a construção de uma moldura na qual a bolsonarismo se destaca. Essas conexões, tanto internas quanto externas, organizam o bolsonarismo no interior de uma estrutura político-ideológica de extrema direita que pode ser identificada a partir de seus métodos e valores expressos.

A partir destes elementos, é necessário reconhecer as camadas e condições criadas pelo bolsonarismo quando da recepção da covid-19 enquanto fato novo e as ações que os agentes políticos empreenderam enquanto medidas de políticas públicas (e antipolíticas). O sentido principal é compreender se estas decisões dificultaram ou facilitaram o entendimento sobre a nova pandemia e sua gestão.

5.3 A covid-19 recepcionada pelo bolsonarismo

Tratado em linhas gerais dos fatos e evidências do que é o bolsonarismo. É necessário discorrer sobre como o bolsonarismo constrói o objeto covid-19 para o saber público e institucional. Muitas vezes as escolhas e decisões de Bolsonaro afetaram de forma objetiva a condução da pandemia e tiveram consequências diretas sobre políticas de saúde, em outros momentos seus discursos e comunicação vocalizavam aquilo que era interpretado como a opinião consolidada de suas bases de apoiadores.

Um exemplo da condução objetiva de Bolsonaro durante a pandemia aconteceu ainda no primeiro semestre de 2020 com as trocas de Ministros da Saúde. O Ministro da Saúde no período em que a covid-19 chegou ao Brasil era Luiz Henrique Mandetta, médico, empresário ligado ao setor dos planos de saúde privados e político brasileiro. Mandetta dá uma declaração em 28 de março defendendo as políticas de isolamento social, em 10 de abril criticou Bolsonaro por descumprir o isolamento e em 12 de abril defendeu um discurso único proveniente do Governo Federal sobre o enfrentamento à pandemia (FLOSS *et al.*, 2023).

Ao que parece, em um primeiro momento, Henrique Mandetta entendeu a gravidade da pandemia e a importância que o Sistema Único de Saúde (SUS) teria para seu enfrentamento. Enquanto agente do mercado, este político tinha como objetivo abrir espaço para uma maior participação do capital privado na área da saúde pública. Perspectiva correspondente ao que o governo de Bolsonaro pregava durante a campanha com figuras como Paulo Guedes na Ministério da Fazenda (posteriormente renomeado como Ministério da Economia). Entretanto, com o avanço da pandemia, o próprio ex-ministro Mandetta admitiu que não fazia ideia do tamanho e da capilaridade do SUS, bem como de sua importância estratégica no combate a pandemias e endemias (MAIA, 2020).

Henrique Mandetta caiu em 16 de abril de 2020 como consequência de uma combinação de fatores: contrariar os discursos de Bolsonaro e seus apoiadores, concordar com governadores quanto às medidas de isolamento social, não aprovar o uso indiscriminado de hidroxiquina como tratamento para a covid-19 e adquirir visibilidade com a corrente crise. O Datafolha fez uma pesquisa com respostas domiciliares e as atitudes de Mandetta eram aprovadas por 76% da população contra uma aprovação cada vez menor de Bolsonaro (PODER360, 2020a).

Jair Bolsonaro retira Henrique Mandetta e, no mesmo dia, nomeia em seu lugar Nelson Teich que fica apenas 1 mês no cargo, pedindo demissão em 15 de maio de 2020 (PODER360, 2020b). Após ele quem assume é o general do exército brasileiro Eduardo Pazuello, primeiramente como interino e, posteriormente efetivado em 16 de setembro de 2020 (GARCIA, 2020). Ou seja, apenas em 2020, já em situação de calamidade pública global e atenção máxima em relação à pandemia de covid-19, o Brasil teve três Ministros da Saúde diferentes, sendo um deles (até então o que ficou mais tempo) um militar de alta patente do exército brasileiro.

É possível afirmar que as trocas de ministros não se deram por outro motivo que não as discordâncias internas do governo com relação à condução da pandemia de covid-19. A solução encontrada naquele momento pelo então Presidente era retirar vozes dissonantes em relação a

forma como acreditava que a pandemia de covid-19 deveria ser gerenciada, ainda que essas vozes tenham sido indicadas para os cargos pelas mesmas forças políticas que elegeram Jair Bolsonaro.

A Covid-19 chega ao Brasil primeiro pelos veículos de comunicação. Inicialmente as notícias relatavam uma nova doença que teria sua origem na distante Wuhan, China central, e que se apresentava com sintomas muito semelhantes a outras síndromes respiratórias já enfrentadas pelas populações do sudeste da Ásia e Oceania (TESINI, 2020). Desde o princípio, a mídia tradicional, inspirada por trabalhos de infectologistas ocidentais, já vinculava à China, e às práticas tradicionais de alimento de caça silvestre da região de Wuhan, a nova doença que foi posteriormente identificado como um tipo de coronavírus (TESINI, 2020).

Os coronavírus são vírus comuns em animais mamíferos e já foram identificadas outras doenças com origem parecida em seres humanos e animais próximos como macacos. Os coronavírus receberam essa classificação pela sua estrutura morfológica composta de uma forma esférica e capa lipídica com espículas que lembram uma coroa. O tipo coronavírus em questão foi batizado de SARS-CoV-2 pela semelhança com o vírus agora chamado de SARS-CoV-1 e que se disseminou pelo mundo em 2002 e foi controlado em 2003 (TESINI, 2020). A sigla SARS significa Síndrome Respiratória Aguda Grave – “*Severe Acute Respiratory Syndrome*” na sigla em inglês – e descreve a principal manifestação clínica da doença: uma aguda falta de ar e dificuldade para respirar (GOVERNO DE SÃO PAULO, s/a).

A partir do ponto em que a doença é lançada na rede de discursos que cruzam a fronteira entre o biomédico e o midiático, a forma SARS-CoV-2 ganha outros contornos. A doença adquire novas alcunhas: “corona”, “covid”, “covid-19” etc. Mas parece existir um consenso de que a nova doença foi nomeada de covid-19 pelos meios de comunicação. A explicação do nome tem relação com características estruturais específicas do vírus.

A doença pandêmica não pode ser pensada como um agente estacionário. A pandemia entra em circulação a partir de fluxos migratórios e converge para pontos de recepção de pessoas e mercadorias. No caso da covid-19, esta entra em circulação a partir da movimentação das pessoas em viagens e deslocamentos para grandes centros de concentração de indivíduos e se expressou de forma mais aguda, ao menos em um primeiro momento, em populações com grande presença de sujeitos mais vulneráveis à ação do vírus.

Após o alerta na China, a Itália foi reportada pela mídia como um polo de expressão e disseminação aguda do vírus e diversas características populacionais foram apontadas para este fato: a grande recepção de estrangeiros turistas ou a trabalho, a idade avançada da população e

a menor capacidade do sistema de saúde daquele país para lidar com o crescente número de casos (MONTEMERLI, 2020).

O primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi confirmado em fevereiro de 2020 em um turista brasileiro que havia acabado de retornar da Itália (ASCOM-SE/UNA-SUS, 2020). O que se seguiu a isso se dividiu em duas opiniões controversas. De um lado se colocaram cientistas, médicos, comunicadores de ciência e operadores de políticas públicas na área da saúde afirmando que a doença era perigosa e que deveria ser acompanhada com atenção pelos sistemas de saúde. De outro se colocaram grupos contrários a esta mobilizações, atuando no interior do próprio governo.

Fechando o conjunto de mensagens extraídas da página @jairbolsonaro do Twitter/X, a tabela 8 mostra organiza as mensagens do segundo semestre de 2021, momento em que as disputas entre o governo e opositores se consubstancia nos embates da CPI da Pandemia. Estes embates acabaram produzindo um relatório que descreve a conduta do governo ao longo daqueles, até então, dois anos de pandemia e detalha alguns elementos já traduzidos aqui: a recomendação de medicações ineficazes para o tratamento e prevenção da covid-19, a oposição do governo às medidas não farmacológicas de proteção contra a doença, a participação de representantes médicos e militares na condução das políticas da pandemia que não atuavam segundo os melhores parâmetros científicos disponíveis.

Tabela 8 – Twittes selecionados da página @jair Bolsonaro, segundo semestre de 2021					
Data	Perfil	Mensagem	Nº de Retw.	Nº de Coment.	Nº de Curt.
20210719	jairbolsonaro	olha quem queria comprar a covaxin sem licitação e sem a certificação da anvisa o sen randolfe negociou em 05 04 2021 até mesmo a quantidade de vacinas 20 milhões	13900	1808	51500
20210719	jairbolsonaro	randolfe omar e renildo calheiros irmão de renan via emendas tudo fizeram para que governadores e prefeitos pudessem comprar as vacinas a qualquer preço com o presidente da república pagando a conta obviamente	5886	2057	30100
20210719	jairbolsonaro	com planos frustrados restou ao G-7 da cpi acusar ao governo do que eles tentaram fazer	4646	1102	27300

20210727	jairbolsonaro	incentivo à cultura assinamos o decreto que regulamenta o programa nacional de apoio à cultura o instrumento objetiva uma gestão eficiente com controle de prestação de contas e traz inédita valorização de belas artes e arte sacra CulturaGovBr mfriasoficial	3774	1261	20700
20210728	jairbolsonaro	o govbr liberou mais 688 milhões para reforçar equipes de saúde de agentes comunitários e de unidades de saúde da família usf de mais de 2 mil municípios que pediram apoio ao minsau	4310	1273	24100
20210728	jairbolsonaro	brasil tem mais de 7 6 mil equipes de 13 mil agentes comunitários de saúde credenciados o govbr disponibilizou desde o surgimento do covid mais de 7 bilhões de crédito extraordinário para a atenção primária secomvc	1489	28	10200
20210729	jairbolsonaro	o presidente da república e o stf o govbr segue durante toda a pandemia enviando recursos a estados e municípios bem como material hospitalar mobilizou toda sua estrutura federal incluindo as aeronaves da fab para transportar remédios oxigênio e sobretudo pacientes	7329	1796	31600
20210729	jairbolsonaro	o nosso governo também criou programas para a manutenção de empregos pronampe bem como despendeu 320 bilhões para atender os mais necessitados que foram obrigados a ficar em casa sem meios de sobrevivência via auxílio emergencial	1923	107	10000
20210729	jairbolsonaro	fake news desestimularam o tratamento inicial da doença desrespeitando inclusive parecer do conselho federal de medicina que atribui ao médico a decisão de receitar com aquiescência do paciente ou familiar o tratamento off-label fora da bula	2127	191	10400
20210729	jairbolsonaro	o stf decidiu em 04 2020 que não compete ao poder executivo afastar unilateralmente as decisões dos governos estaduais distrital e municipais que adotaram importantes medidas restritivas	2766	200	11500
20210729	jairbolsonaro	como a imposição de quarentena suspensão de atividades de ensino restrições de comércio atividades culturais e à circulação de pessoas	1821	56	9593

20210729	jairbolsonaro	desta forma o stf delegou poderes para que estamos e municípios fechassem o comércio decretassem lockdown fechassem igrejas prendessem homens e mulheres em praças públicas ou praças realizassem toque de recolher etc	2709	236	12200
20210729	jairbolsonaro	o governo federal por duas vezes foi ao stf para que decretos de governadores que violavam incisos do art. 5 da constituição federal que trata das liberdades individuais fossem declarados inconstitucionais lamentavelmente estas ações sequer foram analisadas	3040	251	12700
20210729	jairbolsonaro	em nenhum momento este governo deixou de respeitar o sagrado direito à liberdade de expressão de todos cometem atos antidemocráticos exatamente os que querem pelo uso da força calar quem se manifesta	3041	314	13700
20210729	jairbolsonaro	sempre defendi mesmo sob críticas que o vírus e o desemprego deveriam ser combatidos de forma simultânea e com a mesma responsabilidade a fome também mata	2795	91	14000
20210729	jairbolsonaro	a vacina é uma realidade em nosso governo fora os países produtores da mesma o brasil é aquele que mais investe em imunizantes e que mais vacinou sua população	2735	646	16800
20210729	jairbolsonaro	mais do que nunca o momento continua sendo o da união de todos no combate ao mal comum o vírus que é mortal para muitos que deus abençoe o nosso brasil presidente jair bolsonaro	3257	1499	18600
20210820	jairbolsonaro	o presidente da república e o agu brunobiancoleal entraram com ação adpf 877 no stf questionando a constitucionalidade nas decisões do inquérito das fake news dentre outros atos processuais adotados contrariando as liberdades individuais e os princípios constitucionais	6474	489	31600
20210820	jairbolsonaro	protocolada no senado denúncia contra o ministro alexandre de Moraes do stf com pedido de destituição do cargo	14300	10000	61400

20210826	jairbolsonaro	no início desta semana ultrapassamos os eua no percentual de vacinados contra a covid-19 com pelo menos uma dose 61 1 % já são mais de 223 milhões de doses distribuídas pelo nosso governo aos estados e municípios brasil tem um dos melhores desempenhos em vacinação no mundo	8367	3458	44400
20210826	jairbolsonaro	live da semana pr jair bolsonaro 26 08 2021	2647	977	12700
20210826	jairbolsonaro	temas govbr zera imposto do gás de cozinha e os governos estaduais socialismo na venezuela e o amor do ex presidente com o ditador sancionado projeto que desburocratiza agiliza e gera economia a investidores combustíveis	524	119	2200
20210826	jairbolsonaro	covid e ações do govbr que omitem com o minsaude mqueiroga2 ex ministro da defesa do pt arroz de festa vandalismo terrorismo da esquerda ações do Minfraestrutura em todo brasil ferrovia pontos aeroportos rodovias leilões investimento emprego	953	16	6293
20210826	jairbolsonaro	demarcações de terras indígenas e derivações na economia fique em casa e a economia a gente vê depois de governadores e prefeitos auxílio emergencial 1 ano equivaleu a 13 anos de bolsa família mini reforma eleitoral proposta pelo congresso obras finalizadas	1304	380	7427
20210901	jairbolsonaro	bom dia a todos	9954	4195	43900
20210901	jairbolsonaro	quis o destino isso é por você salve 07 de setembro peça compartilhar	13800	3366	39500
20210902	jairbolsonaro	motocistas pela liberdade em uberlândia mg no próximo sábado vésperas do dia 07 após compromissos será em pernambuco no nosso querido nordeste presidente jair bolsonaro	5783	2226	27400
20210903	jairbolsonaro	todos os dias mais informações sobre ações do governo do brasil em nosso telegram	3817	4655	18100
20210904	jairbolsonaro		9198	2902	44400
20210904	jairbolsonaro	motocista em direção a caruaru pe	6434	2657	31600
20210904	jairbolsonaro	motocista em santa cruz do capiberibe pe	7042	2729	32000
20210906	jairbolsonaro	há exatos 3 anos tentaram me matar agradeço à deus pela sobrevivência hoje se preciso for a vida pela liberdade	12100	6468	59900
20210906	jairbolsonaro	confissões do cercadinho deus abençoe o nosso brasil emb resistência	6994	2706	33200

20210906	jairbolsonaro	todos os dias muito mais informações sobre ações do governo do brasil em nosso telegram	4431	4197	24900
20210906	jairbolsonaro	na próxima terça feira 07 setembro comemoraremos o nosso 199 aniversário da independência do brasil	7289	409	49200
20210906	jairbolsonaro	independência está associada à liberdade assim sendo também no escopo dos incisos XV e XVI do art. 5 da nossa CF a população brasileira tem o direito caso queira de ir às ruas e participar dessa nossa data magna em paz e harmonia	4701	857	28300
20210906	jairbolsonaro	o mesmo se aplica a todos os integrantes do poder executivo federal que não estejam de serviço que a liberdade individual seja a máxima nesse marcante evento de nossa soberania presidente jair bolsonaro	4140	895	27400
20210907	jairbolsonaro	poder morador é o povo brasileiro	23700	9398	111200
20210907	jairbolsonaro	às 15 h 30 estarei na paulista deus abençoe o nosso brasil	13600	4212	76600
20210910	jairbolsonaro	tenha conhecimento de informações atualizadas todos os dias em nosso telegram	4784	2635	28700
20210911	jairbolsonaro	visita à 44 a expointer esteio rs	5456	1643	33700
20210911	jairbolsonaro	cada vez mais somos iguais nossos irmãos querem trabalhar se libertar bom dia a todos	6865	2112	33100
20210912	jairbolsonaro	CGUonline WRSarioCGU combate irregularidades na aquisição de testes rápidos na paraíba mais uma dezena de operações que investigam sobrepreço e superfaturamento em contratações realizadas por prefeituras prejuízo estimado é de 2 9 milhões	2876	632	13700
20210913	jairbolsonaro	o govbr está ampliando ainda mais os investimentos na atenção primária o minsau de mqueiroga2 assinou 3 portarias que alcançam famílias ribeirinhas e adolescentes de todo brasil serão 3 novas unidades de saúde pluviais 15 embarcações e 12 unidades de apoio	4383	123	25900
20210913	jairbolsonaro	o minsau de assim investirá 10 8 milhões no incentivo a gestores municipais com foco no atendimento de 32 milhões de adolescentes do brasil mesmo nos locais de mais difícil acesso mais informações no nosso telegram	1622	334	9675

20210917	jairbolsonaro	o govbr autorizou o repasse de mais 1 1 bilhão para custeio de 24614 leitos de uti covid-19 em todo o brasil a medida reforça e amplia o suporte ao sistema único de saúde sus para enfrentamento do coronavírus	3798	163	20500
20210917	jairbolsonaro	o investimento total em 2021 tanto em leitos de uti covid-19 quanto nos de suporte ventilatório pulmonar é de mais de 6 1 bilhões o govbr também entregou desde março do ano passado 17888 ventiladores pulmonares para todo o brasil 10109 de uti e 7779 de transporte	787	80	3402
20210917	jairbolsonaro	as autorizações referentes ocorrem sob solicitação dos estados entre os aspectos observados nas solicitações de autorização estão a curva epidemiológica na região a estrutura para manutenção e funcionamento da unidade equipamentos rh e corpo clínico para atuação em uti	1015	96	6816
20210917	jairbolsonaro	já são mais de 265 milhões de doses de vacinas distribuídas a todos os estados e municípios mnsaude mqueiroga secomvc para mais informações inscreva-se no nosso telegram jair m bolsonaro 1	1136	390	6872
20210918	jairbolsonaro	o desempenho das contas públicas é resultado da combinação do crescimento de receitas próprias com o auxílio financeiro prestado pela união para o combate à covid-19 a estados e municípios govbr BancoCentralBR secomvc	3547	87	20000
20210918	jairbolsonaro	em 2020 estados e municípios incluindo estais tiveram um superávit de 42 bilhões o maior resultado primário da série histórica iniciada em 2000 e terminaram o ano com acréscimo de 31 1 bilhões no estoque de caixa e equivalente de caixa	1818	291	11000
20210919	jairbolsonaro	govbr zera imposto de impostação de medicamento e de dispositivos para pessoas com deficiência medida inclui anticorpo para tratamento de câncer metastático próteses para pernas e equipamentos para acessibilidade na área de informática secomvc	5703	1045	28900
20210919	jairbolsonaro	além do citado são mais 500 produtos com impostos de importação zerados no combate ao covid desde ao covid desde o início da pandemia	2232	32	15000

20211004	jairbolsonaro	em nova rodada os hospitais universitários federais vinculados à rede ebserh mec _ comunicacao receberam mais 50 milhões em recursos suplementares do govbr valores garantem o abastecimento das unidades no final de 2021 e no início de 2022	2078	322	9893
20211004	jairbolsonaro	fora os bilhões de reais enviados a governadores e prefeitos no combate ao covid e já são mais de 334 milhões de doses de vacinas distribuídas a todos os estados e municípios do brasil seguimos cumprindo o papel constitucional também na área de saúde	1067	29	5402
20211007	jairbolsonaro	o govbr tem trabalhado para garantir que o país chegasse a 22417 leitos de uti já em 2019 com o covid só se fortaleceu o trabalho do executivo federal que habilitou mais de 20 mil leitos clínicos em 2020 e até agosto de 2021 o brasil chegou a 133156 leitos clínicos	3133	112	17700
20211007	jairbolsonaro	além disso foram mais de 25 mil leitos de uti habilitados só para o combate à covid-19 com negociações iniciadas em 2020 o govbr contratou mais de 550 milhões de doses de vacinas contra a covid-19	765	62	3274
20211007	jairbolsonaro	foram investidos 28 bi entre recursos para aquisições de vacinas pelo fundo nacional da saúde e para produção pela fiocruz também em 2020 entre repasses para combater a covid-19 e repasses de rotina foram destinados 115189735297 para estados e municípios	983	156	6599
20211007	jairbolsonaro	em 2021 o valor dos repasses já chegou a secomvc	1120	199	7426
20211009	jairbolsonaro	portaria do govbr autoriza a doação com encargos de um imóvel da união à fundação osvaldo cruz fiocruz vinculada ao ministério da saúde o objetivo é possibilitar a expansão da instituição e ampliar sua capacidade de atuação principalmente contra a covid-19	2513	52	14400
20211009	jairbolsonaro	o terreno avaliado em 60 3 milhões fica na avenida brasil n 4036 em manguinhos rj em frente do campus principal da fiocruz o local possui 58 2 mil m sendo 15 7 de benfeitorias secomvc	948	108	6374

20211009	jairbolsonaro	a destinação é mais uma iniciativa do govbr para ajudar no enfrentamento da pandemia com a nova área a fiocruz que atua no controle de diversas doenças dentre elas a covid-19 poderá responder de forma ainda mais rápida e eficiente a questões de pesquisas na área de saúde	894	136	5896
20211013	jairbolsonaro	310 milhões de vacinas covid-19 distribuídas para todo o brasil além dos 2 bilhões exclusivos para atendimentos da doença minsaude	2023	42	11800
20211206	jairbolsonaro	a cpi do renan omar randolfe se negou a apurar denúncias de corrupção de governadores o presidente da cpi rio grande do norte vem denunciando o esquema do governo da bahia para desviar recursos da saúde dos nordestinos	7107	1033	22800
20220101	jairbolsonaro	renegociação do fies estudantes que contrataram o fundo de financiamento estudantil até o 2 semestre de 2017 e que estejam com débitos vencidos e não pagos poderão renegociar essas dívidas com até 92 % de desconto no saldo devedor e 100 % de desconto nos encargos moratórios	4258	1005	21700
20220101	jairbolsonaro	além disso a dívida poderá ser parcelada em até 150 meses a renegociação instituída por meio de medida provisória publicada na quinta feira busca reduzir os índices de inadimplência do fies e combater os efeitos devastadores do covid-19	1347	13	9146
20220114	jairbolsonaro	nova rodada governo federal zera alíquotas aplicadas na imposição de produtos para uso em laboratórios clínicas hospitais consultórios e campanhas govbr	4163	800	19700
20220114	jairbolsonaro	os produtos com alíquotas zeradas são cateteres intravenosos periféricos de poliuretano ou de copolímero de etfe e artigos para fístula arteriovenosa composto de agulha base de fixação tipo borboleta tubo com conector e obturador secomvc	1357	133	6953
20220114	jairbolsonaro	para saber mais produtos com impostos tarifas zeradas reduzidas como gás de cozinha gêneros de combate ao covid materiais de energia solar alimentos combustíveis e outros acesse	1210	35	5860

20220116	jairbolsonaro	plano nacional de expansão da testagem encaminhado à anvisa informações do autoteste de antígeno para detecção do covid19 o uso do autoteste pode garantir o início mais rápido das ações para interromper a cadeia de transmissão	3467	125	16800
20220116	jairbolsonaro	o objetivo é que os testes sejam disponibilizados em redes de farmácias drogarias e outros estabelecimentos de saúde para pessoas com ou sem sintomas que tenham interesse em realizar a autotestagem	1576	132	8564
20220116	jairbolsonaro	os testes de antígeno já são amplamente utilizados em upas e clínicas da família ou unidades de saúde espalhadas pelo país já são mais de 381 milhões de doses de vacina distribuídas pelo govbr a todos os estados e municípios do brasil minsau	1380	162	7643
20220117	jairbolsonaro	os impostos federais sobre os combustíveis gasolina álcool e diesel estão congelados desde janeiro 2019 o imposto da gasolina p ex é de 0 69 por litro já o imposto estadual icms cobrando pelos governadores está em média 2 litro em todo o brasil	6084	1224	22000
20220117	jairbolsonaro	lamentavelmente ainda em pandemia os governadores anunciam o descongelando do icms dos combustíveis para quanto irá o litro da gasolina 8	4026	768	17100
20220117	jairbolsonaro	aguardamos há mais de 4 meses o stf sobre proposta de nossa autoria na equiparação na cobrança de icms de combustíveis nos estados aprovada a mp que retira o atravessador na distribuição do álcool o que baratearia o preço final na mistura para o consumidor entre outros	3130	154	12300
20220223	jairbolsonaro	um vereador petista próximo a lula lidera invasões de igrejas a vice na chapa petista à presidência em 2018 celebra a liberação do assassinato de bebês até o 6 mês de gestação foi isso o que o povo rejeitou nas urnas em 2018 e que ele irá julgar com o voto em 2022	9400	2064	41100
20220223	jairbolsonaro	infelizmente em muitos países o aborto foi legalizado através do ativismo judicial por meio da usurpação de funções legislativas por parte das cortes superiores	2366	156	13000

20220223	jairbolsonaro	por isso um dos critérios que usei na indicação ao senado para possíveis então eleitos ministros ao stf foi a oposição ao aborto	2302	214	14600
20220223	jairbolsonaro	lembramos que o próximo presidente da república indicará mais dois ministros ao stf 2022 não decidirá apenas o rumo do brasil nos próximos 4 anos decidirá o rumo do nosso país nas próximas três décadas é nosso povo que vai decidir mais uma vez	4650	249	24000
20220303	jairbolsonaro	Em vistude da melhora do cenário epidemiológico e de acordo com o § 2 do art 1 da lei 13979 2020 o minsaudefmqueiroga2 estuda rebaixar para endemia a atual situação da covid-19 no brasil	5471	655	30200

A identificação de opositores políticos a partir da atuação dos parlamentares na CPI da Pandemia reativou o interesse da rede bolsonarista no Twitter/X. Novamente a estrutura dessa rede social, mais aberta ao conflito e a divergência, é utilizada para informar as pautas no ecossistema bolsonarista. O discurso bolsonarista ainda mantém os discursos técnicos e informativos, mas há um incremento no volume de mensagens.

5.4 A condição invertida da governança: a investigação da CPI da pandemia

Necessário rememorar o capítulo 2, onde fiz um histórico dos principais assuntos das *lives* de Bolsonaro no Youtube, e como a pandemia emerge nos discursos emitidos naquele espaço específico. Ao mesmo tempo em que a pandemia entrou e saiu de foco durante aqueles meses, o bolsonarismo estabeleceu diferentes estratégias para lidar com a pandemia a partir das formas representacionais que construíram aquele novo objeto.

A CPI da pandemia, investigando a condução das políticas públicas de saúde no período, chegou a algumas conclusões importantes que aprofundam aquilo que pode ser concluído enquanto exercício de governança pública do bolsonarismo durante a crise sanitária da covid-19. Trabalho aqui com as conclusões apresentadas em seu relatório final, que convergem para os assuntos e temas que vem sendo construídos ao longo dos capítulos anteriores.

Comissões Parlamentares de Inquérito (CPI) são investigações efetuadas pelo Poder Legislativo a partir de sua função típica e tem uma série de regramentos rígidos para sua condução. As CPI têm poder de poder de investigação judicial e podem requisitar documentos, ouvir testemunhas, efetuar conduções coercitivas, exigir a presença de ministros de Estado e

uma série de outras prerrogativas que possibilitam a efetividade da investigação e o alcance de seus objetivos (SPROESSER, 2006)(PIOVESAN, 2012; SPROESSER, 2006). A Constituição Federal (BRASIL, 1988) apresenta seu fundamento:

Art. 58. O Congresso Nacional e suas Casas terão comissões permanentes e temporárias, constituídas na forma e com as atribuições previstas no respectivo regimento ou no ato de que resultar sua criação

§ 1º Na constituição das Mesas e de cada Comissão, é assegurada, tanto quanto possível, a representação proporcional dos partidos ou dos blocos parlamentares que participam da respectiva Casa.

§ 2º Às comissões, em razão da matéria de sua competência, cabe:

I - discutir e votar projeto de lei que dispensar, na forma do regimento, a competência do Plenário, salvo se houver recurso de um décimo dos membros da Casa;

II - realizar audiências públicas com entidades da sociedade civil;

III - convocar Ministros de Estado para prestar informações sobre assuntos inerentes a suas atribuições;

IV - receber petições, reclamações, representações ou queixas de qualquer pessoa contra atos ou omissões das autoridades ou entidades públicas;

V - solicitar depoimento de qualquer autoridade ou cidadão;

VI - apreciar programas de obras, planos nacionais, regionais e setoriais de desenvolvimento e sobre eles emitir parecer.

§ 3º As comissões parlamentares de inquérito, que terão poderes de investigação próprios das autoridades judiciais, além de outros previstos nos regimentos das respectivas Casas, serão criadas pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, em conjunto ou separadamente, mediante requerimento de um terço de seus membros, para a apuração de fato determinado e por prazo certo, sendo suas conclusões, se for o caso, encaminhadas ao Ministério Público, para que promova a responsabilidade civil ou criminal dos infratores.

Nesse sentido, as Comissões acabam sendo um instrumento de investigação para que o Poder Legislativo, a partir do exercício de fiscalização jurídico-política dos atos do Poder Executivo, atue em busca da apuração de denúncias e fatos contrários ao interesse público, ao Estado e a autoridade da própria Constituição e do sistema democrático. No caso específico da pandemia de covid-19, a referida CPI atuava em um contexto de imediata emergência global e reconhecendo a gravidade da situação colocada. Abre o relatório final da CPI o seguinte texto:

A pandemia de covid-19 começou em Wuhan, província de Hubei, na China, no final de dezembro de 2019.

Havia desconhecimento, no início, sobre o grau de transmissibilidade e letalidade do vírus, mas apenas três meses depois, a doença já era considerada, formalmente, uma pandemia, com infectados em quase todos os países do mundo. Na data em que este Relatório foi assinado, o mundo havia confirmado mais de 240 milhões de casos da doença, com mais de 4,9 milhões de mortos, o que tornou a pandemia de covid-19 uma das mais letais da história da humanidade.

São números superlativos que impõem a todas as nações a seriedade necessária no enfrentamento à doença. Medidas não farmacológicas para

evitar o contágio, providências para tratamento dos doentes, adoção de medidas econômicas para manter emprego e renda. Enfim, uma infinidade de medidas que deveriam ter sido e foram adotadas por nações ao redor de todo o mundo. (BRASIL, 2021, p. 11)

O objetivo desta CPI era investigar ações ou omissões públicas em relação a condução da pandemia, em especial na condução das políticas públicas e de controle epidemiológico do executivo federal. Mas, ao mesmo tempo, as partes seguintes do texto descrevem o cenário econômico desfavorável, altas taxas de desemprego e desempenho do PIB nacional. Importante apontar que há interesses e coordenações políticas em jogo e, no momento de instalação da CPI da pandemia, esses interesses foram usados para pressionar o governo de Bolsonaro em relação aos fatos revelados pelas investigações.

Do mesmo em que já foram aqui tecidas críticas em relação a condução da pandemia por parte do governo de Bolsonaro, não é demais apontar que houve uma instrumentalização de temas da pandemia por parte de grupos opositores. Ainda que os achados investigativos da CPI da pandemia não possam ser ignorados, é necessário reconhecer que a situação de desaprovação social do governo bolsonarista, o desempenho ruim na economia e as péssimas relações políticas institucionais do governo com os outros poderes da república contribuíram para que a investigação tivesse vários desdobramentos. Acrescenta o texto:

O resultado ruim no enfrentamento à pandemia e os pífios resultados econômicos motivaram o Senado Federal a aprovar a instalação desta Comissão Parlamentar de Inquérito, que tem como objetivo de apurar ações e omissões do governo federal no combate à covid-19 no Brasil e, em especial, no agravamento da crise sanitária no Amazonas com a ausência de oxigênio para os pacientes internados, bem como a fiscalização dos recursos da União repassados aos demais entes federados para as ações de prevenção e combate da covid-19 e excluindo as matérias de competência constitucional atribuídas aos Estados, Distrito Federal e Municípios, na forma do que dispõe o art. 146, III, do Regimento Interno do Senado Federal. (BRASIL, 2021, p. 14)

Dois elementos emergem no trecho. Tanto a crise sanitária em Manaus quanto o uso de recursos da União repassados aos Estados e Municípios aparecem como centrais para o inquérito da CPI, que, posteriormente, acaba se desdobrando em diversas outras linhas de investigação.

A primeira conclusão do relatório final é quanto à existência de um gabinete paralelo de crise da covid-19 formado por médicos, outros profissionais de saúde, políticos e empresários que prestaram consultorias a Bolsonaro sobre como as políticas da pandemia deveriam ser enfrentadas. A partir da atuação desse órgão informal de consulta uma série de medidas foram

tomadas ou deixaram de ser tomadas, caracterizando conduta omissiva, nos termos do próprio relatório e da legislação em vigor.

A investigação da CPI mostrou que desde o princípio, desde a primeira declaração oficial e pública de Bolsonaro para a população brasileira, já aparecem orientações como a imunidade de rebanho e o isolamento vertical (distanciamento apenas de idosos e pessoas com comorbidades), mas isso não teve origem apenas no bolsonarismo. Outros agentes, inclusive agentes de mercado, atuaram na produção e condução destas políticas em um exemplo preciso dos piores pesadelos no interior da necrobiopolítica de Estado. A investigação aponta nomes, de grupos e pessoas, que, a partir do conjunto de evidências, repassaram orientações sobre a pandemia contrárias às medidas recomendadas pela OMS e que estavam sendo adotadas em outros países.

Já discuti aqui longamente sobre a condição invertida das interações atuais e como, nesse mundo do avesso nas palavras de Cesarino (2022), os opostos que antes organizavam nossa percepção são invertidos em nome de projetos de manutenção e subversão das instituições democráticas. Mostrei como essa relação é induzida pela própria arquitetura da nossa forma de comunicação atual e como as redes sociais lucram com a agressão, a desagregação e dissidência. Mas a investigação da CPI acrescenta cores e camadas à nossa tragédia coletiva.

Separei os achados da CPI da pandemia em duas grandes estratégias que estão conectadas pelos temas e elementos que articulam. Uma estratégia inicial, como apontou também o relatório final da CPI, foi a imunidade de rebanho que se substanciou na crítica do bolsonarismo às medidas não farmacológicas de proteção, no atraso da aquisição de vacinas e culmina na crise vivida por Manaus, capital do Amazonas. Uma segunda estratégia tem relação com o tipo de solução, de caráter milagroso e providencial, oferecida para a população (e uma erna) que consistia no remédio hidroxicloroquina, mas não se resumia apenas a esta medicação.

5.5 A primeira estratégia: imunidade de rebanho

A primeira grande estratégia presente no discurso bolsonarista é a imunidade de rebanho. Essa estratégia é uma forma complexa de descrever o momento em que um agente patológico para de infectar novos indivíduos em uma dada população porque sua disseminação é bloqueada pela aquisição de imunidade à doença por uma parte da população (GARRAFA; PYRRHO, 2021; SILVA; MACHADO; MACHIAVELI, 2022). Como já citado, o primeiro

discurso de Bolsonaro já trazia elementos que visavam a normalização da pandemia em “nome da economia”. Afirmo o relatório.

Pelas provas colhidas, foi possível concluir que o Presidente da República assessorado pelo gabinete paralelo defendia o atingimento da imunidade de rebanho por meio da contaminação coletiva pelo vírus. A estratégia era favorecer a propagação do novo coronavírus, contrapondo-se à adoção de medidas não farmacológicas que contribuíssem para evitar a contaminação, sobretudo o distanciamento social e o uso de máscaras.

Dessa forma, o governo federal, de maneira reiterada, estimulou a população brasileira a seguir normalmente com suas vidas, sem tomar as cautelas necessárias. Para defender esse ponto de vista, invocava a proteção e a preservação da economia e incentivava a manutenção das atividades comerciais.

Foram feitas campanhas publicitárias com foco na economia e até mesmo em detrimento da saúde. (BRASIL, 2021, p. 38)

Em mais de uma ocasião, Bolsonaro e seus apoiadores falaram contra as medidas de distanciamento social e uso de máscaras para evitar a propagação do vírus. O distanciamento social era uma política que congregava uma série de ações e medidas como evitar grandes aglomerações em locais fechados como lojas, mercados, boates, bares etc.; regular horários de início e final de eventos; medidas de restrição de lotações. Mas também foram tomadas medidas mais rígidas como a proibição de grandes eventos e o fechamento de estabelecimentos de aglomeração, medidas que ficaram conhecidas como *lockdowns*.

Além disso o uso de máscaras se tornou obrigatório, inclusive com edição de lei ordinária pelo Congresso Nacional para regular a matéria (BRASIL, 2020). As máscaras se tornaram muito presentes no cotidiano e seu uso acabou sendo bastante capilarizado no comportamento social, pelo menos durante algum tempo. Os aparatos também foram alvo de críticas por parte do bolsonarismo que acabaram sendo associadas a ineficácia em diversas ocasiões. Contudo, a OMS fazia a recomendação e foram apresentadas evidências para sua eficácia.

Acrescento ainda mais um elemento apresentado no relatório final da CPI que, acredito, também compõe o cenário para a tentativa bolsonarista de solucionar a pandemia com a imunidade de rebanho. O atraso na compra de vacinas aparece no relatório a partir das duas modalidades: tanto enquanto conduta ativa quanto omissiva. Não pretendo detalhar os problemas com a compra de vacinas, o relatório detalha diversas tentativas de fraudar, atrasar ou não comprar vacinas com origens específicas. Aqui é importante enquadrar essa ação, ou inação, na perspectiva adotada até aqui.

As vacinas foram posicionadas de diferentes formas, mas todas associando-as à desconfiança quanto a segurança de seus usos ou possibilidades de outras contaminações, inclusive por hiv como comentado no capítulo anterior. As vacinas se tornam, no discurso bolsonarista, um risco a mais e, por vezes, retratadas como pior do que a própria doença pandêmica. A ideia de ameaça aqui é caracterizada pela ideia abstrata de contaminação e imunidade. O bolsonarismo circulou a ideia de que era preciso ser forte, resistir à doença a todo custo, as vacinas figuram no campo da contaminação o que não pode ser incluído na subjetividade do sujeito moderno, branco e puro (ESPOSITO, 2005).

Entretanto, há mais camadas a serem desveladas aqui. Em declaração feita em evento oficial, no segundo semestre de 2020, Bolsonaro afirma que a denúncia ao discurso de ódio é “coisa de maricas”, que o Brasil “deve deixar de ser um país de maricas” e deve enfrentar a pandemia de covid-19 de peito aberto (BBCBRASIL, 2020). A homofobia contida na declaração é um dos inúmeros exemplos de como a lógica das associações e das representações feitas no interior da pandemia não enquadravam a covid-19 em si, mas elementos associados fragmentados e correlacionados a ela que não eram do interesse do bolsonarismo e dos grupos políticos que o apoiavam naquele momento.

O chamado à ordem, força, resiliência e continuidade do trabalho seriam preocupações legítimas se não estivéssemos em face da pandemia mais mortal deste século. A lógica invertida da política bolsonarista que inaugura sua atuação na pandemia é acreditar que as trocas econômicas valem muito mais que a própria vida dos brasileiros. Que a manutenção da economia plena funcionaria como a primeira barreira contra as consequências negativas da pandemia. Interessante que para figurar como exemplo dessa lógica de necessidade de trabalho, no mesmo discurso, Bolsonaro cita trabalhadores metafóricos muito necessitados como o “catador de latinhas” e “vendedor de guaraná globo”. Justamente o tipo de trabalhador, precarizado e subalternizado, que mais foi vítima da covid-19 durante o período.

Retomo a lógica da racialização interna e da construção de uma “nação forte” que discuti no primeiro capítulo deste trabalho. O desenvolvimento do Estado moderno absorve para dentro de si as lógicas raciais hierárquicas e determina, por meio de políticas e da gestão de populações, aqueles que podem e devem ser deixados para morrer como forma de expurgar os fracos, os doentes e degenerados do seio social (FOUCAULT, 2009, 2008b). Reconhecer essas políticas como políticas da matança e do genocídio faz parecer que são políticas estranhas ou anormais dentro da condução do Estado contemporâneo, o que é exatamente o oposto.

O que o bolsonarismo fez em sua atuação no Poder Executivo foi tornar explícita a maquinária de governança que não emerge no discurso oficial superficial, mas se configura como a estrutura subjacente de funcionamento necrobiopolítico que faz a manutenção do Estado capitalista brasileiro. Negar a vacina e exigir a imunidade de rebanho é a inversão da compreensão do que significa contaminação e imunidade. O bolsonarismo desejava a contaminação do maior número de pessoas porque a imunidade de rebanho é uma representação anamórfica da pandemia. Não há indivíduos ou uma preocupação com a identificação de uma coletividade trabalhada e pensada em suas diferenças. O que existem são duas categorias separadas e estanques: os ativos, trabalhadores, produtivos que devem continuar produzindo e o resto, as sobras ou o outro grupo que é passivo, desempregado ou subempregado.

Compreendo, lendo Esposito (2003, 2005), que a inversão na compreensão bolsonarista quanto a importância das vacinas ou das medidas não farmacológicas de proteção contra a pandemia pertence ao universo da gestão biopolítica dos corpos. Estar vacinado nesse caso, é não pertencer ao projeto de grupo/comunidade que foi introjetado pelo bolsonarismo em suas bases. É preciso passar pela doença para expurgar os fracos e doentes do corpo social saudável, e as estratégias não farmacológicas e as vacinas são um obstáculo a este projeto.

Ao invés de evitar a infecção, diminuir sua incidência e suas consequências sobre a população com um desenho de políticas públicas eficaz, o que o bolsonarismo fez durante a pandemia foi associar diferentes estratégias de atuação no sentido de “normalizar” a pandemia de covid-19 dentro de parâmetros de incidência aceitáveis para a população: primeiro defendendo o isolamento vertical, a manutenção de espaços de aglomeração, atacando o uso de máscaras e atrasando a compra e dificultando as políticas vacinais. Inversões radicais do que se esperaria de uma política de saúde eficaz e objetiva.

O relatório se sustenta nas declarações de diversas autoridades ligadas ao bolsonarismo para confirmar a tese da imunidade de rebanho. Deputados, ex-ministros e pessoas apontadas como membros do gabinete paralelo foram ouvidas para a construção dessa conclusão. Uma questão citada de forma menos detalhada no começo desse trabalho deve ser aprofundada aqui: a covid-19 não pode ser vista apenas como uma doença, mas várias, mudando simultaneamente. A interpretação da imunidade de rebanho toma o coronavírus da covid-19 como algo imutável, uma doença única e determinada que “evoluiria” naturalmente no interior da população de forma a se tornar menos letal. Essa interpretação foi repetida por médicos, que aconselhavam as políticas de saúde e foram ouvidos pela CPI, em diversas ocasiões (BRASIL, 2021, p. 48-50).

Prospectivamente, o que ocorreu é que fomos afetados por diversas “ondas” que não se substituíram, mas foram se acumulando ao longo dos meses, sempre trazendo novas cepas de vírus da covid-19, mutados, com sintomas e medidas de atenção que exigiam formas de atenção e cuidado diferentes.

5.6 A segunda estratégia: o remédio milagroso

Se a estratégia primeira do bolsonarismo era a infecção em larga escala para a superação em massa da ameaça da doença, o mesmo poderia ser dito quanto aos discursos sobre o tratamento contra a nova doença. Os remédios milagrosos aparecem no discurso bolsonarista desde o começo, desde o primeiro semestre de 2020, o medicamento hidroxicloroquina emergiu no discurso bolsonarista. Ou seja, no começo da pandemia, e vem acompanhados, em termos representacionais, ancorado em experiências epidêmicas anteriores que circulam enquanto conhecimento, principalmente proveniente da experiência empírica do exército brasileiro.

A cloroquina foi largamente associada ao quinino, uma substância fitoterápica utilizada no tratamento da malária em regiões onde essa doença é endêmica, como no interior da Amazônia. As duas medicações têm a mesma origem, sendo a cloroquina uma derivação alopática do mesmo princípio ativo (ALFARO-MURILLO; LEÓN-BRATTI, 2020; BIZARRI *et al.*, 2021). A medicação é utilizada no tratamento da malária, doença causada por um protozoário, e torna o ambiente em que o parasita está (nosso corpo) impossível para sua reprodução. Neste sentido, é uma medicação largamente utilizada, com poucas chances de efeitos colaterais, extremamente barata e sem proteção de patentes.

O governo federal ordenou o aumento exponencial na produção de cloroquina pelos laboratórios do exército brasileiro, apostando que a disponibilidade em massa da medicação diminuiria a possibilidade de contágio, em um primeiro momento, e, posteriormente, diminuição da letalidade da doença. Sobre a letalidade da doença, o uso de medicações ineficazes está associado a uma terceira estratégia supletiva das anteriores: o tratamento precoce. Tratar precocemente uma moléstia pressupõe diagnosticar cedo a doença e administração de tratamentos que visem a cura ou diminuição de sintomas. Além da hidroxicloroquina, foram utilizadas outras medicações nos chamados kit-covid.

Dito isso, para fins deste Relatório, tratamento precoce é a utilização de um ou mais medicamentos para o tratamento da covid-19 após a existência de um diagnóstico suspeito ou confirmado. Dentre os fármacos que fazem parte desse chamado kit-covid, os mais conhecidos são a cloroquina, a

hidroxicloroquina, a ivermectina e a azitromicina. Esse não é um rol fechado porque, a depender de quem se expressa, podem ser incluídos a flutamida, proxalutamida, colchicina, spray nasal, bem como vitaminas diversas e suplementos alimentares. (BRASIL, 2021, p. 54)

O relatório da CPI da pandemia faz a inclusão de diversos outros medicamentos que compunham a estratégia de tratamento precoce adotada pela comunicação do governo, mas não apenas pela gestão de Jair Bolsonaro. De forma objetiva, o relatório ilustra como a hidroxicloroquina e a ivermectina foram citadas em discurso do então presidente dos EUA, Donald Trump, logo no início da pandemia (2020), e pouquíssimo tempo depois passa a aparecer no discurso de Jair Bolsonaro (BRASIL, 2021, p. 57). É impossível passar despercebido que a projeção internacional dessas formas de estratégias reuniu governos considerados de extrema direita tanto pela literatura quanto pela mídia. Em diálogo com o que já foi discutido, há uma continuidade entre as formas racializadas dos Estados modernos e contemporâneos.

A administração de remédios ineficazes ganha um outro tipo de projeção quando aplicado em grande escala, uma vez que não seria possível saber em que casos o remédio ajudou ou piorou a situação dos acometidos pela doença. Administrados sem controle, a situação para os governos de extrema direita é de ganha-ganha: os remédios milagrosos aparecem no discurso como uma “solução” rápida e eficaz para a doença, se forem administrados aplacam o desejo da população por uma resposta e, ao mesmo tempo, pelo uso em larga escala, impossível saber se de fato foram funcionais ou não. Se os medicamentos não forem administrados, e seu uso criticado por agências, órgãos públicos e profissionais de saúde foi possível produzir uma interação opositiva com esses outros grupos, angariar e radicalizar as bases de extrema direita.

No mesmo sentido, agentes privados participaram da divulgação e comercializados destes tipos de medicações. Não posso me alongar sobre todas as investigações da CPI neste sentido, mas dois casos merecem menção pelo potencial analítico explorado ao final deste trabalho: o caso da empresa de administração de planos de saúde Prevent Senior e o uso do aplicativo TrateCOV.

O caso Prevent Senior é o que mais se aprofundou em práticas médicas questionáveis sobre um tipo de público que é o principal foco de atuação do plano de saúde: a população idosa. O relatório argumenta que, com o volume de atendimentos crescentes até o final de 2021, o plano de saúde citado lançou mão de opções questionáveis para garantir sua margem de lucratividade enquanto foram oferecidas medicações como hidroxicloroquina e ivermectina como conteúdo de kits de tratamento precoce para a covid-19.

A ideia dos medicamentos “milagrosos” foi construída de diversas formas ao longo destes dois anos. Em um primeiro momento emergem no discurso bolsonarista como uma espécie de herança ancestral do combate à malária, o quinino, medicamento simples e eficaz coma a representação social das Forças Armadas brasileiras. Posteriormente, o bolsonarismo inicia uma cruzada pelo tratamento precoce, anterior à própria identificação da doença. Depois, com a ineficácia do medicamento administrado para combater os sintomas, começam os discursos de que a administração da medicação deve ser feita cedo, no começo dos sintomas como tratamento precoce.

Necessário aqui aludir ao fato de que a administração de medicações ineficazes também foi administrada pelos planos de saúde (BRASIL, 2021), inclusive com o envio de medicamentos e “kits-covid” para as residências de segurados. Havia uma busca pela maximização de lucros e os planos optaram pela administração destas medicações, seguindo ainda liberdade e autonomia médica como reafirmado pelo CFM no parecer 4/20 (CFM, 2020). A gravidade dos fatos deve ser compreendida à luz das desigualdades, tanto sociais quanto regionais, que circulam os temas da pandemia, em outras palavras, tratamento de ponta para alguns, tratamentos ineficazes ou prejudiciais para outros.

5.7 O aprofundamento de hierarquias sociais

A produção imagética discutida até aqui serve de matéria prima para a produção de um imaginário social sobre a pandemia. As situações em Manaus e as matérias com imagens de covas abertas e hospitais servem como elemento de choque e disruptivos da sensação de normalidade. A partir dos relatos, das histórias contadas e suas imagens é seguro se preocupar e entender que algo não está bem. Mas, ao mesmo tempo, essas imagens mascaram o aprofundamento das desigualdades no período da pandemia.

Foram reforçados discursos de práticas de higienização, uso de máscaras e distanciamento social. Essas medidas já eram conhecidas quando da pandemia de h1n1, mas agora eram muito mais intensas e exigidas por leis, normativas e coercitivamente aplicadas. Essas exigências expuseram uma condição desigual de acesso aos meios de proteção. Máscaras, sabão para as mãos e até mesmo acesso à água não são possibilidades iguais para os diferentes grupos que compõe a população brasileira. Pessoas com menos recursos econômicos não puderam e não tiveram apoio institucional para cumprir com as medidas não farmacológicas que poderiam diminuir a disseminação e contágio da covid-19.

Os relatórios anuais da Anistia Internacional (2021, 2022) abordam, em suas respectivas sessões sobre o Brasil, como a pandemia impactou grupos já vulnerabilizados em decorrência da instabilidade política e do governo que se instalou no país após as eleições de 2018. Não há apenas uma retórica contrária aos direitos de indígenas, quilombolas, populações pobres, mulheres e pessoas LGBT, mas foram tomadas ações e medidas concretas para inviabilizar o acesso às políticas públicas de saúde e direitos por parte desses grupos.

Os discursos e mensagens analisados até aqui mostram pouquíssimo interesse por estes grupos no período da pandemia enquanto sujeitos concretos. O discurso coeso do bolsonarismo, identificado a partir das diversas fontes, tem como resultado e finalidade uma base material concreta: identificar e incidir sobre as vidas de grupos considerados ameaçadores. Essa ameaça pode se expressar em nível pessoal, integridade física e acesso a bens de consumo, ou em nível social e coletivo abstrato como o fim da sociedade ocidental, a deterioração da nação etc. Esses discursos classificam e hierarquizam os indivíduos e os grupos entre aqueles que devem ser celebrados, que são corajosos e devem liderar a nação e aqueles que devem ser apagados, eliminados da vida social em última instância para que o corpo social inteiro se torne melhor:

"Assim, o problema não estaria apenas em melhorar geneticamente os indivíduos, mas em responsabilizar aqueles que seriam uma 'ameaça' a essa própria melhoria, havendo um risco sério de volta dos fantasmas do eugenismo passado, travestidos agora em terapia genética e identidade cultural ou patriótica". (MOTA, 2012, p. 246)

A produção de hierarquias sociais finca raízes em um passado onde a ciência serviu aos interesses do controle social dos indesejados e, como argumenta o autor, é um fantasma em retorno que se alimenta dos discursos científicos, mas também nacionalistas e patrióticos (FOUCAULT, 2010). Essas hierarquias não são próprias dos momentos de crise, mas se aprofundam em condições de risco real para a saúde e o bem-estar como situações de guerra ou pandemias. Rita Segato, já citada em outra parte desta pesquisa, também ajuda a compreender como essas hierarquias produzem formas de dominação que, sem intenção de esgarçar sua produção teórica, acredito poder ser utilizada para explicar o que estamos vivenciando.

"Una democracia que no tenga como su deontología irreductible la defensa del pluralismo no será democracia, aunque represente la voluntad mayoritaria. ¿Porqué? Porque su polo conductor será esa esfera, diseñada a partir de una estructura binaria donde las variedades de sujetos diferenciados y minorizados (las mujeres, las personas practicantes de modalidades no normativas de la sexualidad, los negros, los indios, los jóvenes y niños, y todo lo que se desvíe de la norma encarnada por el sujeto universal) pasan a ser alteridades y ano-malias del *Uno* en la imaginación colectiva, y deben realizar

un esfuerzo de travestismo para hablar en el idioma de la política, ahora secuestrada por el campo estatal; incómodas anomalías que encarnan «el problema del otro», que es y nunca puede dejar de ser *el problema de la colonial-modernidad*”. (SEGATO, Rita, 2016)

Em se tratando especificamente de processos de adoecimento e cuidado com a saúde, marcadores como raça, gênero, idade, classe social e deficiência são úteis para entender como essas hierarquias se estabelecem e florescem a partir de sua historicidade social (machismo, racismo, patriarcado, inconscientes fóbicos etc.). Desta feita, entendo que há um diálogo entre as diversas produções sobre efeitos sociais das pandemias, epidemias e nossa experiência coletiva com a covid-19. Epistemologicamente, compreendo a produção dessas hierarquias dentro de um *continuum* sócio-histórico em que discursos e práticas se repetem ao longo do tempo e produzem os mesmos efeitos, mensuráveis e observáveis (LAPLANTINE, 1989; MONTEIRO, 2012; MOTA, 2012; UJVARI, 2011)

O medo, manipulado pelos discursos da pandemia, toma para si máscaras das mais diversas. Essas fantasias vão se somando e se constituindo como “fatos” da realidade social: crises econômicas destrutivas, chips, marcas da besta, conspiração comunista etc. Todos esses elementos vão fazer emergir, em algum nível das narrativas, sujeitos e grupos sociais definidos como agentes do terror e da ameaça iminente ao corpo social sadio (ESPOSITO, 2005).

Nesse sentido, a relação de contiguidade entre fantasia e realidade é difusa e problemática. É preciso compreender como o discurso de destruição e indiferença ao outro, sublimação da alteridade e, em última instância, eugenista, está presente em práticas como as discutidas na situação do TrateCOV e da Prevent Senior, se alimenta, ao mesmo tempo, de fantasias e de fatos do “mundo real” na produção e aprofundamento dessas hierarquias sociais.

5.8 Endemias globalizadas: a covid-19 como paradigma da normalidade

Tomar Bolsonaro como tipo ideal dentro de uma suposta nova fase da extrema direita no Brasil, que tem ecos internacionais com as figuras de Donald Trump (EUA), Erdogan (Turquia), Georgia Melonie (Itália) e, mais recentemente, Xavier Milei (Argentina). Estes ecos internacionais também fazem de uma pandemia com a covid-19 absorver características e desenhos próprios enquanto objeto de globalização (CUETO, 2020). São diversos os momentos em que as mensagens e as falas de Bolsonaro citam outros líderes internacionais e é possível observar a vontade de construção de um alinhamento ideológico internacionalista aos moldes

do que autores já denunciaram em relação ao olavismo cultural e a nova face da extrema direita mundial (CESARINO, 2019; MESSENERG, 2019).

Há a construção de uma geopolítica sistêmica de extrema direita para a condução de pautas conservadoras comuns e que, ao mesmo tempo, acabou por impactar as políticas públicas para a pandemia. Ideologias conservadoras em áreas com raça e gênero, retração de direitos, desmontes de conquistas históricas no campo social tem convivido com ideologias privatistas que justificam a diminuição do escopo de atuação do Estado e colocam em seu lugar monopólios privados. O bolsonarismo repete estas fórmulas, mas a partir de um lugar que dialoga com nossa história local. Há nas palavras de Castells (2017) uma globalização desigual em que os elementos de integração são distribuídos e selecionados sem equidade como efeitos de forças econômicas e políticas em conflito.

A globalização da covid-19, assim como já argumentado, não é apenas a transversalidade da doença enquanto fato biológico. Mas das formas políticas e sociais que assume e a partir do jogo interpretativo em que é inserida pelas representações sociais prévias. Isso é concreto em relação as pessoas e grupos, em nível local, será concreto em nível nacional, institucional e global (BIN, 2018). Retomando a provocação de Preciado (2023), Wuhan está em toda parte, e já estávamos em pedaços antes da covid-19, a pandemia apenas evidenciou a disjunção. A epidemia sublinhou as irregularidades, vilipêndios e ocultações dos processos de globalização (CLÍVILAN; FIRMINO, 2020; NASCIMENTO, 2020).

A pandemia global só foi de fato globalizada quando se percebeu que os países, principalmente pobres e em desenvolvimento, não teriam qualquer possibilidade de lidar com sua escalada da doença sozinhos. O exemplo da ajuda Venezuelana em Manaus é emblemático: ao mesmo tempo ilustra a transnacionalidade da doença e é um fato da necessidade de cooperação solidária entre países. Os prognósticos são sombrios, cada vez mais estaremos face a face com problemas que atravessam fronteiras, muros, distancias imensas e a fragmentação demonstrada por políticas isolacionistas, cientificamente mal-informadas, simplistas e, no limite, delirantes, só se sustentam a partir do medo, do pânico moral e das ferramentas de gestão de populações, estas a que estamos chamando de necrobiopolíticas. É preciso antes matar de medo, então a pandemia não parecerá uma ameaça tão séria.

A integração global da extrema direita, ao mesmo tempo em que expõe conexões importantes entre formas de produção e submissão coletiva em relação a agenda da extrema direita em termos transnacionais, pode ocultar particularidades em cada um dos casos. Para o bolsonarismo, o estado de anormalidade da pandemia deveria, obrigatoriamente, ser amarrado

à normalidade (ou normosidade) do cotidiano a qualquer preço. “Normose”, um estado de normalidade discursiva, institucional e social com resultados patológicos, uma espécie de normalidade letal (WEIL; LELOUP; CREMA, 2017) como nos desenhos de pessoas com sorrisos congelados e olhos mortos do cartunista espanhol Joan Cornellá.

Bolsonaro vocalizava as forças políticas da normosidade onde o Estado não deve cumprir qualquer papel social, onde o cuidado com vulneráveis deve ser feito no espaço privado, devem ser oferecidas soluções rápidas para problemas complexos e, no limite, o próprio valor da vida é relativizado em nome do operativo econômico-ideológico de ocasião.

5.9 Confinados crônicos

No segundo semestre de 2021 tudo parece ter melhorado. As vacinas têm mostrado eficácia e as políticas de distanciamento começam a arrefecer (PERAÇA FERREIRA; CHRISTOFOLETTI, 2024). Ao mesmo tempo, ainda subsistem assuntos que, pela sua aparente capacidade de mutação, tem atravessado estes dois anos tomando novas formas. O primeiro desses assuntos pode ser descrito como as estratégias parasociais de sobrevivência à pandemia. O Brasil contemporâneo já vinha observando um processo de relativo confinamento dentro das perspectivas de uso das novas tecnologias de mídias sociais, ao mesmo tempo, há um histórico distanciamento sociopolítico que já vinha diminuindo as interações fora do mundo virtual.

Em que pese a força institucional das medidas de distanciamento social no período da pandemia, estas medidas não podem ser reconhecidas como tão distantes dos processos de afastamento social já observados em períodos recentes. Reconhecer que não desejamos mais interações *vis a vis* é, de forma simplificada, atentar-se para o fato de que nosso desejo de interação foi substituído pelo desejo das redes digitais. Márcia Tiburi (2015) argumenta que esse desejo é estranho ao próprio sujeito, posto que não decorre da produção subjetiva deste em interação com o meio, mas é um desejo produzido a partir da inveja, ou seja, do desejo do outro e da ausência de si. Neste mesmo sentido, a força de produção ideológica do bolsonarismo, amplificado no contexto das mídias sociais, se máscara de um desejo genuíno.

Necessário argumentar então, a partir da identificação de uma cronicidade do confinamento, como se deu a produção de coesão sociopolítica no interior do discurso da extrema direita brasileira. O bolsonarismo, ao produzir formas de contraposição entre as medidas não farmacológicas de proteção contra a nova pandemia e elementos abstratos do discurso corrente da extrema direita internacional como liberdade e empreendedorismo,

produziu um caldo cultural heterogêneo que acionava representações sociais sobre quem eram os “culpados” pela situação que se apresentava dramática e fora de controle.

Estes “terríveis culpados”, frequentemente, tomaram a forma das esquerdas, dos comunistas, do centrão, do Supremo Tribunal Federal etc. De forma muito específica de todos aqueles grupos e instituições em relação aos quais o bolsonarismo produzia formas de contraposição para a produção de coesão interna de seu próprio grupo de apoiadores. Reconhecer a pandemia de covid-19 como fato social, político e economicamente relevante não é capaz de, por si só, incluir esse novo elemento de percepção em contexto. Não à toa, o gabinete paralelo que atuou no governo de Jair Bolsonaro buscou as respostas mais simples para a construção do contexto da pandemia. Não estivemos apenas confinados no interior de nossas residências, mas também estamos confinados no interior da condição sociopolítica que produziu o objeto covid-19.

Desde Schopenhauer (2005, 2020) é possível reconhecer o desejo como fonte de sofrimento, contudo, este filósofo mostra como o pêndulo que oscila entre o querer e o tédio tem curtos e fugazes momentos de alívio. O que ocorreu durante a pandemia de covid-19 foi a manipulação de formas de desejo irrealizáveis, ou seja, formas de manipulação da própria projeção de sofrimento na incerteza do futuro. Foram oferecidos um sentido, uma direção, um objetivo e uma solução para o sofrimento na nova pandemia em um pacote de conceitos, representações e demais formas simbólicas que estão sendo acriticamente consumidas por uma parcela relevante da população, sem trégua e sem alívio.

Em 2022, agora que o mais grave da pandemia já que passou e podemos retornar há uma contida condição de normalidade, é possível retomar um olhar detido sobre o resto do globo. A comparação com outros países que também passaram por situações extremamente graves na pandemia tem alertado não apenas para uma globalização de práticas de governança de populações, mas também para uma condição que é ao mesmo tempo individual e coletivamente compartilhada. Há aspectos do novo radicalismo de direita que são transnacionais e replicam um ecossistema de governança que têm utilizado as novas tecnologias, e as redes sociais em específico, na produção e disseminação de ideologias radicais.

Retomo aqui minhas reflexões sobre uma forma epistemológica derivada do espaço comum criado pelo fenômeno do hiv/aids e da revolução técnico informacional. Se, em algum momento, o discurso bolsonarista tentou evitar a contaminação durante a pandemia de covid-19 em relação aos idosos, por exemplo, o mesmo não ocorreu na condução de políticas públicas voltadas para a defesa de outras categorias vulneráveis. A pessoa idosa deveria ficar encerrada

em sua residência, ou, no máximo, ser tratada pelo aparato médico privado dos planos de saúde, enquanto outros sujeitos e categorias deveriam retomar as atividades normais de trabalho o mais rápido possível.

Já estamos contaminados, mesmo confinados, mas não é uma contaminação biológica, mas antes semiótica e comunicacional (DANIEL; PARKER, 1991). Sem mediação no mundo real, a internet se torna todo o mundo da vida e são os próprio idosos e pessoas com menos instrução as mais vulneráveis a essas formas de contaminação ideológica. São estes sujeitos confinados em seus smartphones e jamais vacinados pelas micro violências das redes e seus enganos comuns, que não conhecem uma utilização moderada e racional da internet, operam pelo binômio não-uso/uso e que estão mais vulneráveis aos processos de inversões das redes sociais. O bolsonarismo soube se aproveitar dessas vulnerabilidades.

Contaminação e imunidade às infecções ideológicas é a dualidade base da administração necrobiopolíticas. Do arcabouço jurídico, passando pelas formulações dos inimigos do Estado, do inimigo próximo, do inimigo externo, das conspirações ao redor das vacinas e da “sabotagem” dos governadores dos estados contra o governo federal, o bolsonarismo (e a extrema direita contemporânea) aplica a inversão definitiva e escatológica entre o real e a ficção e, como um anti-Dom Quixote, escolheu ver moinhos onde havia gigantes a serem vencidos. Convenceu, organizou e congregou apoiadores a tecer críticas virulentas nas redes (e, mais recentemente a ir às ruas) contra as medidas de proteção para a pandemia de covid-19 que poderiam ter salvado vidas. Confinados crônicos, é nosso jeitinho brasileiro de viver a pandemia.

CONCLUINDO SOBRE OS FRAGMENTOS DO ESPELHO

Para a construção do fim desta tese me inspiro em uma imagem construída por Rita Segato em um interessante pensamento sobre a condição da mídia brasileira, infelizmente não consegui identificar o texto, lembro de uma das aulas da professora, quando ainda estava no mestrado. Ela afirmou que a mídia brasileira era como o espelho da rainha má no conto da Branca de Neve, mas quebrado. O espelho mágico do conto não dizia a verdade, mas a construía. O espelho quebrado afirma uma verdade distorcida sobre a realidade. Para além das discussões de controle das mídias e racionalização dos processos informacionais, esse espelho foi partido e cada fragmento em separado conta a sua própria história trincada. Gostaria de me debruçar de forma mais livre sobre esses fragmentos inspirado em todas as discussões feitas até aqui.

As conclusões de Letícia Cesarino orientaram grande parte das reflexões que propostas. Sua leitura cibernética sobre a internet e o funcionamento das redes sociais me armou de ferramentas novas para compreender os elementos que eu observava nas mensagens e demais materiais analisados. Seu funcionamento difuso, mas orientado a partir do que a autora chama de atratores privilegia um dos elementos principais das redes que é a preferência pelos extremos. Os comportamentos extremados nas redes acompanham uma infraestrutura que congrega afetos reativos (indignação, ódio, medo, nojo) com o populismo da mensagem, simplificação da linguagem e câmaras de eco produzidas pelos algoritmos. Ao mesmo tempo, e com alguma audácia que pode se revelar baldada, quando incluo os conceitos da guerra híbrida sobre a qual se dá a totalidade desta análise no contexto de ascensão da extrema direita no Brasil, as plataformas têm se adequadado a uma normatividade que, novamente com tons de “terceira via” atraem as manifestações extremadas para um centro contínuo que tem menos espaço na infraestrutura das redes.

Isso me remete a uma interessante propaganda da rede de *fastfood* Burger King em que são oferecidos para pessoas que afirmam que votarão em branco nas eleições de 2018 um hambúrguer apenas com ingredientes brancos, o pão e as cebolas cruas, com o objetivo de mostrar que quem vota em branco perde o direito de escolha. A propaganda foi veiculada na televisão, em horário nobre, dentro de um contexto de ataques ao sistema eleitoral brasileiro e às instituições republicanas e liberais como um todo. Como já comentado, a televisão ainda é o principal meio de comunicação que alcança o maior número de pessoas no Brasil, principalmente de faixas de renda menores e em áreas afastadas dos grandes centros urbanos.

Se abstrairmos a simplicidade da mensagem marketeira, é possível ver que há elementos interessantes na produção aparente de síntese dessa mensagem política.

A cadeia de *fast food* Burger King, dona da propaganda, pertence à 3G que é um fundo de *private equity* que, por sua vez, pertence aos brasileiros Jorge Paulo Lemann, Carlos Alberto Sicupira e Marcel Teles. Jorge Paulo Lemann também dá seu nome à Fundação Lemann que, por sua vez, mantém o programa RenovaBR de formação política que transversaliza diversos partidos e o espectro ideológico-político (tendo egressos que pertencem a partidos de centro esquerda até a direita). A mensagem sobre o voto e a necessidade do voto não são o objeto aqui, mas a síntese que se produz pela propaganda a partir de um contexto em que a grande mídia bradava contra a polarização política que opunha de um lado apoiadores do então candidato Jair Bolsonaro e uma frente ampla liderada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) que lançou o nome de Fernando Haddad.

A propaganda produz uma síntese de ação política sem, contudo, se comprometer com qualquer consideração em relação a polarização política estabelecida naquele período. O afastamento do centro e a atração política pelos extremos, a chamada polarização política, aparece nos discursos liberais como o negativo da paz institucional na democracia liberal. A mensagem veiculada afirma que, no Brasil, essa paz só pode ser encontrada pela ação do voto, pela ação discursiva contra a sombra do fascismo que representa o bolsonarismo e contra a radicalização dos discursos políticos, nesse momento identificada com o PT e as “esquerdas”. Ao fim e ao cabo, o discurso da paz institucional liberal sempre aflora amalgamada com discursos normativos, conservadores e que confundem o bem comum com os bens do Estado burocrático-liberal e o bem do mercado. A paz institucional, normativa e liberal vem acompanhada da metamorfose das velhas políticas neoliberais.

Trabalhando este exemplo ao final deste trabalho para ilustrar como a produção e a circulação de representações sociais feita pela mídia ainda é uma ferramenta efetiva fabricação ideológica. O mesmo conjunto de investidores foi envolvido no maior escândalo de fraude financeira da história do país, mas não foram condenados, investigados ou sequer ouvidos pela CPI que apurou as denúncias. A fraude contábil e fiscal, que maquiou os lucros de uma das maiores empresas nacionais de varejo do Brasil, as Lojas Americanas, e levou ao prejuízo milhares de investidores menores e trabalhadores, não teve qualquer desdobramento investigativo. Esses investidores ainda são apresentados como grandes nomes do sucesso empresarial e do mercado financeiro, ainda são modelos que devem ser seguidos. Mas então o que isso tem a ver com o tema deste trabalho?

Ao mesmo tempo em que a fraude ocorria em suas empresas, usavam meios de comunicação para produzir uma mensagem esperançosa para a população, com ares de neutralidade e desejando o bem e o fortalecimento da democracia. A mensagem é descolada da realidade, apontando para o espetáculo da ação democrático-liberal enquanto as reservas da empresa eram drenadas. Não é nada diferente do tipo de lógica que domina as redes sociais enquanto aparatos de mídia. O que mostrei aqui é um uso das mídias por determinados grupos políticos que sabem, de forma às vezes intuitiva e às vezes planejada, como os jogos de poder e linguagem funcionam no espaço digital e sua principal ferramenta de ação ideológica ainda são as representações sociais. São as representações que produzem coesão de grupo, organizam a semiótica compartilhada pelo grupo, seu imaginário e suas ideologias ativas.

Reconhecer o bolsonarismo como um operador destas representações no espaço virtual, abrange reconhecer que seu movimento de massas tem um discurso para as redes que se alimenta de diversas influências e se legitima a partir de vários conjuntos de linguagens e ações social, política e economicamente efetivas. Enquanto finalizo este trabalho, novembro de 2024, percebo que o bolsonarismo enquanto movimento tem perdido força. Antigos aliados têm se voltado contra um bolsonarismo mais radical e é possível perceber rachaduras vozes dissonantes na direita, antes tão coesa até o final de 2022. Contudo a forma de atuação da extrema direita se constituirá, no Brasil e alguns outros países onde chegou ao poder, enquanto modelo de atuação e construção de sua agenda de atuação institucional. É preciso refletir sobre esse modelo de atuação, como se tornou o padrão, suas tendências de aprofundamento e como se articula de forma tão encaixada com a necessidade das redes virtuais.

Retomando a metáfora do espelho partido, reuni três fragmentos de reflexões derivadas do percurso deste trabalho. Essas reflexões se aproximam muito mais de incômodos surgidos ao longo do trabalho do que de conclusões e, acredito, poderão ser usadas como horizonte de pesquisas e aprofundamentos futuros.

Reconhecer que enfrentamos um desafio em escala, onde diferentes níveis de problemas são identificados indo do local ao global, é barreira que temos em mãos nesse momento. Quando uma doença pandêmica surge, seja o hiv/aids ou a covid-19, essas contradições, desajustes e desequilíbrios do nosso tempo se tornam mais evidentes. A doença não deve servir como metáfora, retomando uma das primeiras inspirações desse escrito em Susan Sontag (2007), as doenças compõem nosso universo sócio representacional e imaginário político, são construídas enquanto produto novo a partir de velhas condicionantes e se tornam resultado do tempo na qual se manifestam. O uso de doenças como metáfora é violento e antiético, mas

também serve como operativo ideológico de encobrimento da realidade. De objeto representado, que deve ser tratado, trabalhado, discutido, construído com a seriedade que demanda. A doença passa a representar ideias, posições e outros operativos ideológicos vazios. A doença começa a servir como mecanismo explicativo, como causa e não como efeito político.

Essa não foi a primeira e nem será a última doença pandêmica a nos afetar enquanto corpo social, humanidade. Mas sem dúvida é a primeira pandemia a ser deglutida e metabolizada digitalmente. É a primeira grande pandemia onde podíamos nos esconder atrás de muros digitais, onde a experiência de contato das redes se tornou a regra e não a exceção. Trabalhei sobre os usos sociais e políticos da pandemia a partir do governo de Jair Bolsonaro, busquei tecer reflexões sobre o que esse período fez da política e da sociedade na tentativa de entender o que fez de nós.

Ao final dessa tese, a pandemia de covid-19 resta quase esquecida. Não se fala mais de covid-19 nos meios de comunicação, não se fala dos mortos, das políticas públicas mal-informadas e desastrosas. Há um sentimento geral de superação e, de certa forma assim deve ser. Esquecer possibilita olhar o que está a frente com mais otimismo. Mas as representações sociais continuam aqui, habitando nossas mentes, nossa comunicação e sendo compartilhadas. Operando nossa ideologia. Como os fantasmas de Scrooge, estão esperando para nos fazer lamentar o passado, testemunhar o presente e temer o futuro.

Fragmento 1 – o dado e o tomado

Minha experiência como pesquisador de redes sociais encontrou sua primeira barreira bastante cedo neste processo. A negativa de autorização para ser desenvolvedor da comunidade no Twitter/X, ainda em 2021, me tirou a possibilidade de fazer a pesquisa da maneira planejada inicialmente. A resposta da plataforma incluía um aviso de que a decisão era inapelável e que eu não poderia mais fazer uma requisição daquele tipo.

Para além dos erros que eu possa, eventualmente, ter incorrido em minha inscrição para o perfil de desenvolvedor, erros estes que eu nunca saberei se de fato cometi porque não existiram mais informações sobre os fundamentos para a negativa, gostaria de incluir esse acontecimento no interior da rede de coincidências significativas para esta pesquisa. O fato é: não tive autorização da plataforma Twitter/X para utilizar os dados extraídos no meu trabalho. Tomei diversos cuidados para não expor indivíduos ou perfis privados e todas as informações utilizadas são de páginas oficiais, pessoas com cargos públicos e que utilizavam a plataforma

como veículo de comunicação com seus apoiadores, correlatos ou com a população em geral. Mas um questionamento ressoa e, ao final deste trabalho é inafastável: a quem pertencem essas informações produzidas por páginas públicas ou agentes políticos brasileiros no interior de plataformas privadas?

É inegável que as plataformas são agentes privados, mas, e retomando Letícia Cesarino, a fronteira entre o público e o privado se esvai e, neste caso, de forma irreparável quando o então presidente do meu país, seus colaboradores e páginas oficiais de governo utilizam esta mesma plataforma privada como veículo de comunicação diário com a população. Ao me negar acesso a estas informações, de forma arbitrária e inapelável, a plataforma se apossa de pontos nevralgicos da comunicação pública.

Tem se tornado quase lugar-comum afirmar que as redes sociais têm agido como grandes senhores feudais onde a lei que governa é a lei interna de seus termos de uso e algoritmos, mas a negativa que eu recebi foi dada por um agente de carne e osso. Tanto Zuboff quanto Morozov tem contribuído para a leitura de que os algoritmos são apenas aparentemente neutros e que esse feudalismo contemporâneo figurativo tem seus senhores feudais. Meu questionamento vai um pouco além. Se são as plataformas que controlam aquilo que pode ser usado por jornalistas, analistas e pesquisadores enquanto dados e sua política de disponibilização é estritamente oculta e privada, qualquer questão de pesquisa, questionamento jornalístico e até mesmo análises de mercado se submetem ao escrutínio de forças privadas de comunicação das redes sociais.

Neste sentido, o dado, a informação extraída das plataformas na forma de número ou discurso, não é dada, mas cedida, favorecida para determinados fins em detrimento de outros e os critérios de favorecimento estão ocultos na própria estrutura privatizada das plataformas. Quando estamos falando de trocas de mercado e negociações, muitas vezes bilionárias, essa proteção faz sentido dentro da estrutura do capitalismo financeiro atual. Uma vez que tanto em sua estrutura quanto na própria ferramenta algorítmica foram investidos recursos financeiros de empresas privadas. Entretanto, quando se trata de informações que afetam a democracia, soberania, autonomia e políticas de gestão de populações, a coisa muda de figura.

Clamo pela tomada forçada destas informações que devem ser, por seus efeitos, consequências e importância objetiva para a gestão de populações e o controle social das atividades do Estado, consideradas públicas. É necessário desobedecer às normas privadas que cerceiam o direito à livre circulação da informação, principalmente quando o processo de censura e as barreiras para esse acesso é produzido por normas privadas, fabricadas em

processos antidemocráticos e sustentadas pela força motriz do capital acumulado das plataformas. Processos sérios de regulação estão em andamento em todo o mundo. No Brasil, a LGPD é um destes esforços, mas como argumentado no Capítulo 3, é uma lei que já nasce invisibilizando o real problema de plataformas de redes sociais. A guarda de informações pessoais, que emerge como uma das máscaras da liberdade de expressão, não é suficiente para proteger a sociedade dos crimes cometidos nas redes.

A liberdade de expressão e livre circulação da informação devem ser garantidas inclusive por ferramentas que coloquem, quando necessário, essas informações ao alcance da sociedade civil. O Twitter/X não me permitiu ter acesso aos seus programas de raspagem de dados e este ainda resiste como um direito das plataformas privadas. O fato se torna uma questão que deve ser problematizada quando essa decisão emana da própria ausência de regulação pública sobre a natureza das informações buscadas. Entendo que esses dados, mesmo produzidos por perfis privados, tem natureza pública por sua relevância social e política e é meu direito, enquanto cidadão, entender como essas informações partilham o ecossistema comunicacional do meu país.

Fragmento 2 – negacionismo, doença infantil do negativo

A inspiração deste penúltimo fragmento vem do texto de Lenin sobre o que ele denomina como “esquerdismo” de parcela dos membros dos Partidos Comunistas na Alemanha, Holanda e Itália. Seu texto elenca críticas severas aos argumentos destes grupos que consideravam a disputa política, em espaços historicamente construídos no interior do sistema capitalista, como não condizentes com a atuação de um Partido Comunista verdadeiramente revolucionário. Não pretendo pormenorizar os argumentos de Lenin específicos sobre a atuação internacional do comunismo e as eventualidades da política e atuação dos Partidos Comunistas ocidentais naquele período. Minha inspiração neste texto tem um fundo mais procedimental, no sentido metodológico hegeliano, aplicado pelo autor na construção do seu raciocínio.

Lenin extrai sua crítica da própria produção panfletaria das parcelas dos partidos que aventavam essas críticas aos comitês centrais dos Partidos Comunistas (com especial atenção ao Partido Comunista Alemão). Ele mostrou que os textos apresentavam profundas contradições, tanto entre ideias atinentes ao próprio texto, como em contradição com as práticas revolucionárias históricas e a teoria marxista. Portanto, o esquerdismo seria uma derivação da

práxis marxista que deve sua origem à erros, incompreensões e ocultamentos das intenções de teóricos e dirigentes partidários.

Penso que a instrumentalização das acusações do bolsonarismo como negacionista, principalmente por setores da mídia ligados à burguesia nacional, tem como efeito um ocultamento de processos que opto por denominar aqui *encobrimento do negativo*. Minha conceituação de negativo faz deferência à duas fontes principais que mereceriam mais espaço para elaboração: George Bataille e Theodor Adorno. Em resumo, negativo aqui é a força crítica que deve ser lançada, ora contra a condição crítica da razão que aponta o “baixo” em contraposição aquilo que é elevado ora contra o próprio uso positivista, mecanicista da razão.

Na primeira acepção, João Aquino (2010), explicando Bataille, afirma que o negativo é o exercício dialético crítico que mostra como aquilo considerado baixo e vil é sublimado nos discursos, manifestações e valores considerados altos ou elevados. De inspiração psicanalítica, essa interpretação coloca o negativo como o exercício do pensamento que aponta essa sublimação e, indo além, mostra, a partir de uma ou mais fontes materiais, como essa sublimação se expressa e como escapar de sua força normalizadora e homogeneizante. É uma investida contra o idealismo (principalmente sua tradição alemã) que considerava a busca pelos altos valores e aspirações o máximo da vida, produzindo sofrimento psicológico, social e existencial no processo.

Na segunda acepção, a dialética negativa adorniana, é uma proposta de crítica imanente, eterna e inconclusa da razão sobre si mesma. Para Adorno (2009), o uso da razão aspirando a totalidade, pressuposto moderno e positivista, comunica com acepções fascistas. O uso da razão, aparecendo aqui como valor central da modernidade, também resultou em atrocidades e violências inimagináveis no interior da própria Europa. Essa razão universal, que pregava o fim dos mitos, se provou, segundo os argumentos do autor, uma nova forma elevada de mistificação da realidade.

Seguindo estes argumentos, acredito obter dois parâmetros de comparação para o que vem ocorrendo com os discursos de denúncia do “negacionismo” bolsonarista: o primeiro é que estas acusações têm ocultado como a ideologia dominante é ela mesma uma forma de homogeneização e solidificação do pensamento; o segundo é a própria reificação de uma forma específica de entender a prática científica como resposta única para os problemas da pandemia.

Ao apontar o bolsonarismo e gritar contra seu “negacionismo”, o que estes veículos de comunicação tem feito é produzir uma chave crítica que se pretende única, ignorando suas próprias contradições e idiossincrasias. Ao mesmo tempo que colocam bolsonaristas do lado

contrário à ciência, se colocam como o lado favorável ao conhecimento científico e detentores únicos dos bons valores, dos “altos” valores agregados à ciência. Ocultam que, entre suas fileiras, estão os inimigos das classes trabalhadoras e representantes da burguesia nacional que, inclusive, financiaram o próprio movimento bolsonarista. Ocultam a presença de sujeitos com ideologias individualistas que defenderam reformas retirando direitos dos trabalhadores, e aposentados. Ocultam membros das elites agrárias e seus porta-vozes que enxergavam no bolsonarismo um eco de seus “valores tradicionais” idealizados. Estes sujeitos se aproximam de outros “negacionismos”: das consequências da desigualdade, das mudanças climáticas, das ciências sociais, da economia política etc.

O segundo ponto é a reificação de uma forma única de entender a prática científica e ignorar processos autorreflexivos e dissidências sérias e embasadas no que se refere às políticas adotadas na pandemia. Já argumentei exaustivamente como o discurso bolsonarista buscou legitimidade, dentre outras fontes, no campo científico (apresentando seus próprios médicos e cientistas) na tentativa de justificar sua necrobiopolítica da covid-19 que estava então em andamento. Estes fatos não excluem a percepção de que as críticas rasas ao bolsonarismo reificam o mesmo tipo de prática científica que se julga amoral e acima do bem e do mal, opondo a boa ciência à má ciência e ao anticientífico, fundindo os dois últimos em uma coisa só. Essa oposição falsa ignora que há a passagem discursiva de uma condição à outra dependendo de que parâmetros serão utilizados para classificar a prática e o discurso em questão.

Neste sentido, entendo que acusar o bolsonarismo de “negacionista” é raso, tendo em vista que essa declaração posiciona lados a partir da aceitação ou não da ciência enquanto parâmetro de veracidade e aproximação da realidade. É necessário incluir o bolsonarismo no mesmo contexto de produção de discursos e práticas científicas que devem ser dialeticamente tratadas por uma razão negativa. Acredito que pensar criticamente é posicionar o bolsonarismo enquanto manifestação da racionalidade contemporânea e não sua oposição, contradição ou, psicanaliticamente, seu sintoma. É necessário enxergá-lo com a normalidade e a legitimidade com a qual atores, grupos, elites e o próprio sistema político liberal-capitalista o concebeu.

Fragmento 3 – o não-computável

Por fim, estes estranhos, donos de nossas sombras tomadas em dados, os senhores feudais do século XXI e suas máquinas farmacopornográficas de produção semiótica nos

convencem, sujeitos adoecidos e excitados, de que a utopia é impossível enquanto nos obrigam a viver em sua distopia altamente lucrativa de iniquidades. É possível escapar de sua predação? Meu impulso é a negativa. Não posso enveredar por um negacionismo tecnológico e, de forma infantil e reacionária, afirmar que toda tecnologia é ruim, danosa e não deve ser usada. Mas é preciso insistir na proposição de um uso negativo da técnica e da tecnologia, e das redes sociais em específico, que aponte de forma reiterada suas contradições, limitações e seus interesses. Esse uso negativo também pode ser traduzido por um uso antissistêmico das tecnologias, nos termos de Cesarino, um uso que possibilite *runaways* e *runoffs* em contrariedade às exigências dessa nova “ecologia da mente” predatória.

Somos resumidos pelas tecnologias e designs das redes sociais a agir, pensar e conceber o mundo a partir de parâmetros limitadores e altamente específicos de homogeneização subjetiva. É preciso defender lados, estabelecer rivalidades, obstruir debates, desqualificar, controlar, dominar, buscar soluções rápidas, eficientes, mas precárias porque amanhã tudo pode mudar. Nesse ambiente a única coisa que pode crescer são formas daninhas de pensamento unitário, solidificado, ou seja, formas que evocam um cognitivo fascistizado. Escapar se torna quase impossível.

Nesse contexto, acredito possível e necessário refletir sobre formas de resistência não-computável, formas de resistência que resistam elas mesmas ao reducionismo e objetificação analítica do dado. Faço essa crítica sabendo que, de um ponto de vista estritamente individual, meu próprio desafio também é bastante grande. Além disso, não é possível qualquer afirmação de que mudanças apenas de cunho individual poderiam produzir alguma grande mudança relevante. Contudo, acredito necessário abordar perspectivas tanto individuais quanto sociais e políticas.

Um primeiro passo seria a redução do tempo gasto online, reduzir o tempo dedicado a colheita algorítmica e dedicar mais tempo fora das redes. Há inclusive app e tecnologias que auxiliam na redução do tempo de uso de aparelhos eletrônicos. Essa atitude não altera substancialmente o que a dinâmica de produção e colheita algorítmica é capaz de fazer, mas é uma atitude que pode promover alguma melhora cognitiva individual. Outra atitude individual importante é a melhora na qualidade das interações online: melhorar a linguagem, menos ironia, mais abertura ao diálogo e comunicação menos violenta. É necessário desbravar a internet para além das câmaras de eco das redes sociais. Há diversos ecossistemas nas redes discutindo e se debruçando sobre variadas ideias, manter-se preso e capturado por apenas um ou alguns destes grupos é uma perda de potencial individual.

Mas atitudes individuais, mesmo importantes, não produzem qualquer mudança realmente sistêmica. É necessário entender o que as *big techs* tem feito com nossas informações, estamos sendo negociados em mercados de ações aos bilhões e só uma legislação realmente efetiva seria capaz de racionalizar este sistema. Entretanto, soluções jurídicas são apenas uma parte da solução. Sozinha, a legislação institucionalizada pode pouco. É preciso treinar e fortalecer o sistema de justiça e a capacidade de regulação e fiscalização do poder executivo. Investir em políticas públicas de formação tecnológica e científica.

Mesmo assim, mudanças legislativas e de redesenho de políticas públicas de soberania de Estado, ainda que conseguissem transcender a influência econômica das *big techs* sobre a política (fato que seria extremamente difícil no modelo atual da democracia liberal), não seriam suficientes. Apenas um investimento massivo em estruturas de *hardwares* locais, para tratar e computar dados em território nacional, diminuiria os efeitos deletérios da influência da dinâmica das redes na vida social.

(SANTOS; MARTINS, 2022)

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Aspectos do novo radicalismo de direita. São Paulo: Editora UNESP, 2020.

ADORNO, Theodor W. Dialética negativa. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALENCAR, Tatianna Meireles Dantas de; NEMES, Maria Ines Battistella; VELLOSO, Marco Aurélio. Transformações da “aids aguda” para a “aids crônica”: percepção corporal e intervenções cirúrgicas entre pessoas vivendo com HIV e Aids. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 13, no. 6, p. 1841–1849, 2008. DOI 10.1590/S1413-81232008000600019. Available at: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000600019&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt.

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*, vol. 6, no. 17, p. 111–125, 2001. .

ALFARO-MURILLO, Alberto; LEÓN-BRATTI, María Paz. Hidroxicloroquina: del fármaco de herencia Inca hasta la inmunología moderna. *Acta Médica Costarricense*, vol. 62, no. 2, p. 57–64, 2020. DOI 10.51481/amc.v62i2.1062. Available at: <https://www.scielo.sa.cr/pdf/amc/v62n2/0001-6002-amc-62-02-57.pdf>.

ANISTIA INTERNACIONAL. 1000 Dias sem direitos - As violações do governo Bolsonaro. [S. l.: s. n.], 2021a.

ANISTIA INTERNACIONAL. Informe Anual 2020-2021. [S. l.: s. n.], 2021b.

ANISTIA INTERNACIONAL. Informe anual 2021-2022. [S. l.: s. n.], 2022.

ANTUNES, Larissa; CAMARGO, Brígido Vizeu; BOUSFIELD, Andréa Barbará S. Representações sociais e estereótipos sobre aids e pessoas que vivem com HIV/Aids. *Psicologia - Teoria e Prática*, vol. 16, no. 3, p. 43–57, 2014. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n3p43-57>.

ANVISA. Regulamento Sanitário Internacional - RSI 2005. Versão em português aprovada pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo 395/2009. , p. 1–79, 2009. Available at: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/paf/regulamento-sanitario-internacional/arquivos/7181json-file-1>.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. Materialismo e dialética em George Bataille. *Philosophos*, vol. 15, no. 2, p. 83–102, 2010. Available at: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/view/11069/pdf>.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. *Sociedade e Estado*, vol. 24, no. 3, p. 739–766, 2009. .

ASCOM-SE/UNA-SUS. Coronavírus: Brasil confirma primeiro caso de doença. 2020. UNASUS. Available at: [https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O Ministério da Saúde confirmou,para Itália%2C região da Lombardia](https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca#:~:text=O%20Minist%C3%A9rio da Sa%C3%BAde confirmou,para It%C3%A1lia%2C regi%C3%A3o da Lombardia). Accessed on: 28 Nov. 2024.

BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. Raça. nação, classe: as indidentidades

ambíguas. 1st ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

BARBOSA, Vanessa Fonseca; REYNALDO, Allan; SANTOS, Yuri Andrei Batista. A política do apito canino sob as lentes do discurso: diálogos com o pensamento bakhtiniano. Caderno de Letras, no. 41, p. 421–439, 2021. DOI 10.15210/cdl.v0i41.21594. Available at: <https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/21594/14104>.

BATISTA, Júlia Vargas; SOUZA, Érica Renata de. Gênero, ciência e etnografia digital: aproximações e potencialidades. Cadernos de Campo (São Paulo, online)), vol. 29, no. 2, p. 1–23, 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175199>.

BBCBRASIL. Assista ao pronunciamento de Jair Bolsonaro sobre a crise do coronavírus. 2020. Youtube. Available at: https://www.youtube.com/watch?v=zuBs0NVr-70&ab_channel=BBCNewsBrasil. Accessed on: 26 May 2024.

BECK, Ulrich. Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação? Cadernos Pagu, no. 53, 2018. .

BERTOLLI FILHO, Cláudio. Novas doenças, velhos medos: a mídia e as projeções de um futuro apocalípticos. In: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (eds.). As doenças e os medos sociais. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012. p. 13–36.

BERTONI, Luci Mara; GALINKIN, Ana Lúcia. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P.; COUTO, M. E. S.; ASSIS, R. A. M. (eds.). Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias. Ilhéus: EDITUS, 2017. p. 101–122. <https://doi.org/10.7476/9788574554938.005>.

BIN, Daniel. O global e o local na pesquisa sociológica. Sociedade e Estado, vol. 33, no. 2, p. 541–564, 2018. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302013>.

BIZARRI, Carlos Henrique Brasil; REZENDE, Mayara de Azeredo; MATTOS, Aline Estácio Ribeiro de; NÓBREGA, Andrea Bezerra da; VILLAS BÔAS, Glauco de Kruse. Do quinino aos antimaláricos sintéticos: o conhecimento das plantas medicinais como estratégia potencial na terapia da CoVID-19. Revista Fitos, vol. 15, no. 3, p. 366–384, 2021. DOI 10.32712/2446-4775.2021.1086. Available at: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/50043>.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Brasil, 1988.

BRASIL. Lei 14.019/2020. 2020.

BRASIL. Relatório Final CPI da Pandemia. Brasília: [s. n.], 2021.

BUTLER, Judith. A vida psíquica do poder: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMARGO, Aspásia. Desigualdade regionais e federalismo assimétrico. Ciência &

Trópico, vol. 44, no. 2, p. 81–129, 2020. Available at:
<https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/1962>.

CAMARGO, Brígido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn; BARBARÁ, Andréa. Representações sociais da AIDS e alteridade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, vol. 9, no. 3, p. 2009, 2009. .

CAMARGO, Brígido V.; JUSTO, Ana M. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, vol. 21, no. 2, p. 513–518, 2013. DOI 10.9788/tp2013.2-16. Available at: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n2/v21n2a16.pdf>.

CANGUILHEM, Georges. O normal e o patológico. 4th ed. Rio de Janeiro: Rorense Universitária, 1995.

CARDOSO, Gisele Pereira; ARRUDA, Angela. As representações sociais da soropositividade e sua relação com a observância terapêutica. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 10, no. 1, p. 151–162, 2005. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232005000100022>.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 18th ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo. *Revista de Antropologia*, vol. 62, no. 3, p. 530–557, 2019. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>.

CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CESARINO, Letícia. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. *Ilha Revista de Antropologia*, vol. 23, no. 1, p. 73–96, 2021. <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2021.e75630>.

CFM. Processo-consulta CFM nº 8/2020 - Parecer CFM nº 4/2020. Brasília, 2020. Available at: <https://cremers.org.br/wp-content/uploads/2020/06/16.04.2020-Parecer-CFM-4-2020-Tratamento-de-Pacientes-Portadores-de-Covid-19-com-Cloroquina-e-Hidroxicloroquina.pdf>.

CIVIL. TrateCov: aplicaivo auxilia médicos no diagnóstico da Covid-19. 2021. gov.br. Available at: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2021/janeiro/tratecov-aplicativo-auxilia-medicos-no-diagnostico-da-covid-19>. Accessed on: 26 Nov. 2024.

CLÍVILAN, Paul; FIRMINO, Santos. Globalização e covid19: guerra contra um inimigo invisível. *Revista Contexto*, vol. 5, no. 9, p. 1–15, 2020. .

COHEN, Stanley. Folk devils and moral panics. 3rd ed. London: Routledge, 2004.

COLOMBO, Fausto. Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

CUETO, Marcos. O Covid-19 e as epidemias da Globalização. *Revista HCSM*, Rio de Janeiro, , p. 1–4, 2020. .

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. Aids: a terceira epidemia. Rio de Janeiro: Iglu, 1991.

DO ESPÍRITO SANTO, Caren Camargo; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; OLIVEIRA, Denize Cristina. A espiritualidade de pessoas com HIV/aids: um estudo de representações sociais. *Revista de Enfermagem Referência*, vol. III Série, no. 10, p. 15–24,

2013. <https://doi.org/10.12707/riii12115>.

EMMENDOERFER, Magnus Luiz. Movimento de laboratórios para inovação como lócus de solidariedade democrática e de enfrentamento à pandemia COVID-19. *Revista NAU Social*, vol. 11, no. 21, p. 413–426, 2021. Available at: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/786/838>.

ESPOSITO, Roberto. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

ESPOSITO, Roberto. *Immunitas: protección y negación de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

FALCÃO, Márcio; VIVAS, Fernanda. PF diz ao Supremo Tribunal Federal que Bolsonaro cometeu incitação ao crime quando associou vacina da Covid à Aids. 2022. Available at: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/08/17/pf-ve-crime-de-bolsonaro-por-live-em-que-o-presidente-associa-vacina-da-covid-com-risco-de-pegar-hiv.ghtml>. Accessed on: 6 Apr. 2023.

FARIAS, Edson. O “Povo” e a Guerra Cultural no Campo Bolsonarista. *In: MONTEIRO, Geraldo Tadeu; TEIXEIRA, Carlos Sávio (eds.).* Bolsonarismo: Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2020. p. 77–97.

FERES-JÚNIOR, João; BARBABELA, Eduardo; BACHINI, Natasha. A lava-jato e a mídia. *In: KERCHE, Fábio; FERES-JÚNIOR, João (eds.).* Operação lava-jato e a democracia brasileira. São Paulo: Contracorrente, 2018.

FERREIRA, João Paulo; MISKOLCI, Richard. O desejo homossexual após a AIDS: uma análise sobre os critérios acionados por homens na busca por parceiros do mesmo sexo. *Ciencia & Saude Coletiva*, vol. 25, no. 3, p. 999–1010, 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020253.17202018>.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. Democracia genocida. *In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (eds.).* Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 63–82.

FLOSS, Mayara; TOLOTTI, Gabrielle; ROSSETTO, Andrei Dos Santos; DE CAMARGO, Tatiana Souza; SALDIVA, Paulo Hilário Nascimento. Linha do tempo do “tratamento precoce” para Covid-19 no Brasil: desinformação e comunicação do Ministério da Saúde. *Interface: Communication, Health, Education*, vol. 27, p. 1–26, 2023. <https://doi.org/10.1590/interface.210693>.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7th ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France (1979-1980)*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 4th ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

FOUCAULT, Michel. Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjetividade (Howison Lectures). Revista de Comunicação e linguagem, vol. 19, p. 203–223, 1993. .

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho; LEAL, Leonardo Partes. Solidariedade democrática em movimento: respostas à grande crise da pandemia de Covid-19. Revista NAU Social, vol. 11, no. 21, p. 281–291, 2020. Available at: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/38630/23271>.

GALINKIN, Ana Lúcia; SEIDL, Eliane Maria Fleury; BARBOSA, Bruno Teixeira; MAGALHÃES, Rogério Furtado. Representações sociais acerca da AIDS e percepção de risco da infecção entre estudantes universitários. Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva, vol. 6, no. 3, p. 51–66, 2012. .

GALLEGO, Esther Solano. Quem é o inimigo? Retóricas de inimizade nas redes sociais no período 2014-2017. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (eds.). Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 83–98.

GARCIA, Gustavo. Em ato no Planalto, Pazuello é efetivado, e saúde passa a ter ministro titular após 4 meses. 2020. G1. .

GARLAND, David. Sobre o conceito de pânico moral. DELICTAE: Revista de Estudos Interdisciplinares sobre o Delito, vol. 4, no. 6, p. 36–78, 2019. <https://doi.org/10.24861/2526-5180.v4i6.90>.

GARRAFA, Volnei; PYRRHO, Monique. Bioética, cooperação internacional, solidariedade e compartilhamento de benefícios: do HIV / AIDS à COVID-19. Cadernos Ibero-Americanos De Direito Sanitário, vol. 10, no. 3, p. 101–126, 2021. Available at: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/786/838>.

GOFFMAN, Erving. Asylums: essays on the social situation of mental patients and other inmates. [S. l.]: Aldine Transaction, 1961.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli; SILVA, Érika Machado Pinto; OLIVEIRA, Denise Cristina de. Representações sociais da AIDS para pessoas que vivem com HIV e suas interfaces cotidianas. Revista Latino-Americana de Enfermagem, vol. 19, no. 3, p. 485–492, 2011. <https://doi.org/10.1590/s0104-11692011000300006>.

GOMES, Romeu; MENDONÇA, Eduardo Alves; PONTES, Maria Luiza. As representações sociais e a experiência da doença. Cad. Saúde Pública, vol. 18, no. 5, p. 1207–1214, 2002. .

GUARESCHI, Pedrinho A. Representações sociais: avanços teóricos e epistemológicos. Temas em Psicologia da SBP, vol. 8, no. 3, p. 249–256, 2000a. .

GUARESCHI, Pedrinho A. Representações sociais e ideologia. Revistas de Ciências Humanas, vol. Edição esp, p. 33–46, 2000b. .

GUERRA, Janaína da Silva; SILVA, Vini Rabassa da. Reflexos da covid-19 na permanência de indígenas e quilombolas da Universidade Federal de Pelotas. Serviço Social & Sociedade, vol. 146, no. 1, p. 139–160, 2023. .

GUIMARÃES, Cristiane Pereira; OLIVEIRA, Quésia Klem Horsts; DIMAS, Matheus

- Souza; CORRÊA, Társis Matos Marcos. O Empreendedorismo no contexto da Covid-19: necessidade, oportunidade e solidariedade. *Pensar Acadêmico*, vol. 20, no. 1, p. 93–105, 2022. Available at: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/2436/2457>.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (ed.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2nd ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33–118.
- HERBERT, Daniel. *Meu corpo daria um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.
- JODELET, Denise. Abordagem psicossociológica sobre ameaças e seus usos sociais. *Sociedade e Estado*, vol. 34, no. 1, p. 287–305, 2019. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-201934010012>.
- JODELET, Denise. Ciências sociais e representações: estudo dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. *Sociedade e Estado*, vol. 33, no. 2, p. 423–442, 2018. .
- JODELET, Denise. *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- JOFFE, Hélène. Social representations and the AIDS field. *Psychology in Society (PINS)*, vol. 24, no. January 1998, p. 21–39, 1998. .
- KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- KOZINETS, Robert. *Netnografia*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LAPLANTINE, François. *Anthropologie des systèmes de représentation de la maladie : de quelques recherches menées dans la France contemporaine réexamineés à la lumière d’une expérience brésilienne*. Les représentations sociales. 2nd ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1989. p. 277–298.
- LEAL, Noêmia Soares Barbosa; COÊLHO, Angela Elizabeth Lapa. Representações sociais da AIDS para estudantes de Psicologia. *Fractal : Revista de Psicologia*, vol. 28, no. 1, p. 9–16, 2016. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/918>.
- LIMA, Lucas Brito de. *Política sexual do bolsonarismo*. 2020. Universidade de Brasília, 2020.
- LOSURDO, Domenico. *Contra-história do liberalismo*. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.
- LOUREIRO, Rodrigo. Out/2020: algumas vacinas contra a covid-19 podem aumentar o risco de HIV? 2020. Exame. Available at: <https://exame.com/ciencia/algumas-vacinas-contra-a-covid-19-podem-aumentar-o-risco-de-hiv/>. Accessed on: 18 Nov. 2024.
- LOVELUCK, Benjamin. *Redes, liberdade e controle: uma genealogia política da internet*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MAGELA, Geraldo. Congresso mais conservador, renovação será pequena. 2018. Agência Senado. Available at: <https://www.diap.org.br/index.php/noticias/agencia-diap/88266-diap-congresso-sera-mais-conservador-e-renovacao-pequena>. Accessed on: 26 Nov. 2024.

MAGRANI, Eduardo. A internet das coisas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MAIA, Mateus. “Façam uma defesa do SUS, da vida e da ciência”, diz Mandetta após demissão. 2020. Poder 360. Available at: <https://www.poder360.com.br/governo/facam-uma-defesa-do-sus-da-vida-e-da-ciencia-diz-mandetta-apos-demissao/>. Accessed on: 26 May 1993.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. 2nd ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MATHEUS, Clara. Nazismo entre aspas. 2022. mimimidias. Available at: https://www.youtube.com/watch?v=vrnS1xAVxNI&ab_channel=mimidias.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. Sair da grande noite: ensaios sobre a África descolonizada. Luanda: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014.

MENDES, Sandy. Relembre as maiores trapalhadas de Pazuello à frente do Ministério da Saúde. 2021. Congresso em foco. Available at: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/saude/relembre-as-maiores-trapalhadas-de-pazuello-a-frente-do-ministerio-da-saude/>. Accessed on: 26 Nov. 2024.

MESSEMBERG, Debora. A cosmovisão da “nova” direita brasileira. In: **PINHEIRO-MACHADO, Rosana; FREIXO, Adriano de (eds.)**. Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 25–49.

MEYER, Dagmar Estermann; SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos; OLIVEIRA, Dora Lúcia de; WILHELMS, Daniela Montano. “Mulher sem vergonha” e “traidor responsável”: problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. Estudos Feministas, vol. 12, no. 2, p. 51–76, 2004. .

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17–26.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Covid-19 no Brasil. 2023. Available at: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Accessed on: 28 Nov. 2023.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. 90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa. 2022. Available at: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>. Accessed on: 4 Sep. 2023.

MISKOLCI, Richard. Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. [S. l.]: Autêntica Editora, 2021.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Imaginário sobre a lepra e perpetuação dos medos. As doenças e os medos sociais. [S. l.: s. n.], 2012. p. 83–104.

MONTEMERLI, Roberto. Os desafios da Itália na emergência do coronavírus. Espaço e Economia, no. 17, p. 0–15, 2020. DOI 10.4000/espacoeconomia.11312. Available at: <file:///C:/Users/Sávio/OneDrive/Tese/Artigos/italia/espacoeconomia-11312.pdf>.

MORAES, Nilson Alves de. Doença e medo: charges, sentidos e poder na sociedade

- mediática. *In*: MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (eds.). As doenças e os medos sociais. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012. p. 37–60.
- MOROZOV, Evgeny. Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. El psicoanálisis, su imagen y su público. Buenos Aires: Huemal, 1979.
- MOTA, André. Quem tem medo da eugenia? Permanências discursivas de uma prática inacabada. As doenças e os medos sociais. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012. p. 219–250.
- NASCIMENTO, Kamila. Covid-19 : a globalização do infortúnio. Simbiótico, vol. 7, no. 1, p. 39–52, 2020. .
- NATIVIDADE, Jean Carlos; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais, conhecimento científico e fontes de informação sobre aids. Paideia, vol. 21, no. 49, p. 165–174, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200004>.
- NEMER, David. Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil. Vitória: Editora Milfontes, 2021.
- OLIVEIRA, Denize Cristina de; COSTA, Tadeu Lessa. A zona muda das representações sociais sobre o portador de HIV/AIDS: elementos normativos e contranormativos do pensamento social. Psicologia, Teoria e Prática, vol. 9, no. 2, p. 73–91, 2007. .
- OLIVEIRA, Mariana de Moraes Duarte; JUNQUEIRA, Telma Low Silva. Mulheres que vivem com HIV/aids: vivências e sentidos produzidos no cotidiano. Revista Estudos Feministas, vol. 28, no. 3, p. 1–14, 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020V28N361140>.
- ORELLANA, Jesem Douglas Yamall; DA CUNHA, Geraldo Marcelo; MARRERO, Lihsieh; MOREIRA, Ronaldo Ismerio; DA COSTA LEITE, Iuri; HORTA, Bernardo Lessa. Excesso de mortes durante a pandemia de CIVID-19: subnotificação e desigualdade no Brasil. Cadernos de Saude Publica, vol. 36, no. 1, p. 1–16, 2020. DOI 10.1590/0102-311X00259120. Available at: <https://www.scielosp.org/article/csp/2021.v37n1/e00259120/>.
- PARIKKA, Jussi. A Geology of Media. [S. l.: s. n.], 2015. vol. 53, .
- PARIKKA, Jussi. Digital contagions: a media archaeology of Computer Viruses. 2nd ed. New York: PETER LANG, 2016.
- PAZ, Josi. Aids anunciada: a publicidade e o sexo seguro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- PELÚCIO, Larissa. O Cu (de) Preciado.- estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. Printemps, no. 9, p. 123–136, 2016. .
- PERAÇA FERREIRA, Vitória; CHRISTOFOLETTI, Rogério. COVID-19 e combate à desinformação: a experiência do Consórcio de Veículos de Imprensa no Brasil. Cuadernos.info, no. 57, p. 137–157, 2024. DOI 10.7764/cdi.57.62783. Available at: <file:///C:/Users/Sávio/OneDrive/Tese/Artigos/informação/62783-Artículo completo>

(Ciego)-215383-1-10-20240115.pdf.

PERLONGHER, Nestor. *Disciplinar os poros e as paixões*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, vol. 2, no. 3, p. 35–37, 1985. .

PINTO, Élica Graziane. Execução orçamentária do SUS no enfrentamento à pandemia da Covid-19. São Paulo: [s. n.], 2021.

PIOVESAN, Flávia. *Temas de Direitos Humanos*. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

PODER360. *Aprovação de Mandetta no combate à covid-19 é duas vezes a de Bolsonaro, diz Datafolha*. 2020a. Poder 360. Available at: <https://www.poder360.com.br/governo/aprovacao-de-mandetta-no-combate-a-covid-19-e-duas-vezes-a-de-bolsonaro-diz-datafolha/>. Accessed on: 26 May 2024.

PODER360. *Nelson Teich, Ministro da Saúde pede demissão*. 2020b. Poder 360. Available at: <https://www.poder360.com.br/governo/ministro-da-saude-nelson-teich-pede-demissao-do-governo-bolsonaro/>. Accessed on: 26 May 2024.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PUTTI, Alexandre. “Uma pessoa com HIV é uma despesa para todos aqui no Brasil”, diz Bolsonaro. 2020. Carta Capital. Available at: <https://www.cartacapital.com.br/politica/uma-pessoa-com-hiv-e-uma-despesa-para-todos-aqui-no-brasil-diz-bolsonaro/>. Accessed on: 1 Oct. 2024.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental; Ed. 34, 2005. Available at: <http://scholar.google.com/scholar?hl=en&btnG=Search&q=intitle:A+partilha+do+sensível+-+estética+e+política#0>.

RANZANI, Camila de Moraes; SILVA, Sara Cirillo; HINO, Paula; TAMINATO, Mônica; OKUNO, Meiry Fernando Pinto; FERNANDES, Hugo. *Perfil e características da violência contra a pessoa idosa durante a pandemia COVID-19*. Rev. Latino-Am. Enfermagem, , p. 1–15, 2023. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6220.3826>.

REIS, Ana Cristina; LEANDRO, Bianca Borges; MARTINS, Fernanda; PINTO, José Mauro; SHARAPIN, Martha; SACRAMENTO, Marcio; GUIMARÃES, Raphael Mendonça; MUNCK, Sergio. *Nota Técnica: Registro de óbitos por COVID-19 e a produção de informações pelo SUS*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2020. Available at: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/nota_tecnica_obitos_v31_mai2020.pdf.

RÊSES, Erlando da Silva. *Do conhecimento sociológico à teoria das representações sociais*. Sociedade e cultura, vol. 6, no. 2, p. 189–199, 2003. .

RODRÍGUEZ, Paulo Esteban. *Espectáculo do dividual: tecnologias do eu e vigilância distribuída nas redes sociais*. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (eds.). *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 181–198.

RONTELLO, Gabriel. Comportamento sexual e AIDS: a cultura gay em transformação. São Paulo: Summus, 1998.

ROSA, Hartmunt. Social Acceleration: new directions in critical theory. New York: Columbia University Press, 2013.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. Introdução às teorias da Cibercultura: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo. 2nd ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANTELLI, John S.; KANTOR, Leslie M.; GRILO, Stephanie A.; SPEIZER, Ilene S.; LINDBERG, Laura D.; HEITEL, Jennifer; SCHALET, Amy T.; LYON, Maureen E.; MASON-JONES, Amanda J.; MCGOVERN, Terry; HECK, Craig J.; ROGERS, Jennifer; OTT, Mary A. Abstinence-only-until-marriage: an updated review of U.S. policies and programs and their impact. *Journal of Adolescent Health*, vol. 61, no. 3, p. 273–280, 2017. DOI 10.1016/j.jadohealth.2017.05.031. Available at: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.05.031>.

SANTOS, Gustavo Pimenta dos; MARTINS, Ludmila Gonçalves. Experiências etnográficas digitais: uma narrativa sobre a pandemia no Complexo do Alemão. *Oculum Ensaio*, vol. 19, p. 1–17, 2022. .

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Petrópolis: Vozes, 2014.

SAUDE.SP.GOV. Sobre coronavírus. [s. d.]. Available at: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/cve-centro-de-vigilancia-epidemiologica/areas-de-vigilancia/doencas-de-transmissao-respiratoria/coronavirus.html>. Accessed on: 13 May 2022.

SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e como representação. São Paulo: Unesp, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre o sofrimento do mundo e outros ensaios. São Paulo: L&PM Pocket, 2020.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, no. 28, p. 19–54, 2007. Available at: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>.

SEGATO, Rita. Patriarcado, del borde al centro. *Disciplinamiento, territorialidad y crueldad en la fase apocalíptica del capital*. La guerra contra las mujeres. Madrid: Traficantes de sueños, 2016. vol. 115, p. 91–107.

SEGATO, Rita Laura. La economía del deseo en el espacio virtual: hablando sobre religión por Internet. Las estructuras elementales de la violencia. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003. p. 149–180.

SÉMELIN, Jacques. Purificar e destruir: usos políticos dos massacres e dos genocídios. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

SILVA, Cristina Luci Câmara da. ONGs/Aids, intervenções sociais e novos laços de solidariedade social. *Cad. Saúde Pública*, vol. 14, no. 2, p. 129–139, 1998. .

SILVA, Soeli Schreiber da; MACHADO, Carolina de Paula; MACHIAVELI, Gabriel. O equívoco, a resignificação e o ético: a disputa pelos sentidos de imunidade de

rebanho. Conexão Letras, vol. 17, no. 27, p. 49–68, 2022. .

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SONTAG, Susan. A doença como metáfora /Aids e suas metáforas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SOUZA, Lúcia de Jesus; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. Serviço Social & Sociedade, vol. 213, no. 144, p. 213–232, 2022. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.288>.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito; MENEGON, Vera M.; LYRA, Jorge; LIMA, Helena. A construção da AIDS-notícia. Cadernos de Saúde Pública, vol. 17, no. 4, p. 851–862, 2001. <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2001000400019>.

SPROESSER, Andyara Klopstock. Comissão parlamentar de inquérito - cpi no ordenamento jurídico brasileiro. 2006. Universidade de São Paulo, 2006.

TANNI, Suzana E; BACHA, Hélio A; NAIME, Alexandre; BERNARDO, Wanderley M. Uso de hidroxicloroquina para prevenir a infecção por SARS-CoV-2 e tratar COVID-19 leve: revisão sistemática e meta-análise. J. Bras. Pneumol, vol. 47, no. 5, p. 1–11, 2021. Available at: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/50043>.

TESINI, Brenda L. Coronavírus e síndromes respiratórias agudas (COVID-19 , MERS e SARS). 2020. Manual MSD Versão Saúde da Família. Available at: https://rblh.fiocruz.br/sites/rblh.fiocruz.br/files/usuario/80/coronavirus_e_sindromes_respiratorias_agudas_covid-19_mers_e_sars_-_infeccoes_-_manual_msd_versao_saude_para_a_familia.pdf. Accessed on: 28 Nov. 2024.

THIENGO, Maria Aparecida; OLIVEIRA, Denize Cristina de; RODRIGUES, Benedita Maria Rêgo Deusdará. Representações sociais do HIV/AIDS entre adolescentes: implicações para os cuidados de enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP, vol. 39, no. 1, p. 68–76, 2005. <https://doi.org/10.1590/s0080-62342005000100009>.

TIBURI, Marcia. Como conversar com um fascista. São Paulo: Editora Record, 2015.

UJVARI, Stefan Cunha. A história da humanidade contada pelo vírus. [S. l.]: Editora Contexto, 2011.

VERONEZE, Renato Tadeu. Vulnerabilidades das travestis e das mulheres trans no contexto pandêmico. Revista Katálysis, vol. 25, no. 2, p. 316–325, 2022. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e83737>.

VIEIRA, Túlio Sousa. “A Marcha da Família com Deus pela Liberdade”: refração dos sentidos de crise na memória da imprensa brasileira nos anos de 1964 e 2014. 2018. Universidade Federal de Ouro Preto, 2018.

WANG, Di; MAO, Zhifei. A comparative study of public health and social measures of COVID-19 advocated in different countries. Health Policy, vol. 125, no. 8, p. 957–971, 2021. DOI 10.1016/j.healthpol.2021.05.016. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.healthpol.2021.05.016>.

WEIL, Pierre; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. Normose: a patologia da normalidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

WILLIAMS, Raymond. Televisão: tecnologia e forma cultural. São Paulo Belo Horizonte: Boitempo PUC Minas, 2016.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. *In:* BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (eds.). Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17–68.